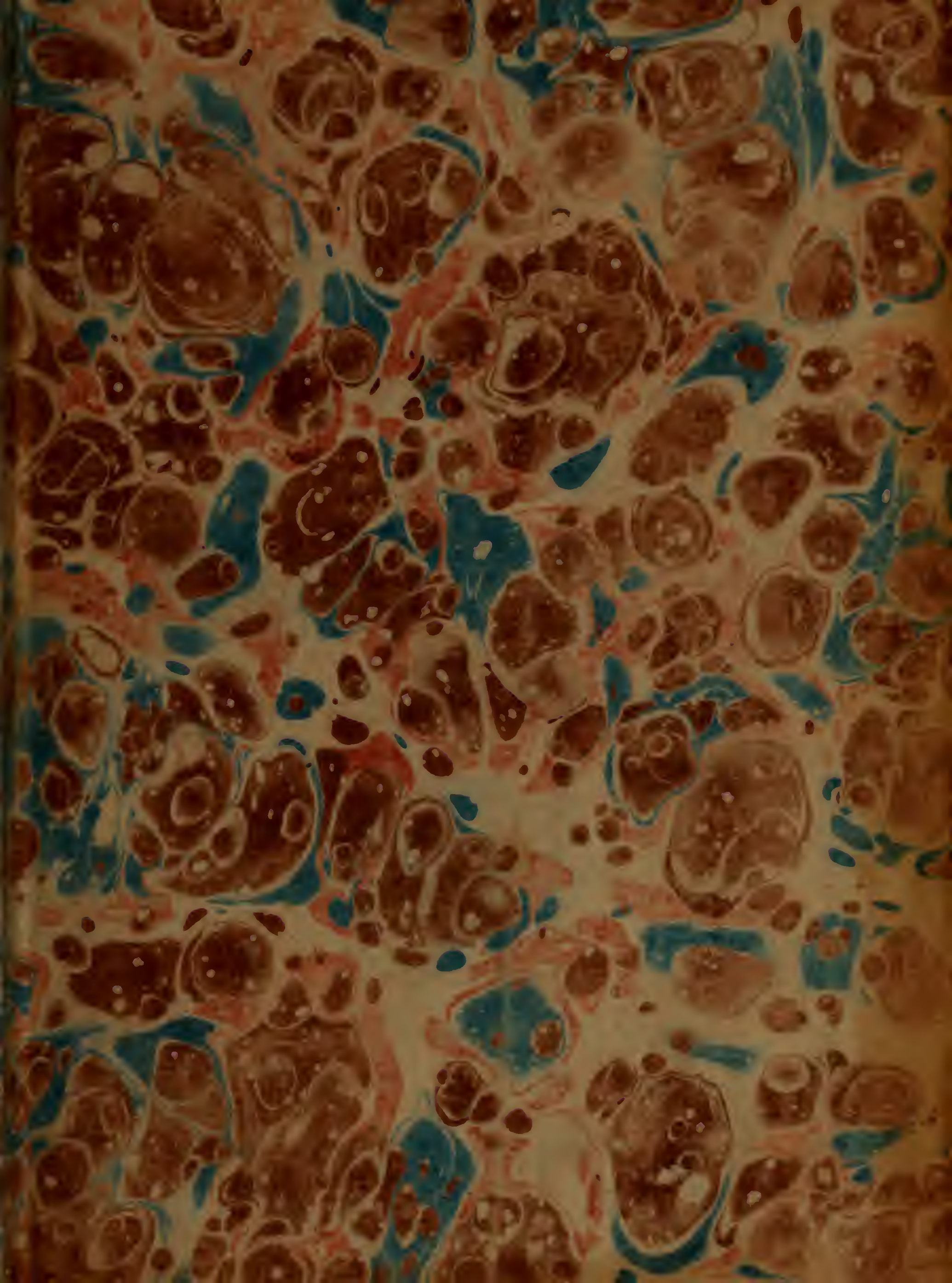

THE LIBRARY OF CONGRESS
1800



GRAMMATICA
PHILOSOPHICA
DA
LINGUA PORTUGUEZA,
OU
PRINCIPIOS DA GRAMMATICA GERAL
APPLICADOS Á NOSSA LINGUAGEM.

POR
JERONYMO SOARES BARBOZA,

Deputado da Junta da Directoria Geral dos Estudos, e Escolas do Reino em a Universidade de Coimbra, e Socio da Academia Real das Sciencias.

SEGUNDA EDIÇÃO.



LISBOA:
NA TYPOGRAPHIA DA MESMA ACADEMIA.
1830.
Com Licença de SUA MAGESTADE.

Usum loquendi populo concessi, scientiam mihi reservavi.

Cic. *Orat.* 48.

ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

Da Sessão de 5 de Novembro de 1829.

DEtermina a Academia Real das Sciencias, que a Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, *que lhe foi apresentada pelo seu Socio Jeronymo Soares Barboza, seja reimpressa á custa da Academia, e debaixo do seu Privilegio. Secretaria da Academia em* 2 *de Septembro de* 1830.

Manoel José Maria da Costa e Sá,

Vice-Secretario da Academia.

INTRODUCÇÃO.

A *Grammatica*, (que quer dizer *Litteratura*) não foi ao principio outra couza, senão a sciencia dos caracteres, ou *Reaes*, representativos das couzas, ou *Nominaes*, significativos dos sons e das palavras. Toda a sciencia do homem Letrado, ou Grammatico, se reduzia naquelles primeiros tempos a saber ler e formar, ou com o ponteiro, ou com a penna, estes caracteres.

Segundo os progressos do espirito humano, quatro forão os estados desta especie de Litteratura e Grammatica. O primeiro foi o da *Pintura*. Para representar, por exemplo, a idea de hum homem, ou a de hum cavallo, pintava-se ou esculpia-se a figura natural de hum, ou de outro; e tal he ainda presentemente a escriptura dos selvagens do Canadá.

Como porêm este methodo de representar as ideas era mui defeituoso, longo, e custoso; os Egypcios, dotados de hum engenho inventor, descobrírão, á imitação delle, outro mais breve, que he o dos *Hieroglyphicos*. Empregavão elles huma figura, não ja para representar huma couza somente; mas para servir de signal a muitas. Hum Hieroglyphico so, pelas ideas que a sua instituição ao principio, e depois a tradição lhe alligava, era huma pequena historia. Desta sorte a Escriptura, que ao principio era huma simples pintura, ficou sendo pintura e symbolo ao mesmo tempo. Para a abbreviar ainda mais, não costumavão os Epypcios pintar a figura inteira; mas ou huma parte della pelo todo, ou o signal pela couza significante, ou huma couza por outra, que com ella tivesse alguma semelhança, ou analogia. Este foi o segundo estado da Litteratura ou

Grammatica, da qual temos ainda alguns restos nos nossos Brazões, e Armaria.

O terceiro foi o da Escriptura *Symbolica* corrente. Na Hieroglyphica desenhava-se a couza ao natural para a representar, e trazer com ella outras á memoria. Mas crescendo a razão com o tempo, com a policia, e com a experiencia; e bem assim multiplicando-se tambem á proporção os conhecimentos e as necessidades: ja a estas não podia supprir huma escriptura tão diminuta e embaraçosa, como era a Hieroglyphica. Continuando pois os homens em a abbreviar cada vez mais; á força de mudanças e alterações o que ao principio erão pinturas, se vierão a converter em *Symbolos*, semelhantes aos de que ainda agora se estão servindo os Chinos. Tendo elles ao principio sido formados da circumferencia e contornos das figuras naturaes; depois com a continuação do tempo, e alterações se reduzírão a huma especie de Caracter Real, que diminuindo, e escurecendo em fim a attenção, que d'antes se dava á imagem natural; ficou servindo so de Symbolo para fixar o espirito mais sobre a couza significada do que sobre elle.

Os Symbolos pois ja não são huns signaes naturaes, como o erão as pinturas e os Hieroglyphicos; mas huns signaes artificiaes e de instituição. Mas, como para cada idea he precizo hum Symbolo, e as ideas são infinitas; bem se vê que a Escriptura Symbolica tem quasi os mesmos inconvenientes que a Representativa e a Hieroglyphica. Assim hum Grammatico e Letrado Chino gasta toda a sua vida a ler e a escrever. Os seus symbolos a pezar de todas as reducções que se tem feito, chegão ainda ao enorme numero de oitenta mil.

Neste estado estaria naturalmente a Grammatica e Litteratura; quando algum genio creador, condu-

zi-

zido pela Providencia descobrio felizmente a Arte de pintar, não ja as couzas mesmas, mas os vocabulos que as representão. Esta he a Escriptura *Litteral*, cujo invento por huma antiga tradição dos povos, he attribuido aos Phenicios ou Cananeos, e que ja no tempo de Moises, primeiro Escriptor do mundo e da Religião, estava em uso pelos annos do mundo dois mil e quatrocentos pouco mais ou menos, e mil e seiscentos antes de Jesus Christo.

O descobrimento deste genero de Escriptura era mui difficil; a execução porêm era facil. Para a excogitar era necessario hum engenho superior, que advertisse que os sons de huma lingua se podião distinguir e decompor em certos elementos, communs a todas as palavras della. Porêm, huma vez descoberto este segredo, a separação e enumeração dos sons não podia custar muito. Era mais facil notar e contar todos os sons de huma Lingua que se falava, do que achar que se podião contar: isto era hum lance do engenho, aquillo hum simples effeito da attenção.

O primeiro cuidado pois do inventor das Letras, e do primeiro Grammatico, que abrio o caminho aos mais, cahio sobre aquillo so, que os vocabulos tem de mechanico e material, quer sejão os sons articulados, de que se compõe a *Fala*, quer os signaes Litteraes, que escolheo para na Escriptura exprimir, e significar os mesmos sons. Aquillo, que os mesmos sons articulados e os vocabulos tem de logico e espiritual como signaes que são das nossas ideas e pensamentos, foi a ultima couza, em que se cuidou. Os homens ao principio contentarão-se com pintar aos olhos e fixar por meio dos caracteres escriptos os sons fugitivos, que a prolação de cada palavra lhes offerecia; sem entrarem ainda na analyse miuda do discurso para descobrirem e determinarem

ao justo as differentes classes e especies de palavras; que o compunhão; nem na sua combinação e ordem para poderem achar as regras da Etymologia, e da Syntaxe.

Esta indagação foi muito posterior. Platão, que segundo Laercio Liv. III. Cap. 19 foi o primeiro d'entre os Gregos, que indagou a natureza da Arte Grammatica; não tracta em seus Dialogos de outra couza senão da sciencia das Letras, e se a significação das palavras he natural ou arbitraria. Entre os Romanos tambem o mais antigo escripto de Grammatica era segundo Suetonio (*De illustr. Gramm.* Cap. I.), hum tractado de *Letras e de Syllabas*, que andava debaixo do nome de Ennio.

A parte *Mechanica* das Linguas, em que primeiro se trabalhou, tem duas observações. Huma sobre os sons articulados tanto simples como compostos, que entrão na composição de seus vocabulos; e outra sobre os caracteres Litteraes, adoptados pelo uso para servirem de signaes dos mesmos sons, e seus depositarios na Escriptura. Destas duas considerações sobre o physico dos vocabulos nascêrão as duas partes mais antigas da Grammatica. Huma da *Boa Pronunciação* e Leitura da Lingua, chamada *Orthoepia*, e outra da sua *Boa Escriptura*, chamada *Orthographia.*

A *Orthoepia*, que he *emendata cum suavitate vocum explanatio*, comprehende não so o conhecimento dos sons fundamentaes, que fazem como o corpo dos vocabulos; mas tambem o das modificações musicaes, de que os mesmos são susceptiveis, relativas ou ao canto e melodia, chamadas *Accentos*, ou ao compasso e rhythmo, nascidas da quantidade das syllabas. Esta parte musical da Orthoepia ou *Boa Pronunciação* tem o nome de *Prosodia*, da qual a maior parte dos Grammaticos fizerão huma

das quatro partes da Grammatica, ou não fazendo caso, e desdenhando ainda os primeiros principios da Boa Pronunciação e Leitura, ou incluindo-os na mesma Prosodia.

Porêm a Orthoepia, ou observação dos sons elementares e fundamentaes da Linguagem articulada, e a sua boa Escriptura foi a primeira e ainda a unica parte da antiga Grammatica, como acabamos de ver. A Prosodia não foi reduzida a arte, senão muito tarde. Sendo, como são, tantas, tão finas, e quasi imperceptiveis as modificações, que os sons fundamentaes recebem na pronunciação; por huma parte era difficil o observal-as ao principio e ainda mais o pintal-as na escriptura; e por outra parecia isto excusado. O uso vivo da pronunciação assaz ensinava assim a quantidade e demora de cada syllaba, como a sua inflexão e accento. So quando se tractou de communicar aos estrangeiros não so a lingua escripta, mas ainda a sua pronunciação viva; he que se começárão a dar regras sobre esta parte da Orthoepia. Aconteceo isto na Lingua Grega pouco antes do tempo de Cicero. Os signaes mesmos destes accentos, postos por cima das vogaes, bem mostrão que são de huma data muito posterior.

Por tanto o nome de *Prosodia*, dado até agora a esta parte da Grammatica, por huma parte não comprehende todo o seu objecto, e por outra suppõe antes de si o conhecimento dos sons fundamentaes da Lingua, do qual a Grammatica nunca prescindio, nem póde prescindir, visto ser necessario, e indispensavel para regular a boa pronunciação, e consequentemente a sua boa Escriptura e Orthographia. He verdade que de muito tempo a esta parte se tem entregado o ensino destas duas partes da Grammatica Portugueza, aos Mestres de Eschola, pela maior parte pouco habeis. Porêm daqui tem procedi-

dido os máos methodos, com que a primeira idade perde nas Escholas boa parte do seu tempo, e gasta outra em aprender couzas, que depois tem, ou de desaprender, ou de reformar. He justo pois que a couza torne a seu dono, e que os Grammaticos tomem outra vez a si esta parte da Grammatica, que ensina a theoria dos sons, e tudo o que pertence á boa pronunciação e leitura da Lingua; pois que tem sido tão mal desempenhada em mãos estranhas. O nome de *Orthoepia*, que damos a esta primeira parte da Grammatica, he mais proprio e accommodado a caracterizal-a que o de *Prosodia*.

So depois de descoberta a arte de separar em partes elementares e communs a massa confusa dos vocabulos, e a de as representar aos olhos e fixar por meio da Escriptura he, que o espirito humano podia dar os passos, que deo para analysar o discurso e descobrir nelle a analyse de seus proprios pensamentos, que antes não percebia. Esta analyse do discurso dependia de muitas observações particulares e de muitas combinações para dellas se formarem noções geraes, que reduzissem a certas classes as partes elementares da oração segundo as suas significações e analogias; e bem assim as regras geraes ás varias combinações, que o uso fazia das mesmas para exprimir todas as operações do entendimento, e tecer de tudo isto hum systema seguido de Grammatica. E posto que para tudo isto concorria ja muito a Lingua falada; comtudo este systema completo nunca se chegaria a organizar, se a Escriptura não fixasse a memoria dos primeiros descobrimentos, e não facilitasse assim a comparação do caminho andado com o que restava por andar. Tire-se a qualquer engenho, por superior que seja, o uso dos caracteres: e ver-se-ha quantos conhecimentos lhe são inaccessiveis, aos quaes chega hum talento ordinario

com

com o subsidio dos mesmos. Os progressos, que com os Algarismos fez a Sciencia dos Numeros, dão a conhecer assaz a importancia tambem da Escriptura Alphabetica para os mais conhecimentos.

Portanto, assim como na ordem, e na historia mesma dos descobrimentos humanos sobre a *Arte de Falar*, a parte mechanica das Linguas foi o primeiro objecto das indagações e trabalhos do homem: assim o que as mesmas Linguas tem de Logico e discursivo devia ter o segundo lugar na ordem dos mesmos descobrimentos, e o teve com effeito. Pois que Aristoteles, muito posterior a Platão, foi o primeiro dos Escriptores Gregos, que sabemos se adiantasse na sua Poetica a distribuir as palavras em certas classes, e a distinguil-as entre si por seus differentes caracteres e propriedades.

Na ordem destes conhecimentos Logicos sobre a Lingua he sem duvida que os homens se occuparião em considerar primeiro as palavras, que são signaes assim das ideas que fazem o objecto dos nossos pensamentos, como das relações que as mesmas podem ter comsigo, e com outras, do que em considerar estas mesmas palavras combinadas e coordenadas entre si em ordem a exprimirem o pensamento. Pois que primeiro he conceber e exprimir as ideas do que comparal-as. Os primeiros Grammaticos pois, reflectindo sobre a semelhança e dissemelhança das funcções, que as palavras exercitão na enunciação de qualquer pensamento, advertírão que humas tinhão as mesmas, e outras não. Estas differenças os conduzírão a reduzir a certas classes todas as palavras da sua Lingua; e a esta parte da Grammatica, que tracta das partes elementares do discurso e de suas propriedades e analogias, derão o nome de *Etymologia*; não porque ella se occupe em indagar as origens particulares de cada palavra: mas porque tra-

tracta dos signaes artificiaes das nossas ideas, que por isso Aristoteles lhe dá o nome de *Symbolo*; e Cicero nos *Topicos* Cap. 8, traduzindo a mesma palavra, lhe chama *Notationem*, *quia sunt verba rerum notæ*.

Na *Etymologia* pois não considerão os Grammaticos as palavras senão em si mesmas attendendo ás suas funcções e natureza. Passando porêm depois a olhal-as unidas em discurso para formarem os differentes paineis do pensamento; observárão que segundo as differentes relações, que as ideas tinhão entre si, ou de identidade e coexistencia, ou de determinação e subordinação: assim as palavras para representarem estas relações mutuas, tomavão ou differentes fórmas e terminações, ou differentes proposições, pelas quaes ou concordavão entre si, ou regíão humas a outras; e a esta ordem das partes da oração segundo ou sua correspondencia, ou sua subordinação derão os Grammaticos o nome de *Syntaxe*, que quer dizer *Coordenação* de partes.

A Grammatica pois, que não he ontra couza, segundo temos visto, senão a *Arte*, *que ensina a pronunciar*, *escrever*, *e falar correctamente qualquer Lingua*, tem naturalmente duas partes principaes; huma *Mechanica*, que considera as palavras como meros vocabulos e sons articulados, ja pronunciados, ja escriptos, e como taes sujeitos ás leis physicas dos corpos sonoros, e do movimento; outra *Logica*, que considera as palavras, não ja como vocabulos, mas como signaes artificiaes das ideas e suas relações, e como taes sujeitos ás leis psychologicas, que nossa alma segue no exercicio das suas operações e formação de seus pensamentos: as quaes leis sendo as mesmas em todos os homens de qualquer nação que sejão ou fossem; devem necessariamente communicar ás Linguas, pelas quaes se desenvol-

volvem e exprimem estas operações, os mesmos principios e regras geraes, que as dirigem. A' parte Mechanica das Linguas e sua Grammatica pertencem a *Orthoepia e a Orthographia*; e á parte Logica pertencem a *Etymologia*, *e a Syntaxe.*

Toda a Grammatica he hum systema methodico de Regras, que resultão das observações feitas sobre os usos e factos das Linguas. Se estas regras e observações tem por objecto tão somente os usos e factos de huma Lingua particular; a Grammatica será tambem *Particular.* Se ellas porêm abrangem os usos e factos de todos, ou da maior parte dos idiomas conhecidos; a sua Grammatica será *Geral.* Huma e outra póde ser, ou somente *Practica* e *Rudimentaria*, ou *Philosophica* e *Razoada.* Aquella não sóbe acima destas observações e regras practicas, que a combinação dos usos da Lingua facilmente subministra a qualquer para della formar estes systemas Analogicos, a que de ordinario se reduzem quasi todas as Artes vulgares de Grammatica.

Porêm se o espirito se adianta a indagar e descobrir nas leis physicas do som e do movimento dos corpos organicos o mechanismo da formação da Linguagem; e nas leis psychologicas as primeiras causas e razões dos procedimentos uniformes, que todas as Linguas seguem na analyse e enunciação do pensamento; então o systema, que daqui resulta, não he ja huma Grammatica puramente practica, mas scientifica e philosophica.

Toda a Grammatica Particular e Rudimentaria, para ser verdadeira e exacta nas suas definições, simples nas suas regras, certa nas suas analogias, curta nas suas anomalias, e assim facil para ser entendida e comprehendida dos principiantes; deve ter por fundamento a Grammatica geral e razoada. Porque, subindo esta ás razões e principios geraes da Lingua-

gem, he quem melhor póde dar noções dos signaes das ideas, descobrir todas as analogias de huma Lingua particular, e reduzir a ellas muitas anomalias, que os ignorantes contão por taes, não o sendo realmente.

Por outra parte, sendo a Grammatica de qualquer Lingua a primeira theoria, que principia a desenvolver o embrião das ideas confusas da idade pueril; e dependendo da exactidão de seus principios o bom progresso nos mais estudos: ella deve ser huma verdadeira Logica, que ensinando-se a falar, ensine ao mesmo tempo a discorrer. Que por isso a Grammatica foi sempre reputada como huma parte da Logica pela intima connexão, que as operações do nosso espirito tem com os signaes, que as exprimem. E esta he a razão, porque os antigos Philosophos, e os Stoicos principalmente se fazião cargo della nos seus tractados de Philosophia, como Protagoras, Platão, Aristoteles, Theodectes, Diogenes, Chrysippo, Palemon, e outros, sobre os quaes se póde ver Laercio nas suas vidas, e Quintiliano *Inst. Ora. I*, 6.

Se semelhantes homens tivessem continuado a illustral-a com suas meditações e escriptos; teria ella desde tempos mais antigos tomado outra face e outro lustre. Porêm deixada pelos Philosophos nas mãos de homens, ou ignorantes, ou pouco habeis, se reduzio a hum systema informe e minucioso de exemplos e regras, fundadas mais sobre analogias apparentes, que sobre a razão, a quem so pertence inquirir e assignar as verdadeiras causas da Linguagem, e segundo ellas ordenar a Grammatica de qualquer Lingua particular. Daqui nascêrão todas estas Artes enfadonhas de Grammatica Latina, cheias de mil erros, e de tantas excepções, quantas são as regras. O que tudo repetido e copiado cegamente de idade em idade, sem nunca ter sido submettido a exame;

sem

sem o mesmo tambem foi servilmente applicado ás Grammaticas das Linguas vulgares.

Mas felizmente aconteceo em nossos tempos, que Sanches principiasse entre os Hespanhoes a sacodir o jugo da auctoridade e preoccupação nestas materias; e introduzindo na Grammatica Latina as luzes da Philosophia, descobrisse as verdadeiras causas e razões desta Lingua, que até então, ou ignoradas, ou não advertidas, tinhão enchido esta materia de confusão, e desordem, e que, seguindo depois seu exemplo outros grandes homens e Philosophos, tractassem pelo mesmo methodo e reformassem a Grammatica das Linguas vivas, pondo primeiro e estabelecendo principios geraes e razoados da Linguagem, e applicando-os depois cada hum á sua Lingua. Este trabalho, que depois foi continuado, começárão M.r Arnaud na Lingua Franceza, Wallis e Starris na Ingleza, e Lancellot na Hespanhola e Italiana.

Portugal conheceo Grammaticas Portuguezas ainda antes que outras nações civilizadas tivessem huma na sua Lingua. Quando Ramos em 1572 publicou a primeira Grammatica da Lingua Franceza; ja Portugal tinha a de João de Barros, dada á luz em 1539, e a de Fernão de Oliveira em 1552. Estas forão seguidas do *Methodo Grammatical* de Amaro de Roboredo, impresso em Lisboa em 1619, da Grammatica do P. Bento Pereira em Londres no de 1672, da de D. Jeronymo Contador d'Argote em Lisboa 1721, e finalmente da de Antonio Jose dos Reis Lobato em 1761.

Mas todas estas Grammaticas, alêm de muitos erros e defeitos particulares, que nos seus lugares notarei, tem o commum de serem huns systemas meramente analogicos, e fundidos todos pela mesma fôrma das Grammaticas Latinas; e nesta mesma consideração ainda mui imperfeitos por falta de muitas

B 2 ob-

observações necessarias sobre o genio particular e caracter da Lingua Portugueza. Grande parte destes defeitos emendou ja o auctor dos *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, impressos em Lisboa em 1799, tomando por guia quasi em tudo a *Grammatica da Lingua Castelhana composta pela Real Academia Hespanhola*, a qual entre as das Linguas vulgares tem merecido hum distincto louvor.

Esta Grammatica porêm he mais hum systema analogico de regras e exemplos, do que Logico; e posto que reforme muitos abusos das antigas Grammaticas, segue comtudo a mesma trilha, e desamparando os principios luminosos da Grammatica geral e razoada, multiplica em demazia as regras, que poderia abbreviar mais reduzindo-as a ideas mais simples e geraes. Nenhuma destas duas Grammaticas se faz cargo de Orthoepia e Orthographia, partes essenciaes e importantes a qualquer Grammatica vulgar. Porque a Grammatica da Lingua Nacional he o primeiro estudo indispensavel a todo homem bem criado; o qual, ainda que não aspire a outra Litteratura, deve ter ao menos a de falar e escrever correctamente sua Lingua: o que não poderá conseguir sem todas as partes daquella arte.

Esta arte por outra parte não deve ser meramente practica e hum estudo so de memoria. Deve comprehender as razões das practicas do uso e mostrar os principios geraes de toda a Linguagem nos do exercicio das faculdades da alma e formar assim huma Logica practica, que ao mesmo tempo que ensina a falar bem a propria Lingua, ensine a bem discorrer. As Linguas são huns methodos analyticos, que Deos deo ao homem para desenvolver suas faculdades. Ellas dão o primeiro exemplo das regras da analyse, da combinação, e do methodo, que as Sciencias as mais exactas seguem nas suas operações.

ções. As regras propostas por este methodo reduzem-se a menos, porque se unem ao mesmo principio; percebem-se melhor, porque se sabe a razão dellas; e fixão-se mais na memoria, porque se ligão humas com outras.

Aquelles, que aspirão a estudos maiores, e para entrarem nelles tem de aprender as Linguas sabias, levão huma grande vantagem com aprender primeiro a Grammatica de sua Lingua. O que as Linguas mortas tem de mais escabroso he a theoria grammatical, que sendo de sua mesma natureza, sublime e abstracta, he a que custa mais a quem ainda não tem habito de discorrer. Esta theoria, applicada primeiro á propria Lingua, percebe-se e comprehende se muito mais facilmente do que applicada a Linguas desconhecidas. Vencida esta primeira difficuldade no estudo da Lingua propria, o caminho fica plano e desembaraçado para o das mais, que tem os mesmos principios geraes, e não se differenção senão nas fórmas accidentaes que cada huma escolheo para indicar as mesmas ideas e fazer dellas as mesmas combinações. Assim como quem estudou a Grammatica Latina poupa metade do trabalho, quando entra no estudo da Grammatica Grega; porque acha nesta as mesmas noções geraes, que ja sabe: assim quem primeiro estudar a proposito a Grammatica da propria Lingua, não achará difficuldade alguma na da Lingua Latina; e o tempo, que naquella gastar, ganhará nesta com grande usura.

Ja o nosso João de Barros conheceo esta verdade em seu tempo. Pois no Dialogo da Liugua Portugueza pag. 230 da ediç. de Lisboa de 1785 faz discorrer a seu filho da maneira seguinte: « Ca se » não soubera da Grammatica Portugueza o que me » vossa merce ensinou; parece-me que em quatro » annos soubera da Latina pouco, e della muito me-

» nos.

" nos. Mas com saber a Portugueza fiquei alumiado " em ambas, o que não fará quem souber a Lati- " na. " O que o mesmo zeloso Escriptor tanto desejava, que nas villas nobres e nas cidades puzesse o Governo Mestres capazes, que podessem ensinar á mocidade a Grammatica da sua propria Lingua; executou felizmente em nossos tempos o Senhor Rei D. Jose de gloriosa memoria, estabelecendo por toda a parte Professores Publicos de Grammatica e Lingua Latina, e ordenando-lhes pelo Alvara de 30 de Septembro de 1770, que, quando em suas classes recebessem os discipulos para lhes ensinar a dicta Lingua, os instruissem primeiro na Grammatica Portugueza por tempo de seis mezes, se tantos precizos fossem.

Para esta instrucção se propunha então a Grammatica de Antonio Jose dos Reis Lobato. Mas depois daquelle tempo tem saido outras Artes á luz e esta agora para o Publico escolher a que melhor lhe parecer. Em todas ellas ha couzas que so os Mestres devem estudar para as explicar a seus discipulos; outras que estes devem aprender, como os usos particulares e idiotismos da Lingua; e muitas, que devem decorar, como são os paradigmas todos das partes da Oração e regras de suas terminações, Conjugações, e Syntaxe. As regras mesmas da boa pronunciação e escriptura devem entrar no ensino da Grammatica para emendar muitos vicios, que os Mestres das primeiras Letras, pela maior parte idiotas, não são capazes de corrigir. Em hum homem bem criado releva-se mais, e he menos vergonhoso hum erro de Syntaxe, que hum erro de pronunciação ou de Orthographia; porque aquelle póde nascer da inadvertencia; estes são sempre effeitos da má educação.

GRAMMATICA
PHILOSOPHICA
DA
LINGUA PORTUGUEZA.

GRammatica he a Arte de falar e escrever correctamente a propria Lingua. A Lingua compõe-se de Orações, as Orações de palavras, as palavras de sons articulados, e tudo isto se figura aos olhos, e se fixa por meio da escriptura.

Daqui as quatro partes naturaes da Grammatica, a saber: a *Orthoepia*, que ensina a distinguir, e a conhecer os sons articulados, proprios da Lingua, para bem os pronunciar;

A *Orthographia*, que ensina os signaes Litteraes, adoptados pelo uso, para bem os representar;

A *Etymologia*, que ensina as especies de palavras, que entrão na composição de qualquer Oração, e analogia de suas variações e propriedades geraes;

E a *Syntaxe* finalmente, que ensina a coordenar estas palavras e dispol-as no discurso de modo, que fação hum sentido, ao mesmo tempo distincto e ligado: quatro partes da Grammatica Portugueza, que farão a materia dos quatro Livros desta obra.

LIVRO I.

Da Orthoepia, ou Boa Pronunciação da Lingua Portugueza.

PARA bem pronunciar he precizo distinguir, e conhecer os sons articulados, proprios da Lingua, que se fala. Estes sons articulados, ou são *fundamentaes*, assim chamados, porque fazem a base da boa pronunciação, como são as *Vozes* e as *Consonancias*, os *Diphthongos*, e as *Syllabas*; ou *accidentaes*, assim chamados, porque se ajuntão aos primeiros, e os modificão, ja extendendo, mais ou menos, a sua duração; ja augmentando ou diminuindo a sua elevação: e taes são as modificações *Prosodicas*, accrescentadas aos mesmos sons fundamentaes, ou pela *Quantidade*, ou pelo *Accento*.

Os sons fundamentaes, ou são simples, ou compostos. Os simples não tem mais que hum som elementar. Taes são as *Vozes* e as *Consonancias*: os compostos contêm dois ou mais sons em huma so emissão. Taes são os *Diphthongos* e as *Syllabas*. De todos estes passamos a tractar nos capitulos seguintes.

CAPITULO I.

Das Vozes Portuguezas.

CHAMÃO-SE *Vozes* as differentes articulações e modificações, que o som confuso, formado na glottis, recebe na sua passagem, das differentes aberturas, e si-

situações immoveis do canal da bocca. Este canal bem como hum tubo ou corda, póde ser tocado em differentes pontos e aberturas desde sua extremidade interior até á exterior; e daqui a multidão e variedade de vozes nas Linguas das Nações. As Letras, que na Escriptura as figurão, chamão-se vogaes.

A Lingua Portugueza conta por todas, vinte vozes, segundo as vinte situações differentes que a bocca toma para as pronunciar, independentemente da sua quantidade e accento. Doze destas são *Oraes*, e oito *Nasaes*. As primeiras são as que se formão no canal direito da bocca, e as segundas as que se formão no mesmo e junctamente no canal curvo do nariz, por onde reflue parte do ar sonoro.

As vozes *Oraes*, segundo a ordem da sua mesma geração, principiando desde a garganta até á extremidade dos beiços, são:

1.º Á *Grande*, como *á* primeira Letra do Abecedario, e o *á* do adjectivo feminino do plural *más*.

2.º A *Pequeno*, como o *a* artigo feminino, e o *a* da Conjuncção *mas*.

3.º O É *Grande Aberto*, como em *Sé*, nome.

4.º O Ê *Grande Fechado*, como em *Sê*, verbo.

5.º O E *Pequeno*, como em *Se*, Conjuncção.

6.º O I *Commum*, quer breve, quer longo, como em *vicio*.

7.º O Ó *Grande Aberto*, como em *só*, adjectivo, e em o substantivo *Avó*, feminino.

8.º O Ô *Grande Fechado*, como no Substantivo *Avô*, masculino.

9.º O O *Pequeno*, como o *O*, artigo masculino.

10.º O U *Commum*, quer breve, quer longo, como em *Cumulo*, *Tumulo*. Esta divisão das vozes Portuguezas he a mesma com pouca differença, que

a de João de Barros na sua Grammatica da edição de Lisboa 1785 pag. 186.

A Lingua Portugueza porêm toca mais dois pontos ou vozes na sua corda vocal; huma entre o E *Pequeno* e o I *Commum*; e outra entre o O *Pequeno* e o U *Commum*, as quaes, por serem surdas e pouco distinctas, se podem chamar *Ambiguas*, e por isso não tem signal Litteral proprio, e se notão na escriptura, a primeira ja com *e* e ja com *i*, e a segunda ja com *o* ja com *u*. Taes são as que mal se percebem, quando estas mesmas vogaes se achão em qualquer palavra, ou antes de alguma voz grande immediata, ou depois da mesma nos Diphthongos, e no fim das palavras. Assim *e* parece ter o mesmo som que *i* nas palavras *Cear*, e *Ciar* (ter zelos) e nos diphthongos destas *Paes*, *Pai*; e pelo mesmo modo *o* tem o mesmo som confuso que *u* nas finaes de *Paulo*, *Justo*, *Amo*, e nas palavras *Soar*, e *Suar*, e nos Diphthongos, como em *Pao Paulo*, *Seo Seu*.

Ajuntando pois estas duas vozes Ambiguas ás 10 antecedentes, são por todas 12 as vozes Oraes Portuguezas. A nossa Orthographia não tem para as distinguir senão cinco letras vogaes, a saber: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Porêm servindo-se das mesmas figuras *a*, *e*, *o*, distingue-as, quando são grandes, ou dobrando-as, como fazião nossos antigos, escrevendo *Maa* em lugar de *má*, *See* em lugar de *Sé*, *Leer* ou *Ler* em lugar de *Lêr*, *Sóo* em lugar de *Só*, e *Avoo* em lugar de *Avô*; ou marcando-as com os accentos vogaes, ja agudo para as abertas, ja circumflexo para as fechadas, como se vê acima.

Alêm das vozes *Oraes* tem a nossa Lingua oito *Nasaes*, assim chamadas, porque nas Oraes, saindo todo o ar sonoro pelo canal direito da bocca, nestas, parte delle sae pelo mesmo, e outra parte refluin-

fluindo pelo canal curvo, que communica da garganta com o nariz, sae pelas duas aberturas das ventas, e nesta passagem recebe da elasticidade e sinuosidade do canal huma especie de resonancia, que distingue essencialmente as vozes *Nasaes* das puramente *Oraes*.

Destas oito vozes *Nasaes*, cinco são *claras*, porque a nasalidade cahe toda sobre ellas, e por isso se costumão escrever, ja com *Til* por cima, ja com *n*, ou *m* adiante, sendo finaes, ou seguindo-se consoante, o que então val o mesmo que o *Til*. Taes são, por exemplo, o *A til*, nasal claro, em *Sã* ou *Sam*, *Irmã* ou *Irmam*; o *E til*, nasal claro, em *Tẽpo* ou *Tempo*, *Dẽte* ou *Dente*; o *I til* nasal, como em *Sĩ* ou *Sim*, *Lĩdo* ou *Lindo*; o *O til*, nasal claro, como em *Sõ* ou *Som*, *Põto* ou *Ponto*; e o *U til* nasal, como em *ũ* ou *hum*, *ũto* ou *unto*.

Outras tres são *Nasaes Surdas*, ou menos sensiveis. Porque, achando-se com o accento agudo e predominante, e sendo seguidas immediatamente de alguma das tres consoantes nasaes *m*, *n*, *nh*, pertencentes á Syllaba seguinte; participão destas alguma parte da sua nasalidade, qual hum ouvido fino percebe no *a* da primeira Syllaba de *Ama*, *Anna*, *Sanha*; no *e* da primeira Syllaba de *Penna*, *Temo*, *Tenho*; e no *o* da primeira Syllaba de *Somma*, *Sonho*.

Taes são as vinte vozes Portuguezas, que para se verem todas em hum ponto de vista, representamos na Taboa seguinte com sua figura, nome, e valor. As vozes Oraes grandes, e todas as Nasaes sempre são longas: as Oraes pequenas sempre são breves, menos por posição; e as Oraes communs, como o *i* e *u*, ja são breves, ja longas, segundo nellas cahe o accento predominante, como veremos adiante, quando tractarmos da quantidade.

TABOA

Das vinte Vozes Portuguezas com todas as suas escripturas.

CORDA VOCAL PORTUGUEZA.

ORAL PURA			ORAL NASAL		
FIGURA	NOME	VALOR	FIGURA	NOME	VALOR
1. A', aa	Grande Aberto.	MA'S, *nome.*	1. Ã, am, an	A til claro	LÃ
2. A, a	Pequeno.	MAS', *conj.*	2. Ã.	A til surdo	LAMA
3. E', ee	Grande Aberto.	SE' *nome.*	3. Ẽ, em, en	E til claro	SẼPRE
4. Ê, e	Grande Fechado.	SÊ, *verbo.*	4. Ẽ.	E til surdo	SENHA
5. E, e	Pequeno.	SE, *conj.*			
6. {E I}	Ambiguo, ou Surdo.	{CEA'R CIA'R}			
7. I, i	Commum.	VI'CIO.	5. Ĩ, im, in	I til claro	SIM
8. O', óo	Grande Aberto.	Avó, *femin.*	6. Õ, om, on	O til claro	SOM
9. Ô, ou	Grande Fechado.	Avô, *masc.*	7. Õ.	O til surdo	SONO
10. O, o	Pequeno.	O, *artigo.*			
11. {O U}	Ambiguo, ou Surdo.	{SOA'R SUA'R}			
12. U, u	Commum.	TU'MULO.	8. Ũ, um, un	U til claro	UM

CA-

CAPITULO II.

Das Consonancias Portuguezas.

Assim como as *Vozes* articulão e modificão o som confuso ou estrondo formado pela Glottis; assim tambem as *Consonancias* articulão e modificão as vozes mesmas, que sendo continuadas farião igualmente hum som indistincto e confuso. As *Consonancias* por tanto são as Articulações, e modificações da voz, que reprezada na bocca, e largada de repente, recebe na passagem as impressões do movimento oscillatorio das partes moveis da mesma bocca.

Os Grammaticos modernos chamão *Articulações* a estas consonancias. E com effeito o são. Mas, como as vozes tambem são articulações, não he este nome proprio para distinguir humas das outras. O de *Consonancias* caracteriza melhor a natureza particular destas modificações, que nunca soão persi, mas so junctas ás vozes, que modificão; e he outro sim mais analogo á nomenclatura ja recebida das vozes; as quaes, chamando-se assim porque as Letras, que as figurão, se chamão vogaes; tambem aquellas se devem chamar *Consonancias*; porque as Letras, que as representão, se chamão *Consoantes*.

Humas e outras se differenção essencialmente 1.° Porque as *vozes* são articulações do som informe da Glottis, as *Consonancias* são articulações do mesmo som ja formado em vozes. 2.° Porque aquellas são produzidas pelas aberturas e situações immoveis do orgão; e estas são produzidas pelo movimento das partes moveis do mesmo orgão, que as intercepta e desintercepta. 3.° Porque o som das vozes pode-se fazer durar por todo tempo, que dura a abertura e posição do canal, que o produz; o das Consonancias

sem-

sempre he instantaneo, como o movimento dos orgãos, que reprezão e largão a voz. Solta esta, a Consonancia desapparece, e a voz fica.

Sendo pois as Consonancias produzidas pelo movimento das differentes partes moveis, ou teclas do orgão vocal, quantas forem estas partes moveis, tantas serão as classes de Consonancias. Ora estas partes moveis são so duas, a saber: os *Beiços* e a *Lingua*, e daqui as duas unicas especies de Consonancias, que são ou *Labiaes* ou *Linguaes*. Todas ellas compõem huma oitava no Teclado vocal.

As primeiras ou são *Labiaes Puras*, produzidas por ambos os beiços, que se unem para interceptar a voz, e se abrem para a soltar; ou são *Labiaes Dentaes*, produzidas pela interceptação do beiço inferior com os dentes superiores. As primeiras são tres, a saber: huma *Labial Branda*, porque o seu toque he menos forte como B em *Bála*; outra *Labial Forte*, assim chmada, porque não tem differença da primeira senão no gráo maior de força, com que se exprime, como P em *Pála*; e a terceira em fim *Labial Nasal*; porque o seu mechanismo faz refluir pelo nariz parte do som, que sae pelo canal da bocca, tal como M em *Mála*.

As *Labiaes Dentaes* são so duas, huma *Branda* como V em *Viga*, e outra *Forte* como F em *Figa*. Estas Consonancias chamão-se *Infantis*; porque, sendo de hum mechanismo o mais facil, por ellas principião as crianças a fazer os primeiros ensaios da Linguagem articulada.

As *Consonancias Linguaes* são todas produzidas pela Lingua, que para interceptar e tapar a voz, ou faz encontro na sua extremidade interior contra a garganta, ou na exterior contra os dentes superiores, ou no meio contra varias partes do paladar, chamado *Ceo da bocca*. As primeiras, chamadas por isso

Lin-

Linguaes Gutturaes, são duas, huma *Guttural Branda*, como G em *Gállo*, e outra *Guttural Forte*, como C em *Callo.* As segundas, chamadas por isso *Linguaes Dentaes*, são tambem duas, a *Lingual Dental Branda* D, como em *Dála*, e a *Lingual Dental Forte* T, como em *Tála.*

As terceiras, chamadas *Linguaes Palataes*, tem maiz variedade em razão da maior extensão do ceo da bocca e dos muitos pontos de apoio, que por isso offerece á Lingua para interceptar a voz.

Humas fazem huma especie de *assobio*, chamadas por isso *Sibilantes*, o qual assobio he produzido na fisga dos dentes pela ponta da Lingua, que com elles quasi cerrados ja faz menos esforço para interceptar a voz, e assim produz a *Palatal Sibilante Branda* S (quando tem vogal diante), como em *Séllo*; ja faz mais esforço, e produz *Palatal Sibilante Forte* Z, como em *Zelo.*

Outras fazem huma especie de *Chio*, chamadas por isso *Chiantes*; porque a Lingua apoiada em toda a sua circumferencia contra as gengivas superiores, tufando-se na ponta mais ou menos, deixa escapar por ella e pela fisga dos dentes o ar coado com este som. Os quatro gráos de maior ou menor quantidade de ar, e de maior ou menor força, com que alli o intercepta, produzem as quatro differenças, que o ouvido sente nas nossas quatro *Palataes Chiantes*, S (quando não tem vogal diante), como em *Sciencia*; X como em *Xara*; J como em *Jarra*; e CH como em *Charra.* A primeira he *Liquida*, a segunda *Forte*, a terceira *Branda*, e a quarta *Forte*, porque nesta se intercepta a voz inteiramente.

O differente som do S *Chiante*, quando não tem vogal diante, do do S *Sibilante*, quando a tem, se sente claramente nas palavras *Sciencia* e *Nascer*, onde o *ci*, *ce* valendo o mesmo na pronunciação que

si,

si, *se*, o S què precede não se confunde com elles: antes tem hum som mui differente, que se achará menos nas dictas palavras, pronunciando-as, e escrevendo-as sem elle deste modo: *Ciencia*, *Nacer.*

Outras Linguaes Palataes tem hum som *Nasal*; por que a Lingua fincando a ponta contra a entrada do ceo da bocca, comprime ao mesmo tempo com a sua reigada os musculos da cortina do Paladar, e o ar reprezado deste modo, ao largar-se reflue, parte pelo canal do nariz, e parte pela bocca; e produz assim as duas *Palataes Nasaes*, huma *Branda*, como N em *Náfete* (*Neophyto*), e outra *Forte*, como NH em *Nháfete* (o mesmo).

Outras finalmente tem hum som puramente Palatal; porque a Lingua, complanando-se em toda a sua extensão, e apoiando-se em roda contra as gengivas dos dentes superiores, deixa passar o ar ao longo della e de todo o ceo da bocca: e se tapando o ar em roda, o deixa so escapar com hum golpe de sua ponta naquella parte do ceo da bocca, que está vizinha aos dentes incisores de cima, produz a *Palatal Pura Liquida* L como em *Lama*: e se o desintercepta ao mesmo tempo em toda sua redondeza, produz a *Palatal Pura Forte* LH, como em *Lhama* (tela de fio de prata).

Se a mesma Lingua porêm, formando dois arcos contrarios á maneira de hum ∽ tombado, não intercepta totalmente o ar, e este saindo por succussos causa em sua ponta hum movimento tremulo; he a nossa *Palatal Tremolante Liquida* R, como em *Caro*: e se o tremor se faz em todo o comprimento da Lingua e com maior força, he a *Palatal Tremolante Forte* RR, como em *Carro.*

Todas estas consonancias da nossa Lingua fazem o total de 21, e dispostas segundo a ordem mesma de sua geração e da gradação do mechanismo mais fa-

facil para o mais difficil, que a natureza segue, quando pouco a pouco vai desenvolvendo os orgãos infantis, são da maneira seguinte.

TABOA

OU

TECLADO

Das 21 Consonancias da Lingua Portugueza, 5 Labiaes, e 16 Linguaes.

Tecla Labial Pura		Branda	B	*Bála*
		Forte	P	*Pála*
		Nasal	M	*Mála*
Tecla Labial Dental		Branda	V	*Válla*
		Forte	F	*Fala*
Tecla Lingual Guttural		Branda	G, GU	*Gállo*, *Guèto*
		Forte	C, QU	*Cállo*, *Quedo*
Tecla Lingual Dental		Branda	D	*Dala*
		Forte	T	*Tala*
Tecla Lingual Palatal Sibilante		Branda	S, Ç	*Sácco*, *Çumo*
		Forte	Z	*Záco*
Tecla Ling. Palat. Chiante		Liquida	S	*Sciencia*
		Forte	X	*Xara*
		Branda	J, G	*Járra*, *Gêsso*
		Forte	CH	*Chárra*
Tecla Ling. Palat. Nasal		Branda	N	*Náfete*
		Forte	NH	*Nháfete*
Tecla Ling. Palatal	Pura	Liquida	L	*Lama*
		Forte	LH	*Lhama*
	Tremolante	Liquida	R	*Caro*
		Forte	RR	*Carro*

De todas estas Consonancias humas são *Mudas*, e outras *Semivogaes*. As primeiras são aquellas, em que a voz se intercepta totalmente, de sorte que não

D se

se sentem, senão ao abrir da bocca, taes como estas treze B, P, M, V, D, T, G, C, N, NH, CH, L, LH. As segundas são aquellas, em que o som se intercepta so parcialmente, de sorte que seu sonido se faz perceber surdamente ainda com o orgão meio fechado, e taes são o F, as duas Sibilantes S, Z, as tres Chiantes S, X, J, e as duas Tremolantes R, RR. Os que dividem as mudas das Semivogaes segundo seus nomes tem ou não *e* atraz, guiarão-se pela divisão Latina, que he errada, applicada ás nossas Consonancias.

Ainda ha outra differença notavel entre estas Consonancias. Humas são *Liquidas*, isto he, *Correntes*; porque seu mechanismo he tão facil, e para assim dizer, tão fluido, que na composição das Syllabas complexas se associão tão amigavelmente com as outras Consonancias, que parecem fazer com ellas hum mesmo corpo. Taes são, o nosso S Solitario (quando não tem vogal diante), e as duas Palataes Brandas L e R. Outras porêm são *Fixas*, assim chamadas, porque seu mechanismo não soffre associação immediata com outras da mesma especie para fazer Syllaba com ellas; e taes são a fóra as tres Liquidas, todas as mais.

Finalmente cumpre advertir que todas estas Consonancias Portuguezas são sons simples, quer se escrevão com huma letra só, quer com duas, quer com as letras dobradas dos Gregos, e Romanos. Taes são as tres CH, LH, NH (que os nossos antigos Grammaticos chamavão *Prolações*); as duas Gutturaes GU, QU, que assim se escrevem quando vem antes de *e* e *i*; a Tremolante Forte RR, quando no meio das palavras se acha entre vogaes; e as duas Palataes Fortes Z, e X, que entre os Gregos, e Romanos erão dobradas.

Nem as primeiras, por levarem H, são por isso as-

aspiradas, ou fazem hum som composto; nem as segundas tem outro som, escriptas com duas letras, do que tem, escriptas com huma so, como G, e C antes de *a*, *o*, *u*. Da mesma sorte a tremolante forte, quando no meio das palavras se escreve com dois RR, e no principio das mesmas com hum so R; e bem assim, quando o S Sibilante se escreve com C, ou cedilhado ou sem cedilha antes das vogaes *e* e *i*; e o J Chiante se escreve com G antes das mesmas vogaes: não se segue que sejão differentes Consonancias; mas sim que são differentes escripturas do mesmo som, que o uso introduzio, e que podéra não ter introduzido, se quizesse; nem talvez devêra, se fosse mais coherente comsigo mesmo. Quanto ás dobradas X e Z, ellas não o são na nossa Lingua, excepto quando pronunciamos o X á Latina em lugar de C S como em *Reflexão* etc.

A nomenclatura vulgar de muitas destas Consonancias como são *eMe*, *U*, *eFe*, *Gê*, *Cê*, *eSe*, *Xis*, *I*, *Ce*, *Hàgá*, *eNe*, *eNehagá*, *eLeHagá*, *eRRe* forte, *eRRe* brando, de que se servem ordinariamente os Mestres para ensinarem aos principiantes o Abecedario da Lingua, e depois a Soletração e Syllabação; he de hum grande embaraço para o seu aproveitamento. Elle dá a muitas letras hum valor e som, que ellas não tem; a outras accrescenta outros, que as mesmas não tem, e que não servem senão para embrulhar e confundir-se o som proprio e verdadeiro.

Todas as Nações Civilizadas tem ja largado, ha muito, este methodo; e dando ás Consoantes o seu valor proprio e uniforme por meio do *Scheva*, que ajuntão a cada huma, deste modo: Be, Pe, Me, Ve, Fe, *Gue*, Que, De, Te, Se, Ze, Xe, Je, CHe, NHe, Ne, Le, LHe, Re, RRe; tem conseguido facilitar grandemente os methodos de sole-

 trar,

trar, de Syllabar, e da Leitura, em que os mininos gastão tanto tempo nas escholas com muito trabalho, e mui pouco fructo. Quem quizer ver este methodo desenvolvido, e explicado em todas as suas partes, póde consultar a *Eschola Popular das primeiras Letras*, impressa em Coimbra em 1796: *Parte Primeira*. Ate aqui tractámos dos sons simples da nossa lingua. Passemos ja aos sons compostos.

CAPITULO III.

Dos sons compostos so de vozes, ou Diphthongos da Lingua Portugueza.

Os sons compostos, o podem ser, ou de vozes tão somente, ou de vozes e Consonancias. Os primeiros chamão-se *Diphthongos*, os segundos *Syllabas*. Destas falaremos no Capitulo seguinte, agora dos diphthongos.

Diphthongo quer dizer *hum som feito de dois*, isto he, duas vozes unidas em hum som. Mas duas vozes nunca se podem unir em hum som, sem que huma dellas pela sua brevidade e rapidez se acoste á outra, dando-lhe parte de sua quantidade, e esta fique muito mais longa em comparação da outra. Huma pois necessariamente ha de ser mais longa e outra brevissima. A primeira na ordem das duas, que compõem o Diphthongo, chama-se *Prepositiva*, e a segunda *Subjunctiva*.

Nos Diphthongos Portuguezes as *Prepositivas* sempre são as longas, e as *Subjunctivas* as breves. Pelo que, como as nossas cinco vozes Oraes grandes, e as nossas cinco Nasaes claras sempre são longas; e as Communs *i* e *u* o podem ser tambem ainda fóra do caso de posição: as Prepositivas dos nossos Diphthongos sempre são tiradas destas duas classes

de vozes; e se são Oraes, formão os nossos *Diphthongos Oraes*, e se Nasaes, formão os nossos *Diphthongos Nasaes*, chamados tambem *Finaes*, porque ordinariamente so se achão no fim das palavras.

Quanto ás *Subjunctivas*, como estas devem ser rapidas e brevissimas a respeito das Prepositivas, e nós não temos outras desta especie senão as duas vozes surdas ou ambiguas, que mal se percebem na passagem do *e* breve para o *i* tambem breve, e do *o* breve para o *u* tambem breve: segue-se que toda subjunctiva dos nossos Diphthongos necessariamente ha de ser alguma destas duas vozes surdas, ou a primeira, exprimida por *e* ou *i*, ou a segunda, exprimida por *o* ou *u*. E como não ha razão para preferir huma vogal mais que outra para representar estes sons ambiguos: daqui veio a variedade do uso em escrever as Subjunctivas dos mesmos Diphthongos promiscuamente ja com *e* ou com *i*, ja com *o* ou com *u*; o que se não deve criminar, visto não terem estas vozes ambiguas caracter algum proprio e particular.

Isto supposto, a nossa Lingua conta, nem mais nem menos, que 16 Diphthongos, dos quaes 10 são *Oraes* e 6 *Nasaes*, que escriptos conforme as differentes Orthographias, usadas dos nossos antigos e modernos Escriptores, são da maneira seguinte.

TA-

TABOA

Dos 16 Diphthongos Portuguezes com todas suas escripturas.

Diphthongos Oraes 10.

ESCRIPTURAS.	EXEMPLOS.
ai, ay, a	*Pái, Páy, Páes.*
áo, au	*Páo, Pauta.*
éi, éy	*Papéis, Réys.*
êi, êy, hêi	*Rêi, Lêy, Hêi.*
éo, ...	*Céo.*
êo, êu	*Mêo, Êu.*
ío, ...	*Ouvío.*
ói, óe, óy	*Heróis, Heróe, Combóy.*
ôi, ôe, ôy	*Bôi, Pôes, Môyo.*
úi, úy	*Fúi, U'yvo.*

Diphthongos Nasaes 6.

ãi, ãe, aen, ain . .	*Mãi, Mãe, Maens, Mains.*
ão, hão, am, aon . .	*Mão, Hão, Mam, Maons.*
ẽe, ẽi, em, en . . .	*Bẽe, Bẽis, Bem, Bens.*
õe, õi, oin, oem, oen	*Põe, Põi, Poins, Poem, Poens.*
õo, om, on	*Bõo, Bom, Bons.*
ũi, uim, uin . . .	*Rũi, Ruim, Ruins.*

Sobre o que cumpre advertir que ninguem se engane com a nossa Orthografia vulgar, que póde muito facilmente induzir em erro, quando escreve os Diphthongos Nasaes humas vezes com a Prepositiva so sem a sua Subjunctiva, como *Pam*, *Bem*, em lugar de *Pão*, *Bẽe*; e outras com ambas as vozes sim, mas com a modificação Nasal fóra do seu lugar,

gar, como em *Mains*, *Maons*, *Sermoens*, *Bens*, *Ruins*. Porque a nasalidade, marcada por nós com o *Til* por cima da vogal, cahindo sempre nos nossos Diphthongos Nasaes sobre a prepositiva dos mesmos; a Orthographia vulgar a vem a pôr no fim das duas vozes, fóra do seu lugar, figurando-a com *N*, que tambem tem este valor, quando não he seguido de vogal. Este *N*, em lugar de *Til*, teria o seu lugar proprio immediatamente depois da prepositiva, se em vez de escrever *Mains*, *Maons*, *Sermoens*, *Beens*, *Ruins*, escrevessemos *Manis*, *Manos*, *Sermones*, *Benes*, *Runis*. Mas esta escriptura tinha o inconveniente de fazer do *N*, signal de nasalidade, hum *N* Consoante pela vogal que se lhe segue, como fazem os Hespanhoes. Para evitar pois este absurdo, cahio no outro de pôr o signal nasal fóra do seu lugar. Porêm quem escrever os Diphthongos Nasaes constantemente com o *Til* por cima da prepositiva, evitará hum e outro desacerto.

Repararão alguns em não ver na Taboa dos nossos Diphthongos Oraes o chamado Diphthongo *ou*. Porêm o som destas duas vogaes he simples, e não composto das duas vozes, que se offerecem aos olhos para se dever pôr no numero dos Diphthongos. O som delle nenhuma differença tem do nosso Ô grande Fechado, como se pode *ver* escutando sem prevenção as primeiras Syllabas do nome *ôsso*, e do verbo *ouço*. Se fosse differente seguir-se-hia outrosim o absurdo de admittir nas Linguas verdadeiros *Triphthongos*, isto he, tres vozes unidas em hum so som, o que he contra todo o mechanismo da Linguagem. Por exemplo a palavra *Couza*, que assim se pronuncia na Extremadura, na Beira pronuncia-se *Côiza*. Se pois o *ou* da primeira pronunciação fosse Diphthongo; não mudando de som na segunda, como não muda;

da; e unindo-se em Diphthongo com o *i*, como se estivesse *Couiza*: seguir-se-hia que o que he Diphthongo na Extremadura passaria a ser Triphthongo na provincia da Beira. Devemos pois dizer que o Ô Grande Fechado tem duas escripturas, huma com o signal circumflexo ou v ás avessas por cima, e outra com o mesmo v ás direitas adiante. Ora ter o mesmo signal por cima, ou adiante he couza indifferente; o som he o mesmo.

Alêm dos Diphthongos ha outros sons compostos de vozes, chamados *Syntereses*; quando de duas vozes consecutivas e de sons distinctos se faz huma so Syllaba em razão de serem ou ambas muito breves, ou a primeira brevissima a respeito da segunda. Assim os Poetas fazem dissyllabas as palavras *Gloria*, *Agoa*, *Lacteo*, e ajuntão muitas vezes em huma Syllaba so as primeiras vozes de *Theatro*, *Fiado*, *Fiança*, *Boato*, *Suave &c.* Na nossa prosa so faz Synerese o *u* brevissimo seguido de outra voz longa depois das Consoantes G, e Q, como *Gûarda*, *Gûela*, *Igûal*, *Qûal*, *Qûasi*, *Eqûestre*, *Qûinario*, *Qûinqûagesima &c.*

CAPITULO IV.

Dos sons compostos de vozes e de Consonancias, ou das Syllabas da Lingua Portugueza.

Syllaba quer dizer *Comprehensão*; porque he o ajuntamento de huma, ou mais Consonancias com huma voz, Diphthongo, ou Synerese, comprehendido tudo em huma so emissão. Huma voz pois, hum Diphthongo, huma Synerese val por Syllaba; porque tambem se pronuncião de hum so jacto, ou emissão: mas

mas não são propriamente Syllabas, ou ajuntamentos; nome que não póde convir ás vozes per si, e que unidas em hum so som, tem ja seu nome proprio, e particular.

Como pois as Syllabas comprehendem vozes e Consonancias; por ordem ás vozes dividem-se em duas especies. Humas são *Simples*, e outras *Compostas*. As Simples são as que tem huma so voz, ainda que tenhão muitas Consonancias, como *Má*, *Más*. As Compostas são as que tem duas vozes unidas, quer em Diphthongo, como *Pai*, *Pão*, quer em Synerese, como a primeira Syllaba de *Guarda*, e de *Qual*.

Por ordem ao numero das Consonancias as Syllabas são ou *Incomplexas*, isto he, que não levão se não huma unica Consonancia, assim como *Lá*, *al*, que são ao mesmo tempo Simples e incomplexas; ou *Complexas*, isto he, compostas de muitas Consonancias; e estas podem ser, ou duas somente como *Gal*, ou tres como *Gral*, ou quatro como *Fróes*, e mais não. Esta ultima Syllaba he complexa e ao mesmo tempo composta por causa do Diphthongo.

Todas as nossas Syllabas *Analogicas*, isto he; cuja combinação não repugna ao mechanismo, e uso da nossa Lingua, porque tem no mesmo uso exemplo de semelhantes combinações; sobem ainda a cima de duas mil. Porêm as nossas Syllabas *usuaes*, cujas combinações se provão com exemplos em algumas palavras Portuguezas, andão por 1800 pouco mais ou menos. Vejão-se os nossos *Syllabarios* completos, dados á luz na *Eschola Popular das primeiras Letras* em Coimbra em 1796.

Como estas Syllabas se pronuncião seguidamente, e assim mesmo se escrevem em cada hum dos vocabulos; mal se podem distinguir nos mesmos sem saber por onde ellas partem; o que comtudo he necessario, assim para as soletrar e syllabar, como para

as dividir, quando for precizo partir o vocabulo. Esta partilha porêm se facilitará com as quatro observações seguintes.

1.ª Que toda *voz*, *Diphthongo*, ou *Synerese* vai como Syllaba ainda per si so, sem consonancia alguma; e que assim, quantas forem as vozes, ou simples, ou combinadas em Diphthongo, ou Synerese, que houver em qualquer vocabulo; tantas serão as suas Syllabas. Por este modo he facil de ver, que a palavra *Incomprehensibilidade* tem nove Syllabas, porque tem nove vozes; que a palavra *Feição* tem duas, porque tem somente dois Diphthongos; e que a palavra *Guarda* tem outras duas, porque tem huma Synerese, e huma voz.

2.ª Que as Nasaes M, e N, quando não tem vogal diante si, pertencem sempre á voz antecedente, servindo-lhe de signal de nasalidade do mesmo modo, como se tivesse o *Til* por cima. Assim *Canto*, *Campo*, *Tanto*, *Tempo*, *Tinta*, *Timbre*, *Tonto*, *Tombo*, *Tunda*, *Tumba*, valem o mesmo que *Cãto*, *Cãpo*, *&c.* e tem cada hum duas Syllabas; porque tem duas vozes, huma nasal, e outra oral. Isto, pelo que pertence ás vozes.

3.ª Agora pelo que pertence ás Consonancias; quando as Syllabas são incomplexas, nenhuma difficuldade podem causar. Ellas são as que ordinariamente extremão as Syllabas, formando cada huma hum membro, ou Syllaba com a voz, Diphthongo, ou Synerese, a que precede ou se segue. Assim nesta palavra *Insensibilidade* as Consonancias mesmas separão as Syllabas deste modo *In-sen-si-bi-li-da-de.*

4.ª Porêm, quando as Syllabas são complexas de muitas Consonancias, póde haver duvida sobre quaes dellas devem hir para a voz antecedente; e quaes para a seguinte. Mas neste caso pode-se seguir a regra seguinte.

Se

Se no principio, ou meio do vocabulo se encontrarem duas ou tres Consonancias, todas por via de regra pertencem á voz seguinte, excepto sendo alguma dellas da classe das nossas tres liquidas L, R, S; porque estas sempre pertencem á voz immediata antecedente, com que fazem Syllaba, quer no meio, quer no fim do vocabulo, não sendo este composto; porque então o S ás vezes pertence á voz seguinte. Assim nestas palavras *Trado*, *Strado*, *Construir*, *Constrangimento*, *Damno*, *Digno*, as duas e tres Consonancias, junctas no principio e meio do vocabulo, fazem huma Syllaba com a voz seguinte deste modo: *Tra-do*, *Stra-do*, *Con-stru-ir*, *Con-stran-gimento*, *Da-mno*, *Di-gno.* Ja nestas *Astro*, *Alto*, *Transporte*, as liquidas S, L, R he que partem as Syllabas deste modo: *As-tro*, *Al-to*, *Trans-por-te.* Veja-se adiante na *Orthographia* Cap. I, a Regra XII. da Divisão dos vocabulos.

CAPITULO V.

Dos Vocabulos da Lingua Portugueza, e das alterações, que soffrem na Pronunciação.

ASSIM como dos nossos 41 sons elementares, differentemente combinados, se formão as 1800 Syllabas Portuguezas: assim destas mesmas Syllabas, variamente combinadas, se formão todos os vocabulos da Lingua Portugueza, que compõem o seu *vocabulario*, e que passão de 40000.

Vocabulo não he outra couza senão hum composto de sons, ou de syllabas graves, subordinados todos a hum som, ou Syllaba aguda e predominante; que he como o centro de união, ao qual todos os mais se reportão.

Os Vocabulos, por ordem ao numero das Syllabas, são de quatro formas, ou *Monosyllabos*, isto he, de huma so Syllaba, como *Der*; ou *Dissyllabos*, isto he, de duas Syllabas, como *Prender*; ou *Trisyllabos*, isto he, de tres Syllabas, como *Aprender*; ou *Polysyllabos*, isto he, de mais de tres até nove Syllabas, para cima do qual numero não sobem os nossos vocabulos. Assim *Comprehensão* he de quatro, *Comprehensivel* de cinco, *Incomprehensivel* de seis, *Insensibilidade* de sete, *Comprehensibilidade* de oito, e *Incomprehensibilidade* de nove.

Os Vocabulos alterão-se na pronunciação de dois modos, ou accrescentando-lhes Syllabas, para lhes accrescentar, ou diversificar as ideas accessorias, que com estas mudanças accrescem á significação principal da palavra; e estas alterações, como se fazem por meio da declinação dos nomes, da Conjugação dos verbos, e da dirivação ou composição das palavras, pertencem á Etymologia: ou accrescentando-lhes, diminuindo, e transpondo Syllabas para abbreviar, e facilitar mais a pronunciação dos vocabulos, sem lhes alterar a significação; e estas alterações são as que propriamente pertencem a *Orthoepia.*

Estas alterações, como acabamos de dizer, fazem-se de tres modos, ou por *Accrescentamento* de alguma Syllaba, ou por *Diminuição* della, ou por *Transposição*, e todas estas mudanças pódem acontecer ou no principio do vocabulo, ou no fim, ou no meio.

1.° *Accrescentamento.*

Se no principio do vocabulo se accrescenta huma Syllaba sem nada mudar na significação, he o que os Grammaticos chamão *Prothese*, isto he, *Apposição.* Assim ás palavras Portuguezas *Cantar*, *Chegar*, *Costumar*, *Lembrar*, *Levantar*, *Mostrar*, *Pastar*,

Re-

Recear, *Socegar*, *Voar*, *Credor*, *Fóra*, *Lagoa*, *Roido*, *Tambor*, *&c.* accrescentavão no principio os nossos antigos, e ainda agora os Poetas e a gente rustica (que he a que mais conserva a antiga pronunciação) huma Syllaba de mais dizendo: *Descansar*, *Achegar*, *Acostumar*, *Alembrar*, *Alevantar*, *Amostrar*, *Repastar*, *Arrecear*, *Assocegar*, *Avoar*, *Acredor*, *Afora*, *Alagoa*, *Arroido*, *Atambor*, *&c.*

Se este mesmo accrescentamento de huma Syllaba se faz no fim do vocabulo, chama-se *Paragoge*, isto he, *Posposição.* Tal he o de *Felice*, *Fugace*, *Infelice*, *Joanne*, *Isabella*, *Martyre*, *Mobile*, *Pertinace*, *Produze*, *Reluze*, em lugar de *Feliz*, *Fugaz*, *Infeliz*, *João*, *Isabel*, *Martyr*, *Mobil*, *Pertinaz*, *Produz*, *Reluz*, *&c.*

Se o Vocabulo se accrescenta no meio, intercalando-se-lhe huma Syllaba, chama-se *Epenthese*, isto he, *Entreposição*, como de *Marte*, *Pagão* fazendo *Mavorte*, *Pagano.*

2.° *Diminuição.*

Da mesma sorte se no principio do vocabulo se tira huma Syllaba, chama-se *Apherese*, isto he, *Abstracção.* Com esta mudança se vem ja inteiras, ja descabeçadas nos nossos Escriptores muitas palavras, como: *Abobedas* e *Bobedas*, *Adelgaçar* e *Delgaçar*, *Imaginação* e *Maginação*, *Relampejar* e *Lampejar*, *Aliança* e *Liança*, *Arrependimento* e *Rependimento*, *Aventurar* e *Venturar* *&c.* *Adiante*, *Ainda*, *Aonde*, *Até*, *Atraz* *&c.* *Ante*, *Inda*, *Onde*, *Té*, *Traz* *&c.*

Pelo contrario se no fim do vocabulo se faz esta mutilação da Syllaba, tem o nome de *Apocope*, isto he, *Mutilação.* Assim os nossos vocabulos *Des*, *Estê*, *Gram*, *Guarte*, *Lisonge* são mutilados de

Des-

Desde, *Esteja*, *Grande*, *Guardate*, *Lisongêe*. As Synalephas ou Elisões da voz final de hum vocabulo para a consoante que a articulava, articular a voz inicial do vocabulo seguinte, tambem pertencem a esta especie de alteração, quando estas mesmas Elisões passão á Escriptura usual, e nella as duas palavras se costumão escrever junctas em huma, como da nossa preposição *De* costumamos de ordinario elidir o e, e ajuntar o *D* com o Artigo, e com os Demostrativos deste modo: *dó*, *dá*, *dós*, *dás*, *d'este*, *d'esse*, *d'elle*, *d'aquelle &c.* em lugar de *de o*, *de a*, *&c.*

Finalmente esta mesma diminuição de Syllabas, que se faz no principio e fim dos vocabulos, se acha tambem no meio dos mesmos, e então tem o nome de *Syncope*, isto he, *Concisão*, como quando em lugar de *Adormecido*, *Cuidadoso*, *Desaliviar*, *Desapparecer*, *Differente*, *Estejaes*, *Ides*, *Inimigo*, *Luminoso*, *Maior*, *Perola*, *Reprehensão*, *Saboroso*, *Soledade*, *Spirito*, dizemos *Adormido*, *Cuidoso*, *Desalivar*, *Desparecer*, *Diffrente*, *Esteis*, *Is*, *Imigo*, *Lumioso*, *Mór*, *Perla*, *Reprensão*, *Sabroso*, *Soedade*, *Sprito &c.* Da mesma sorte, quando na pronunciação corrente dizemos: *Dir-te-hei*, *Far-te-hei*, *Trar-te-hei*, *Diria*, *Jaria*, *Faria*, *Traria*, são Syncopes em lugar de *Dizer-te-hei*, *Fazer-te-hei*, *Trazer-te-hei*, *Dizeria*, *Jazeria*, *Fazeria*, *Trazeria.*

3.° *Transposição.*

O terceiro modo, porque se alterão os vocabulos, he a *Transposição*, chamada *Metathese* pelos Gregos. Faz-se esta, quando as letras ou Syllabas, de que se compõe a palavra, se põem em huma ordem differente daquella, em que se achão no vocabulo primitivo, donde o mesmo se dirivou. Esta transpo-

posição póde ser, ou total da palavra inteira pela inversão de todos seus caracteres radicaes: como *Frol* de *Flor*, *Crelgo* de *Clerigo*: ou parcial so de alguma Syllaba, ou Letra: como *Contrairo* de *Contrario*, *Bolra*, de *Borla*. Esta transposição parcial ha tambem na nossa preposição *em*, quando na pronunciação e na escriptura mesma se troca o *m* em *n*, e elidido o *e*, se incorpora com o nosso Artigo, e com os Demostrativos deste modo: *n'o*, *n'a*, *n'os*, *n'as*, *n'ste*, *n'esse*, *n'elle*, *n'aquelle*, etc. em lugar de *em o*, *em a*, *em os*, *em as*, *em este*, *em esse*, *em elle*, *em aquelle etc.*

A' mesma *Metathese*, ou Transformação se podem referir as trocas, accrescentamentos, e contracções, que fazemos de humas letras com outras por amor da *Euphonia*, ou maior facilidade da pronunciação, evitando os hiatos, e o concurso das Consonancias asperas. Temos para isto duas *Consonancias Euphonicas*, que costumamos metter entre as palavras consecutivas, quando sua junctura he de hum som desagradavel.

Huma destas he a Palatal Liquida L, que costumamos substituir ja ao R final dos infinitos dos Verbos, e das Preposições *Per*, *Por*; ja ao S ou Z final de algumas pessoas dos Verbos, acabadas em *ás*, *és*, *ís*, com accento agudo, quando se lhes seguem immediatamente os casos obliquos do Determinativo Pessoal da terceira pessoa *o*, *a*, *os*, *as*. Assim nos infinitivos em lugar de dizer: *Amar-o*, *Querer-a*, *Ouvir-os*, *Dispor-os*, dizemos com mais suavidade *Amal-o*, *Querel-a*, *Ouvil-os*, *Dispol-as*; e nas Preposições em lugar de *Per o*, *Per a*, *Por os*, *Por as*, dizemos melhor *Pel'o*, *Pel'a*, *Pol'os*, *Pol'as*. Da mesma sorte nos verbos irregulares *Dizer*, *Fazer*, *Trazer*, que acabão as terceiras pessoas do Presente e do Preterito em *ás*, *és*, *ís* agudo, ou em *az*, *ez*, *iz*,

iz, dizemos melhor *Fal-o*, *Dil-a*, *Tral-os*, *Quil-as*; *Pol-as*, do que *Faz-o*, *Diz-a*, *Traz-os*, *Quiz-as*, *Poz-as*. Os nossos Orthographos costumão na escriptura juntar o L Euphonico ao Pronome: mas está claro que, como elle substitue o lugar do R, ou S final da primeira palavra, nesse mesmo se deve pôr.

A outra Consonancia Euphonica he a nossa Palatal Nasal N, que costumamos metter entre todos os Diphthongos finaes, porque terminão sempre todas as terceiras pessoas dos pluraes do verbo, e o mesmo Pronome, quando se lhe segue immediatamente, dizendo e escrevendo: *Amão-no*, *temem-na*, *Louvarão-nos*, *Ouvissem-nas*; e não *Amão-o*, *Temem-a*, *Louvarão-os*, *Ouvissem-as*. Aqui o N junta-se ao Pronome, porque o modifica, e não se põe em lugar de outra Consoante, como se põe o L Euphonico, mas se entrepõe somente.

Para o mesmo fim de procurar á Lingua a mór euphonia possivel, e evitar os hiatos, que nascem do concurso e collisão das vozes finaes e iniciaes de duas palavras consecutivas; fazemos frequentemente na pronunciação e na escriptura a *Crase*, ou mistura da Preposição *a* com o Artigo feminino e com o Demostrativo *Aquelle*, tanto do singular como do plural, contrahindo em hum so *á* longo os dois, da preposição, e da palavra seguinte deste modo: *á moda*, *ás avessas*, *áquelle*, *áquella*, em lugar de *a a moda*, *a as avessas*, *a aquelle*, *a aquella*. Na pronunciação so, e não ja na escriptura fazemos a mesma Crase da preposição *a* com o Artigo masculino; escrevendo *a o*, *a os* separadamente, e pronunciando tudo juncto e confundido no mesmo Artigo alongado deste modo *ó*, *ós*, como: *Dado ó estudo*, *Dado ós negocios*, em lugar de *ao estudo*, *aos negocios*.

CAPITULO VI.

Das Modificações Prosodicas, accrescentadas aos Vocabulos; e 1.° das que nascem da quantidade.

Os sons fundamentaes, assim vogaes, como consoantes formão-se todos no canal da bocca, onde so se articula e forma em vozes o som informe, e confuso da Glottis pelas differentes posturas immoveis da mesma bocca, e estas mesmas vozes se articulão e formão em Consonancias pelo movimento oscillatorio das partes moveis da mesma, quando reprezão a voz e de repente a soltão. A bocca pois he o orgão proprio, assim das vozes, como das Consonancias.

As modificações *Prosodicas* porêm, nascidas, ou da maior e menor duração das Syllabas, a que damos o nome de *Quantidade*; ou da sua maior, e menor elevação, ou aspiração, a que damos o nome de *Accento*; tem outro orgão, que he o da Glottis, em que se termina o tubo interior da *Trachia Arteria*, e em que se forma o som; ou *mais breve*, se a fisga da Glottis persiste aberta pouco tempo; ou *mais longo*, se persiste aberta por mais tempo; ou *mais grave*, se as cordas da mesma Glottis se entezão menos; ou *mais agudo*, se se entezão mais; ou *menos aspirado*, se por ella se deixa passar hum menor volume de ar; ou *mais aspirado*, se o volume he maior. Dos Accentos tractaremos no Capitulo seguinte, agora da Quantidade.

A *Quantidade* he a medida da duração, que damos á pronunciação de qualquer Syllaba. Esta duração he toda relativa, bem como o he a das notas da Musica, em que huma não he mais longa senão

comparada com outra, que o he menos. Assim como pois na Musica as notas tem a mesma quantidade relativa nos *Allegros*, que tem nos *Adagios*, comparadas entre si, dentro do mesmo ar de compasso; posto que huma nota da mesma especie gaste mais tempo realmente no Adagio, que no Allegro: assim na pronunciação de huma Lingua as Syllabas medem-se, não pelo vagar, ou pela velocidade accidental da mesma pronunciação; mas relativamente ás proporções immutaveis, que as fazem, ou longas, ou breves. Dois homens, hum dos quaes he summamente veloz no falar, e outro por extremo vagaroso e compassado, não deixão por isso de observar a mesma quantidade, ainda que o primeiro pronuncie mais depressa huma longa que o outro huma breve. Ambos dois não deixão de fazer exactamente breves as que são breves, e longas as que são longas, so com a differença que hum gasta duas, tres, e quatro vezes mais tempo, que o outro para as articular.

A medida por tanto da quantidade de cada Syllaba he a proporção invariavel, que humas tem com outras: proporção incommensuravel, que nunca se póde determinar exactamente; porque em todas as Linguas, e na Portugueza tambem ha Syllabas breves, mais breves que outras; e longas, mais longas humas que outras; e isto consideradas, ou sos por ordem ás vozes, ou tambem por ordem ás Consonancias, que se lhes ajuntão.

Quem póde duvidar que as nossas vozes grandes, e os Diphthongos, sons todos de sua natureza longos, se não fação mais longos cahindo sobre elles o accento predominante do vocabulo, e que, por exemplo, a ultima de *Táfetá* não seja mais longa que a primeira tambem longa; e que a ultima de *Lerãõ* (Legent) não seja tambem mais longa que a mesma de *Lêrão* (Legerunt)? Quem outrosim póde duvidar que

que a primeira Syllaba longa destas quatro palavras *A've*, *Cávo*, *Crávo*, *Escrávo*, se não va fazendo cada vez mais longa á proporção que se vai carregando de novas Consonancias, das quaes cada huma, para se articular, gasta por certo algum tempo, por minimo que seja.

O mesmo se deve observar a respeito das breves. Humas o são mais que outras. As nossas vozes surdas ou ambiguas *e* ou *i*, *o* ou *u*, quando se achão immediatamente ou antes, ou depois de Syllaba aguda, sobem tão depressa para ella, ou depois de sobir se precipitão com tanta velocidade, que o ouvido apenas as reconhece; razão, porque não fazem de ordinario Syllaba per si, mas com outra voz juncta em Synerese, ou Diphthongo. Estas pois são muito mais breves que as vozes pequenas, que sempre são breves, e que as Communs *i* e *u*, quando o são.

Mas estas mesmas nas cadencias esdruxulas são menos breves, quando estão articuladas com Consonancias do que quando não. Por exemplo: o *i* e *o* de *Pallido* são menos breves que em *Pallio*; e o *o* e *a* em *Tabola* menos que em *Taboa*: e huma prova disto he, que os Poetas ajuntão as duas vozes em huma Syllaba, quando não tem Consoante no meio, e tendo-a, não.

Mas, ainda que por esta desigualdade entre as mesmas Syllabas breves, e entre as mesmas longas, se não possa achar entre humas e outras huma proporção exacta; comtudo, não fazendo caso dos quebrados, e por hum calculo de aproximação, ou orsamento geral representando-se as breves iguaes entre si e da mesma sorte as longas entre si: achou-se que a proporção destas para aquellas era dupla, e que assim, dando á breve hum tempo so, a longa a respeito della vinha a ter dois. Esta he a proporção que os Gregos e Romanos achavão entre humas e outras;

tras; e nós devemos-nos contentar com a mesma nas Syllabas Portuguezas. O que preposto, passemos ja ás regras de sua quantidade.

Huma Syllaba póde ser breve, ou longa por duas razões, ou por *Natureza*, ou por *Uso*. He breve, ou longa por natureza, quando os sons, de que se compõe, dependem de algum movimento organico, cujo mechanismo natural se não póde executar senão, ou com presteza, ou com vagar, segundo as Leis Physicas o dirigem. He breve ou longa por uso somente, quando o mechanismo da pronunciação per si não pede, nem presteza, nem vagar; mas que o uso fez breves ou longas a seu arbitrio, pondo em humas o accento predominante, e em outras não. Tractarei primeiro das Syllabas por natureza longas e breves, cujas regras são, com pouca differença, as mesmas em todas as Linguas. Depois falarei das que o uso da nossa tem alongado, ou abbreviado.

§. I.

Syllabas Longas por Natureza.

REGRA I.

Todas as nossas vozes grandes, quer abertas, quer fechadas, são de sua natureza longas.

DEMOSTRAÇÃO.

Por que todas estas vozes na sua origem não são outra couza se não humas verdadeiras *Crases*, ou contracções de dois *aa*, de dois *ee*, e de dois *oo*, como he facil mostrar do modo, com que nossos Antigos assim as costumavão escrever. Ora toda a Crase de duas breves he de sua natureza longa; porque os dois

dois tempos das duas breves unidos em huma so voz, fazem-na necessariamente longa. Assim são longas, prescindindo ainda da posição e do accento predominante, as primeiras Syllabas das palavras seguintes: *Tāfetá*, *Sādío*, *Vādío*, *Tēdôr*, *Vēdôr*, *Vēdoría*, *Sēteíra*, *Prēgár*, *Lêr* (e todas as terminações do infinito dos verbos da segunda Conjugação) *Ōptár*, *Ōmnipoténte*, *Cōrádo*, *Mōrgádo*, *Toūtíço*, *Foūcínho*, *Oūvído*, *Loūvádo*, assim escriptos, ou *Tôtíço*, *Fôcínho*, *Ôvído*, *Lôvádo*.

He verdade que, quando o accento predominante do vocabulo cahe fóra destas vozes grandes, como algumas vezes succede, não temos então signal algum, com que as caracterizemos, por se achar o accento agudo ou circumflexo preoccupado pela Syllaba predominante. Porêm isto he defeito, não da Lingua, em cuja pronunciação nunca se confundem; mas sim da nossa Orthographia, que não tem tantas vogaes quantas são as vozes. A Grega tinha esta vantagem sobre a nossa e a Latina. Pois tinha caracteres apropriados para as mesmas vozes, quando erão grandes e longas, e quando pequenas e breves de sua natureza. Os nossos Antigos remediavão esta falta de vogaes, ou dobrando a mesma vogal para a fazer longa, como *Páa*, *Pée*, *Léer*, *Sóo*, *Avôo*, ou pondo por baixo do *e* longo outro com esta figura ȩ, como se póde ver na escriptura original de João de Barros, e em outros.

REGRA II.

As nossas oito vozes Nasaes, quer claras, quer surdas, sempre são longas por natureza.

Demostração.

A demostração desta Regra tira-se do mechanismo mesmo, precizo ao orgão para articular esta especie de vozes. Para a sua formação he necessario que o orgão deixe sair parte do som pelo canal direito da bocca, e parte reflua pelo canal curvo do nariz. Ora está claro que esta operação mechanica deve levar mais tempo do que, quando o ar sae livremente so pelo canal direito da bocca. Isto, e a resonancia mesma, que as vozes adquirem na concavidade da bocca e das ventas, e com a qual se fazem mais cheias, e corpulentas, tudo concorre para de sua natureza serem mais longas. Não so por estas causas, mas ainda em razão da posição erão sempre longas estas vozes para com os Romanos, que fazendo das Nasaes M, N, não signaes de Nasalidade, como nós, mas consoantes ainda quando se seguia outra consoante, ficava a voz sempre antes de duas consoantes, e por consequencia longa por posição.

São por tanto longas, ainda sem serem agudas, as primeiras Syllabas, Nasaes claras de *ancião*, *entendimento*, *pintura*, *zombar*, *funcção*, e longas e ao mesmo tempo sempre agudas as primeiras Syllabas, Nasaes surdas, de *amago*, *temo*, *tenho*, *sono*, *somma*, *sonho &c.*

RE-

REGRA III.

Todo Diphthongo, quer seja real, quer facticio, he de sua mesma natureza longo.

DEMOSTRAÇÃO.

E a razão está clara. O som composto destes Diphthongos reune na sua duração os dois tempos dos sons elementares, que o compõem; e he impossivel fazer soar em huma so emissão as duas vozes, que requerem para se executarem, duas situações successivas do mesmo canal, sem gastar em cada huma ao menos hum tempo. Por esta razão tem a primeira longa, sem comtudo ser aguda, as palavras *Pairâr*, *Auctôr*, *Feitôr*, *Côiteíro*, *Uivár*, *Ruïdade*, e a ultima longa tambem sem ser aguda, as palavras *Rábão*, *Orgão*, *Benção*, *Homẽe*, *Ordẽe etc.*

São tambem longos os Dipthongos facticios, quando os Poetas por Synerese ajuntão em huma Syllaba as duas primeiras vozes de *Guarda*, *Guardar*, *Quanto*, *Quantidade*, *Qual*, *Qualquer*, *Viado*, *Dieta*, *Viola*, *Ciume*, *Coar*, *Coelho*, *Soir*, *Cair*, *Paul*, e outros semelhantes.

REGRA IV.

Toda Syllaba, feita por Crase, ou Contracção de duas ou mais vozes em hum unico som, he de sua natureza longa.

DEMOSTRAÇÃO.

Ainda que huma das dictas vozes, e ordinariamente a primeira se supprima quanto ao som, seu tem-

tempo comtudo se conserva e se ajunta ao da voz seguinte de modo que esta fica valendo dois tempos, e he por consequencia longa. Taes, entre muitas, são as Syllabas, contrahidas da nossa preposição *a* com o artigo feminino, quando dizemos e escrevemos: *á*, *ás* em lugar de *a a*, *a as*; e as da mesma preposição com o artigo masculino, quando na pronunciação so dizemos *ó*, *ós*, em lugar de *a o*, *a os*; e bem assim do *o* e *a* ultimo das Linguagens dos verbos, quando se lhes segue o pronome, como: *Louv-ō*, *Louvar-ā*, *Amar-ōs*, *Amar-ās* em lugar de *Louvo-o*, *Louvara-a*, *Amara-os*, *Amara-as.*

§. II.

Syllabas Breves por Natureza.

REGRA V.

Todas as nossas vozes Oraes Pequenas a, e, o, e as Surdas, ou Ambiguas, como e ou i, o ou u, são breves de sua mesma natureza.

DEMOSTRAÇÃO.

Por que de cada huma destas vozes, duas junctas equivalem a huma das grandes, como fica mostrado na Regra I. e por consequencia a huma longa. Ora huma longa equivale a duas breves. Logo cada huma das duas pequenas, que se contrahem na longa, per si he breve.

Não ha couza mais facil de reconhecer em qualquer vocabulo do que são estas vozes pequenas, e breves. Note-se nelle a Syllaba, em que está o accento agudo, ou predominante. Todas as vozes, que o precedem, ou seguem, não sendo da classe das lon-

longas notadas nas quatro Regras antecedentes, são pequenas e consequentemente breves, como se vê nestas palavras *Atabále*, *atabafadór*, *gerernál*, *célebre*, *povoádo*, *ociosidáde*.

Nem so são breves as que se achão dentro do vocabulo; mas ainda todas as que se lhe ajuntão como Encliticas, as quaes, não tendo nunca accento proprio se acostão na pronunciação ás palavras, que o tem, formando, para assim dizer, hum mesmo corpo com ellas debaixo do mesmo accento dominante, que constitue centro commum da união de todas estas Syllabas. E taes são o Artigo *o*, *a*, *os*, *as*, e os pronomes obliquos das tres pessoas *me*, *nos*, *te*, *vos*, *se*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*: como veremos no Capitulo seguinte.

§. III.

Syllabas Communs, feitas longas, ou breves pelo uso.

REGRA VI.

São Communs as duas vozes Portuguezas i e u; e so o uso da Lingua he que as faz ja longas pelo accento agudo, com que as pronuncía, ja breves, pronunciando-as sem elle.

DEMOSTRAÇÃO.

A razão he; porque o som destas duas vozes, e por consequencia o mechanismo de sua formação he o mesmo, quer sejão longas, quer sejão breves, e não varía com a sua quantidade, como varía o som das outras vozes, quando são grandes, e quando pequenas. De sua natureza pois não podem ser

G lon-

longas, nem breves, e so se fazem taes pela maior demora do mesmo som em humas do que em outras.

Esta demora pois não póde ser produzida por outra causa se não pelo accento agudo, quando o uso da Lingua accentua huma e não accentua outra. O accento predominante he capaz de produzir esta mudança temporal, ainda quando as Syllabas a não tem de sua natureza e formação mechanica. Nas Syllabas agudas a voz eleva-se sensivelmente mais do que nas graves, e nas não agudas. Esta elevação requer mais esforço no orgão e mais contensão nas fibras do mesmo. Para tomarem pois este tezão, necessitão de mais algum tempo do que he necessario para entoarem as Syllabas, que não são agudas; que por isso o orgão se apressa a passar ligeiramente por estas para sobir á aguda, e desta maior elevação tornar-se a precipitar pelas graves até o fim do vocabulo.

Além do que o tom agudo faz huma maior impressão no ouvido, e quanto maior he a impressão, mais tempo durão as oscillações, que ella produzio nas fibras auditorias. Não he pouco para admirar, que a mesma voz ja seja longa, quando he aguda, ja não, quando o não he, ou he grave. A aguda sempre he longa, mas a longa nem sempre he aguda. O que daqui se segue he, que quando o accento cahe sobre huma Syllaba de sua natureza longa, esta fica mais longa do que quando cahe sobre huma Syllaba commum.

Pelo que nestas palavras *spirito*, *mutuo*, os dois *ii* da primeira, e os dois *uu* da segunda nenhuma differença de som tem entre si. A unica que se sente he a maior demora do mesmo som, que tem as primeiras por serem agudas, e a menor que tem as segundas para por ellas a voz descer com mais presteza. O uso de agora he quem deo a agudeza á primeira de

Spi-

Spirito, e o uso de outro tempo a deo á segunda, pronunciando *Sprito* em lugar de *Spirito*.

Excepções.

As primeiras quatro Regras nenhuma excepção tem, estas duas ultimas so tem huma, que he a da *Posição*; quando as Syllabas breves de sua natureza ou communs se achão no vocabulo antes de duas Consoantes; porque então ficão longas.

Esta Regra de Posição he fundada no mechanismo mesmo da palavra. Quando nella se achão duas Consoantes seguidas, a primeira não tem voz diante de si que haja de modificar: mas tambem se não póde articular sem ter ao menos hum *e* mudo, ou *Scheva*, sobre que caia o seu som. Mas este *Scheva*, fazendo-se mais alguma couza sensivel, degeneraria no *e* pequeno e viria a tirar a contiguidade das duas Consonancias, mettendo-lhes em meio huma voz, que as separasse em Syllabas. Para evitar pois este inconveviente, quanto he possivel; o pouco tempo que neste *e* mudo se poderia gastar, deita-se á conta da vogal antecedente, que por esta razão fica mais longa do que o sería, se não estivesse d'antes das duas Consoantes seguidas.

Por esta razão *Fôlgo*, *Folgár*, *Polgár*, *Polgáda* (que tambem se escrevem *Fôlego*, *Fôlegár*, *Pôlegár*, *Pôlegada*) tem a primeira longa por Posição. Porque o tempo, que se havia de dar á pronunciação mais sensivel do *e*, que se vê depois do L nas mesmas palavras, escriptas do segundo modo, toma-se para o *o* antecedente, que sendo ja grande e longo em *fôlgo*, fica mais longo pela Posição, e sendo breve de sua natureza nas palavras *Folegár*, *Polegár*, *Polegáda*; passa a ser longo por Posição nas mesmas supprimindo-se o *e*, e escrevendo-se: *Folgár*, *Polgár*, *Polgáda*. O mesmo se deve dizer da primeira Syllaba

de *Parte*, *Partida*, *Ermo*, *Ermida*, *Triste*, *Tristeza*, *Furto*, *Furtar*, e outras semelhantes.

Deve-se porêm notar que para haver posição, he precizo que as Consoantes sejão ao menos duas, e essas consecutivas, e pronunciadas immediatamente depois da voz antecedente, e que huma dellas pertença á Syllaba antecedente, e outra á seguinte; e bem assim que a voz antecedente seja huma, ou das grandes, ou das pequenas, ou das communs.

Se as Consoantes escriptas são dobradas da mesma especie, mas na nossa pronunciação presente valem por huma, como *Abbade*, *occasião*, *addição*, *affeição*, *aggregar* &c.: então não ha Posição. Pelo contrario quando a Consoante figurada he huma, mas val por duas, como o *x* Latino nas nossas palavras *Sexo*, *Reflexão*, pronunciadas como *Secso*, *Reflecsão*, val a regra.

Se ambas as Consoantes pertencem á voz seguinte, como quasi sempre acontece, quando a primeira dellas não he alguma das nossas Liquidas, S, L, R: então está claro, que hindo com ellas o som de seus *Schevas* para a Syllaba seguinte, mal podem influir na antecedente. Assim são breves, e não longas as primeiras de *Abraçar*, *Adregar*, *Afrouxar*, *Affligir*, *Agreste*, *Reprovar*, e outras semelhantes.

Por esta mesma razão de o nosso S Liquido no principio de muitas palavras Latinas pertencer a voz seguinte; e o *e* surdo, que muitos lhe costumão ajuntar d'antes, não ser da classe das nossas vozes pequenas, ou communs: tambem este *e* nunca se faz longo por Posição em *Estado*, *Estudo*, *Estipendio*, *Estupendo*, *Esplendido*, e nas mais palavras semelhantes.

De tudo isto, que temos dicto, e dos exemplos, com que o comprovamos, se póde ver a falsidade, com que Antonio Jose dos Reis Lobato diz em sua Ar-

Arte de Grammatica da Lingua Portugueza, reimpressa em Lisboa em 1771 no Liv. VI. da *Prosodia*: „ Que a Syllaba longa he aquella, em cuja pronun„ ciação se levanta a voz ferindo-se a vogal... e Syl„ laba breve pelo contrario aquella, em cuja pronun„ ciação se abaixa a voz sem ferir a vogal „ affirmando na Nota (b) ao mesmo lugar que « Nas Linguas „ vulgares, rigorosamente falando, não ha Syllabas „ longas nem breves, por se distinguirem pelo accen„ to. „ Elle, como outros, confundio a quantidade com o Accento, couzas mui differentes, como ja vimos, e passamos a ver no Capitulo seguinte.

CAPITULO VII.

Das Modificações Prosodicas, accrescentadas aos vocabulos, e 2.° das que nascem do Accento.

Accento, que quer dizer *Canto accrescentado á palavra*, ou *Tom*, he a maior, ou menor elevação relativa, com que se pronuncião as vozes, nascida da maior ou menor intensidade, que as fibras da Glottis dão a seu som. A mesma differença, que ha entre hum som mais, ou menos intenso, e hum som mais, ou menos extenso; ha tambem entre o *Accento* e a *Quantidade* de huma Syllaba. Esta Syllaba póde ser longa e tão extensa como duas breves; e comtudo não ser intensa, como o he a que tem accento agudo. *O'rgão*, por exemplo, tem a ultima longa; porque he hum Diphthongo, comtudo o seu som não he tão intenso e agudo como o da primeira tambem longa. He pois certo não so nas Linguas Grega, e Latina, mas tambem na Portugueza que o accento das Syllabas he couza muito distincta da sua quantidade.

Os

Os Accentos simples são dois, *Agudo*, e *Grave*. O Agudo he aquelle, com que levantamos o tom da voz sobre qualquer Syllaba, e a apiamos com mais força. O Signal, com que os Gregos, e Romanos notavão este Accento agudo, era huma pequena linha vertical, lançada da direita para a esquerda sobre a vogal deste modo (´), como em *Chinó*.

O Accento grave pelo contrario he aquelle, com que depois de levantar o tom da voz, o abaixamos em huma, ou mais Syllabas, pronunciando-as com menos força e intensidade. O seu signal era a mesma linha vertical, porêm com direcção contraria á da aguda deste modo (`), como em *Chinò*.

Destes dois Accentos he composto o Accento *Circumflexo*, que he aquelle, com que sobre a mesma Syllaba em differentes tempos levantamos, e abaixamos successivamente o tom da voz. A sua figura he igualmente composta das duas linhas verticaes, que servem de nota ao Agudo e Grave, unidas em cima e abertas em baixo em fórma de angulo agudo deste modo (^), como em *Mêo*. O Grave he menos hum accento, do que huma privação do accento Agudo. Porque a voz nunca se abaixa senão depois de se ter levantado. Pelo que nas Syllabas, que se seguem á que tem o accento Agudo, se entende sempre o accento Grave, e por isso não se costuma escrever. As Syllabas, que no vocabulo precedem o accento Agudo, nem são Agudas nem Graves, e chamão-se *Não Agudas*, ou Indifferentes.

Nós fazemos dos signaes dos Accentos differente uso do que fazião os Gregos e os Romanos. Como não temos tantas vogaes, quantas são as vozes Portuguezas, servimos-nos dos Accentos para com as mesmas vogaes, diversamente accentuadas, distinguirmos as vozes grandes das pequenas; daquellas, notando as que são abertas com Accento Agudo, e as

que

que são fechadas com Accento Circumflexo; e estas sem nenhum. Porêm, como succede ordinariamente cahir o Accento Agudo, e o Circumflexo sobre as mesmas vozes que o tem realmente, ficão tendo dois usos entre nós os signaes do Accento Agudo e Circumflexo; hum para indicar a qualidade da voz, e outro para mostrar que he Aguda, ou Circumflexa. No primeiro são *Accentos Vogaes*, no segundo *Accentos Prosodicos.*

Alêm destes tres Accentos ha outro de *Aspiração*, que os Gregos notavão ao principio com dois ЕƎ virados hum para outro, ou unidos deste modo H, e depois com a figura de huma virgula ás avessas, lançada por cima da vogal; e os Romanos com o primitivo H dos Gregos, posto na mesma linha antes da vogal aspirada.

Este Accento de Aspiração he a maior affluencia e volume de ar, que o pulmão faz sair com impeto pela Glottis, quando esta fórma o som, que depois se converte em voz. A Lingua Portugueza differença-se muito nesta parte da Lingua Castelhana, que he abundantissima de aspirações, e por isso se faz algum tanto aspera e fatigante. A nossa não usa dellas se não nas Interjeições, em que são mui proprias para exprimirem o desafogo das paixões, pronunciando com ellas, e escrevendo ás vezes *ah*! *oh*! *hui*! *&c.*

Usa porêm frequentemente do H para outros fins; ja para figurar algumas Consonancias suas proprias, que os Romanos não tinhão, quaes são as Prolações, CH, LH, NH; ja para conservar as etymologias Gregas e Latinas, como em *Hypothese*, *Homem*; ja para distinguir os sons semelhantes, como *hà* verbo de *à* preposição, *hi* adverbio de *i* vogal, e *hum* nome de *um* vogal nasal. Como pois o Accento Aspirado tem pouco uso entre nós, e o Grave

se

se entende em todas as Syllabas depois da Aguda: tractaremos so dos Accentos Agudo, e Circumflexo, pondo primeiro os principios geraes, sobre que se fundão as Regras dos nossos Accentos, e depois as Regras mesmas.

§. I.

Principios Geraes.

I.°

Não ha palavra alguma, que per si faça corpo, a qual não tenha Accento Agudo, ou Circumflexo.

A Natureza (diz Cicero *Orat.* 58) *tomando, para assim dizer, a seu cargo o modular a Lingua dos homens, quiz que em toda palavra houvesse huma voz Aguda e não mais.* Se a não houvesse, as palavras ficarião monotonas, isto he, serião todas pronunciadas com hum mesmo tom, ou tezão das fibras da Glottis, que as cançaria logo. Alêm do que toda palavra, para ser huma, deve reunir todas as suas Syllabas em hum ponto commum de apoio, e este he a Aguda, para cuja elevação preparão as que precedem, e da mesma descem as que se seguem. Huma oração, composta de vocabulos monotonos, seria mais huma fiada de Syllabas, do que hum tecido de palavras.

II.°

O Accento Agudo nunca tem lugar senão em huma das tres ultimas Syllabas de qualquer vocabulo, ou a ultima, ou a penultima, ou a antepenultima. Para traz não póde passar.

Se passasse para traz, a pronunciação das Syllabas que se lhe seguissem, sería tão veloz e preci-

pitada que humas atropelariáo as outras, como se póde ver por experiencia.

III.°

Depois da Syllaba Aguda as que se lhe seguem são sempre graves, quer sejão breves, quer longas.

Depois da voz sobir na Aguda, necessariamente ha de descer a não tér de acabar nella. Ora as Syllabas, pelas quaes a voz desce e se abate, chamão-se graves. Logo as Syllabas, que se seguem á Aguda, necessariamente devem ser graves, quer sejão breves, quer longas; porque huma Syllaba póde ser extensa, sem ser intensa.

IV.°

A Syllaba Aguda sempre he longa, ou por natureza, ou por uso. Mas a longa nem sempre he Aguda.

Veja-se atraz a demostração deste principio, Cap. VI, e Regra VI.

V.°

Da Syllaba Aguda nunca se desce pelas Graves, se não ou por tres tempos em duas Syllabas, huma longa e outra breve; ou por dois tempos em duas breves; ou por hum só em huma breve, quer separada da Aguda, quer juncta com ella em Diphthongo, e neste ultimo caso o Accento he então Circumflexo.

Desce-se da Aguda, correndo tres tempos em duas Syllabas, somente com as Encliticas junctas ás fórmas dos verbos, que acabão por Diphthongo, tendo a Aguda na penultima, como: *Lóuvão-me*, *Louvárão-se*, *Louvássem-nos*. Desce-se por dois tempos em duas breves em todas as cadencias esdruxulas co-

mo *Pállido*, *Pállio*, *Contínuo.* Desce-se em fim por hum tempo em huma Syllaba breve, ja separada da Aguda, em todas as palavras que tem o Accento na penultima, como *Ponta*, *Ponte*; ja juncta com ella em Diphthongo, como em *Pâo*, *Pãô*, *Lêi*, *Louvarêi*, *Louvâis*; e então elevando-se a voz na Prepositiva e descendo na Subjunctiva dentro da mesma Syllaba, he o Accento Composto, ou *Circumflexo.*

VI.

Ás palavras, que per si não fazem corpo á parte, como são as Encliticas, estas não tem, nem podem ter Accento Agudo.

Chamão-se *Encliticas* as palavras ou particulas, que se acostão a outras no fim para com ellas serem pronunciadas continuadamente, debaixo do Accento Agudo das mesmas, quaes erão entre os Latinos as particulas *Que*, *Ne*, *Ve*, e entre nós todos os casos obliquos dos Determinativos Pessoaes, chamados Pronomes, quer da 1.ª pessoa *me*, *nos*, quer da 2.ª *te*, *vos*, quer da 3.ª, ou reciproco *se*, ou directos *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*; quando se ajuntão immediatamente aos verbos. Vejão-se adiante as razões deste principio.

§. II.

Regras dos Accentos.

REGRA I.

Tem Accento Agudo na ultima Syllaba todas as Palavras, quer sejão Nomes, quer Verbos, quer Particulas, que acabarem, ou em alguma das nossas cinco vozes grandes á, é, ê, ó, ô; ou nas duas communs i, u; ou em alguma das quatro Nasaes cla-

claras ă, ĭ, ŏ, ŭ, quer se escrevão assim, quer com m deste modo am, im, om, um; ou em algum dos Diphthongos Oraes ái, áo, éi, êi, éo, êo, ío, ói, ôi, úi, ou dos Nasaes ãi, ão, ẽe, õi, õo, ũi, quer se escrevão assim, quer de qualquer outro modo; e bem assim tem a ultima aguda todas as palavras, ou sejão nomes ou verbos, que acabarem no numero Singular por alguma das nossas tres Liquidas L, R, S, *ou esta ultima se escreva assim, ou com Z, como o uso introduzio.*

Demostração.

Assim tem a ultima Aguda as nossas palavras acabadas em á grande, como *Acolá*, *Alvará*, *Cá*, *Dá*, *Está*, *Já*, *Há*, *Lá* com suas compostas, e *Má*, *Maná*, *Oxalá*, *Pá*, *Pará*, *Piaçá*, *Quiçá*, *Tafetá*, e todas as terceiras pessoas do Singular dos Futuros Imperfeitos *Amará*, *Lerá*, *Ouvirá*, *&c.*

E bem assim as acabadas em *é* Grande Aberto, como *Alquilé*, *Até*, *Boé*, *Boldrié*, *Bujamé*, *Cachondé*, *Café*, *Chaminé*, *Fricasé*, *Galé*, *Libré*, *Maré*, *Pé*, com seus compostos, e *Polé*, *Ralé*, *Salé*, *Sé*, *Sodré*, *&c.*: ou em *ê* Grande Fechado, como *Estê*, *Lê*, *Vê*, e outros Imperativos semelhantes; *Mercê*, *&c.*

Os que acabão em ó Grande Aberto são: *Alijó*, *Avó*, *Beilhó*, *Chinó*, *Dó*, *Eiró*, *Enchó*, *Filhó*, *Ilhó*, *Linhó*, *Mantó*, *Mó*, *Nó*, *Notibó*, *Passó*, *Pó*, com seus compostos, e *Portaló*, *Roqueló*, *Teiró*, *Tremó*, *Ventó*, *Vinhó*, *&c.* E em *ô* Grande Fechado, como *Avô* com seus compostos, e todas as terceiras pessoas do Singular no Preterito Indicativo dos verbos em *ar*, como *Amou*, *Dou*, *Estou*, *Sou*, *Vou*, *&c.* Em fim todos os monosyllabos, que não são encliticos.

Excepções.

Esta Regra não tem excepção alguma senão 1.° Nas palavras acabadas em *i* e *u*, das quaes se tirão *Quasi*, e *Tribu*, com accento na penultima.

2.° Nas acabadas em *ão*, das quaes se tirão *Bénção*, *Frángão*, *O'rgão*, *Rábão*, *Sótão*, e todas as fórmas dos verbos em *ão* (excepto as do Futuro Imperfeito) como *Loúvão*, *Louvávão*, *Louvárão*, *Louvaríão*.

3.° Nas acabadas em *ẽe* ou *em*, das quaes se tirão *Hómem*, *O'rdem*, *Imágem*, com todos os que tem G antes de *em*, e todas as formas dos verbos acabadas em *em*, como *Loúvem*, *Louvássem*, *Louvárem*, *Témem*, *Pártem*, que tem o accento na penultima.

4.° Nas acabadas em L, R, S, das quaes se tirão, das primeiras *Tentúgal*, *Setúval*, todos os Adjectivos em *vel*, como *Admirável*, *Possível*, *&c.* e os em *ul* e *il*, como *Cônsul*, *Procônsul*, *Dócil*, *Débil*, *Fácil*, *Difficil*, *Fértil*, *Hábil*, *Verosímil*, *Portátil*, *U'til*: das segundas *Aljófar*, *A'mbar*, *Açúcar*, *Néctar*, *Mártyr*: e das terceiras *Alféres*, *Cális*, *E'rpes*, *Ourives*, *Símples*, com todos os Patronymicos em *es*, como *Domíngues*, *Gonçálves*, *Fernándes*, *&c.* os quaes todos tem o accento na penultima.

REGRA II.

Todas as palavras esdruxulas, isto he, de tres ou mais Syllabas com a ultima, e penultima breves, tem o accento agudo na antepenultima.

Taes são 1.° todas as fórmas dos verbos acabadas em *mos*, como *Armávamos*, *Recebéramos*, *Ouviríamos*, *Amássemos*. Exceptuão-se as do Presente, e

e Preterito Perfeito do Indicativo, como *Amãmos*, *Amámos*, *&c.*

2.º Todos os Superlativos, dirivados dos Latinos em *imus*, como *O'ptimo*, *Brevíssimo*, *&c.* e bem assim todas as palavras, dirivadas das Gregas e Latinas, que acabão em pe Dactylo, como *Geómetra*, *Número*, *Pérfido*, e infinitas outras.

3.º Grande parte dos nomes *Trisyllabos* e *Polysyllabos*, que tem a ultima e penultima breves, acaba em as vozes pequenas a-o, e-a, e-o, i-o, o-a, u-a, ou puras, ou articuladas com consonancias, como *Maníaco*, *Pífano*, *Nêspera*, *O'pera*, *Bebêras*, *Náfego*, *Sôfrego*, *Tráfego*, *Fôlego*, *Cáfila*, *Dádiva*, *Dúvida*, *Angústia*, *Brévia*, *Alivio*, *Annúncio*, *Sítio*, *Amêndoa*, *Anágoa*, *Frágoa*, *Legoa*, *Mágoa*, *Névoa*, *Nódoa*, *Póvoa*, *Táboa*, *Trégoa*, *Abóbora*, *Pólvora*, *Rémora*, *Têmporas*, *Contínuo*, *Assíduo*, *Resíduo*, *A'rduo*, *&c.*

REGRA III.

Todas as mais palavras a fóra as das duas Regras antecedentes, ou sejão dissyllabas, ou trisyllabas, ou polysyllabas, tem o Accento Agudo na penultima sem excepção alguma, como Vóto, Virtúde, Humanidáde.

Na Lingua Portugueza o Accento nunca muda da Syllaba em que está com o incremento das palavras, se não nos Adverbios de modo, e qualidade, formados dos Adjectivos com a addição *mente* adiante: porque então ou o Accento esteja na ultima, ou na antepenultima, sempre passa para a penultima, como *Magnífico*, *Magnificaménte*, *Particulár*, *Particularménte*. Nos mais incrementos do plural, ou dos nomes, ou dos verbos, ainda que o Accento fique mais atraz relativamente á Syllaba do incremen-

to;

to; fica comtudo immovel na mesma Syllaba, em que estava. Assim o *á* Agudo no Singular de *Capáz* fica igualmente Agudo no Plural *Capázes*, e o *á* Agudo de *Amára* fica o mesmo em *Amáramos*, so com a differença de ficar, ou na penultima, ou na antepenultima.

§. III.

Das Palavras Encliticas, que não tem Accento.

Chamão-se *Encliticas* as particulas de huma Lingua, que se encostão sobre a palavra antecedente, e se unem com ella de tal sorte, que não parecem fazer na pronunciação senão huma unica palavra com aquella, a que se ajuntão. Esta sociabilidade procede ja da sua pequenhez e brevidade, que não excede a duas Syllabas, e essas breves; ja por que occorrendo a cada passo no discurso estas Encliticas, se fizessem corpo á parte, obrigarião a fazer pausas mui curtas e repetidas, que fatigarião o pulmão em demazia; ja em fim, porque sendo destinadas para indicar as differentes relações das ideas, não ha couza mais conforme á razão do que ajuntar, para assim dizer, em hum corpo os termos das ideas, e os das suas relações.

He verdade que os Grammaticos dão o nome de *Encliticas* so áquellas particulas, que se ajuntão, não d'antes, mas depois das palavras para fazer com ellas hum como unico vocabulo debaixo do mesmo accento, taes como as Latinas *Que*, *Ne*, *Ve*, e as Portuguezas *Co*, *Go*, com os casos obliquos dos Pronomes *Migo*, *Nosco*, *Tigo*, *Vosco*, *Sigo*. Mas he porque o uso da Lingua não permitte estas particulas senão pospostas aos vocabulos. O uso porêm da nossa admitte as Encliticas tanto depois como antes dos vocabulos. Quintiliano mesmo (*Inst. or.* I, 9) reconhece muitas palavras, que pronunciadas separadamen-

mente teriáo o seu accento proprio, junctas traz outras o perdem, fazendo com ellas hum como mesmo vocabulo sem distincção de pausas, como *Circum Litora*.

Seja como fôr, huma das propriedades destas palavras Encliticas, quer estejão antes, quer depois, he não terem accento proprio, e communicarem-se o da palavra a que se aggregão. As que sempre precedem os Nomes, são o nosso Artigo, e algumas Preposições, que não so a pronunciação, mas ainda a escriptura mesma costuma incorporar á palavra seguinte.

As Encliticas dos Verbos são todos os casos obliquos dos Pronomes, a saber, *me*, *nos*, *te*, *vos*, *se*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*. Todos elles, segundo mais convem ou ao sentido, ou á collocação, podem, ou hir diante os Verbos, como *Louvo-me*, *Louvamos-nos*, *Louva-te*, *Louvai-vos*, *Louvar-se*, *Louval-o*, *Louval-a*, *Louval-os*, *Louval-as*, *Fazer-lhe*, *Fazer-lhes*: ou atraz como: *Eu me Louvo*, *Tu te Louvas*, *Elle se Louva*, *&c.* ou no meio, como *Louvar-me-ia*, *Louvar-te-ĕi*, *&c.*

Outra propriedade destas Encliticas he não se poderem ajuntar depois dos Verbos, senão quando elles tem o accento na ultima, ou na penultima. Se elles porêm o tem na antepenultima, de necessidade os devem então preceder, para o accento não ficar para traz da antepenultima, como ficaria se dissessemos: *Amáramos-te*, *Amaríamos-o*, *Louvássemos-lhes*. Pois, como as Encliticas fazem hum mesmo corpo com as palavras a que se acostão, e debaixo de cujo accento vão; se nestes casos se podessem pospôr, seguir-se-hia que o accento poderia retroceder para traz da antepenultima: o que he contra o Principio II, que atraz puzemos. Comtudo o uso da nossa Lingua faz huma excepção nesta regra, ajuntando algumas

ve-

vezes duas Encliticas aos Participios Imperfeitos, chamados Gerundios, na sua voz Reflexa Passiva, não obstante terem sempre o accento na penultima, dizendo: *Dando-se-me*, *Ensinando-se-lhes*, *&c.*

CAPITULO VIII.

Dos Vicios da Pronunciação.

ENTRE as differentes pronunciações, de que usa qualquer Nação nas suas differentes provincias, não se póde negar que a da Corte, e territorio, em que a mesma se acha, seja preferivel ás mais, e a que lhes deva servir de Regra. Os Gregos, e Romanos assim o julgavão; aquelles a respeito de Athenas, e estes a respeito de Roma; e nós o devemos igualmente julgar a respeito de Lisboa, ha muitos annos Corte de nossos Reis, e centro politico de toda a Nação. O maior numero de gente, que habita nas Cortes; a variedade de talentos, estudos, e profissões; a multiplicidade de necessidades, que o luxo nellas introduz necessariamente; as negociações de toda a especie, que a dependencia do Throno a ellas traz; o seu maior commercio, policia, e civilidade: tudo isto requer hum circulo maior de ideas, de combinações, de raciocinios do que nas provincias, e por consequencia tambem hum maior numero de palavras, de expressões, e de discursos, cujo uso frequente e repetido emenda insensivelmente os defeitos, que são custosos ao orgão, e desagradaveis ao ouvido, e fixa os sons da Lingua, que a falta de uso e de tracto deixa incertos e inconstantes nas provincias, e lugares menos frequentados.

O uso porêm da Corte não he o uso do Povo; mas sim o da gente mais civilizada e instruida. Entre aquelle grassão pronunciações não menos viciosas, que

que nas provincias; mas que os homens polidos estranhão. O que não succede nas das provincias, com que são criados aquelles mesmos que bem o são; e por isso não as emendão senão com o tracto da Corte, ou de pessoas, que falão tão bem como nella.

Reduzindo ja a certos pontos os vicios da pronunciação; estes procedem ou da *Troca* das vozes, das Consonancias, dos Diphthongos, e das Syllabas, humas por outras; ou do *Accrescentamento*, *Diminuição*, ou *Transposição* dos sons, de que se compõem os vocabulos da Lingua.

Assim, *trocando* o *a* Grande em pequeno, dizem os Brazileiros *vădio*, *sădio*, *ătivo* em lugar de *vādío*, *sādío*, *āctívo*; e ás avessas pondo o *á* Grande pelo pequeno, pronuncião *āqui* em lugar de *ăqui*. O mesmo fazem com o *e*; ja pronunciando-o como *e* pequeno breve em lugar do Grande e Aberto em *Prĕgar* por *Prēgar*, ja mudando o *e* pequeno e breve em *i*, dizendo *Minino*, *Filiz*, *Binigno*, *Mi dêo*, *Ti dêo*, *Si firio*, *Lhi dêo*.

Os Algarvios tambem dizem *Pidaço*, *Cigueira*, *Pidir*, *&c.* e ás avessas mudão o *i* em *e*, pronunciando *Dezêr*, *Fezéra* em lugar de *Dizer*, *Fizera*, *&c.*

Os Minhotos trocão tambem o *ó* Grande Fechado pelo *õ* til Nasal, e o *ũ* Oral pelo mesmo Nasal, dizendo: *Bõa* em lugar de *Bôa*, e *Hũa* em lugar de *Huma*.

Porêm ninguem, como os Rusticos, faz tantas trocas de vozes humas por outras dizendo: *Antre*, *Precurador*, *Proluxo*, *Rezão*, *Titôr* em lugar de *Entre*, *Procurador*, *Prolixo*, *Razão*, *Tutôr*, e outros muitos.

Mas não são so os Rusticos os que se enganão nisto. Muita gente polida pronuncia no plural com *ó* Grande Fechado, como no singular, os nomes que

tem dois *oo* na penultima e ultima dizendo: *Soccôrro Soccôrros*, e não *Soccórros*, *Gostôso*, *Gostôsos*, e não *Gostósos*; ou não fazendo excepção da regra, dizem pelo contrario: *Espôso Espósos*, *Gôsto Góstos*, *Lôgro Lógros*, *&c.*

O mesmo vicio, ou ainda maior ha na *Troca* das Consonancias, pondo humas por outras. Os Minhotos trocão por habito o B por V, e o V por B dizendo: *Binho*, *Lovo*, *Vraço* em lugar de *Vinho*, *Lobo*, *Braço*; e pelo contrario *S. Vento* em lugar de *S. Bento*, *Vondade* em lugar de *Bondade*.

Os Brazileiros pronuncião como Z o S liquido, quando se acha sem voz diante, ou no meio, ou no fim do vocabulo, dizendo: *Mizterio*, *Fazto*, *Livroz novoz*, em vez de *Misterio*, *Fasto*, *Livros novos*.

E os Rusticos mudão o Z em G, quando dizem, *Vigitar*, *Fagêr*, *Heregia*, e bem assim o D em L, o X em V, o S em X, e o R em L, e ás avessas, quando dizem: *Leixou*, *Trouve*, *Dixe*, *Priol*, *Negrigente* em vez de *Deixou*, *Trouxe*, *Disse*, *Prior*, *Negligente*. Tambem mudão frequentemente em *lhe*, *lhes* a palatal forte na sua liquida L dizendo: *Le disse*, *Les disse* em lugar de *Lhe disse*, *Lhes disse*.

O mesmo vicio, que ha na troca das vozes e das Consonancias humas por outras, ha tambem na troca de huns Diphthongos por outros, e de humas Syllabas por outras. Os Minhotos mudão sempre o nosso Diphthongo Nasal *ão* em *om*, dizendo: *Sujeiçom*, *Razom*, *Amarom*, *Fizerom* em lugar de *Sujeição*, *Razão*, *Amarão*, *Fizerão*; e pronuncião *ou* como *ão*, v. gr. *São certo* em lugar de *Sou certo*, *Estão bem* em lugar de *Estou bem*.

Os Algarvios, e Alemtejãos dão *êi* por *êu* dizendo: *Mêi Pai*, *Mêis Amigos*; e os Rusticos das Pro-

Provincias e ainda dos arrabaldes de Lisboa trocão os Diphthongos Nasaes *ão*, *õe*, em *ãe*, dizendo: *Tostães*, *Grães* em lugar de *Tostões*, *Grãos*.

Outro modo de errar na pronunciação da Lingua he, ou *accrescentando* mais vozes áquellas, de que naturalmente he composto o vocabulo; ou *diminuindo-as*; ou conservados os mesmos sons, *invertendo-lhes* a ordem de sua composição. Os Beirões desfigurão muitas palavras com estes accrescentamentos superfluos. São muito amigos de ajuntar hum *i*, ja ao *ó* Grande Fechado, dizendo: *Côive*, *Ôivir* em lugar de *Couve*, *Ouvir*; ja ao Artigo feminino *a*, e á 3.ª pessoa do verbo *ser há*, dizendo: *ai agua*, *hay alma*; ja ao *é* Grande Aberto dizendo: *héi justo*, *héi certo*; ja ao *u*, dizendo *Fruita*, *Fruitas*. Os Algarvios, e Alemtejãos tambem tem este vicio. Pois dizem: *Seis i horas*, *Hé i bom*, *&c*: e o Povo rustico accrescenta hum *a* ao principio de muitas palavras, e outras consoantes pelo meio dellas, pronunciando: *Adeão*, *Alanterna*, *Avoar*, *Ouvidio*, *Astrever-se* em lugar de *Deão*, *Lanterna*, *Voar*, *Ouvido*, *Atrever-se*, e assim outras muitas.

Pelo contrario o mesmo Povo rustico tira muitas vezes as vozes precizas ás palavras, pronunciando: *Cal*, *Calidade*, *Maginação* por *Qual*, *Qualidade*, *Imaginação*, *&c*. e os Brazileiros tambem subtrahem ao Diphtphongo *ai* a prepositiva dizendo *Pixão* em lugar de *Paixão*.

Mas o peior vicio de todos, e o que mostra mais rusticidade, he o de *inverter* os sons das palavras, perturbando a ordem de suas Syllabas, e dizer, por exemplo: *Alvidrár* por *Arbitrár*, *Crélgo* por *Clérigo*, *Fról* por *Flôr*, *Contrairo* por *Contrario*, *Maninconia* por *Melancolia*, *Pouchana* por *Choupana*, *Fanatego* por *Fanatico*, *Percissão* por *Procissão*,

Preguntar por *Perguntar*, *Prove* por *Pobre*, e *Socresto* por *Sequestro*, e assim infinitas outras.

O meio unico e o mais geral para emendar no Povo estes e outros vicios da Linguagem, e rectificar a sua pronunciação he o das Escholas Publicas das Primeiras Letras; onde a Leitura e Pronunciação se aprende por principios, conhecendo e distinguindo practicamente os sons elementares da Lingua, e ensaiando-se debaixo da direcção de bons Mestres a pronuncial-os com toda a certeza, e expressão, e a combinal-os depois, ja soletrando-os, ja syllabando-os, ja pronunciando-os junctamente nos vocabulos, e no discurso, e ligando tudo por meio de huma Leitura certa, desembaraçada, e elegante; o que nunca se conseguirá com os methodos e cartas informes, e mais escriptos de letra tirada, de que até agora se tem usado; mas sim com Abecedarios e Syllabarios exactos e completos, e principiando a Leitura por cartas e livros de letra impressa, mais regular, mais uniforme, mais certa, e por isso mesmo tambem mais facil, e mais propria para dar o leite das Primeiras Letras á tenra idade. Os Meninos, em quanto tem os orgãos flexiveis, facilmente contrahem o habito de pronunciar bem a sua Lingua, ouvindo-a falar assim a seus Mestres, e Condiscipulos ja adiantados; e quando vem a ser pais de familias, communicão a seus filhos a mesma Linguagem; porque não sabem outra.

Mas « nem todolos que ensinam a ler e escre-
» ver (diz João de Barros *Dial. em louvor da nossa*
» *Linguagem*, ediç. de Lisboa 1785 pag. 131) nã
» sã pera o officio que tem, quãto mais entẽdella,
» por crara que seia. E ainda que isto nã seia pera
» ty; dilloey pera quem me ouvir, como homẽ ze-
» loso do bem comũ. Hũa das couzas menos olha-
» da, que á nestes reinos ẹ consentir ẽ todalas no-
» bres

„ bres villas, e cidades qualquer idiota, e nã aprovado em costumes de bõo viver, poer escola de insinár mininos. E hũ çapateiro, que é o mais baixo officio dos macanicos, nã põem téda sem ser examinado, e este todo o mal que faz é danár a sua pelle, e nã o cabedal alheo; e máos mestres leixão os discipulos danados pera toda sua vida, nã sómente com vicios d'alma, de que poderamos dar exemplos; mas ainda no modo de os ensinar.

„ Porque avendo de ser por hũa cartinha que ahy á de letra redonda, porque os mininos levemente sôberão ler, e assy os preceitos da nossa fe, que nella está escriptos; convértem-os a estas doutrinas moráes de bõos costumes: *Saibão quantos esta carta de venda.* E depois disto *Aos tãtos dias de tal mes &c. e perguntado pelo costume disse nichil.* De maneira que, quando hũ moço say da escola, nã fica cõ *nichil*; mas pode fazer milhor hũa demanda, que hũ solicitador dellas; porque mãma estas doutrinas Catholicas no leite da primeira idade. E o que pior é, que per letera tirada andã hũ anno aprendendo por hũ feito: porque a cada folha começa novamente a conhecer a diferença da letera, que causou o aparo da pena, cõ que o escrivam fez outro termo judicial. „

E com isto concluimos as Regras, e observações da *Orthoepia Portugueza*, que a Orthographia representa por meio dos caracteres Litteraes, como passamos a ver no livro seguinte.

Fim da Orthoepia.

GRAM-

GRAMMATICA PHILOSOPHICA DA LINGUA PORTUGUEZA.

LIVRO II.

Da Orthographia, ou boa Escriptura da Lingua Portugueza.

A *Orthographia* he a Arte de escrever certo, isto he, de representar exactamente aos olhos por meio dos caracteres Litteraes do Alphabeto Nacional, os sons, nem mais nem menos, de qualquer vocabulo, e na mesma ordem, com que se pronuncião no uso vivo da Lingua: ou bem assim os que o mesmo vocabulo em outro tempo teve nas Linguas mortas, donde o houvemos.

Assim o vocabulo *Ortografia*, escripto por este modo, representa ao justo os sons de sua pronunciação viva na Lingua Portugueza. Porêm escripto, como se vê ao principio, representa, não so os sons, que tem presentemente, mas tambem os que teve em outro tempo no uso vivo da Lingua Grega, donde o houvemos.

A primeira Orthographia chama-se da *Pronuncia-*

cia-

ciação; porque não emprega caracteres alguns ociosos e sem valor: mas tão somente os que correspondem aos sons vivos da Lingua. A segunda chama-se *Etymologica*, ou de *Dirivação*; porque admitte letras, que presentemente não tem outro prestimo senão para mostrar a origem das palavras.

Entre estas duas Orthographias caminha a *usual*, assim chamada, porque não tem outra auctoridade se não a do uso presente e dominante; ja para seguir as Etymologias, e introduzir arbitrariamente escripturas mui alheas da pronunciação presente; ja para não fazer caso da dirivação mesma, e incoherente em seus procedimentos escrever, por ex.: *He*, *Huma* com H, que não ha na origem Latina; e *Filosofia*, e *Fyzica* com F e Z, que não ha nas palavras Gregas.

Ja se vê que as Orthographias *Etymologica* e *Usual* estão totalmente fóra do alcance do Povo illitterato. Porque nenhuma regra segura se lhe póde dar, ou elle perceber para deixar de errar a cada passo, que não seja a de largar a penna a qualquer palavra, que queira escrever, para consultar o vocabulario da Lingua.

Porêm a Orthographia da *Pronunciação* não he assim. Rectificada que seja esta; não tem elle mais do que distinguir os sons, quer simples, quer compostos, de que consta qualquer palavra, e figural-os com os caracteres proprios, que os Alphabetos Nacionaes para isso lhe dão.

Mas esta Orthographia, ou por facil, ou por estranha ao uso presente da Nação, não he do gosto dos homens Litteratos, que não tendo a mesma dificuldade que tem os idiotas, para escreverem segundo as Etymologias, julgarião ter perdido seus estudos, se por isto se não distinguissem do vulgo imperito. Eu, para satisfazer a todos, porei primeiro as Regras communs a todas as Orthographias, e depois

pois as proprias a cada huma dellas. Quem quizer poderá escolher.

Toda Orthographia tem duas partes. A primeira he a união bem ordenada das Letras de qualquer vocabulo, correspondentes aos sons, e á sua ordem na boa pronunciação do mesmo. A segunda he a separação dos mesmos vocabulos e orações na Escriptura continuada, segundo a distincção, e subordinação das ideas e sentidos, que exprimem. Aquella he objecto da Orthographia, tomada em hum sentido mais restricto; e esta he objecto da *Pontuação.* Do que tudo passo a tractar por esta mesma ordem.

CAPITULO I.

Regras Communs a todas as Orthographias.

REGRA I.

TOdos convem que, para escrever as palavras, que são proprias e nativas da Lingua Portugueza, não se deve usar de outros caracteres, se não dos que o uso da Nação adoptou para isso.

O uso da Nação adoptou para isto 31 Caracteres fundamentaes, a saber: 5 *vogaes oraes* A, E, I, O, U; 5 *Nasaes* Ã, Ẽ, Ĩ, Õ, Ũ; e 21 *Consoantes* B, P, M, V, F, G, C, D, T, S (com vogal diante) Z, S, (sem vogal diante), X, J, CH, N, NH, L, LH, R, RR, como se póde ver no Livro I. da *Orthoepia*, Cap. I, e II. Para exprimir as duas Gutturaes antes de E e I ajuntou ás Consoantes simples as duas Prolações GU, QU, e usa muitas vezes do Ç cedilhado em lugar do S, e do G em lugar do J antes de E e I.

Este he o verdadeiro Abecedario do uso Nacional.

nal. O Abecedario vulgar, ou Typographico de 23 Letras, a saber: A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, X, Y, Z, por huma parte he incompleto e falto não menos que de onze Letras, a saber: das cinco Nasaes Ã, Ẽ, Ĩ, Õ, Ũ; das duas Consoantes J, e V, e das quatro Prolações CH, NH, LH, RR, que são humas verdadeiras Consoantes, posto que figuradas com duas Letras: e por outra parte o mesmo Abecedario vulgar he sobejo de tres Letras, a saber: o K, e Y, que são Gregas, e o H, que, ainda sendo signal de aspiração, não deve ter lugar entre as Consoantes, mas sim entre os Accentos Prosodicos, aonde pertence. Não falo ja na desordem fortuita do mesmo Abecedario vulgar, em que as vozes se vem misturadas com as Consoantes, e estas sem ordem alguma entre si; antes contra toda a serie de sua geração, e dos orgãos, a que pertencem.

REGRA II.

Todos presentemente concordão em que nenhuma das Letras, ou Vogaes, ou Consoantes se deve dobrar no principio e fim das palavras.

Os nossos antigos dobravão no fim as vogaes grandes e as Nasaes, escrevendo: *Sáa*, *Sée*, *Sóo*, *Caiir*, *Crúu*, *Maçãa*, *Sõos*, *Malsĩis.* Mas huma vogal so accentuada val o mesmo. Ja em *Arrazôo*, *Môo*, *Vôo*, e outras semelhantes dobrão-se as vogaes; porque as duas vozes são differentes.

REGRA III.

Todos ainda os mais apaixonados pelas Etymologias, assentão não ser justo metter na escriptu-

ra das palavras Portuguezas Letras desnecessarias, e que lhes não competem, nem em razão da pronunciação, nem em razão da dirivação.

Como: escrever com H *He*, *Hum*, e com E no principio *Esparto*, *Espaço*, *Estatua*, *Espirito*, *Especie*, *Estudo*, *&c.* quando nem a pronunciação o pede, nem as palavras Latinas *Est*, *Unus*, *Spartum*, *Spatium*, *Statua*, *Spiritus*, *Species*, *Studium* o tem, nem o mesmo se practica em outras semelhantes, como em *Scena*, *Sciencia*, *Scipião*, *&c.*

REGRA IV.

Todas as nossas Letras, tendo no presente uso da escriptura duas figuras; huma grande como A, B, C, D, E, &c. *e outra pequena como* a, b, c, d, e, &c. *he practica conforme não metter nunca Letra grande no meio das palavras, e pol-a sempre no principio.*

1.° Dos Frontispicios, dos Livros, dos Capitulos, &c. e da primeira palavra de qualquer oração depois de ponto final, ou simples, ou de Interrogação e de Exclamação: e bem assim no principio de qualquer verso, ou de qualquer discurso que se relata de outrem, ainda que precedão so dois pontos;

2.° Dos Nomes proprios, quer sejão de pessoas, como *Alexandre*, *Cesar*; quer de animaes, como *Bucephalo*, quer de couzas, como *Portugal*, *Brazil*, *&c.*

3.° Dos nomes ainda communs, quando como titulos de honra e de dignidade são applicados a pessoas particulares, como *Papa*, *Bispo*, *Rei*, *Desembargador*; e bem assim quando são nomes patrios e gentilicos: Os *Portuguezes*, os *Menezes*, ou fazem o objecto principal do discurso, como *Philosophia*, *Rhetorica*, *Poesia*, *Pintura*, *Lei*, *Decreto*, *Alvará*, *&c.*

RE-

REGRA V.

Todos convem em que, para representar todas as nossas 10 *vozes oraes, mostradas na Taboa Cap. I. da Orthoepia, nos sirvamos so das cinco vogaes* a, e, i, o, u; *porêm com a differença dos Accentos vogaes, com que se distinguem, todas as vezes que esta distincção for necessaria para huma palavra univoca se não confundir com outra, como sem elles se confundirião* Pára *verbo com* Para *preposição,* Sé *nome com* Sê *verbo e* Se *Conjuncção,* Avó *feminino com* Avô *masculino, e* Amárão *preterito com* Amaráõ *futuro.*

As nossas duas vozes Grandes Fechadas ê, ô nunca occorrem nas palavras sem nas mesmas vozes cahir o accento agudo, e assim o seu mesmo accento vogal serve tambem de accento prosodico, como em *Barrête*, *Môco.* Porêm não succede ja o mesmo com as nossas tres vozes Grandes Abertas á, é, ó, quando nas palavras se achão antes da Syllaba aguda como em *Vadio*, *Pregar*, *Sozinho* e outras muitas. Preoccupado o accento pela Syllaba aguda, ja com elle se não podem notar as vozes abertas, que o precedem.

Havendo porêm necessidade de distinguir com isto duas palavras equivocas como *Prégar* (prædicare), e *Pregar* (figere): seria bom para estes casos tornar a introduzir o ȩ dobrado de que usa para os mesmos casos o nosso João de Barros, ou dobrar a vogal, escrevendo *Vaadío*, *Prégar*, ou *Preegar*, *Sosínho.* Pelo que pertence ás duas escripturas do ô Grande Fechado, figurando-o, ou com o accento circumflexo por cima, ou com o *u* adiante deste modo *ou*: quando elle he final, pode-se adoptar a primeira para os nomes, escrevendo *Avô*, e a segunda para

os verbos, escrevendo *Amou*, *Dou*, *Sou*, *Vou*, *&c.* e geralmente quando o *au* Latino se converte no *au* Portuguez, como *Ouço*, *Pouco*, *Rouco*.

REGRA VI.

Para na escriptura distinguir as vozes, que na pronunciação são surdas e ambiguas, e saber se havemos de escrever i *ou* e, o *ou* u: *ou estas vozes vem antes da Syllaba aguda, ou depois. Se vem d'antes, não ha outro meio para as conhecer e determinar se não o de variar com outra formação, ou declinação a mesma palavra de sorte que a voz ambigua passe a ser huma das grandes; e então o seu som confuso se fará distincto para se escrever com a sua vogal propria.*

Assim, para eu saber com que vogal hei de escrever as primeiras vozes surdas dos dois verbos *Cear* e *Ciar*, e dos dois *Sóar* e *Suar*; não tenho mais do que pol-as no presente do Indicativo *Cêo*, *Cío*, *Sôo*, *Súo*, e logo vejo a vogal com que os devo escrever nas mais fórmas dos mesmos verbos. O mesmo succede nos nomes. Assim, por ex.: *Asseado*, *Fofice* sei que se hão de escrever deste modo; porque digo *Asséo*, *Fôfo*, donde os primeiros se dirivão.

Se porêm as dictas vozes surdas vem depois da Syllaba aguda; a que sôa como *i*, deve-se escrever com *e* como *Coíme*, *Prudénte*, *Sángue*, *Ténue*; e a que sôa como *u* deve-se escrever com *o* como *António*, *Márcos*, *Affécto*, *Amamos*, *Lemos*, *Ouvimos*; e sendo duas as que sôão como *u*, a primeira deve-se escrever de ordinario com esta vogal, e a segunda com *o*, como *Continuo*, *Assiduo*, *Arduo*. Nos Diphthongos o uso mesmo não tem feito escrupulo em escrever as subjunctivas surdas de hum mesmo Diphthongo ja com *e*, ja com *i* em *Bôi*, *Poes*; e ja com *o*,

ja

ja com *u*, como *Eu*, *Méo*, *Téo*. Mas da Orthographia destes Diphtongos falaremos logo.

REGRA VII.

Todos concordão em que as nossas cinco vozes Nasaes claras se podem escrever ou simplesmente com o til por cima deste modo: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ; *ou com* M *ou* N *adiante*: *com a differença porém que sendo finaes, ou ficando antes de* B, P, M, *sempre se devem escrever com* M, *e em todos os mais casos com* N, *como* Sã, *ou* São, Santo, Campa, Tenro, Tempo, Sĩ *ou* Sim, Sinto, Simples, Sõ *ou* Som, Sonda, Zombo, Ũ *ou* Um, Atum, Tunda, Tumba.

REGRA VIII.

A respeito da Orthographia dos nossos 10 *Diphthongos oraes, nenhuma discrepancia ha pelo que pertence á escriptura das suas prepositivas, qual se vê na Taboa do mesmo Cap. III. da Orthoepia. Pelo que pertence porém á das suas subjunctivas, que sempre são surdas, póde haver duvida se se hão de escrever com* e *ou com* i *em huns Diphthongos, e em outros se com* o *ou com* u.

Todos porêm concordão que, escrevendo-se as primeiras uniformemente com i deste modo: ai, éi, êi, ói, ôi, ui, nenhum inconveniente ha nisto: e a respeito das segundas o uso concorde de todos he escrevel-os com u estando no principio, ou meio do vocabulo, e com o, sendo finaes deste modo: *Páuta*, *Páo*, *Céo*, *Cêuta*, *Lêo*, *Ouvío*. O mesmo uso porêm, escrevendo o pronome *Eu* sempre com u, não obstante vir do Latino *Ego*, varía nos possessivos, escrevendo ja com o *Mêo*, *Têo*, *Sêo*, segundo a Analogia Orthographica dos mais adjectivos em *us*; ja

com

com u *Mêu*, *Têu*, *Sêu*, apegando-se á origem e conformando-se com a escriptura do primitivo *Eu*. Quem seguir constantemente qualquer destas duas Orthographias, escreve bem.

REGRA IX.

Pelo que pertence á Orthographia dos nossos 6 Diphthongos Nasaes; as escripturas são varias e desconformes, como se póde ver na mesma Taboa. *Porêm todos assentão não haver inconveniente algum em as suas prepositivas se escreverem uniformemente, quer no singular, quer no plural dos nomes e dos verbos com o til por cima. E pelo que pertence ás vozes surdas e ambiguas que compõem as suas subjunctivas; nas que tem o som confuso de* o *ou* u *escrever sempre* o, *assim* ão, õo, *e nas que soão entre* e, *e* i *pôr* e *no Diphthongo de* õe *e* ẽe; *e* i *nos de* ãi, *e* ũi, *deste modo: Mão, Mãos, Bõo, Bõos, Põe, Pões, Lição, Lições, Bẽe, Bẽes, Mãi, Mãis, Rui, Ruis; escripturas as mais auctorizadas pelo uso de nossos antigos Escriptores.*

Todos pelo contrario assentão haver nas mais escripturas estes tres grandes inconvenientes, a saber:

1.° O de equivocar a escriptura dos Diphthongos Nasaes com a das Nasaes simples, e por consequencia as palavras, que nada tem de equivoco na pronunciação, escrevendo por ex.: *Irmão* como *Irmam*, *Bõo* com a pronunciação da Extremadura como *Bom* com a do Minho, e *Bendizer* como *Benzêr*.

2.° A de pôr nos pluraes dos Nomes o N, signal de Nasalidade, fóra do seu lugar, depois do Diphthongo, quando, como o *Til*, devia cahir sobre a prepositiva do mesmo, escrevendo deste modo *Saons* em lugar de *Sãos*, *Bons* em lugar de *Bõos*, *Tostoens* em lugar de *Tostões*, *Refens* em lugar de *Refẽes*,

def, *Caens* em lugar de *Cães*, e *Ruins* em lugar *ẽes Rũis*.

3.º O de furtar a alguns Diphthongos a sua subjunctiva com escrever com huma vogal so *Pam*, *Bom*, *Bem*, que val o mesmo que *Pã*, *Bõ*, *Bẽ*, em lugar de duas *Pão*, *Bõo*, *Bẽe*, *&c.*

REGRA X.

Nenhuma Orthographia dobra nas palavras as quatro consoantes V, Z, J, X *nem tão pouco as cinco prolações* CH, LH, NH, GU, QU. *As mais, fóra estas nunca se dobrão, se não entre vogaes, como o* R *quando he forte e aspero escrevendo Carro, Carregar com dois* RR, *porque está entre vogaes; e pelo contrario Abalroar, Honra, Genro com hum só* R, *porque não se acha entre vogaes.*

REGRA XI.

Como, para figurar cada huma das nossas duas consonancias Gutturaes, temos dois caracteres Litteraes, hum simples G, C, *dos quaes nos servimos como Gutturaes so antes de* a, o, u; *e outro composto como* GU, QU, *dos quaes usamos so antes de* e, *e* i: *todas as Orthographias convem neste uso.*

Porêm todas tambem deverião na escriptura fazer distincção do U quando he mudo, como o he em *Quatorze*, *Gueto*, *Quoto*, *Quita*, e quando o não he, mas sim vogal, como em *Qual*, *Cuarda*, *Equestre*, *Quinquagesima*, *&c.* E para tirar toda a equivocação bom seria introduzir na nossa Orthographia o signal da Dierese chamado *Trema* pelos Francezes, que são dois pontos horisontaes sobre o ü quando tem valor, e fazer o mesmo no concurso das duas vogaes, quando fazem Diphthongo; e quando

não,

não, usando do mesmo signal na primeira vogal, quando não faz Diphthongo, como em *Rio* (Fluvius) e não, quando o faz, como em *Rio* (Risit). O que se deverá practicar sempre que o accento agudo esteja na primeira vogal. Estando porêm na segunda o mesmo accento tira toda a duvida como em *Caia Caía*, *Teu Teúdo*, *Môio Moído*, *Lauda Alaúde*, *Rui Ruina*, *&c.*

REGRA XII.

Para partir as palavras pelas Syllabas, e não partir nunca estas; póde servir de Regra geral na Orthographia Portugueza o seguinte: Ou a palavra se parte entre vogaes, ou entre vogal e consoante, ou entre consoantes.

Se se parte entre vogaes, huma deve ficar no fim da regra e outra vir para o principio da regra seguinte, excepto havendo Diphthongo, ou Synerese; porque então huma couza e outra deve ficar inteira no fim da regra, ou vir inteira para o principio da outra. Assim partiremos *Leal*, *Joia*, *Luar*, *Joeira*, *Qualidade* deste modo: *Le-al*, *Joi-a*, *Lu-ar*, *Jo-eira*, *Qua-lidade.*

Se a palavra se houver de partir entre vogal, e huma consoante; a vogal ficará no fim da regra, e a consoante, não sendo final, passará para a regra seguinte para fazer Syllaba com a voz, que se lhe seguir, deste modo: *A-mi-go*, *A-mi-za-de.*

Se a palavra se houver de partir entre muitas consoantes continuadas de differente especie, e a primeira dellas for huma destas sete B, D, L, R, S, e tambem M, N, não tendo vogal diante; por esta mesma se dividirá, ficando no fim da regra, e trazendo as mais para o principio da regra seguinte, como pertencentes á voz immediata, deste modo:

Ob-

Ob-rigar, *Ab-soluto*, *Ad-mittido*, *Con-stante*, *Comprehender*, *Al-tar*, *Ar-ma*, *As-tro*, *Inde-mnizar*, *O-mnipotente*. Em *Obra* ha syncope de *Obera*. (opera). Por isso o B vai para a vogal seguinte como em *O-peração*. Se as consoantes são da mesma especie; huma fica no fim da regra, e a outra passa para o principio da outra.

Esta regra não tem se não huma excepção, que he nos vocabulos compostos de duas ou mais palavras, nos quaes, como se devem partir so pelas junctas dos membros de sua composição, ás vezes succede pertencer o *S* ao seguinte membro, e não ao antecedente, como: em *De-struir*, *Re-stituir*, *Re-star*, *Pre-star*, *Pre-screver*, *De-scender*, *In-sculpir*, *Obscurecer*, *Con-spirar*, *Re-sponder*, *Re-splendecer*, *A-spergir*, &c. Mas isto acontece em mui poucas palavras, e em todas as mais a excepção mesma entra na Regra geral da sua divisão. Taes são as regras communs a todos os Systemas de Orthographia. Passemos ja ás que são proprias a cada hum delles.

CAPITULO II.

Regras proprias da Orthographia Etymologica, e Usual.

REGRA UNICA GERAL.

TOda a palavra Portugueza, que for dirivada ou da Lingua Grega, ou da Latina, deve conservar na escriptura os caracteres da sua origem, que se poderem representar pelos do nosso Alphabeto, e forem compativeis com a nossa pronunciação. Mas o uso faz nesta regra todas as excepções, que quer.

DEMOSTRAÇÃO.

Os Caracteres proprios da Lingua Grega, que não entrão no nosso Alphabeto Nacional, mas que se podem substituir com as nossas Letras, são sete, a saber: dois simples que são o *Kappa* e o *Ypsilon*; quatro aspirados, a saber o *Théta*, o *Phi*, o *Rho*, e o *Chi*, e hum duples que he o *Psi*; porque o X he commum á Lingua Latina.

Os proprios desta com o valor, que lhes deo a pronunciação corrupta da inferior idade, são outros sete, a saber: o H sem valor algum de aspiração; o duples X, valendo ja por CS como entre os Gregos e Latinos, ja por IS no uso da nossa pronunciação; o C sem cedilha, valendo por S antes de e, e i; o mesmo Ç com cedilha valendo tambem por S, mas so antes de a, o, u; o G valendo por J antes de e, e i; o S entre vogaes, valendo por Z; e em fim as 12 consoantes dobradas entre os Latinos com o valor de simples entre nós, quaes são BB, CC, DD, FF, GG, LL, MM, NN, PP, RR, SS, TT.

Dis-

Disse na Regra : *Que se poderem representar pelos caracteres do nosso Alphabeto*: porque algumas não se podem; ou por não termos nelle letra propria para isto, como o K antes de e, e i, que substituimos com a Prolação Latina QU : ou por termos ja preoccupado para alguma das nossas consonancias proprias as Letras que competirião ás Gregas e Latinas, como o CH, que servindo-nos para figurar a nossa chiante muda, como em *Chá*, ja a não podemos empregar sem equivoco em *Archãjo*, *Architecto*, *&c.*

Disse mais: *E forem compativeis com a nossa pronunciação*: porque nada podia mostrar melhor a origem e genio das palavras Gregas e Latinas do que as combinações particulares, que estes dois povos fizerão, assim das vogaes como das consoantes, para a pronunciação e Orthographia das suas linguas, como por exemplo os Diphthongos Gregos e Latinos œ, æ e as terminações PS, BS, CS, e outras; as quaes comtudo repugnão ao mechanismo dos nossos orgãos, e por isso ou as omittimos nas palavras dirivadas, ou as mudamos em outras ao nosso modo.

Isto supposto, a *Applicação* da Regra geral ás Orthographias proprias da Lingua Grega e da Latina nas palavras, que das mesmas dirivámos, e alterações, que o uso lhes deo, farão a materia dos dois §§ seguintes.

§. I.

Da Escriptura dos sete Caracteres Gregos K, Y, TH, PH, RH, CH, PS.

Posto que o *Kappa* Grego entrasse no nosso Abecedario antigo, e ainda subsista no Typograhico; justamente foi em fim desterrado delle. Porque o seu som guttural se representa muito bem com a nossa consoante C antes de a, o, u, e com a prolação QU

antes de e, e i, escrevendo nós *Calendario*, *Quyrios*, e não ja *Kalendario*, *Kyrios*.

Usamos do *Ypsilon* so nas palavras de origem Grega, que são menos trilhadas do Povo, como *Hyperbole*, *Lyra*. Nas que porêm tem passado ao uso vulgar, o mesmo uso disfarça ja o servirmos-nos do *i* pelo *y*, e escrever por exemplo *Giro*, *Pigmeo*, *Jacintho*, *Labirintho*, *Abismo*, *Crisol*, *Piramide*, *Rima*, *Martir*, *Sindicar*, *Jeronimo*, *Hippolito*, *&c.* He porêm abuso empregar o Y em palavras, que o não tem na sua origem, como *Ley*, *Rey*, *Moyo*, *Comboy*, *&c.*

O TH aspirado, ainda que o não seja por nós, conserva-se na escripura das palavras, que o tem na Lingua Grega, como *Antipathia*, *Orthodoxo*, *Timotheo*, *Thesouro*, *Theatro*, *Thuribolo*, *Throno*, *Theologia*, *Mathematica*, *&c.* Comtudo não se repara que alguns escrevão *Asma*, *Catarina*, *Cantaro*, *Citara*, *Catolico*, *Tio*, que na sua origem tem o th aspirado. Escrever *Theúdo*, *Contheúdo* he contra a Etymologia.

Das consoantes Gregas aspiradas, a que o uso está mais propenso a largar da nossa Orthographia he o PH, que elle sem rebuço ja escreve com F em *Filosofia*, *Fysica*, *Metafysica*, *Profeta*, *Triumfo*, e podia escrever da mesma maneira *Antiphona*, *Aphorismo*, *Blasphemo*, *Phantasma*, *Philippe*, *Camphora*, *Diphthongo*, *Phebo*, *Phaetonte*, *Alphabeto*, *&c.* O RH aspirado he mais raro nas palavras Gregas, e muito mais nas poucas, que com elle passárão ao Portuguez, como *Rhetorica* e não *Rethorica*, como alguns escrevem, *Rheumatismo*, *Catarrho*, que ja muitos escrevem *Reumatismo*, *Catarro*.

Não usamos ja de CH aspirado pelas razões, que apontei no principio do Capitulo. Em lugar delle pomos C simples antes de a, escrevendo *Arcanjo*, *Monarca*; e QU antes de *i*, escrevendo *Arquitecto*,

Mo-

Monarquia, e não *Arcbanjo*, *Monarcha*, *Architecto*; *Monarchia*, como antes se escrevia. O mesmo uso tem ja adoçado a pronunciação do PS Grego, tirando-lhe o P, e escrevendo so com S as palavras de Origem Grega, que assim principião, deste modo: *Salmo*, *Salterio* em lugar de *Psalmo*, *Psalterio*.

§. II.

Da escriptura dos seis caracteres Latinos H, X, C, Ç, G, S, e das Letras dobradas.

Ainda que o H não tenha valor algum entre nós fóra talvez das Interjeições, comtudo deve-se conservar na escriptura das palavras, dirivadas do Latim para mostrarem a sua origem e com ella sua significação primitiva. Pelo que devemos escrever com elle *Habil*, *Habitar*, *Habito*, *Haver*, *Herdar*, *Historia*, *Hombro*, *Honesto*, *Honra*, *Horror*, *Hospede*, *Homem*, *Humor*, *Hora*, e outros semelhantes.

Porêm não havendo H nas palavras Latinas *Unus*, *Est*, *Cadere*, *Salire*, *Ibi*, e sendo puramente Portuguezas *Baía*, *Baú*; não sei a razão, porque se escrevem com elle deste modo: *Hum*, *Hé*, *Cahir*, *Sahir*, *Ahi*, *Bahia*, *Bahú*. Nas Interjeições *ah*! *oh*! *hui*! ha a razão de serem estas vozes naturalmente aspiradas; para o que he muito proprio o H.

O X tem no uso da nossa Orthographia tres significações. Elle serve de consoante Portugueza para figurar o som Mourisco da Chiante Semivogal branda nas palavras de origem Arabe, como *Xacoco*, *Xadrez*, *Xarel*, *Xergão*, e por imitação nas de outra origem, como *Fróxo*, *Côxo*, *Báxo*, *Paixão*, *&c.* Mas desta e da Chiante muda forte CH teremos occasião de falar mais largamente no Capitulo seguinte.

A segunda significação, ou valor do X he o mes-

mesmo da duples Latina CS, qual algumas pessoas polidas lhe dão nas palavras *Fluxo*, *Refluxo*, *Fixar*, e *Sexo*, que pronuncião á Latina *Flucso*, *Reflucso*, *Ficsar*, e *Secso.*

Mas, como esta combinação de CS não he muito do genio da nossa Lingua; esta a costuma adoçar, mudando o C em I quasi sempre que o X he precedido de E, e o S em Z, de sorte que lhe vem a dar o valor de IZ pronunciando *Exactidão*, *Exordio*, *Exequias*, como se estivesse escripto *Eiz-actidam*, *Eiz-ordio*, *Eiz-equias*, quando se lhe segue vogal; e quando não, da-lhe o valor de IS, como em *Sexto*, *Explico*, *Exceder*, que pronunciamos, como *Seisto*, *Eisplico*, *Eisceder.* E este he o terceiro uso que fazemos do X. Ainda que quando elle he final, se pronuncia como S; comtudo, para conservar a origem Latina, se costuma escrever com o mesmo X nas palavras, que não tem a ultima aguda, como em *Felix* nome proprio, *Simplex*, *Duplex*, *Index*, *Appendix*, e poucos mais.

Huma das maiores difficuldades, que tem a Orthographia da dirivação, he a do C sem cedilha antes das vogaes e, e i, e a do Ç com ella antes de a, o, u. Porque tendo ambas o mesmo valor que o simples S; não se póde saber senão pela origem Latina, quando havemos de usar de S, e quando de C simples, ou cedilhado. Assim so pelo Latim *Sine*, *Centum*, *Cera*, *Sum*, *Cedo*, *Sericum*, *Cilicium*, *Sigillum*, he que podemos escrever certo as nossas palavras dirivadas *Sem* preposição, e *Cem* numero, *Cera* nome, e *Será* verbo, *Ceda* verbo, e *Seda* nome, *Cilicio*, *Sello.* Da mesma sorte não escrevemos *Acção*, *Lição*, *Solução* com Ç cedilhado, e *Conversão*, *Expulsão*, *Summersão* com hum S, e *Oppressão*, *Submissão*, e *Remissão* com dois, senão porque as primeiras palavras Latinas *Actio*, *Lectio*, *Solutio* se es-

escrevem com TI na penultima; as segundas *Conversio*, *Expulsio*, *Submersio* com hum S so; e as ultimas *Oppressio*, *Submissio*, e *Remissio* com dois.

Se alguma regra se póde dar para isto he

1.° Que, quanto ao C sem cedilha antes de e, e i, se se hade escrever com elle, ou com S, so se póde determinar, combinando as nossas palavras dirivadas com as Latinas, donde se dirivárão. Sendo porêm as nossas puramente Portuguezas, como são *Seifar*, *Sevar*, *Siume*, *Serzir*, *Sisco*, *Sedenho*, *Sedula*, *Selga*, *Sigano*, *Selada*, *Sima*, he bem excuzado escrevel-as com C, como muitos fazem.

2.° Que, quanto ao Ç antes de a, o, u; nunca se deve pôr no principio da palavra; e que aquelles que escrevem *Çafira*, *Çanfonina*, *Çafar*, *Çapato*, *Çafra*, *Çamarra*, *Çanefa*, *Çarça*, *Çorda*, *Çorça*, *Çotea*, *Çumo*, *Çurriada*, não tem porsi nem a dirivação, nem a razão: Que no meio, ou no fim da palavra se costuma pôr o mesmo Ç em lugar de S quasi em todos os nomes substantivos acabados em *aça*, *éça*, *iça*, *oça*, *uça*, e em *aço*, *éço*, *iço*, *óço*, *uço*, como: *Ameaça*, *Cabeça*, *Cortiça*, *Carroça*, *Escaramuça*, *Braço*, *Adereço*, *Feitiço*, *Pescoço*, *Rebuço*; e em os que tendo no Latim a penultima em TI, acabão no Portuguêz em *ão*, *ia*, *io*, como: *Oração*, *Prudencia*, *Obrepticio*.

A mesma difficuldade ha a respeito do G e J, que sendo a mesma consonancia, e tendo o mesmo valor antes de e, e i; não se sabe qual das duas consoantes se hade pôr. Mas, como nas palavras Portuguezas nunca se põe J consoante antes de *i* vogal: a duvida entre o G, e J he so com o *e*; e como as palavras que principião por Je são so *Jejum*, *Jerarquia*, (e seus dirivados,) *Jeroglyphico*, *Jenolim*, *Jellála*, *Jentar*, *Jeropiga*, todas as mais não podem principiar senão por Ge.

E

E pelo que pertence ao meio das palavras, todas as palavras dirivadas do verbo Latino *Jacio* tem no Portuguez J antes de e, como *Adjectivo*, *Conjecturar*, *Objectar*, *Projectar*, *Rejeitar*, *Sujeitar*, *&c.* com seus dirivados *Abjecção*, *Objecto*, *Sujeito*, *&c.* E pelo que pertence ao fim, os verbos em *Jar* conservão sempre o J em todas as suas fórmas, e os verbos em *Gêr*, *Gir* mudão o G em J, todas as vezes que na sua conjugação o G fica antes de *a* ou *o*. Nas palavras puramente Portuguezas deve-se usar sempre de J e não de G, e escrever *Jeito*, *Jerselim*, *Jeira*, e não *Geito*, *Gerselim*, *Geira*.

Quanto ao S, para se saber quando nas palavras dirivadas do Latim se hade pôr S so, ou dois SS, ou Ç com cedilha; a regra mais geral, que para isto se póde dar, ainda que sujeita a muitas excepções, he: que todas as vezes que o som desta letra não estiver entre vogaes, ou estando entre ellas se pronunciar como Z; empreguemos sempre o S simples: e se se pronunciar como S entre as mesmas vogaes, não tendo a palavra Latina TI, ou C na penultima, usemos do SS dobrado, e tendo-o, usemos do Ç com cedilha.

Conforme á primeira parte desta regra escrevemos com hum S so *Falso*, *Absolver*, *Conselho*, *Manso*, *Conseguir*, *Conservar*, *Dispensar*, *Verso*, *Corso*, *&c.* e bem assim *Caso*, *Causa*, *Visivel*, *Rosa*, *Musa*, *Formoso*, *Gostoso*, *&c.* Conforme á segunda parte da regra escrevemos *Amassar*, *Cassar*, *Cessar*, *Fossar*, *Passar*, *Possivel*, *Possuir*, *Tussir*, *Disse*, *Dissesse*, e todas as mais fórmas dos verbos em *asse*, *esse*, e *isse*. E conforme á terceira escrevemos *Spaço*, *Negocio*, *Graça*, *Prudencia*, *Oração*, *Faço*, *&c.*

Isto pelo que pertence ás palavras dirivadas do Latim: que quanto ás puramente Portuguezas, estas se-

quando de huma, ou outra sorte soão na pronunciação, como *Casa* (venatio), *Caza* (domus) *Braza*, *Brasa* (medida) *Prezente*, *Presentir*, *Asado*, *Dansa*, *&c.* O escrever com Z as finaes agudas do Singular, como: *Fáz*, *Féz*, *Fíz*, *Capáz*, *Capúz*, *Felíz*, *Retróz* e outras semelhantes pela razão da maior facilidade na formação dos pluraes dos nomes, he desamparar a regra da dirivação por huma razão frivola. Nenhuma destas palavras tem no Latim Z no fim, mas ou X, ou S, ou T. O S final, ficando nos pluraes destes nomes entre vogaes, pronuncia-se como Z segundo a analogia Latina. As vogaes finaes accentuadas ficão sendo signal proprio para mostrar a sua agudeza; e ha muitas palavras de semelhantes finaes agudos, que nem por isso escrevemos com Z, como *Pés*, *Dés*, *Sés*, *Três*, *Vês*, *Más*, *Aliás*. Sería por tanto mais coherente o escrever *Fás*, *Fês*, *Fís*, *Capás*, *Capús*, *Felís*, *Retrós*.

Resta falar das Consoantes dobradas nas palavras Portuguezas dirivadas das Latinas, que as tem. Os Latinos dobravão-nas; porque as pronunciavão ambas; e huma prova disto era ficar a vogal antecedente sempre longa por posição. Nós porêm pronunciamol-as como se fosse huma so. Comtudo, para conservar este vestigio da etymologia Latina, querem os apaixonados della que assim se escrevão.

Pela pronunciação pois não podemos saber quando havemos de dobrar as consoantes, excepto o R quando he brando e quando forte, e o S quando se pronuncia como Z, e quando como Ç. Porque no primeiro caso usamos no meio das palavras da consoante simples, e no segundo da mesma dobrada. As mais ou se escrevão sos ou dobradas, pronuncião-se do mesmo modo. Assim não póde haver regra alguma segura, que nos dirija nesta escriptura, se não a Or-

thographia Latina principalmente nas Syllabas medias das palavras.

Para as do principio póde dar algum soccorro a observação das preposições compositivas *ad*, *con*, *in*, *ob*, e *sub*, pelas quaes começão infinitas palavras compostas; que dirivámos do Latim. Como de ordinario a consoante ultima destas preposições se muda naquella, porque começa a palavra, a que serve de composição; o D da preposição AD ja se muda em C antes de outro, ja em F, G, L, P, como *Acceitar*, *Affecto*, *Aggravo*, *Allegar*, *Applicar*: o N das preposições *con*, e *in* se muda em M antes de outro, como *Commodo*, *Immovel*: e o B das preposições *ob*, *sub*, em P antes de outro, como *Opportuno*, *Supposto.*

Tambem toda a palavra, que principia por DI, E, O, e SU seguindo-se-lhe immediatamente F, dobra esta consoante v. gr. *Differir*, *Effeituar*, *Offender*, *Suffocar*, *Difficil*, *Efficaz*, *Officio*, *Suffragio.* Mas estas mesmas observações de pouca utilidade podem servir aos que não tem hum bom conhecimento da Lingua Latina. Para estes e para o povo illiterato so a boa pronunciação da propria Lingua he que lhes póde ensinar as Letras, com que o hão de escrever, como se verá no Capitulo seguinte.

Entretanto hum mui justo e razoado meio de conciliar os dois systemas oppostos da Orthographia Etymologica com o da Pronunciação, sería escrever as palavras Gregas e Latinas com as Letras das suas origens, em quanto ellas são so do uso dos Sabios e não tem passado ao do povo; e com as do nosso Alfabeto e pronunciação, huma vez que passão ao uso vulgar, como tem passado as de *Filosofia*, *Fisica*, *Metafisica*, *Matematica*, *Teologia*, *&c.*

CA-

CAPITULO III.

Regras proprias da Orthographia da Pronunciação.

REGRA UNICA GERAL.

QUalquer palavra, que se queira escrever, pronuncie-se primeiro bem, e distinguidos todos os sons, de que he composta, estes se escrevão pela mesma ordem com os caracteres, que lhes competem nos Abecedarios completos, e exactos, que ficão lançados nos Capitulos I. e II. da Orthoepia, *e no Cap. I. Regra I. da* Orthographia, *e a palavra assim escripta ficará sem erro de Orthographia.*

Esta regra não tem excepção alguma. Pelo que não necessita senão de se demostrar, applicando-a a todos os sons da nossa Lingua, quer simples, como *Vozes* e *Consonancias*, quer compostos, como *Diphthongos* e *Syllabas*; o que passamos a fazer nos dois §§ seguintes, practicando ja a mesma Orthographia da Pronunciação, que nos mesmos se ensina.

§. I.

Aplicasão da Regra Geral ás Vozes, e Ditongos da Lingua Portugueza.

Esta aplicasão da Regra ás *Vozes* e *Ditongos*, tanto Oraes como Nazaes da Lingua Portugueza, fica ja feita no Cap. I. *Das Regras Communs a todas as Ortografias*, Regra V, VI, VII, VIII, e IX, e por iso é escuzado repetil-a aqui.

A Ortografia uzual não discorda em nada da Ortografia da pronunsiasão no que pertense á scritura das nosas 12 vozes Oraes, e das nosas 5 Nazaes claras. Se á alguma discrepansia, é na eispresão das nosas quatro vozes surdas, ou ambiguas, e na do *ô* Grande Fechado, que umas vezes se screve asim, outras com *ou*.

Os omens doutos tem na analogia das palavras dirivadas do Latim com as Latinas, dados, pelos quaes determinão fasilmente a escolha da vogal surda, que ão de preferir, e a que ão de rejeitar. Os que não são Letrados stão privados deste socorro. Podem pois seguir as saidas, que lhes demos na Regra VI. Cap. I.

Mas se asim mesmo ficarem ainda indesizos sobre se ão de uzar de *e* ou *i*, e de *o* ou *u*; qualquer das duas vogaes que eles escolhão, terão desculpa na mesma imposibilidade, onde se achão para escolher melhor. Pelo menos o screver o som do *ô* Grande Fechado, ou asim ou com *ou*, é couza indiferente para o ouvido, que não sente diferensa alguma, quer se screva *Louvár*, quer *Lôvar*. Quando porêm ao *ô* se segue alguma das liquidas L, R, S como taes, é melhor uzar do *ô* do que do *ou*, e screver *Louvôr*, *Sôldo*, *Gôsto* do que *Louvour*, *Souldo*, *Gousto*.

As vozes Nazaes claras screvem-se como fica dito na Regra VII. do Cap. I. Quanto ás Nazaes surdas, para mostrar a sua Nazalidade, e ao mesmo tempo indicar que sobre elas cai o asento predominante, será bom asentoal-as sempre com o *Til*, deste modo: *ãmo*, *ãno*, *sãnha*, *pẽna*, *lẽnha*, *sõma*, *sõnho*.

Nas Regras comuns VIII e IX do mesmo Capitulo I. ensinámos qual era a genuína Ortografia dos nosos Ditongos, tanto Oraes, como Nazaes, quanto ás suas prepozitivas; e a variedade, que o uzo punha na scritura das subjuntivas de uns e ou-

tros,

tros, por elas serem todas vozes surdas, e ambiguas, cujo som confuzo se não póde bem determinar. Mas esta mesma inserteza e variedade autoriza asás a Ortografia da pronunsiasão para uzar, como quizer ou do *e*, ou do *i* nos Ditongos, que tomão uma destas vogaes; do *o*, ou do *u* nos outros, a que estas servem de subjuntivas, e screver *ai* ou *ae*, *au* ou *áo*, *éo* ou *éu*, *êo* ou *êu*, *io* ou *iu*, *oe* ou *oi*, e bem asim *ãi* ou *ãe*, *ão* ou *ãu*, *ẽe* ou *ẽi*, *õe* ou *õi*. Para variar porêm as vogaes é melhor não screver os Ditongos com duas da mesma figura, mas de diferente, como por eisemplo: *éi*, *ei*, *úi*, *ẽi*, *ũi*, e não com *e*. Mas quem quizer conformar-se mais com o uzo, póde seguir o temperamento, que propuzemos nas ditas Regras.

§. II.

Aplicasão da Regra Geral ás Consoantes, e Silabas Portuguezas.

As Consoantes, que mais embaraso cauzão na Ortografia por eisprimirem uma mesma consonansia, sendo diferentes carateres do mesmo som, são as quatro Guturaes; duas brandas G, GU, e duas fortes C, QU; as tres Sibilantes brandas SS, C, Ç; as duas Sibilantes fortes Z, e S entre vogaes; as duas Chiantes fortes J e G; e as duas Chiantes, branda e forte X, e CH. Como estas Consoantes nas suas respetivas clases se pronunsião do mesmo modo, mal se póde saber pela pronunsiasão qual delas avemos de tomar, e qual deixar para screver serto.

Porêm esta inserteza póde embarasar mais aos que seguem a dirivasão, como unica regra da Ortografia, do que áqueles que tomão a pronunsiasão atual da Lingua viva como a unica segura guia da sua scriptura. Pois que os carateres não forão inventados

dos se não para reprezentarem os sons; e quando para cada um se destinou sua Letra propria, quem uza dela cumpre com o fim da scritura, e não deve ser taxado de imperito por não uzar para o mesmo som tambem de outras, que depois ou a ignoransia, ou o capricho acresentárão.

Em conformidade desta Regra uzar-se-á das Guturaes simples G, C, todas as vezes que stiverem antes das vogaes a, o, u, ou antes de qualquer das duas liquidas L, R, ainda que se sigão outras vogaes, como *Galo*, *Gola*, *Gula*, *Calo*, *Cola*, *Cume*, *Gleba*, *Grelha*, *Clima*, *Crime*; e das Guturaes Compostas GU, QU, todas as vezes que stiverem antes das vogaes *e* e *i*, como *Guêto*, *Guia*, *Queda*, *Quita*, com a diferensa porêm, que ouvindo-se o som de u entre a Consoante e Vogal seguinte, como em *Gûárda*, *Güéla*, *Qüál*, *Eqüéstre*, *Güilhérme*, *Qüinqüagesima*, se notará o ü com dois pontos por sima.

As tres Sibilantes brandas, a saber, os dois SS entre vogaes, o C sem sedilha antes de *e* e *i*, e o Ç com sedilha ficarão desterrados para sempre da Ortografia da Pronunciasão, como Letras inuteis, equivocas, e embarasozas para quem quer screver serto, e não sabe o Latim. Todas elas serão substituidas pela nosa consoante S, ou o seu som se ousa antes de qualquer das vogaes, ou no meio delas screvendo-se: *Serto*, *Asêrto*, *Sino*, *Asino*, *Corasão*, *Asougue*, *Sumo* em lugar de *Cérto*, *Acêrto*, *Cino*, *Assigno*, *Açougue*, *Çumo*. Os que sabem Latim podem fazer degráo para esta scritura, uzando sempre do Ç sedilhado, que é um verdadeiro S, e Sigma Grego, em lugar do C sem sedilha, como: *Çerzo*, *Çino*, *Çumo*, Ortografia uzual de João de Barros. As palavras, que prinsipião, ou tem no meio SC, como *Sciencia*, *Scena*, *Nasçer*, poder-se-ão screver

ver com hum S so deste modo: *Siensia*, *Sena*, *Naser*: e do mesmo modo as que tem *e* Gutural antes do S, como *Acção*, *Reflexão* screvendo-se *Asão*, *Reflesão*.

Com isto que acabamos de dizer ja não fica confundido o uzo do noso Z com o Z Latino, que os Romanos, por não terem esta letra, eisprimião com o simples S entre as vogaes. Os sons do Z e S ficão distintos, uzando nós daquele todas as vezes que ele soar na pronunsiasão, e deste em lugar dos dois SS, e do Ç sedilhado e sem sedilha, e screvendo sem scrupulo algum: *Cazar*, *Caza*, *Prezo*, sem perigo de se equivocarem com *Casar*, *Casa*, *Preso*, ainda que se não screvão como se costuma *Caçar*, *Caça*, *Preço*: e bem asim *Gostôzo*, *Gloriôzo*, *Tranzito*, *&c.* Por esta Regra o mesmo S liquido, que sempre o é quando não tem vogal diante, como em *Eiscelente*, *Desmedido*, *Desconçertado*, pasará a screver-se, como sôa, com Z, logo que se lhe seguir vogal; deste modo: *Eizemplo*, *Dezamôr*, *Dezandar*, *Dezobediente*, e asim constantemente nas mais palavras, onde seu som se ouvir.

O G Latino, valendo como J antes de *e* e *i*, fica tambem desterrado da Ortografia da Pronunsiasão, como origem de mil insertezas, e dezasertos. Todas as vezes que se ouvir o som desta Consoante forte, quer steja antes de *a*, *o*, *u*, quer antes de *e*, *i*, sempre se screverá com a sua Consoante propria, que é o J, deste modo: *Jente*, *Jiro*, *Jiesta*, *Jenero*, *Jeito*, *Jerzelim*, *Majestade*, *Majisterio*, e asim as mais. Os que sabem a lingua Latina reconhesem fasilmente nesta mesma scritura a origem destas palavras, e não disputaráõ se *Jeito* se deve screver asim por vir de *Jactus*, ou *Geito* por se dirivar de *Gestus*; e se *Jerzelim* se deve screver deste modo ou com G, huma vez que a palavra Latina *Sesamum* não deside a questão.

A duvida maior, ainda entre os que screvem como pronuncião, é sobre as duas Consoantes Portuguezas X, e CH, que paresem ter o mesmo som na nosa pronunsiasão uzual. Digo: *Portuguezas*. Porque, ainda que a primeira é Latina, e a segunda Grega, ou equivalente a ela; nós lhes damos significasões mui diferentes, servindo-nos da primeira, não como duples por CS, mas como Chiante Semivogal com hum som Mourisco; e da segunda, não como aspirada, mas como Chiante muda com o som de TCH á Italiana.

Os que melhor falão a Lingua Portugueza distinguem na pronunsiasão estas duas Consoantes, dando ao *Xis* hum *Chio* semivogal, que se deixa perseber ainda com o orgão scasamente fechado, como em *Xofre*; e ao CH hum *chio* mudo, que se não persebe, se não no instante mesmo da dezinterseptasão da voz, que o mesmo orgão reprezava; como em *Chove*. O vulgo pelo contrario confunde ordinariamente estas duas Consoantes, pronunciando ambas como *X*.

Porêm como a genuina pronunsiasão do CH ainda subsiste em parte, e não é justo que se perca do uzo da Lingua, e do noso Alfabeto; apontarei as palavras, que tem *X* no prinsipio, e no meio; e conhesidas elas, todas as mais se screverão com CH, onde se ouvir o mesmo som equivoco.

As palavras Portuguezas, que prinsipião por X, são poucas, e quazi todas de origem Arabe. Taes são: *Xaca*, *Xaque*, *Xacoco*, *Xadrês*, *Xalmas*, *Xara*, *Xarel*, *Xaretas*, *Xergão*, *Xerife*, *Xarópe*, *Xarouco*, *Xira*, *Xiró*, *Xofre*, *Xué*, e as dirivadas destas. Isto, pelo que pertense ao prinsipio.

Para saber, quando no meio das palavras avemos de uzar de X, e não de CH, servirão estas duas observasões. A 1.ª que, occorrendo o tal som depois de alguma vogal Nazal, com *an*, *en*, *&c.* ordinariamen-

mente se eisprime com *X*, como *Enxaca*, *Enxacouco*, *Enxaquequa*, *Enxada*, *Enxaguão*, *Enxarsia*, *Enxerir*, *Enxertar*, *Enxofre*, *Enxovalhar*, *Enxugar*, e dirivados.

A 2.ª Que o mesmo susede ordinariamente todas as vezes que o som das mesmas Consoantes vem imediatamente depois de Ditongo, como em *Ameixa*, *Baixo*, *Caixa*, *Queira*, *Deixar*, *Deleixo*, *Faixa*, *Feixe*, *Paixão*, *Peixe*, *Reixa*, *Seixo*, *Taixa*, *Troixa*, e dirivados. Alêm destas á mais algumas, como *Bexiga*, *Bocaxim*, *Bruxa*, *Buxa*, *Buxo*, *Cartaxo*, *Cóxa*, *Coxia*, *Coxim*, *Côxo*, *Frouxo*, *Graxa*, *Lixa*, *Lixo*, *Mexer*, *Puxar*, *Róxa*, *Roxinol*, *Rôxo*, *Vexar*, e dirivados.

A fóra estas, todas as mais palavras, em que se ouvir o som do X, quer no prinsipio, quer no meio, e no fim se pronunsiaraõ com o som do CH, e se screveraõ asim, como *Chacóta*, *Chegar*, *Cheirar*, *Chiar*, *Chorar*, *Chusma*, *Chumbo*, *Achar*, *Caprichar*, *Despachar*, *Encher*, *Fechar*, *Inchar*, *Manchar*, *Petrecho*, *Rinchar*, *Sachar*, *Tinchar*, e infinitas outras.

Na Ortografia da Pronunsiasão não se empregará letra alguma, que não steja no Alfabeto Nasional do uzo, qual é o que propuzemos asima Cap. I. Regra I. Ficão por consequensia eiscluidas dela todas as vogaes, e consoantes Gregas, asim simples, como duplises, e aspiradas, quaes são o *Ypsilon*, o *Kapa*, e o *Csi*, *Psi*, *Chi*, *Phi*, *Rho*, e *Theta*. O H Latino, como aspirasão, não entrará se não nas Interjeisões; e so como parte de consoante terá lugar nas prolasões Portuguezas CH, LH, NH. Isto é o que tinhamos para dizer a respeito das letras.

Pelo que pertense ás Silabas Portuguezas, e sua scritura; todas as finaes, que na nosa Lingua terminão por consoante, acabão sempre por alguma das nosas

 tres

tres liquidas L, R, S. Qualquer outra consoante final é stranha á nosa Lingua, como *Jacob*, *Abimelech*, *Magog*, *David*, *Nazareth*, *&c.* So duas palavras nosas acabão em N, que são *Iman* e *Canon.* As que o uzo costuma screver no fim com X, ou Z, como *Index*, *Apendix*, e as finaes agudas em *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz* todas se devem screver com S, e asento na vogal antesedente. Veja-se asima Cap. II. §. II.

As nosas Silabas complecsas são compostas de duas consoantes seguidas, e ao muito de tres, e mais não. Em todas elas huma sempre é *Fixa*, a outra, ou as outras sempre são *Liquidas.* Quando a Silaba é composta de duas consoantes, a fixa sempre é alguma das liquidas L, ou R, como *Flor*, *Cravo*, e a liquida S sempre presede á fixa, de sorte que, sendo a Silaba de tres consoantes, a fixa sempre vai no meio das duas como *Stado*, *Strado*, *Scravo.*

Todas as mais combinasões de consoantes são stranhas ao noso orgão e pronunsiasão, como estas: PT, PS, CS, CT, GM, GN, MN v. gr. em *Scripto*, *Psalmo*, *Acsão*, *Acto*, *Augmento*, *Digno*, *Damno.* O noso orgão bem mostra a violensia, que tem na eispresão destas Silabas. Pois na pronunsiasão corrente as costuma adosar, tirando-lhes uma das duas consoantes, e dizendo: *Scrito*, *Salmo*, *Asão*, *Ato*, *Aumento*, *Dino*, *Dano.* Se alguem asim as screver, como as pronunsía, creio não cometerá grande crime. A respeito da divizão das Silabas, e uzo das letras grandes na cabeseira das orasões e das palavras, ja fica dito o que cumpria nas Regras communs IV. e XII. Cap. I. para não ser nesesario repetil-o aqui. Pasemos á pontuasão, em que tornaremos a tomar a Ortografia do uzo.

CAPITULO IV.

Da Pontuação.

A Pontuação he a Arte de na escriptura distinguir com certas notas as differentes partes, e membros da oração, e a subordinação de huns aos outros a fim de mostrar a quem lê as pausas menores e maiores, que deve fazer, e o tom e inflexão da voz, com que as deve pronunciar.

Daqui se vê que ninguem poderá perceber bem, e executar as regras da pontuação sem ter algumas noções, ao menos superficiaes, das partes da oração e de sua Syntaxe e construcção, que não damos aqui, por que pertencem á Etymologia e Syntaxe, de que tractaremos nos dois Livros seguintes, donde as poderão haver os que dellas necessitarem.

Os Signaes recebidos no uso geral para a pontuação são: os *Espaços* em branco entre palavra, e palavra; o *Ponto*, ou *Simples* (.), ou de *Interrogação* (?), ou de *Exclamação* (!), a *Virgula* (,); o *Ponto e Virgula* (;); *Dois Pontos* (:); a *Parenthese* (. . . . . . .); a *Risca de União* (-); o *Viraccento* ('); o *Trema* (..); o *Accento Agudo* (´); o *Accento Grave* (`); e o *Accento Circumflexo* (^). O uso de todos estes signaes na escriptura he o objecto dos dois §§ seguintes.

§. I.

Das Regras Geraes, e Particulares da Pontuação.

REGRAS GERAES.

I.

Toda a parte da Oração se deve distinguir e separar na escriptura com hum pequeno espaço em branco entre cada huma das palavras, como se vê aqui entre as palavras desta mesma Regra.

II.

Toda a Oração, que faz sentido perfeito, e grammaticalmente independente de outra, quer seja pequena, quer grande, quer conste de huma so proposição, quer de muitas; tem hum ponto simples no fim: se he simplesmente enunciativa. O que aqui mesmo se vê.

Se a Oração porêm não affirmar simplesmente, mas perguntar alguma couza; tem ponto de Interrogação, como: *Quem fez o Ceo e a Terra?*

E se ella não affirmar, nem perguntar, mas exclamar, tem ponto de Admiração, como: *Oh Ceos! Oh terra!*

Para levar a frase desde seu principio com o tom Interrogativo, ou Exclamativo, costumão agora pôr o ponto de Interrogação, ou de Exclamação não so no fim della, mas tambem ao principio, usando do mesmo signal; porêm ás avessas, deste modo: ¿*Dize-me, que heide fazer?* Esta practica não he desacertada, quando a frase interrogativa, ou excla-

ma-

mativa he alguma couza mais comprida para se poder abranger toda a huma vista d'olhos.

III.

Nunca se use de ponto e virgula, sem que de antes haja virgula; nem tambem de dois pontos, sem que d'antes preceda ponto e virgula: porque a pontuação mais forte suppõe d'antes a mais fraca. A pontuação desta mesma Regra serve de exemplo.

IV.

As Orações, que se podem distinguir com virgula somente, não se devem pontuar com ponto e virgula; e as que se podem distinguir so com ponto e virgula, não se devem pontuar com dois pontos: porque a pontuação nunca deve ser superflua, e o que se póde fazer com menos, não se deve fazer com mais. A regra mesma serve de exemplo practico.

V.

A mesma razão dicta que entre as palavras que se modificão, ou concordando humas com outras, ou regendo-se, não deve haver pontuação alguma.

Assim na escriptura desta mesma regra não se vê virgula, nem antes do primeiro *Que* por ser huma conjuncção que ata a oração seguinte á antecedente, como objecto accusado, e pedido pelo verbo *Dicta*; nem antes do segundo *Que*, por ser hum adjectivo conjunctivo que concorda com *Palavras*; nem tambem nas mais palavras, que são regidas: e so as proposições subordinadas *ou concordando*, &c. *ou regendo-se* estão entre virgulas, porque nem modificão, nem são modificadas.

He

He por tanto errada a regra da pontuação, que alguns dão, mandando pôr sempre virgula antes de *Que*; quando pelo contrario nunca se deve pôr, se não quando a oração principal, e a incidente são tão extensas, que vem a exceder a medida de huma pausa ordinaria, que he a de hum verso de treze até dezesete Syllabas.

REGRAS PARTICULARES.

Da Virgula.

REGRA I.

Todos os sujeitos, todos os attributos, todos os verbos da proposição composta, e mais partes da oração continuadas que se não modificão, nem concordão, nem se regem mutuamente; querem virgula depois de si; porque cada huma com o verbo commum, e os verbos cada hum persi, fazem sua oração distincta.

Na Regra mesma se vê o exemplo. *Todos os sujeitos, todos os attributos, todos os verbos da proposição composta, e mais partes da oração continuadas*, tem virgula; porque são differentes sujeitos do verbo *Querem.* As incidentes *Nem concordão, nem se regem mutuamente* são verbos e orações continuadas, e ligadas pelo demostrativo conjunctivo *Que*; e por isso tem tambem virgula. A primeira *Que se não modificão* não a tem antes de si; porque he huma incidente que modifica todos os sujeitos antecedentes, e por essa razão não he continuada.

II.

Toda a Oração encravada, isto he, mettida en-

entre outras, sem as modificar, nem ser modificada, deve estar entre virgulas; e bem assim toda a addição, que não faz parte de sua constituição grammatical. As Parentheses, vocativos, exclamações, e interrogações entrão nesta regra; as primeiras; porque não so não fazem parte da sua constituição grammatical, mas nem ainda de seu sentido (que por isso se mettem entre semicirculos servindo-lhes de virgulas), e os vocativos, exclamações, e interjeições; porque são humas orações ellipticas.

Assim na pontuação desta mesma Regra se acha entre virgulas a oração *Isto he*; por que está encravada na principal sem della depender para a sua perfeição grammatical. Entre virgulas se achão tambem as duas orações *Sem a modificar, nem ser modificada*; porque são addições, ou complementos accrescentados á mesma oração principal sem comtudo fazerem parte de sua composição grammatical. Ali se vem tambem entre semicirculos as orações *Que por isso se mettem entre semicirculos, servindo-lhes de virgulas*; porque contêm hum sentido, qual não pedia, nem o pensamento da oração antecedente, nem a sua grammatica.

III.

Antes das conjuncções e, nem, ou, como, que *e outras semelhantes so se põe virgula, quando as palavras e frases que ellas atão excedem a medida commum de huma pausa ordinaria pelas orações incidentes, e complementos que trazem comsigo: quando porêm as palavras e frases são curtas e simples, as virgulas são desnecessarias, porque as mesmas conjuncções servem de separação aos differentes sentidos parciaes.*

Repare-se na conjuncção *e* repetida cinco vezes nes-

ta Regra e tres a conjuncção *Que*, e saber se ha a razão, porque humas vezes se achão virguladas, e outras não.

IV.

A todas as palavras e orações transpostas da sua ordem natural, he de razão por-se-lhes virgula, como tambem ás palavras ambiguas, de dois sentidos, referiveis a dois objectos differentes.

Por esta razão na Regra acima se vê virgula depois da palavra *natural*, por que tudo o que precede deveria pela ordem grammatical direita estar depois do verbo *Pôr*. Da mesma sorte se a palavra *referiveis* não estivesse virgulada d'antes; não se saberia se pertencia e devia concordar com o substantivo *sentidos*, ou com o substantivo *palavras*; mas a virgula, posta antes della, tira toda a ambiguidade.

Do Ponto e Virgula.

REGRA UNICA.

Em qualquer ponto ou periodo, onde houver duas proposições totaes, dependentes huma da outra, e compostas de varias orações parciaes, entre huma e outra se porá ponto e virgula; se ambas não necessitarem de outra pontuação, se não de virgulas, para subdividirem as suas orações parciaes.

Onde ha so duas proposições totaes, isto he, que não fazem parte de outras; ha so dois membros, de que he composto o corpo do Periodo. Se estas duas proposições são simples, e incomplexas, não ha que subdividir. Bastará pois entre ellas huma virgula so. Porêm se as duas proposições totaes são compostas de varios sujeitos ou predicados, e complexas com outras proposições Incidentes ou Integrantes;

co-

como para distinguir e subdividir todos estes sentidos parciaes bastão as virgulas: a pontuação mais forte do ponto e virgula se faz então necessaria para a divisão principal dos dois membros do periodo, e a mais forte dos dois pontos he escusada segundo a Regra IV. Geral, que manda que a pontuação seja gradual, e que se não passe de huma inferior a outra superior, saltando a do meio.

Por esta razão na pontuação da Regra a cima se vêem no 1.º e 2.º membro do periodo que a compõe quatro virgulas, que são as sufficientes para distinguir os sentidos parciaes, de que os mesmos se compõem, e ponto e virgula entre os dois membros ou proposições totaes. Porque o ponto e virgula aqui he signal da divisão principal, e as virgulas simples notão as subdivisões parciaes de cada hum dos membros.

Dos dois Pontos.

REGRA UNICA.

Assim como quando em hum ponto, ou periodo ha huma unica divisão de orações simples, esta se nota so com virgula; mas quando se passa a huma segunda divisão de membros compostos de varias orações, esta ja se deve marcar com ponto e virgula: assim tambem, quando succede haver huma terceira divisão das duas partes principaes do periodo, chamadas antecedente e consequente, que comprehendem em si varios membros; esta não pode ser marcada se não com dois pontos, para se ver que ella he a divisão mestra e principal do sentido total, á qual todas as mais ficão subordinadas.

Esta regra contêm o summario de todas as mais, que demos até aqui; contêm a regra dos dois pontos, e contêm o exemplo practico de todas ellas. As pri-

meiras subdivisões parciaes das orações, ou juizos que fazem parte de outros, são marcadas pelas *virgulas*, que he a pontuação mais fraca e inferior.

A segunda divisão do periodo em membros ou proposições totaes, que contêm em si as primeiras subdivisões parciaes, he marcada com o *ponto e virgula*.

E a divisão mestra, ou principal das duas partes de qualquer periodo, antecedente e consequente, que comprehendem em si todas as outras subdivisões e divisões subalternas, he marcada com *dois pontos*.

Isto mesmo se vê practicado na pontuação da mesma Regra. As subdivisões portanto e as suas virgulas ficão subordinadas ás segundas divisões, indicadas pelos pontos e virgulas, e ligadas pelas conjuncções *Quando*, *Mas*; e estas segundas divisões ficão outrosim subordinadas á primeira e principal divisão do periodo nas suas duas partes, antecedente e consequente, ligadas entre si pelas conjuncções comparativas *Assim como*, *Assim tambem*, e separadas pelos *dois pontos*, de sorte que a pontuação não so serve para mostrar a distincção das partes menores e maiores de hum pensamento total; mas tambem a sua ordem e dependencia mutua para a pronunciação a poder expressar com as varias inflexões, tons, e cadencias da voz, que lhes competem.

Tambem he costume pôr *dois pontos* no fim da oração, quer grande quer pequena, que annuncia qualquer discurso direito, ou palavras de outrem que vamos a referir, como *Deos disse*: *Faça-se a Luz, e foi feita*. A oração, que prepara e annuncia a fala de huma terceira pessoa, he como o antecedente do periodo; e a fala, que se relata, he como o seu consequente. Huma e outra póde ter, e tem ordinariamente suas divisões e subdivisões subalternas, que demandão

dão ponto e virgula, e virgulas so, que ficão subordinadas á divisão principal dos *dois pontos*.

§. II.

Dos mais Signaes da Pontuação.

Da Parenthese.

A *Parenthese* (palavra Grega, que quer dizer *Interposição*) he o signal de dois semicirculos oppostos, dentro dos quaes se costuma metter alguma oração, que interrompe o sentido de outra, dentro da qual está; mas que he necessaria para a intelligencia da mesma. Nesta mesma definição se vê o exemplo.

Da Risca de União.

A *Risca de união* (-) serve para distinguir, e ao mesmo tempo ajuntar na escriptura duas palavras a fim de se pronunciarem junctas como se fossem huma so; ou dois membros da mesma palavra, que foi necessario dividir. Na Orthographia Portugueza usamos deste signal em dois casos. O primeiro no fim da regra para dividir as palavras, e servir de reclamo para a regra seguinte. O segundo para separar os verbos dos pronomes encliticos, que lhes costumamos ajuntar immediatamente para se pronunciar tudo seguido, como *Louvo-me*, *Louvo-te*, *Louvo-o*, *Louvamo-nos*, *Louvão-se*, *Louvão-no*. E não so nos servimos de huma risca de união para este fim; mas ainda de duas, quando queremos ajuntar, os dois membros da Linguagem, que desconjuntamos para no meio lhes mettermos algum destes pronomes, como *Louvar-me-hei*, *Louvar-te-has*, *Louvar-se-ha*, *Louvar-nos-hemos*, *Louvar-vos-heis*, *Louval-os-hão*, *Louval-o-*

hia, *Louval-as-hias*, *&c.* E bem assim, quando aos mesmos verbos ajuntamos duas Encliticas seguidas, como *Tirar-m'-o*, *Tirar-t'o*, *Tirar-lh'-o*, *Tirar-n'-os*, *Tirar-t'-as*, *Tirar-lh'as*, *Tirar-se-lhes*. Mas ja o uso costuma na escriptura unir em huma as duas Encliticas deste modo: *mo*, *to*, *lho*, *ma*, *ta*, *lha*, *&c.*

Do Viraccento.

O *Viraccento*, ou *Apostrophe* (') he huma virgula, não ja posta em baixo para signal de pausa, mas no alto de huma consoante para mostrar que se lhe supprimio a sua vogal final antes de outra inicial da palavra seguinte, com a qual vogal se ajunta a mesma consoante, pronunciando-se juntas as duas palavras, como *Minh'alma*.

Estes Viraccentos são pouco usados na escriptura da nossa prosa, não obstante serem frequentes estas elisões, ou synalephas, principalmente nas preposições *De*, *Em*, *Per*, *Por*, *Com* antes do artigo, e dos demonstrativos, como *do*, *da*, *dos*, *das*, *delle*, *daquelle*, *&c.* em lugar de *d'o*, *d'a*, *d'os*, *d'as*, *d' elle*, *d'aquelle*; e do mesmo modo *no*, *na*, *nos*, *nas*, *neste*, *nesse*, *naquelle*, *pelo*, *pela*, *polo*, *pola*, em lugar de *n'o*, *n'a*, *n'os*, *n'as*, *n'este*, *n'esse*, *n' aquelle*, *pel'o*, *pel'a*, *pol'o*, *pol'a*. Como estas preposições com o artigo, e demonstrativos occorrem a cada passo na escriptura; o uso do viraccento em todas, além de impedir a facilidade da escriptura cursiva, retalha muito a sua continuação, e desfigura a sua belleza; e por isso a Orthographia presente o tem desterrado da prosa, e largado ao verso; onde so se costuma tambem escrever com elle a preposição *com* tirando-lhe o *m* deste modo *Co'elle*, *Co'esse*, *Co'este*, *&c.*

Do Trema.

O *Trema*, ou *Dierese* (..) são dois pontos, postos horizontalmente sobre a prepositiva das duas vogaes, que costumão fazer Diphthongo, para mostrar quando o não fazem, ou no ü das prolações GU, QU, para mostrar, que não he liquido, ou mudo, e que faz Synerese com a voz seguinte. Assim nestas palavras *Rio* (*Rideo*, e *Fluvius*) e *Seqüestro* a pronunciação ficaria duvidosa, tendo-se o *io* por Diphthongo, como o he no preterito do mesmo verbo *Rio*; e o U depois de Q como liquido e sem valor, assim como em *Questão*: se os dois pontos, postos em cima da primeira vogal ï não mostrassem que as duas vogaes não fazem Diphthongos na primeira palavra; e postos sobre o ü da segunda não mostrassem que elle tem valor para fazer Synerese com a vogal seguinte.

Quando no concurso de duas vogaes, que costumão fazer Diphthongo, succede cahir o accento agudo na segunda; he de necessidade pôr então este accento. Porque elle mesmo mostra que as duas vozes não fazem Diphthongo Portuguez, cuja prepositiva sempre he aguda e a subjunctiva grave, e então o mesmo accento suppre o *Trema*; como em *caío* preterito, o accento posto no i he signal de que não faz Diphthongo, como em *caio*, presente do mesmo verbo, em que o faz.

Dos Accentos.

Os *Accentos* figurados, que tomámos dos Gregos e dos Romanos, são tres, *Grave* (\`), *Agudo* (´), e *Circumflexo* (^). Estes accentos para com aquelles Povos sempre são *prosodicos*, isto he, destinados para mostrar nas Syllabas o tom ou de eleva-

vação da voz, ou de abatimento da mesma em differentes Syllabas, ou ambos os tons na mesma. Neste sentido, que uso elles tenhão na nossa Lingua, ja o deixamos mostrado no Cap. VII. da *Orthoepia.*

Porêm estes mesmos accentos para comnosco não são so *prosodicos*, mas tambem *vogaes.* Pois nos servimos do accento agudo e circumflexo, não so para notar a prosodia das Syllabas, mas tambem differentes especies de vogaes com a mesma letra differentemente accentuada, visto não termos no nosso Abecedario tantas vogaes, quantas são as vozes da nossa pronunciação. Com o accento agudo e circumflexo, postos sobre a mesma vogal, ou com a privação delles, chegamos a multiplical-a, fazendo de cada *a dois*, e de cada *e* e de cada *o* tres, a saber: o *á grande*, o *a pequeno*; o *é grande aberto*, o *ê grande fechado*, e o *e pequeno*; o *ó grande aberto*, o *ô grande fechado*, e o *o pequeno.*

Na escriptura ordinaria faz-se mui pouco caso destes accentos vogaes na certeza de que o uso mesmo da pronunciação viva distinguirá na leitura o differente som destas vogaes. He porêm certo que, quando se tracta de ensinar e firmar a boa pronunciação da Lingua a quem não tem ainda todo o uso precizo para a saber, como são os Meninos e os Estrangeiros; estes accentos vogaes não se devem desprezar principalmente nos livros que se destinão para a primeira instrucção da mocidade e para o uso do Povo; e mui particularmente quando estes accentos fazem mudar de especie, de caso, e de numero o mesmo vocabulo, e por consequencia tambem de significação, como nestas palavras *Pára*, *Para*, *Bésta*, *Bêsta*, *Bestial*, *Gósto*, *Gôsto*, *Gostôso*, e infinitas outras. Veja-se o que a este respeito fica dicto na *Orthoepia* Cap. I., e na *Orthographia* Cap. I. Regra V.

GRAM-

GRAMMATICA PHILOSOPHICA DA LINGUA PORTUGUEZA.

LIVRO III.

Da Etymologia, ou partes da Oração Portugueza.

Nos dois Livros antecedentes da *Orthoepia* e da *Orthographia* tractámos da parte mechanica da Lingua Portugueza, considerando nella as partes da oração so pelo que tem de physico e material, como meros *Vocabulos*, compostos de sons articulados, ou so pronunciados para serem ouvidos, ou tambem representados aos olhos para serem vistos; mas sem respeito algum ao que significão.

Nestes dois Livros, que se seguem tractaremos da parte Logica da mesma Lingua, considerando as mesmas partes da oração, pelo que tem de metaphysico e espiritual, não como vocabulos, mas como *Palavras*, isto he, como signaes de nossas ideas e de nossos pensamentos, ou considerados separadamente para exprimirem aquellas, o que he objecto da Ety-

Etymologia, ou junctas em oração para formarem estes, o que he objecto da Syntaxe e Construcção.

A *Etymologia* pois, que em Latim se diz *Veriloquium*, tem por objecto averiguar a verdadeira natureza de cada palavra por ordem e representação analytica do pensamento, os seus differentes misteres e usos na enunciação de nossas ideas, e descobrir na analogia, ou diversidade de suas funcções communs o fundamento, e caracteres de cada classe primitiva ou subalterna, a que todos os Elementos do discurso se devem reduzir.

Estes Elementos da Oração, como são signaes das ideas, não podem ser, nem mais, nem menos em numero, nem de outra especie, que não sejão os Elementos do pensamento, que os mesmos exprimem. As ideas de qualquer pensamento são simultaneas no espirito, que mal as poderia comparar sem as ter presentes ao mesmo tempo, bem como os olhos, que, para fazerem idea de huma perspectiva, devem abranger com a vista todas suas partes, e perceber ao mesmo tempo todas as suas relações mutuas para dellas poderem formar a idea de hum todo.

Esta vista simultanea, apprehendida pelos olhos, e depois pelo espirito, não pode deixar de ser confusa. Onde não ha successão, não pode haver distincção. Esta somente nasce da attenção que nossa alma dá mais a huma parte que á outra, abstrahindo-a de todas as mais; e esta attenção, correndo de objecto em objecto, necessariamente ha de ser successiva.

Nós não poderiamos ser Senhores desta attenção e da faculdade de abstrahir sem ter á nossa disposição hum meio prompto para fixar o espirito sobre hum objecto com exclusão dos mais; e este meio prompto de que Deos fez presente ao homem, he o das Linguas, que não são outra couza senão huns *Instrumentos Analyticos*, que separão as ideas simulta-

taneas do painel confuso do pensamento, que as póem em ordem, e as fazem succeder humas a outras no discurso para se verem distinctamente, e poderem ser vistas por aquelles a quem falamos. As Linguas não são huns instrumentos de communicação, se não porque primeiro o são do Raciocinio.

Destes principios certos se segue que o systema Etymologico de qualquer Lingua está necessariamente fundado sobre o systema Logico das Ideas, o qual he o mesmo fundamentalmente em todos os homens de qualquer idade e paiz que sejão. Ainda que os seus conhecimentos sejão differentes em numero, qualidade, e perfeição; todos comtudo pensão do mesmo modo: porque não podem pensar sem ter ideas, e sem as combinar.

Estas ideas, e estas combinações, he verdade são representadas por differentes signaes segundo as differentes Linguas dos povos. Porêm a differença está toda no material dos vocabulos, e não na significação das palavras, a qual he a mesma em todas as Linguas. Porque todas tem as ideas por objecto, e por fim a sua combinação e comparação. *Conceber*, e *Julgar* são duas operações do entendimento, communs a todos os povos ainda selvagens.

Sobre estes principios da Grammatica Geral passamos a estabelecer o systema Etymologico das Partes da Oração Portugueza, distribuindo-as primeiro nas suas Classes mais geraes, e depois nas suas especies principaes, e tractando de cada huma dellas separadamente nos Capitulos seguintes.

CAPITULO I.

Divisão Geral das Palavras, e em especial das Interjectivas.

Em consequencia do que fica dito, não pensando nós, nem podendo pensar, se não em quanto percebemos a identidade, ou differença dos objectos; e não podendo existir em nós semelhante percepção sem ao mesmo tempo estarem presentes ao espirito muitas ideas: tractando-se de exprimir estas mesmas ideas simultaneas por meio do discurso; dois modos ha de o fazer. Hum representando tambem junctas todas estas percepções e sentimentos, que a nossa alma experimenta tumultuariamente; e outro separando-as, e fazendo-as succeder humas ás outras.

O primeiro methodo he *Natural* e *Summario*, o segundo *Artificial* e *Analytico*. Destes dois modos contrarios de dar a conhecer pela Linguagem os nossos pensamentos nasce a Divisão a mais geral das palavras em duas classes. Huma das palavras *Interjectivas*, ou *Exclamativas*, e outra das *Discursivas*, ou *Analyticas*.

ARTIGO I.

Das Palavras Interjectivas, ou Exclamativas.

As *Interjeições* são humas particulas, desligadas do contexto da Oração, exclamativas, e pela maior parte monosyllabas e aspiradas, que exprimem os transportes da paixão, com que a alma se acha occupada. Ellas são a Linguagem primitiva, que a natureza mesma ensina a todos os homens, logo que nascem, para indicarem o estado, ou de dôr, ou de pra-

prazer interior, em que sua alma se acha: e por isso devem ter o primeiro Lugar na ordem das Partes da Oração, e antes mesmo dos Nomes, e mais partes discursivas, que os Grammaticos costumão pôr primeiro.

He impossivel assignar as differenças especificas de cada huma destas Interjeições. Estas differenças são tão variadas, ligeiras, e fugitivas, como os movimentos interiores do coração humano. Assim como huma mesma palavra, segundo he pronunciada differentemente, pode ter differentes significações; assim huma mesma Interjeição, segundo o tom e circumstancias, em que he proferida, serve para exprimir diversos sentidos de dôr, ou de alegria, &c. No estado de perturbação, em que estas Interjeições se empregão, ninguem está capaz de as observar miudamente. Ao sentimento pois pertence o proferil-as a proposito, e á Grammatica o recebel-as do uso, contal-as, e notar algumas differenças mais geraes, que as distinguem.

Em geral pode-se dizer que humas indicão so o estado de commoção em que se acha a alma, e que as circumstancias e contexto da Oração determinão, ja a huma paixão, ja a outra. Taes são as tres: AH! que como Interjeição de admiração, ja serve para exprimir o gosto, ja o desprazer; HAI! a mesma que a antiga GUAI! que sendo signal de hum sentimento doloroso interior, tambem ás vezes se emprega para exprimir o contrario; e OH! que sendo expressão natural do desejo, tambem ás vezes serve para exprimir o sentimento de lastima e de indignação.

Ja as onze Interjeições seguintes são mais apropriadas para certos affectos, ou de *Riso* ás gargalhadas como HA! HA! ou de *Reparo*, e *Sobresalto* como AHI! ou de signal para fazer *Silencio* como CHIST! ou para *Exhortar* como HEIA! ou de

Aversão para arredar alguem, como a Interjeição chula HIRRA! ou para *chamar* simplesmente por alguem, como a Interjeição vocativa O'; ou para *chamar com reparo* e extranhamento, como HO'LA! ou para exprimir hum *desejo* ancioso, como OXALA! ou hum sentimento de *dor* e *espanto*, como HUI! ou para fazer *parar* TA! ou para *animar*, como SUS!

Alguns contão no numero das Interjeições tambem estas palavras *Alto*! *Animo*! *Fóra*! *Jesu*! *a Deos*! Mas ellas são discursivas, e se algumas vezes se empregão sos interjectivamente, he porque são humas Orações ellipticas, que com o supplemento de hum verbo se completão facilmente, e se reduzem ao que são.

Sobre o uso, que nossa Lingua faz das verdadeiras Interjeições, so direi que a maior parte dellas se ajunta com os nomes em segunda pessoa, ou em vocativo, posto que não levem a Interjeição do mesmo. Exemplos:

Ah! dotes naturaes, não vos entende
Quem menos vos estima, ou quem vos vende. (1)
Oh vida! . . . Ah quam comprida,
Do tempo, antes de tempo, consumida! (2)
Holá! Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer que de subir. (3)
Ora sus! gente forte, &c. (4)

Outras vezes se ajuntão com o Relativo Conjunctivo *Que*, e com os Comparativos *Quam*, *Quanto*,

(1) Lobo.
(2) Fernão d'Alvares d'Oriente.
(3) Camões *Lusiad.*
(4) Camões *ibid.*

to, v. gr. *Oh que entremezes da Fortuna! Oh que tragedias do Mundo!* (1)

He porém couza especial á Interjeição HAI! o juntar-se com a Preposição *de* e seu complemento, como: *Ai de mim! Guai de nós! Ai daquelles que tem pouca fazenda! e guai dos que a ganhão com máo titulo!* E tambem he couza propria á Interjeição *Oxalá!* o construir-se sempre com os Preteritos ou do Indicativo, ou do Subjunctivo: como *Oxalá! eu fizera, fizesse*, ou *tivera feito*, &c.

A Interjeição Vocativa O' serve para dar a qualquer nome a determinação de segunda pessoa, e mostrar que he a com quem se fala. Quando o nome está no principio da frase, e antes do verbo, costuma-se exprimir, como: *O' Pedro, vem cá* Porém quando vem no meio da frase e depois do verbo, muitas vezes se supprime, como: *Vem cá, Pedro.* Esta he a primeira classe geral das palavras Interjectivas. Passemos á segunda das Discursivas, e suas especies.

ARTIGO II.

Das Palavras Discursivas, ou Analyticas.

Na Natureza não existe outra couza mais do que *Individuos*, e as *Relações*, que os mesmos tem ou comsigo mesmos, olhados por differentes lados, ou com outros diversos, nascidas das suas mesmas propriedades, ou naturaes, ou accidentaes: as quaes relações fazem com que muitos de taes seres individuaes formem differentes series parciaes, cada huma com seu fim particular a que tendem, e todas estas series parciaes formem huma cadeia e ordem geral, com

(1) Vieira.

com hum fim commum, a qual se chama *Ordem do Universo.*

Do mesmo modo em nosso Espirito não ha senão duas couzas, que são:

1.ª *Ideas*, ou *Sensiveis* e *Directas*, nascidas das impressões, que os objectos causão nos nossos sentidos e que são as unicas imagens naturaes dos mesmos objectos, ou *Reflexas*, formadas pela nossa alma; ja por meio da *abstracção*, com que a mesma dá mais attenção a huma parte, ou qualidade do objecto do que a outra; ja por meio da *comparação*, que a mesma faz das propriedades de differentes objectos, fixando sua attenção sobre o que ellas tem de commum e semelhante entre si.

Todas estas ideas reflexas são abstractas, quer sejão *Parciaes* abstrahindo a parte do todo, quer *Modaes* abstrahindo o modo da substancia, quer *Universaes* e analogicas, chamadas tambem *Noções*, abstrahindo em huma idea geral o que os objectos tem de commum e analogo entre si. Assim a idea de *Olho* he huma idea parcial, a de *Solidez* huma idea *Modal*, e a de *Corpo* huma idea Geral, ou Noção. Todas estas ideas pertencem á primeira operação de nosso Entendimento, que he a de *Perceber*, ou *Conceber.*

A 2.ª couza, que ha em nosso Espirito, he a *Combinação*, ou *Comparação*, que elle faz destes mesmos objectos e ideas, ou comsigo mesmas, olhando-as por differentes faces, ou com outras differentes, para perceber as diversas relações, que humas tem com outras ou de *Identidade*, ou de *Determinação*, ou de *Nexo* e de *Ordem.*

De *Identidade*, quando em huma idea se contêm a outra, como por ex.: na idea de *Deos* se contêm a de *Ser* ou *Ente*. De *Determinação*, quando em huma idea não se contêm a outra; mas contêm-

têm-se a razão sufficiente para a determinar, ou ser determinada por ella. Assim por ex: na idea de *Filho* não se contêm a idea de *Pai*, antes são oppostas: mas contêm-se a razão, que requer hum segundo termo da sua relação v. gr. *Filho do Rei.*

De *Nexo* e de *Ordem* em fim, quando huma idea nem contêm a outra, nem a determina; mas huma está para a outra em razão ou parallela e de igualdade, ou subalterna de principio, ou causa para consequencia, ou effeito, &c. Assim quando digo: *Filho e Pai*, *Filho* ou *Pai*, *nem Filho*, *nem Pai*; hum termo destes está para o outro em razão parallela: porêm quando digo: *Porque o filho deve a seu pai a propria existencia*, *tambem lhe deve a honra e assistencia*; o primeiro pensamento está para o segundo em razão de principio, e o segundo para o primeiro em razão de consequencia.

Esta he a segunda operação do nosso Entendimento, chamado *Juizo*, na qual se inclue a do Raciocinio, que he o mesmo Juizo, com que se comparão não ja duas ideas entre si; mas ambas duas com huma terceira, como quando, julgando que *Toda a virtude he louvavel*, e que a *Prudencia he huma virtude*; concluo que a *Prudencia he louvavel.* Donde se vê que esta terceira operação do entendimento verdadeiramente não he senão huma extensão da segunda, e não de differente especie. Pois a comparação não muda de natureza com confrontar duas ideas entre si, ou com as confrontar com huma terceira. A comparação he a mesma. Os termos so he que se varião e multiplicão. Concluamos pois que tudo o que se passa em nosso entendimento ou são *Ideas*, ou *Combinações.*

Ora não sendo as palavras senão signaes dos nossos pensamentos, não podem constituir outras classes geraes que não sejão as destes mesmos pensamentos;

tos; e como estes não são senão *Ideas*, ou *Combinações* das mesmas: as palavras Discursivas, que os exprimem, de necessidade se devem tambem reduzir a duas classes geraes, como nos Methodos Analyticos do Calculo; humas que caracterizão e nomeião as ideas, e outras que as combinão entre si. As primeiras se podem chamar *Nominativas*, e as segundas *Combinatorias* ou *Conjunctivas*.

Como porêm as ideas, que se nomeião, são de differentes generos, e as combinações tambem de differentes especies; as duas Classes mais geraes das Palavras Discursivas se subdividem em differentes especies, cujo numero he precizo determinar para se saber quaes são exactamente as *Partes Elementares* e indispensaveis do discurso. Neste ponto tem havido quasi tantas opiniões, quantos são os Grammaticos. Creio porêm que nenhum delles contestará, que para qualquer especie de palavras se reputar elementar da oração, deva ter estes tres caracteres.

1.º Que seja *Simples* e *Irresoluvel*, quero dizer, que a sua expressão não contenha em si clara ou implicitamente outras palavras, pelas quaes se possa resolver, e explicar; antes pelo contrario, nella se venhão a resolver todas as expressões compostas, ainda que á primeira vista pareção simples.

2.º Que seja necessaria e indispensavel á enunciação dos nossos pensamentos, e de tal sorte que não haja lingua alguma, que a não tenha.

3.º Que exercite no discurso huma funcção essencialmente differente das que exercitão as outras Partes Elementares do mesmo; e tal que não possa ser exercitada por nenhuma dellas. Esta funcção, bem se vê que não póde ser outra senão a de caracterizar e propor as differentes especies de ideas, que entrão no painel do pensamento, e as differentes especies de relações, que as unem para dellas fazerem hum todo Logico.

Ora

Ora estes tres caracteres não concorrem todos junctos senão em cinco especies de palavras, que são: *Nome Substantivo*, *Nome Adjectivo*, *Verbo Substantivo*, *Preposição*, e *Conjuncção*, cinco Partes Elementares Discursivas, que com a *Interjeição*, unica parte não discursiva, formão o systema completo dos *Elementos da Oração*, ao qual se reduzem todos os vocabulos, de que pode constar o diccionario de qualquer Lingua, antiga ou moderna, e o da nossa por consequencia. Os *Substantivos* propõem as ideas principaes. Os *Adjectivos* as accessorias, como objectos dos nossos discursos para se combinarem e compararem. O *Verbo Substantivo* combina e ajunta a idea accessoria com a principal, o attributo digo, com o sujeito da proposição. A *Preposição* combina entre si duas ideas principaes, fazendo de huma complemento de outra; e a *Conjuncção* combina, liga, e ordena as orações entre si.

Comtudo muitos Grammaticos e os nossos especialmente não contão os *Adjectivos* como especie separada do nome, e contão os *Pronomes*, *Artigo*, *Participios*, e *Adverbios* como partes elementares de especie differente da dos adjectivos e preposições.

O *Adjectivo* sim he huma parte Nominativa; porêm de differente especie da do nome Substantivo; assim como o Verbo, Preposição, e Conjuncção são todas partes Conjunctivas; porêm nem por isso deixão de fazer cada huma sua especie differente. O Adjectivo exercita huma funcção necessaria e indespensavel na enunciação do pensamento. Porque, se não pode haver proposição sem hum sujeito e sem hum attributo; e se o nome Substantivo he precizó para exprimir aquelle, o Adjectivo não o he menos para significar este. Estas duas funcções são inteiramente distinctas. Porque a idea, que faz o sujeito da propo-

sição, não pode deixar de ser huma idea de couza que subsista per si; ou na natureza, ou no nosso modo de a conceber. Pelo contrario a idea que faz o attributo da proposição necessariamente hade ser huma idea de qualidade, ou couza que o valha, e que per si não pode subsistir, mas necessita de hum sujeito, em quem exista. Ora ideas tão differentes, e ainda oppostas, não podião deixar de ter nas Linguas differentes especies de palavras para se haverem de representar sem equivoco no painel do pensamento.

Alem disto nenhum dos nomes, Substantivo, e Adjectivo, pode trocar hum com outro estas duas funcções, que lhes são proprias a cada hum; tanto assim que para o Adjectivo poder ser sujeito de huma proposição, he necessario substantival-o por meio do Artigo; e para o Substantivo poder fazer as vezes de attributo na mesma proposição, he precizo adjectival-o, empregando-o sem Artigo, nem Determinativo algum que o individue. Por ex.: nesta proposição: *O verdadeiro sempre he bello, o falso nunca o he*; os Adjectivos *verdadeiro* e *falso* estão substantivados pelo Artigo *o*, e valem o mesmo que *A verdade*, e *A falsidade*; e nesta: *Pedro he homem de Letras*, os Substantivos *Homem*, *Letras*, estão adjectivados pela falta do Artigo. Homem toma-se especificamente por todas as propriedades, que constituem a natureza humana, e he huma expressão abstracta e abbreviada, que equival a todos os adjectivos, que exprimissem as mesmas qualidades: e a palavra *Letras* precedida so da preposição *de*, sem Artigo, equival a *Letrado*.

Em todo o caso he certo que não pode ser sujeito de qualquer proposição, se não hum Substantivo, ou couza que o valha; nem attributo da mesma se não hum Adjectivo, ou hum Substantivo appellativo, equivalente a huma multidão de Adjectivos, que signi-

gnifiquem as qualidades analogicas, que a sua noção comprehende. Tanto he verdade que as funcções, que hum e outro nome exercitão na enunciação do pensamento, são differentes, e não permittem de modo algum se arranjem debaixo da mesma especie.

Constituindo pois os *Adjectivos* huma especie elementar de palavras, distincta da dos nomes Substantivos; he facil reduzir a ella os *Pronomes*, o *Artigo*, e os *Participios*.

Todo o nome, que se ajunta a hum Substantivo para o modificar, ou determinando-o, ou explicando-o, ou restringindo-o, he para mim hum nome Adjectivo quer seja declinavel, quer indeclinavel. Esta he a idea, que leva comsigo todo o nome Adjectivo, isto he, a de huma idea accessoria, que modifica outra.

Ora os *Pronomes* referem-se sempre aos nomes Substantivos, que trazem á memoria, e algumas vezes, quando se faz precizo, se ajuntão immediatamente a elles, como *Eu Antonio*, *Tu Pedro*, *Elle Sancho*. Em todo o caso elles modificão os Substantivos, determinando-os a fazer na representação do discurso o papel, ou da primeira figura e personagem, que he a de *quem fala*; ou da segunda, que he a *com quem se fala*; ou da terceira, que he a *de quem se fala*. São pois huns verdadeiros Adjectivos. E para não haver nisto duvida alguma, o pronome mesmo da terceira pessoa toma formas genericas para poder concordar; o que he outrosi hum caracter proprio dos Adjectivos. E se este he manifestamente Adjectivo, porque o não serão os outros, ainda que sejão invariaveis? O *Artigo o*, *a*; *os*, *as*; tem tambem estas formas genericas; certo que para concordar com os nomes appellativos, a que sempre se ajunta para os modificar determinando-os a hum sentido, não ja especifico, mas individual. He pois

tambem hum Adjectivo da classe dos Determinativos, como são os Pronomes.

Os Participios Activos tanto os Imperfeitos em *ndo*, como os Perfeitos em *do*, são huns verdadeiros Adjectivos verbaes, indeclinaveis, como mostraremos no seu lugar. Quanto aos Participios perfeitos passivos, como *Louvado*, *Louvada*; *Louvados*, *Louvadas*; não necessitão de demostração. As suas mesmas formas adjectivas, para concordar com os Substantivos, mostrão o que são.

Quanto aos *Adverbios*, estes são humas *Expressões* compostas, equivalentes a huma Preposição com seu complemento, que costuma ser hum Substantivo ou so, ou acompanhado de hum Adjectivo. Devem-se por tanto reduzir a estes elementos, dos quaes se compõem, e em que por fim se resolvem. Os Adverbios de qualidade formados da terminação feminina dos Adjectivos com a Addição *mente*, como *Claramente*, *Prudentemente*, e que nos vierão do Latim corrupto da inferior idade *Clara mente*, *Prudente mente*, *&c.* entendendo-se-lhes a preposição Latina *cum*, são huma prova disto, ainda que não houvesse outras.

Disto tudo se conclue que seis, nem mais, nem menos, são as *Partes Elementares* da Oração Portugueza, a saber: tres *Variaveis*, quaes são os *Substantivos*, os *Adjectivos*, e o *Verbo*; e outras tres *Invariaveis*, quaes são as *Preposições*, as *Conjuncções*, e as *Interjeições*. Destas seis partes, cinco são *Discursivas* ou *Analyticas*, e huma *Interjectiva* ou *Exclamativa*, que he a *Interjeição*. Das Discursivas duas são *Nominativas*; porque nomeião e propõem os objectos, quer reaes, quer abstractos, que fazem a materia dos nossos pensamentos, e taes são os *Nomes Substantivos*, e os *Nomes Adjectivos*; e tres são *Conjunctivas* ou *Combinatorias*; porque servem

vem para ajuntar e comparar entre si os mesmos objectos, e os juizos, que sobre elles fazemos.

Entre estas Partes Elementares da oração, são muito para notar as differenças seguintes.

1.ª Que humas destas Partes são tão essenciaes a qualquer proposição, ou oração, que sem ellas nenhuma pode haver: e outras são accidentaes á mesma, que a proposição pode existir sem ellas, ainda que hum discurso não. As primeiras são os *Substantivos*, os *Adjectivos*, e o *Verbo Substantivo*, bem entendido que nos Adjectivos comprehendo tambem os nomes appellativos, quando se tomão adjectivamente, polas razões que acima apontei.

A razão he, porque sem duas ideas não pode haver comparação, e esta tambem não, sem hum termo que as compare. A primeira idea e principal, que faz o sujeito da proposição, necessariamente ha de ser hum Substantivo, ou hum nome Substantivado. A segunda, que faz o attributo da proposição, necessariamente ha de ser tambem, ou hum Adjectivo, ou hum nome Adjectivado. O terceiro termo, que serve de *Copula* ás duas ideas, he o verbo Substantivo *Ser*, ou o Impessoal *Haver*, ou o Auxiliar *Estar*, todos na significação de existir.

Qualquer oração pode subsistir so com estes tres termos, não tendo estes novas relações com outros objectos extrinsecos. Tendo-as porêm, são precizas outras partes da oração, que posto sejão necessarias para o complemento do sentido, não o são para a integridade da proposição, antes accidentaes e accessorias a ella. Taes são as *Preposições*, que indicão ou o objecto da acção do Verbo, ou o termo da sua relação, ou suas circunstancias; as *Conjuncções*, que indicão as relações de nexo e de ordem, que huma proposição tem para outra; e as *Interjeições*, que indicão, alêm do pensamento, o estado

tam-

tambem de commoção, em que a alma se acha a respeito do objecto, que a affecta.

A 2.ª differença he que humas destas Partes, e as mesmas que são necessarias para integridade da proposição, como *Substantivos*, *Adjectivos*, e *Verbo*, são *Declinaveis*, isto he, variaveis em suas terminações segundo as differentes relações de Genero, Numero, e Pessoas, com que representão os objectos, que exprimem: outras *indeclinaveis* e invariaveis nas suas terminações, quaes são as Partes accessorias da proposição, que são as *Preposições*, *Conjuncções*, e *Interjeições*.

E a razão está clara. Como as primeiras são essenciaes á proposição, que não he outra couza, senão a enunciação de hum juizo, ou percepção de conveniencia e identidade entre duas ideas; tanto estas, como a da relação de coexistencia, significada pelo Verbo, são tres ideas correlativas, humas ás outras. O sujeito da proposição he relativo ao Verbo, o attributo ao sujeito, e o Verbo a ambos dous, tres ideas que fazem huma so, qual he a do sujeito da proposição, contendo em si a idea do attributo. A mesma correlação pois, que ha entre as ideas, devia tambem haver entre as palavras, que as representão, variando de terminações á proporção que as mesmas ideas varião de genero, e de numero, e concordando entre si para mostrarem pela conformidade mesma de sua forma exterior a identidade Logica do attributo com o sujeito. As Partes indeclinaveis porêm, como exprimem outras relações, que não requerem extremos identicos, não estão sujeitas á regra da concordancia, e por isso são invariaveis na sua fórma.

Huma 3.ª differença muito notavel entre as Partes *Nominativas* e as *Conjunctivas* he ser o numero daquellas quasi infinito, e o destas muito pequeno. Porque como as primeiras representão as ideas e obje-

jectos de nossos pensamentos, e estas ideas e objectos são, a bem dizer, infinitos; a quantidade numerica destas palavras he incomparavelmente muito maior que a das da segunda classe, restringida a exprimir poucas relações geraes, e estas quasi sempre as mesmas; para o que poucas palavras são precizas.

Assim observamos que os Vocabularios de todas as Linguas se compõem quasi totalmente de Nomes Substantivos e de Adverbios, ou separados, ou incorporados nos Adverbios e nos Verbos, chamados por isso Adjectivos em contraposição do Verbo Substantivo, que he o unico Verbo simples; e que as *Preposições*, *Conjuncções*, e *Interjeições*, se reduzem a poucas dezenas.

4.ª Finalmente, como os Nomes Substantivos, e Adjectivos, e consequentemente tambem os Verbos Adjectivos, além das suas significações principaes, que lhes são proprias, se encarregão de exprimir ao mesmo tempo muitas outras ideas accessorias, que modificão as principaes: vêem-se obrigados a augmentar o volume material de seus vocabulos, accrescentando Syllabas sobre Syllabas á proporção, que se lhes accrescentão novas ideas. Daqui vem que as palavras desta classe são mais compridas e polysyllabas, comparadas com as da segunda classe.

Pois que o Verbo Substantivo, e as Preposições, Conjuncções, e Interjeições não exprimindo outra couza senão relações simplicissimas, e meras vistas, com que o nosso espirito olha aquelles objectos e ideas, ja combinando-as, ja ligando-as, ja ordenando-as, ja mesmo confundindo-as em hum ponto de vista e em huma sensação: as palavras de que se serve para isto, além de serem muito poucas, são tambem de ordinario muito curtas e quasi todas monosyllabas em quasi todas as Linguas; que por isso se podem chamar *Particulas* em comparação das outras, que mais mere-

re-

recem o nome de *Partes*. Assim vemos que o nosso Verbo Substantivo *Ser* he monosyllabo em quasi todas as Linguas, antigas e modernas, e o mesmo he evidente nas Preposições, Conjuncções, e Interjeições.

Por tanto determinado deste modo o numero certo das Partes Elementares, de que se compõe toda oração e discurso; passemos ja a tratar de cada huma dellas em particular nos Capitulos seguintes.

CAPITULO II.

Do Nome Substantivo.

NA natureza não ha senão duas couzas, que possão ser objecto de nossos discursos, que são *Substancias*, e *Qualidades*. As primeiras subsistem per si sem dependencia das segundas, e estas dependem das primeiras para poderem subsistir. Hum *corpo* por ex.: pode subsistir sem ser *redondo*; porêm a *redondeza* não pode existir sem ser em hum corpo. Se as Linguas fossem simples representações dos objectos da natureza, deverião exprimir sempre as *Substancias* por meio de Nomes Substantivos, e as *Qualidades* por meio de Nomes Adjectivos.

Mas como ellas são huns *Instrumentos Analyticos*, dados aos homens, não so para exprimirem e communicarem suas ideas; mas ainda mais para poderem discorrer sobre ellas; e o não poderião fazer a seu arbitrio sem ter hum meio de considerar os objectos por todos os lados possiveis para os combinar de todos os modos, fazendo dos mesmos, ja o sujeito, ja o attributo dos seus juizos e comparações; e por outra parte não podendo ser sujeito de huma proposição, senão huma idea qualquer, considerada como per si subsistente, nem attributo senão outra

tra idea considerada como accessoria, e dependente de hum sujeito para subsistir: daqui veio a necessidade, em que se acharão as Linguas, como Instrumentos de Raciocinio, de substantivar, quando lhes fosse precizo, as mesmas qualidades insubsistentes, como *Extensão*, *Solidez*, *Dureza*, *Côr*, *&c.*, e de adjectivar as mesmas substancias fazendo, por ex.: de *Espirito Espiritual*, *de Corpo Corporeo*, *de Ceo Celestial*, *e de Terra Terrestre*, *&c.*

Daqui se vê que a definição do Nome Substantivo e Adjectivo não se deve tirar, nem da differente natureza das substancias e qualidades physicas, nem da differença de hum poder estar so na oração, e outro não: mas sim do differente ministerio, que cada hum exercita na enunciação analytica do pensamento.

O Substantivo pois, *he hum nome*, *que exprime qualquer couza como subsistente por si mesma*, *para poder ser sujeito da oração*, *sem dependencia de outra.*

E o Adjectivo, *he hum nome*, *que exprime huma couza como accessoria de outra para ser sempre o attributo de hum sujeito claro*, *ou occulto*, *sem o qual não pode subsistir.*

Todo o Nome Substantivo, ou he *Proprio*, ou *Commum*, chamado tambem *Appellativo.* Nome Proprio he aquelle, que convem so a huma pessoa, ou couza, como *Homero*, *Camões*, *Ceo*, *Terra*, *Portugal*, *Lisboa.*

Se a cada individuo, ou couza se désse hum nome proprio; sendo os individuos infinitos, e mais que as areias do mar; seria preciza huma infinidade de nomes; a qual mesmo de nada aproveitaria; assim por ser incomprehensivel, como porque nada adiantaria nossos conhecimentos. Pois, dependendo estes da analyse e comparação dos objectos; os nomes proprios serião os mais improprios para isso,

por presentar so individuos sem relações communs e geraes, que são os mananciaes dos conhecimentos humanos.

Estes Nomes por tanto não pertencem propriamente ás Linguas consideradas como Methodos vulgares analyticos, e por isso não costumão ter lugar nos Vocabularios das mesmas; mas so nos Diccionarios Historicos, e das Artes, aos quaes pertencem. Nos das Linguas entrão so os nomes Appellativos, os Adjectivos, os Verbos, e mais partes da Oração, que são as unicas que servem para decompor os seres individuaes e compostos em as suas ideas simples a fim de se poderem comparar, e recompor depois.

Pode-se ainda dizer que todos os Nomes Proprios não forão na sua origem senão nomes Appellativos, e communs, como se vê em quasi todos os Nomes Proprios Hebraicos, Gregos, e Romanos, e ainda nos nossos, que sendo communs a muitas pessoas e couzas, somos obrigados a individua-los com os Sobrenomes, Appellidos, e outros caracteres, que os especifiquem: como *D. João Primeiro*, *Segundo*, *&c. Viana do Minho*, *Viana do Alemtejo*, *&c.* Substantivo *Commum* ou *Appellativo* he aquelle que exprime huma idea geral e abstracta, que convem a muitos individuos, ou sejão pessoas, ou couzas. Digo: *huma idea geral e abstracta*; porque ella não existe na natureza, como a dos individuos, significados pelos nomes proprios; mas so no entendimento humano e na palavra a que se alligou.

Estes Nomes *Communs*, ou são *Universaes* e Analogicos, ou *Parciaes* e Modaes. Os *Universaes* exprimem huma noção, ou ajuntamento de qualidades communs a muitas substancias que existem realmente na natureza. São nomes de classes, que arranjão os idividuos debaixo de certos generos e especies. Se elles classificão os seres segundo suas qualidades

essenciaes e constantes, chamão-se *Appellativos Physicos*, como: *Espirito*, *Corpo*, *Homem*, *Bruto*: e se os classificão segundo as suas qualidades accidentaes e variaveis, chamão-se *Appellativos Moraes*, como: *Rei*, *Magistrado*, *Sacerdote*, *&c.*

Os Appellativos *Parciaes*, ou Modaes exprimem huma qualidade so, porêm commum a muitos individuos, a qual qualidade, assim considerada, não existe senão no Entendimento, e são de dois modos, ou *Abstractos*, quando exprimem as qualidades, abstrahidas das substancias, como subsistentes por si mesmas, v. gr. *Brancura*, *Belleza*, *Probidade*; ou *Concretos*, quando exprimem as mesmas qualidades como subsistentes em hum sujeito, porêm vago e indeterminado. Taes são os Adjectivos substantivados por meio do Artigo, como quando dizemos: *o Elevado*, *o Sublime dos pensamentos*, *o Justo*, *o Honesto*, *o Bello*; e os Nomes Verbaes, ou Infinitos Impessoaes dos Verbos, que exprimem indefinidamente a coexistencia de huma qualidade, ou acção em hum sujeito qualquer, como *Louvar*, *Entender*, *Ouvir*, *&c.*

A distincção, que acabamos de fazer de varias especies de Appellativos, abre caminho ás observações seguintes.

1.ª Que, não tendo elles por si caracter algum individual, por que se possão considerar como substancias á maneira dos Nomes Proprios; nunca se podem empregar como sujeitos da Oração sem serem precedidos do Artigo, ou de outro qualquer Adjectivo Determinativo claro ou occulto, que lhes dê aquelle caracter. Assim dizendo nós *Pedro he mortal*, ja não diremos *Homem he mortal*, mas sim *o Homem he mortal.*

2.ª Que como os Appellativos Analogicos, e Universaes, exprimem a somma total das qualidades communs a muitos individuos, e são nomes de clas-

ses equivalentes a todos os Adjectivos, pelos quaes poderiamos significar separadamente cada huma daquellas qualidades: elles se podem empregar adjectivamente como Attributos da proposição, porêm sem Artigo, o qual lhes tiraria esta qualidade. A differença, que ha entre hum Attributo enunciado por hum Ajectivo, ou por hum Appellativo, como nestas proposições *Pedro he justo*, *Pedro he homem*, consiste so em se affirmar na primeira que a idea de Justiça se inclue na idea de Pedro; e na segunda que a idea de Pedro se inclue na da classe humana. Porêm se ajuntamos o Artigo ao nome Appellativo, quando he attributo, então fica substantivado, e faz a proposição identica e convertivel em seus termos. Assim tanto importa dizer: *D. João he o Principe Regente*, como *o Principe Regente he D. João.*

3.ª Que por esta grande analogia entre os Appellativos Universaes e os Adjectivos succede duvidar-se se alguns Appellativos Moraes pertencem á classe daquelles, ou á destes; como os nomes *Rei*, *Philosopho*, *Letrado*, *Soldado*, *Pintor*, *Poeta*, *Cidadão*, *Irmão*, *Fidalgo*, *Peão*, e outros muitos de que teremos melhor occasião de falar, quando tractarmos dos Adjectivos.

4.ª Que por esta mesma analogia entre os Appellativos e Adjectivos se costumão aquelles substituir muitas vezes em lugar destes com lhes ajuntar a preposição *de* sem Artigo, como *homem de probidade*, *de prudencia*, *de letras*, *de saber*, em lugar de *homem probo*, *prudente*, *letrado*, *sabio*, *&c.*

Até aqui considerámos os Nomes Substantivos quanto á sua significação principal, e funcções essenciaes, que exercitão na enunciação do pensamento; sem respeito algum ás suas fórmas exteriores e ideas accessorias, que em consequencia das mesmas lhes provêm da sua dirivação, composição, genero, e nume-

mero. O que fará a materia dos tres Artigos seguintes.

ARTIGO I.

De varias fórmas de Substantivos.

Ainda que estas fórmas pertenção tambem em parte aos nomes Adjectivos; ellas comtudo são mais proprias aos Substantivos, e por isso as collocamos neste lugar.

Por respeito a ellas se dividem os Nomes em duas classes geraes. Os que não nascem de outros da nossa Lingua; postoque tenhão origem da Latina, chamão-se *Primitivos*, como *Terra*, *Mar*, *Pedra*, *&c.*; e os que nascem dos primitivos chamão-se *Dirivados*, como de *Terra Terrestre*, *Terraqueo*, *Terreal*, *Terreno*, *Terrenho*, *Terrão*, *&c.*, de *Mar Maré*, *Marezía*, *Marujo*, *Marisco*, *&c.*, de *Pedra Pedreiro*, *Pedreira*, *Pedraria*, *Pedrado* ou *Apedrado*, *Pedral*, *Pedregal*, *Pedrêz*, *Pedroso* ou *Pedregoso*, *Pedrouço*, *Pedregulho*, *Pedrada*, *Pedranceira*, *Apedrejar*, *Empedrar*, *Desempedrar*, *Empedrenecer*, *Empedrenido*, *&c.*

Os Dirivados, ou o são de Nomes proprios, ou de Nomes communs. Dos proprios se dirivão os *Gentilicos* ou *Nacionaes*, que declarão de que gente, nação, ou patria cada hum he, como de *Portugal Portuguêz*, do *Algarve Algarvio*, do *Alemtejo Alemtejão*, da *Beira Beirão*, do *Minho Minhoto*, de *Traz-os-Montes Trasmontano*, de *Lisboa Lisbonense*, *Lisbonêz*, *Lisboêta*, de *Bragança Bragançāo* ou *Bragancêz*, de *Coimbra Coimbrão*, ou *Conimbricense*, *&c.*: e os *Patronymicos*, que ao principio erão huns Nomes Adjectivos, que so designavão filiação, como *Alvares*, que queria dizer filho ou filha de *Alvaro*, *Sanches* de *Sancho*, *Fernandes* de *Fer-*

Fernando, *Bernardes* de *Bernardo*, *Marques* de *Marco*, *Peres* de *Pero* ou *Pedro*, *Soares* de *Soeiro*, *Vasques* de *Vasco*, *&c.* Depois passárão a ser appellidos hereditarios, e proprios de certas familias.

Os Substantivos communs dirivados são, ou *Augmentativos*, ou *Diminutivos*, ou *Collectivos*, ou *Verbaes*, ou *Compostos*.

Os *Augmentativos* são os que com mudança na sua terminação augmentão a significação de seus primitivos, ou quanto á sua quantidade, ou quanto á sua qualidade. Huns augmentão mais, outros menos. Os que augmentão mais, acabão ordinariamente em *ão*, como de *Homem Homemzarrão*, de *Mulher Mulherão*, de *Moço Mocetão*, de *Rapaz Rapagão*. Os que augmentão menos, acabão os masculinos em *az* ou *aço*, como *Beberraz*, *Belliguinaz*, *Ladravaz*, *Linguaraz*, *Vilhacaz*, *Mestraço*, *Ministraço*, *Ricaço*, *Soberbaço*; e os femininos em *ona*, como *Mocetona*, *Mulherona*, *&c.*

Os *Diminutivos* são os que mudando a terminação de seus primitivos, lhes diminuem mais, ou menos a significação. Os que diminuem menos, acabão ordinariamente, os masculinos em *ête*, *óte*, *ôto*, como *Doudête*, *Escudête*, *Mocête*, *Panête*, *Pequenête*, *Pistolête*, *Pobrête*, *Bacorête*, *Camaróte*, *Perdigôto*: e os femininos, em *êta*, *óta*, *agem*, *ilha*, como *Ilhêta*, *Mocêta*, *Villéta*, *Ilhota*, *Galeota*, *Villota*, *Villagem*, *Camilha*, *&c.*

Os que diminuem mais, acabão ou em *inho*, *inha*, quando os primitivos terminão em vogal ou consoante, como *Filhinho*, *Filhinha*, *Mulherinha*, *Rapazinho*; ou em *zinho*, *zinha*, quando os primitivos terminão em diphthongo, como *Homemzinho*, *Leãozinho*, *Paizinho*, *Mãizinha*. O z euphonico faz-se necessario na dirivação destes diminutivos, para evitar o hiato, nascido do concurso de tres vogaes.

gaes. Porêm, quando o mesmo z se emprega sem esta necessidade nos que não acabão em diphthongo; parece fazer sua differença nos mesmos diminutivos, como se vê nestes dois *Mulherinha*, *Mulherzinha*.

Seja como for, o que he certo he, que a nossa Lingua he mui rica neste genero de dirivação, a qual faz com que a significação de hum primitivo tome hum augmento enorme, e delle va descendo gradualmente até o extremo contrario de pequenhez, como se póde ver nos dirivados destes tres *Velhaco*, *Mulher*, *Soberbo*, dirivando-se delles *Velhacão*, *Velhacaz*, *Velhaquete*, *Velhaquinho*, *Velhaquito*; *Mulherão*, *Mulherona*, *Mulherinha*, *Mulherzinha*; *Soberbão*, *Soberbaço*, *Soberbête*, *Soberbinho*.

Quanto ao uso destes augmentativos e diminutivos, geralmente se póde dizer que elles se não empregão se não no estylo familiar e chulo, e raras vezes nos discursos graves e serios. Servimos-nos dos augmentativos em vituperio para engrandecer a enormidade e desproporção, ou do corpo, ou do vicio, como *Mulherão*, *Soberbão*, *Sabichão*; mas tambem ás vezes para louvor, como a proposito se servio Vieira dos augmentativos *Valentão*, *Ministraço*.

Servimos-nos outrosim dos Diminutivos ordinariamente para ridiculizar, como se servio Garcia de Rezende na sua *Miscellanea* contra a extravagancia dos trajos de seu tempo, dizendo a fol. 163 col. 3.

Agora vemos *capinhas*,
Muito curtos *pellotinhos*,
Golpinhos, e *çapatinhos*,
Fundas pequenas, *mulinhas*,
Gibõeszinhos, *barretinhos*,
Estreitas *cabeçadinhas*,
Pequenas *nominaszinhas*,

Es-

Estreitinhas guarnições,
E muitas mais invenções;
Pois que tudo são *couzinhas.*

Comtudo estes mesmos diminutivos fazem ás vezes hum bom effeito, quando se tracta de objectos de carinho, e se pertende excitar com elles a ternura, e compaixão, do qual uso temos exemplo em Camões *Lusiad.* III. 127.

A estas *criancinhas* tem respeito. C. IV. 28. Aos peitos os *filhinhos* apertárão.

Chamão-se nomes *Collectivos* os que no singular significão multidão, quer de pessoas, quer de couzas. Elles são, ou *Geraes*, ou *Partitivos.* Os geraes são, ou indeterminados, como: *Nação*, *Cidade*, *Povo*, *Exercito*, *Gente*, *Concelho*, *Congresso*, *Arvoredo*, *Rebanho*, *&c.* ou determinados, como: huma *Novena*, *Dezena*, *Onzena*, *Duzia*, *Vintena*, *Quarentena*, *Centena*, *Milhar* ou *Milheiro*, *Milhão*, *&c.* Os Partitivos são, ou *Distributivos*, como: a *Metade*, o *Terço*, o *Quarto*, o *Quinto*, o *Oitavo*, o *Dizimo*, *&c.* ou *Proporcionaes*, como: o *Dobro*, o *Tresdobro*, o *Quadruplo*, o *Centuplo*, *&c.*

Os Appellativos *Verbaes Dirivados* são os que se formão dos verbaes primitivos, e fórmas infinitivas dos Verbos em *ár*, *êr*, *ir*, e em *do*, como: de *Andar* se dirivão *Andarejo*, *Andarengo*, *Andarilho*, *Andejo*; e de *Andado* se dirivão *Andada*, *Andadeiro*, *Andador*, *Andadura*, *Andança*, *&c.* Os acabados em *or*, como: *Amador*, *Ledor*, *Ouvidor*, e outros semelhantes, duvida-se se são Substantivos ou Adjectivos. Quando destes tractarmos, diremos a que classe pertencem.

Finalmente os Appellativos Dirivados *Compostos* são os que se compõem de duas, ou tres palavras Portuguezas, ou inteiras, ou alteradas com alguma mudança. Compõem-se elles

Ou

Ou de dous Substantivos, como *Arquibanco*, *Ferropéa*, *Mestresala*, *Nortesul*, *Pontapé*, *Varapdo*, *Usofructo*, *&c.*

Ou de Substantivo e Adjectivo, como *Boquirrôto*, *Cantochão*, *Lugartenente*, *Malfeitor*, *Manirroto*, *&c.*

Ou de Adjectivo e Substantivo, como *Altibaixo*, *Centopea*, *Gentilhomem*, *Machafemea*, *Meiodia*, *Menoridade*, *Salvoconducto*, *&c.*

Ou de Verbo e Nome, como *Baixamar*, *Beijamão*, *Botafogo*, *Catasol*, *Esfolagato*, *Fincapé*, *Passatempo*, *Pintarôxo*, *Pintasirgo*, *Sacabuxa*, *Sacatrapo*, *Talhamar*, *Torcicollo*, *Gyrasol*, *Valhacouto*, *&c.*; ou de Verbo e Adverbio, como *Passavante*, *Puxavante.*

Ou de Preposição, e Nome, como *Antemanhã*, *Contramestre*, *Contratempo*, *Entrecasco*, *Parabem*, *Parapeito*, *Semrazão*, *Sobresalto*, *Traspé*: ou de dous Verbos, como *Corrimaça*, *Ganhaperde*, *Mordefuge*, *Vaivem*, *&c.*

Finalmente alguns ha compostos de tres palavras, como *Capaemcollo*, *Fidalgo*, *Malmequer*, *Ventapoupa*, *&c.*

ARTIGO II.

Dos Generos dos Nomes Substantivos.

Genero quer dizer *Classe*, e esta he o arranjamento de muitos individuos, ou couzas, que tem alguma qualidade commum a todos; e como todos os animaes naturalmente se distinguem em duas Classes, ou Generos segundo os dous sexos de *macho* e de *femea*: os Grammaticos puzerão os nomes dos primeiros na Classe, ou *Genero Masculino*, e os dos segundos no *Feminino.* Estas são as Classes naturaes, em

S que

que entrão so os animaes. Todos os mais seres, que não tem sexo algum, deverião ser arranjados na Classe, ou *Genero Neutro*, isto he, formarem todos huma terceira Classe, em que entrassem os nomes dos individuos e das couzas, que nenhum sexo tem, nem masculino, nem feminino.

Porêm o uso das Linguas, sempre arbitrario ainda quando procura ser consequente, vendo que a Natureza lhe tinha prescrevido a regra dos sexos na Classe dos animaes, quiz seguir tambem a mesma nos nomes das couzas, que os não podem ter, fazendo por imitação huns masculinos, e outros femininos, e por capricho outros nem masculinos, nem femininos, mas *Neutros*. Das Classes naturaes, a significação mesma determinava o seu genero: das arbitrarias, so a terminação dos nomes, analoga á dos primeiros, he que a podia determinar. Daqui a divisão das Regras dos Generos dos Nomes, ou pela sua *Significação*, ou pela sua *Terminação*.

Todas estas Regras serião escusadas, se não houvesse a necessidade da concordancia, e os Adjectivos todos fossem de huma so terminação, como ha muitos. Porêm como a maior parte delles tomão formas genericas, correspondentes aos generos dos nomes, com que concordão; foi necessario distinguir e saber os generos dos nomes Substantivos para lhes applicar as fórmas dos nomes Adjectivos, que o uso quiz lhes correspondessem.

O Genero pois do nome Substantivo he quem determina, e por consequencia mostra a fórma Adjectiva, que com elle deve concordar, e não ás avessas. Se o Artigo, que precede sempre o nome Substantivo, e se o Adjectivo, que ordinariamente o segue, tomão, segundo o seu genero, ou a fórma masculina, ou a feminina, e digo, por ex.: *O homem Sabio*, *A mulher Virtuosa*; o Artigo e os Adjectivos tomão es-

estas fórmas genericas, porque suppõem ja estabelecidos pelo uso da Lingua os generos destes dous nomes *Homem* e *Mulher*, os quaes se alguem ignorasse, mal poderia fazer a concordancia.

A regra summaria pois, que dá a *Grammatica da Lingua Castelhana*, Part. I. Cap. III. Art. IV., e que segue o auctor dos *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, Part. I. Cap. II. §. 3., para conhecer os generos dos nomes pelos dos Artigos, e Adjectivos, que se lhes ajuntão, he huma regra illusoria, que so pode servir a quem ouve e a quem lê para saber de que genero he o nome; mas não a quem fala e a quem escreve. Os primeiros conhecem logo o genero do nome pela concordancia dos Adjectivos, que fez aquelle, que falou, e que escreveo. Os segundos tem elles mesmos de fazer esta concordancia, e facilmente podem errar não sabendo primeiro de que genero he o nome, com o qual devem concordar o Artigo e os Adjectivos.

Pode-se dizer: que o uso vivo da Lingua ensina tudo isto. He verdade. Mas o mesmo uso ensina tudo o mais, e concluir-se-hia deste raciocinio que as Grammaticas erão escusadas. Mas, a não o serem, he precizo que, assim como ellas nos ensinão as mais regras de falar e escrever correctamente; nos ensinem tambem as de não errar na concordancia.

Para isto passamos a dar as regras dos Generos com mais brevidade, e simplicidade do que té ora se fez, dividindo-as nos Generos *Naturaes* ou da *Significação*, e nos *Arbitrarios* ou da *Terminação*.

§. I.

Dos Generos Naturaes, determinados pela Significação.

REGRA I.

São do Genero Masculino todos os nomes Substantivos, que significão *macho*, assim proprios, como appellativos, ou sejão de homens, como *André*, *Rei*, ou de brutos, como *Bucephalo*, *Cavallo*, ou de profissões e ministerios proprios do homem, como *Propheta*, *Patriarcha*, *Magistrado*, *Sacerdote*, e ainda aquelles, que sendo femininos quando significão couzas, ou acções, passão a designar varios officios proprios do homem, como *o Atalaia*, *o Cabeça*, *o Guarda*, *o Guarda-Roupa*, *o Guia*, *o Lingua*, *o Trombeta*, *&c.*

E como na Linguagem Representativa da Pintura e da Poesia, se costumão representar em figura de homens os Deoses fabulosos, os Anjos, os Ventos, os Montes, os Mares, os Rios, e os Mezes; isto bastou para se pôrem tambem na classe dos masculinos, como *Jupiter*, *Lucifer*, *Norte*, *Olympo*, *Oceano*, *Tejo*, *Janeiro*, e outros semelhantes.

REGRA II.

São do Genero Feminino todos os nomes Substantivos, que significão *femea*, ou sejão proprios de mulher, como *Matildes*, *Ignez*, ou Appellativos de officios, e couzas, que lhes pertencem, como *Rainha*, *Mãi*, *Avó*, *Madrasta*, *Costureira*, *Tecedeira*; ou de brutos, como *Egoa*, *Vacca*, *Rapouza*, *Rata*, *&c.*; ou em fim de couzas personificadas e repre-

sentadas em figura de mulher, como as Deosas gentilicas *Pallas*, *Venus*, *&c.*; as partes principaes da Terra, *Europa*, *Asia*, *Africa*, *America*; as Sciencias e Artes Liberaes, como *Theologia*, *Philosophia*, *Pintura*, *Poesia*, *Historia*, *&c.*; as virtudes e paixões, como *Justiça*, *Prudencia*, *Fortaleza*, *Temperança*, *Soberba*, *Inveja*, *Fortuna*, *Fama*, *&c.*

REGRA III.

São communs de dous, ou pertencem ora a hum, ora a outro genero os nomes, que ou com huma so terminação (á maneira dos Adjectivos de huma so fórma) se podem applicar ja a macho, ja a femea, como *Infante*, *Interprete*, *Hypocrita*, *Martyr*, *Taful*, *Virgem*, *&c.*: ou com huma so terminação e debaixo de hum so genero ou masculino, ou feminino, servem para significar ambos os sexos, no qual caso tem então o nome de *Epicenos*, isto he, sobrecommuns. Taes são os nomes masculinos *Elephante*, *Corvo*, *Javali*, *Crocodilo*, *Rouxinol*, e muitos outros; e os femininos *Abada*, *Cobra*, *Codorniz*, *Onça*, *Perdiz*, e outros infinitos. Quando nos he precizo especificar o sexo do animal, ajuntamos ao seu nome promiscuo, debaixo do mesmo Artigo, o Adjectivo explicativo *macho*, ou *femea*, dizendo: *o Elephante macho*, *o Elephante femea*, *a Onça macho*, *a Onça femea*, *&c.*

§. II.

Dos Generos arbitrarios, dados a conhecer pela terminação.

No uso presente de nossa Lingua não ha nome algum Substantivo de genero *incerto*, isto he, de

que

que se possa usar arbitrariamente, ou com o genero masculino, ou com o feminino. Todos são ou masculinos, ou femininos. Os que antigamente erão de genero feminino, como *Cometa*, *Eccho*, *Estrategema*, *Extase*, *Fim*, *Mappa*, *Planeta*, *Synodo*, o uso os fez constantemente masculinos, e os que erão masculinos então, como *Alleluia*, *Arvore*, *Bagagem*, *Base*, *Coragem*, *Frase*, *Gage*, *Homenagem*, *Laudes*, *Linguagem*, *Linhagem*, *Origem*, *Pyramide*, *Villagem*, *Visagem*, passarão com mais razão a ser femininos.

Em fim os que então erão *incertos*, e empregados pelos nossos bons Classicos, ja em hum genero destes, ja em outro, como *Catastrophe*, *Diadema*, *Phantasma*, *Metamorphose*, *Personagem*, *Scisma*, *Torrente*, e *Tribu*; o uso vivo da Lingua os fixou naquelle genero, que tinhão nas suas origens, fazendo masculinos os que erão neutros no Grego, como *Diadema*, *Phantasma*, *Scisma*; e femininos os mais, que o são em Grego, e no Latim. Todos por tanto entrão nas Regras Geraes das Terminações, das quaes humas são masculinas, outras femininas, e outras communs ao genero masculino, e ao feminino, como se verá nas tres Regras seguintes.

REGRA I.

São masculinas as terminações seguintes: em *í*, e *ú* agudos, como *Javalí*, *Bambú*; em *ò* grave, e *ô* grande fechado, como *Aço*, *Baço*, *Brio*, *Avô*, e em *im*, *om*, *um*, como *Brim*, *Dom*, *Atum*.

E bem assim as terminações nos diphthongos *ái*, *áo*, *éo*, *êo*, *ói*, ou *óe*, como *Pai*, *Balandráo*, *Céo*, *Brêo*, *Combói*, , *Heróe*. Exceptua-se so *Náo* feminino.

São outrosi masculinas as terminações em *al*, *él*,

él, *il*, *ól*, *ul*, como *Areal*, *Burel*, *Abril*, *Anzol*. Exceptua-se so *Cal* feminino.

E tambem são masculinas as terminações em *ár*, *ér*, (com *é* grande fechado) *ir*, *ór* (com *ó* grande aberto) e *ur*, e *ôz* (com *ô* grande fechado), como *Ar*, *Prazer*, *Elixir*, *Bolôr*, *Catur*, *Algôz*.

REGRA II.

São femininas as terminações em *à* grave, como *Aba*, *Pada*, *Redea*, *Garrafa*, *Paga*, *Tia*. Exceptua-se *Dia* masculino.

As em *ã*, ou *am* nazal, como *Anã*, *Irmã*, *Lã*, *Maçã*, *Marrã*, *Romã*.

E as em *ãi*, e *ê* grande fechado, como *Mãi*, *Mercê*.

REGRA III.

São communs ao genero masculino, e feminino as terminações seguintes:

á agudo . .	M.	*Alvará*, *Maná*, *Pará*, *Tafetá*.
	F.	*Pá*.
é agudo . .	M.	*Café*, *Fricasé*, *Maré*, *Pé*.
	F.	*Fé*, *Sé*, *Ralé*.
è grave . .	M.	*Bosque*, *Mote*, *Valle*.
	F.	*Arte*, *Neve*, *Sede*, *Saude*.
ó aberto . .	M.	*Belhó*, *Dó*, *Nó*, *Rocló*, *Termó*, *Ventó*.
	F.	*Avó*, *Enchó*, *Filhó*, *Ilhó*, *Mó*, *Teiró*.
ão	M.	*Caixão*, *Colchão*, *Cabeção*, *Coração*, *Frangão*, *Escrivão*, *Feijão*, *Melão*, *Orgão*, *Pão*.
	F.	*Lesão*, *Lição*, *Mão*, *Multidão*, *Occasião*, *Opinião*, *Perfeição*, *Ração*, *Razão*, *Tensão*, &c.

ei,

ẽi, ou *em* .	M.	*Armazem, Assem, Bem, Desdem, Homem, Pagem, Refem, Selvagem, Trem, Vintem.*
	F.	*Carruagem, Homenagem, Lavagem, Imagem, Ferrugem, Margem, Ordem, Forragem, Marugem, Vertigem, Ventagem.*
êi	M.	*Rêi, Bêi.*
	F.	*Lêi, Grêi.*
ér	M.	*Dezér, Talhér.*
	F.	*Mulhér, Colhér.*
ôr	M.	*Amôr, Ardôr, Andôr, Calôr, Favôr, Fervôr, Licôr.*
	F.	*Côr, Dôr, Flôr.*
az	M.	*Antraz, Arganaz, Cabaz, Rapaz.*
	F.	*Paz, Tenaz.*
éz	M.	*Convéz, Revéz.*
	F.	*Féz, Téz.*
êz	M.	*Arnêz, Indêz, Mêz.*
	F.	*Rêz, Torquêz, Vêz.*
iz	M.	*Lapis, Matiz, Nariz, Verniz.*
	F.	*Buiz, Cerviz, Matriz, Raiz.*
óz	M.	*Aljaroz, Cóz.*
	F.	*Antroz, Foz, Noz, Voz.*
úz	M.	*Arcabuz, Capuz, Cuscuz, Lapuz.*
	F.	*Cruz, Luz.*

Por este modo ficão mais facilitadas do que até agora as Regras dos Generos. De 43 terminações, que os nossos nomes tem, 28 ficão fixadas para por ellas podermos dizer ao certo, se hum nome he masculino, ou feminino. O que se consegue por meio das duas pri-

primeiras Regras, ficando assim so 15 duvidosas, quaes são as da III Regra.

Mas destas mesmas 15 tirando 4, as mais tem tão poucos nomes na nossa Lingua, que poucos mais serão do que aquelles, que se apontão para exemplo na mesma Regra. So quatro destas terminações communs, que são em *e* grave, e em *ão*, *ĩi*, e *ôr*, he que são mais fecundas em nomes, tanto masculinos, como femininos. Mas a duvida, que semelhantes terminações poderião causar, se diminue consideravelmente, advertindo

1.° Que a maior parte dos nomes femininos, acabados em *e* grave tem antes deste hum *d* que lhes serve como de caracteristica para os distinguir dos masculinos da mesma terminação em *e* grave. Taes são *Bondade*, *Caridade*, *Saude*, *Saudade*, *Sede*, *Virtude*, e infinitos outros.

2.° Que hum signal para distinguir a maior parte dos nomes femininos em *ão* dos masculinos da mesma terminação he o ser naquelles o *ão* precedido ordinariamente ou da vogal *i*, ou da sibilante *s*, quer se represente assim, quer com dous *ss*, quer com *c* cedilhado, como *Occasião*, *Opinião*, *União*, *Sessão*, *Concessão*, *Acção*, *Lição*, *Perfeição*, *&c.*

3.° Que da mesma sorte a maior parte dos nomes femininos acabados no diphthongo *ẽi*, ou se escreva assim, ou deste modo *ẽe*, ou deste *em*, se podem distinguir dos masculinos da mesma terminação com observar se antes do tal diphthongo vem a guttural *g*; porque a vir ordinariamente são femininos, como *Verragẽi*, *Ferrugẽe*, *Imagem*, e outros que se podem ver nos exemplos da Regra.

4.° Em fim que o distinctivo entre os masculinos e femininos, acabados em *ôr*, com *ô* grande fechado, he serem os primeiros ordinariamente de duas e

 mais

mais syllabas, e os segundos de huma so, como se pode ver nos exemplos da Regra.

ARTIGO III.

Dos Numeros, e Inflexões Numeraes dos Nomes Portuguezes.

Chama-se *Numero* a differente terminação de hum nome, pela qual indica ser *hum* so, ou dous, ou mais os individuos, ou couzas que elle significa. Daqui a divisão dos Numeros em *Singular*, *Dual*, e *Plural*. Dos nomes Portuguezes, huns tem so Singular, outros so Dual, outros so Plural, e outros Singular e Plural ao mesmo tempo, debaixo da mesma terminação, e os mais Singular e Plural com differentes terminações.

Tem so *Singular*

1.° Os nomes proprios; como *Cesar*, *Cicero*, *Scipião*, *Lisboa*, *&c.* Se ás vezes dizemos *os Cesares*, *os Ciceros*, *os Scipiões*; e bem assim se algumas terras tem nomes Pluraes, como *Abrantes*, *Alafões*, *Alagoas*, *Alcacevas*, *Alhos-vedros*, *&c.*; ou he porque de proprios se fazem communs, ou he porque de communs que erão, se fizerão proprios, e por isso são singulares com terminação plural.

2.° Os nomes proprios das virtudes habituaes, das Artes, e das Sciencias, e outras ideas abstractas, que as Linguas costumão personificar, e olhar como singulares, como *a Caridade*, *o Pudor*, *a Prudencia*, *a Justiça*, *a Fome*, *a Sede*, *o Somno*, *o Sangue*, *a Grammatica*, *a Metaphysica*, *a Milicia*, e quasi todos os nomes verbaes, como *Amar*, *Querer*, *Ouvir*, *&c.*, e tambem os nomes dos ventos principaes

com

com todos seus rumos e partidas, em que os marinheiros os dividem.

3.º Os nomes das Especies, e Substancias. Taes são primeiramente os nomes de metaes, como *Ouro*, *Prata*, *Ferro*, *Lapis*, *&c.* Que se nós dizemos *varios ouros*, *muitas pratas*, *posto a ferros*, he porque empregamos estes nomes em sentido figurado por *peças de ouro*, e por *grilhões de ferro*.

Em segundo lugar os nomes dos quatro Elementos *Terra*, Mar ou *Agoa*, *Fogo*, *Ar*; não obstante dizermos *andar muitas terras*, *os ares do mar*, *as agoas ferreas*, *mares nunca d'antes navegados*, *esta villa tem mil fogos*, *&c.* Porque nestes modos de fallar, estas palavras não se tomão como nomes de Substancias, mas como partes do todo, e signaes pela couza significada.

Em terceiro lugar os nomes de couzas, que tem pezo e medida, e se considerão como *Especies*, e *Especiarias*, como *Arroube*, *Azeite*, *Cal*, *Leite*, *Mel*, *Mosto*, *Sal*, *Salitre*, *Vinagre*, *Vinho*, *&c.*; *Trigo*, *Cevada*, *Centeio*, *Milho*, *Beijoim*, *Canella*, *Cravo*, *Pimenta*, *Açafrão*, *Coentro*, *Hortelã*, *Incenso*, *&c.* Em fim alguns nomes collectivos, como *Infantaria*, *Cavallaria*, *Gentilidade*, *Christianismo*, *Paganismo*, *&c.*

Tem so *Dual* os nomes, que significão parelhas de duas couzas juntas, como *Andas*, *Andilhas*, *Alforges*, *Algemas*, *Bofes*, *Bragas*, *Calças*, *Calções*, *Ciroulas*, *Fauces*, *Gemios* (signo) *Tizouras*, *Ventas*, *Dous*, *Duas*, *Ambos*, *Ambas*, *&c.*

Tem so *Plural* os nomes, que significão, ou *congestões* de couzas da mesma especie, como *Cominhos*, *Ervilhas*, *Favas*, *Farelos*, *Grãos*, *Lentilhas*, *Semeas*, *Termoços*: ou misturas de couzas de differente especie, como *Fezes*, *Migas*, *Papas*: ou aggregados de couzas tendentes ao mesmo fim, como

Alviçaras, *Arredores*, *Arrhas*, *Cans*, *Completas*; *Confins*, *Esgares*, *Esponsaes*, *Exequias*, *Gages*, *Grelhas*, *Herpes*, *Laudes*, *Matinas*, *Preces*, *Refens*, *Reliquias*, *Trevas*, *Viveres*, *&c.* Tambem tem so plural todos os adjectivos numeraes para cima de dous, como *Tres*, *Quatro*, *Cinco*, *&c.*

Tem em fim *Singular*, e *Plural* ao mesmo tempo, e com huma so terminação os nomes seguintes: *Alferes*, *Arraes*, *Caes*, *Lestes*, *Ourives*, *Prestes*, *Simples.* Nossos Escriptores antigos davão terminação plural a alguns delles, dizendo: *Alfêrezes*, *Arraezes*, *Caezes*, *Ourivezes*, e de *Simpres*, antigo em lugar de *Simples*, fazendo *Simprezes* em lugar de *Simplices.* O uso depois fez huma apocope do *es* final nestes nomes, servindo-se delles para o singular e plural.

A maior parte destes nomes se podem reputar irregulares nas suas terminações numeraes. Os mais todos, á excepção de poucos, seguem duas formações regulares, segundo acabão ou em vogal, ou em consoante, como se verá nas duas Regras seguintes.

REGRA I.

Todo o nome acabado em vogal, ou diphthongo, forma seu plural accrescentando hum *s* á terminação do singular, como:

Hora Horas, *Couve Couves*, *Povo Póvos*, *Pá Pás*, *Pé Pés*, *Mercê Mercês*, *Javalí Javalís*, *Filhó Filhós*, *Belhó Belhós*; (e não *Filhóses*, *Belhóses*) *Avô Avós*, *Nu Nus.* E bem assim os que acabão em vogal nasal, como *Lã Lãs*, *Malsĩ Malsĩs*, *Dõ Dõs* (antigamente *Dões*) *Atũ Atũs*; ou se escrevão assim, ou *Lam Lans*, *Malsim Malsins*, *&c.*

A mesma regra geral milita nos nomes acabados em qualquer diphthongo, quer oral, quer nasal, co-

como *Pai Pais*, *Páo Páos*, *Lei Leis*, *Ceo Ceos*, *Méo Méos*, *Heróe Heróes*, *Mãi Mãis*, *Mão Mãos*, *Bẽe Bẽes*, *Boõ Boõs*, *Rũi Rũis*; sem ser precizo fazer excepções por causa da differente Orthographia, com que vulgarmente se escrevem; pois as formações fazem-se pela pronunciação, e não pela escriptura.

Esta Regra padece huma unica excepção nos nomes acabados no diphthongo *ão*, que além da formação regular em *ãos*, tem tambem as irregulares em *ões*, e *ães*, como *Ancião Anciãos*, *Sermão Sermões*, *Capitão Capitães*. A Regra, que dá Duarte Nunes de Leão para conhecermos, quando havemos de dar aos nomes em *ão* hum ou outro plural, he; que, como á nossa terminação em *ão* correspondem tres na Lingua Castelhana, a saber *ano*, *on*, e *an*; a primeira faz o plural em *ão*, a segunda em *õe*, e a terceira em *ãe*, como *Mano Manos* em Castelhano, *Mão Mãos* em Portuguez, *Oracion Oraciones* em Castelhano, *Oração Orações* em Portuguez, *Capitan Capitanes* em Castelhano, *Capitão Capitães* em Portuguez.

Porêm a não querer recorrer á origem Castelhana (o que nem todos podem fazer); o mais commum e ordinario ás terminações do singular em *ão* he mudarem este diphthongo em *õe* no plural accrescentando-lhe o *s* final, como *Acção Acções*, *Lição Lições*, *Tostão Tostões*. Esta he a regra mais geral.

Della se podem exceptuar os nomes Portuguezes em *ão*, que em Castelhano acabão em *an*, que fazem no plural em *ães*, como *Alemão Alemães*, *Capellão Capellães*, *Escrivão Escrivães*, *Tabellião Tabelliães*, *Pão Pães*, *Cão Cães*, e poucos mais: e tambem os que em Castelhano acabão em *ano*, que fazem no plural em *ãos*, como *Christão Christãos*, *Cortesão Cortesãos*, *Grão Grãos*, *Irmão Irmãos*, *Mão Mãos*, *Orfão Orfãos*, *Orgão Orgãos*, e poucos mais. Os nomes *Benção*, *Cidadão*, e *Villão*, podem fazer de

am-

ambos os modos: *Benções*, ou *Benção*s, *Cidadões*, ou *Cidadãos*, *Villões*, ou *Villãos*.

Os nomes acabados em *o* grave, mas precedido do *ó* grande fechado na penultima, não so tem terminações pluraes, mas tambem *Inflexões*, mudando no plural em *ó* grande aberto, o *ô* grande fechado do singular, como: *Cachôpo Cachópos*, *Avô Avós*, *Ovo O'vos*, *Soccôrro Soccórros*, *Gloriôso Gloriósos*, *Gostôso Gostósos*. Esta regra comtudo tem suas excepções. Porque, se nós dizemos *Fôrno Fórnos*, *Fôgo Fógos*, *Pôvo Póvos*; ja não dizemos da mesma sorte *Contôrno Contórnos*, mas *Contôrnos*, nem *Pôtro Pótros*, mas *Pôtros*, e assim outros que o uso ensinará. Mas desta observação se devião fazer cargo nossos Grammaticos para ensinar a bem declinar estes nomes: o que até agora não fizerão.

REGRA II.

Todo o nome acabado em consoante forma o seu plural do singular, accrescentando-lhe *es* do modo seguinte.

Os que no singular acabão em *r*, e *s*, fazem o plural com a simples addição do *es*; e o *s* final, ficando então entre vogaes, se converte em *z*, como: *Mar Mares*, *Mulher Mulheres*, *Prazer Prazeres*, *Martyr Martyres*, *Flor Flores*, *Catur Catures*, *Pás Pazes*, *Vês Vêzes*, *Perdís Perdizes*, *Nós Nozes*, *Lús Luzes*. O nome *Deos* segue esta mesma analogia fazendo no plural *Deozes*, e *Calis* tambem fazendo *Calises* com *s*, ou *Calices* com *c*, que val o mesmo.

Os que acabão em *ál*, *ól*, *úl*, tirada a consoante final, com o accrescentamento do *es* se fazem pluraes, como: *Animál Animáes*, *Faról Faróes*, *Azúl Azúes*. Exceptuão-se *Mal*, *Cal* de Moinho, e *Consul*, que con-

conservando o *l*, formão o plural *Males*, *Cules*, *Consules*.

Os que acabão em *el*, tirado do mesmo modo o *l*, tem o plural em *is*, como *Broquél Broquéis*, *Fiél Fiéis*. A palavra *Mel*, segundo Barros, não tem plural; mas antigamente lho davão, e dizião *Meles*, como tambem *Méis*.

Por este mesmo modo formão seus pluraes os nomes adjectivos, acabados èm *il*, quando este não he agudo, como: *Agil*, *Docil*, *Esteril*, *Facil*, *Habil*, *Util*, e seus compostos *Difficil*, *Inhabil*, *Indocil*, *Inutil*, *&c.*; os quaes todos acabando antigamente em *e* no singular deste modo *Agile*, *Docile*, *Esterile*, *&c.* formavão seus pluraes regularmente, accrescentando-lhes hum *s*, pela Regra I. Agora porêm, tirando o *l*, fazem em *eis*, como: *Ageis*, *Dóceis*, *Estéreis*, *Faceis*, *Hábeis*, *Uteis*.

Aquelles nomes porêm, que acabão em *íl* agudo, para conservarem no plural este mesmo accento, mudão o *l* em *s*, como *Ardíl Ardís*, *Ceitíl Ceitís*, *Fuzíl Fuzís*, *Subtíl Subtís*. Temos tractado do nome Substantivo, passemos ao Adjectivo.

CAPITULO III.

Do Nome Adjectivo.

JA dissemos no Capitulo antecedente que o *Adjectivo he hum nome*, *que exprime huma couza como accessoria de outra*, *para ser sempre o attributo de hum sujeito claro*, *ou occulto*, *sem o qual não pode subsistir*. Expliquemos esta definição com hum exemplo.

Homem, *Virtude*, são dous substantivos, cujas ideas existem cada huma separadamente no nosso espirito. Ambos são sujeitos, e como sustentaculos, de

hum

hum certo numero de qualidades, e não se modificão hum a outro. Mas se digo *Homem Virtuoso*, ou *Virtude Humana*; esta forma de discurso faz desapparecer de repente hum dos dous sujeitos; e na primeira expressão reune no Substantivo *Homem* todas as ideas incluidas no Substantivo *Virtude*; e na segunda reune no Substantivo *Virtude* todas as ideas incluidas no Substantivo *Homem*.

Comparando-se pois os dois nomes *Virtuoso* e *Virtude*, e bem assim *Humano* e *Homem*, se vê claramente a differença dos Adjectivos aos Substantivos; a qual está no nosso differente modo de conceber os objectos, e na ordem analytica do pensamento. Nesta o Substantivo exprime sempre huma idea principal, que he como o sujeito de certas qualidades, que nelle existem e o modificão: e o Adjectivo pelo contrario não exprime senão certas qualidades, e ideas accessorias, que suppõem sempre outra idea principal, na qual como em sujeito possão existir, e a quem sirvão de attributo para a modificar.

Todo Adjectivo pois tem duas significações, huma distincta, porêm indirecta, que he a do attributo; e outra confusa, porêm directa, que he a do sujeito. Esta palavra *Branco* significa directamente hum sujeito qualquer indeterminadamente, que tem brancura; e indirectamente, mas com toda clareza e distincção, a qualidade da côr. Por tanto todo Adjectivo indica hum sujeito, qualquer; e exprime huma qualidade, que lhe attribue.

Ora está claro que o sujeito indicado não pode ser senão hum Substantivo; porque sobre este so he que podem cahir as qualidades, que per si não podem subsistir. Este Substantivo tambem não pode ser hum nome proprio, ou de individuo. Porque como este tem em si mesmo todas as determinações, e modificações necessarias para ser o que he; não pode ser mo-

di-

dificado, nem por consequencia admittir hum Adjectivo, que o modifique.

O sujeito pois que o Ajectivo indica, necessariamente hade ser hum nome Commum, e Appellativo, que so he susceptivel de modificações e determinações, por ser de sua mesma natureza vago e indeterminado. Assim quando digo: *Pedro he bom*; não quero dizer que *Pedro he bom Pedro*; porque isto daria a entender que ha *Pedro bom*, e *Pedro máo*; o que não podendo caber no mesmo individuo, faria do nome proprio hum nome commum; e se se podesse dizer *Pedro he bom Pedro*, tambem se poderia dizer *Pedro he melhor Pedro*, o que ninguem dirá.

Todo Adjectivo pois concorda necessariamente com hum nome Appellativo do genero, ou especie a que pertence o sujeito, sobre que elle cahe. Assim *Pedro he bom* quer dizer que *Pedro he homem bom*; e da mesma sorte nos mais. Concordando pois sempre o Adjectivo com hum nome Substantivo, e esse commum, e não podendo concordar sem que o nosso entendimento perceba a conveniencia de hum com outro: segue-se que todo Adjectivo com o seu sujeito, ou Substantivo equival a huma proposição incidente, e por esta se pode resolver, como: *Deos invisivel creou o mundo visivel*, se resolve nestas proposições *Deos*, *que he hum Ente invisivel*, *creou o mundo*, *que he huma couza visivel*. Todo Adjectivo pois he huma expressão abbreviada, que estando so na oração, ou sendo apposto, contêm em si implicitamente huma proposição com seu sujeito que indica, com seu attributo que exprime, e com seu Verbo que se lhe entende.

Se o Adjectivo pois modifica sempre hum nome Appellativo claro ou occulto; vejamos de quantos modos este pode ser modificado, para dahi deduzirmos as differentes especies de Ajectivos. Todo nome Ap-

pellativo pode-se considerar, ou como nome de *Classe*, ou como nome de *Especie*. Como nome de Classe comprehende debaixo de si mais, ou menos individuos, ou sua totalidade, v. gr. *Hum homem*, *Muitos homens*, *Todos os homens*, como nome de especie comprehende todas as propriedades e qualidades que compõem huma natureza commum. No primeiro sentido he susceptivel de *Determinação*, a qual applica o nome da Classe a mais, ou menos individuos, incluidos nella, ou a todos. No segundo não he susceptivel de determinação; porque huma especie para o ser, tem hum numero determinado de ideas fixas e essenciaes; mas he susceptivel, ou de *Explicação*, que desenvolva estas ideas parciaes incluidas na idea geral, ou noção significada pelo nome commum; ou de *Restricção*, que pela addição de alguma qualidade accidental, accrescentada ás essenciaes, que formão a noção, restrinja esta com hum maior numero de ideas a hum menor de individuos.

Hum so exemplo aclarará tudo. Neste, *Todo homem he racional*, *mas nem todos os homens são razoados*, o Adjectivo *Todo* he determinativo; porque não explica, nem restringe o nome Appellativo *Homem*; mas determina-o so, e applica-o a todos os individuos da classe humana distributivamente; e o mesmo Adjectivo *Nem todos*, que val o mesmo que *Alguns*, determina e applica o mesmo nome a huma parte delles. O Artigo *os* tambem he determinativo; porque indica que o nome *Homem* se toma ali em hum sentido individual e substantivo, e não como especie e adjectivamente. O Adjectivo *Racional* he Explicativo; porque desenvolve huma qualidade essencial ao homem, ja incluida na idea do mesmo; e o Adjectivo *Razoado* he restrictivo; porque ajunta á idea do homem huma qualidade accidental, que a mesma idea não comprehendia, e que por isso a limita e reduz a hu-

huma classe muito menor, qual he a dos *homens razoados* em comparação com a dos racionaes. Estas tres especies de Adjectivos tem differentes propriedades e usos; e por isso vamos a tractar de cada huma dellas separadamente nos tres Artigos seguintes.

ARTIGO I.

Dos Adjectivos Determinativos.

Os Adjectivos *Determinativos* chamão-se assim, porque determinão e applicão ós nomes de classes e communs a certos individuos particularmente. Elles tem tres caracteres, que os distinguem sensivelmente dos outros Adjectivos, chamados *Explicativos*, *e Restrictivos*.

O primeiro he não causarem mudança alguma na significação do nome commum, nem extendendo-a e desenvolvendo-a, como fazem os primeiros, nem limitando-a e restringindo-a, como fazem os segundos: antes deixando-a em seu ser, o que fazem so he, applica-la aos individuos da sua classe, ou tomando-os todos junctos, quer collectivamente *Todos os homens*, *Nenhum homem*; quer distributivamente *Todo homem*, *cada homem*; ou em parte *alguns homens*; ou singularmente *o homem*, *este homem*, *&c.*

O segundo caracter he precederem sempre o nome Appellativo que determinão. Porisso esta proposição *Todo homem he mortal* he verdadeira. Pospondo porêm o determinativo *Todo* deste modo, *O homem todo he mortal*, ja fica falsa e impia. Não succede assim com os Adjectivos explicativos, e restrictivos. Aquelles podem-se pôr dantes ou depois, como *o brilhante sol*, e *o sol brilhante*; e estes sempre depois, como *o homem justo*, e não *o justo homem*.

O terceiro caracter he não serem susceptiveis de

augmento e de gráos na sua significação, quer para mais, quer para menos, como o são os Adjectivos explicativos e restrictivos, que so podem ser positivos, graduaes, e superlativos.

A isto accresce ser o numero dos determinativos em todas as Linguas mui diminuto a respeito da multidão innumeravel dos explicativos e dos restrictivos. Porque o numero das relações, debaixo das quaes se podem considerar os nomes Appellativos em respeito aos individuos, he incomparavelmente mais restricto, que o das qualidades, que os outros exprimem. As qualificações de hum nome commum podem ser infinitas; as determinações são poucas, e as mesmas para com todos os Appellativos; que por isso todas as Linguas tem quasi os mesmos determinativos.

Esta he a razão porque contentando-se os Grammaticos com mostrar nas suas artes somente a differente natureza daquelles, tractando delles em commum, destes se costumão fazer cargo especialmente, tractando á parte cada hum de per si, e com mais miudeza por occorrerem a cada passo na oração, e influirem muito na verdade, ou falsidade della. O que igualmente passamos a fazer, classificando-os todos primeiramente, e depois tractando de cada Classe separadamente.

Os Adjectivos *Determinativos* applicão os nomes communs, e os determinão a hum sentido individual de dous modos: ou caracterizando-os por certas qualidades individuaes; ou contando-os, e applicando-os a certo numero, e quantidade de individuos. Daqui a divisão mais geral destes Adjectivos em Determinativos de *Qualidade*, e em Determinativos de *Quantidade*. Quando digo: *Hum de meus irmãos*; o Adjectivo *Meus* determina o Appellativo *Irmãos* pela qualidade de me pertencerem; e o Adjectivo *Hum* determina o mesmo pela quantidade numerica de hum entre outros.

Os

Os Determinativos de qualidade se subdividem em *Geraes*, e em *Especiaes*. Os geraes são os que junctos a qualquer nome commum, indicão que elle se toma individualmente em hum sentido determinado, sem comtudo elles mesmos o determinarem per si; e taes são os nossos dous Artigos, hum vago e *Indefinito*, como *Hum homem*, e outro *Definito*, como *O homem*.

Os Especiaes porêm determinão ja per si mesmos o nome commum, individuando-o por alguma qualidade, ou circunstancia particular, quer seja *Pessoal*, como *Eu Antonio*, *Tu Pedro*, *Elle Sancho*, *Nossos Paes*, *Vossos Avós*; quer *Local*, que os mostra, como *Este homem*, *Aquella mulher*, *O qual sujeito*; que por isso os primeiros se chamão Determinativos *Pessoaes*, e os segundos *Demonstrativos*.

Os Determinativos de *quantidade* se subdividem tambem em *Universaes*, e *Partitivos*. Os primeiros são os que applicão o nome commum á totalidade dos individuos, quer affirmando-a, como *Todo homem*, chamados porisso *Positivos*; quer negando-a *Nenhum homem*, chamados então *Negativos*. Os segundos são os que applicão o nome commum a huma quantidade parcial de individuos, ou vaga como *Muitos homens*, *Alguns homens*, e estes chamão-se vagos; ou exacta e determinada, como *hum*, *dous*, *tres homens*, *O primeiro*, *O segundo Rei*; e estes chamão-se *Numeraes*. De todos elles passamos a tractar por esta mesma ordem nos §§. seguintes.

§. I.

Dos Determinativos geraes, ou Artigos.

A palavra *Artigo* vem do Verbo grego ἄρω, que significa *Adaptar*, *Preparar*, e della se servirão os Gram-

Grammaticos para designar certos Adjectivos determinativos, monosyllabos, e frequentissimos no discurso, que persi não tem significação alguma; mas postos antes dos nomes communs, dispõem de antemão, e advertem o ouvinte para tomar os dictos nomes em hum sentido individual, ou ja determinado pelo discurso e pelas circunstancias; ou que se vai a determinar; ou que se não quer determinar.

Quando por ex. ouço: *O Principe*; o Artigo *o* me indica que o nome commum de *Principe* se deve tomar em hum sentido individual, que a circunstancia do Reino e Nação, em que vivo, me determina: e quando ouço: *Hum Principe he digno de cazar com huma Princeza. Hum crime tão horrendo merece a morte*; o Artigo *hum*, *huma* me indica que se fala de hum individuo, e de hum crime individual, mas vago, e que se não quer nomear.

O officio pois dos Artigos não he, como ensinão todos os nossos Grammaticos, para declinar os nomes, nem para mostrar de que genero são. Os nomes Portuguezes são indeclinaveis, e as preposições, que se lhes ajuntão, he que supprem a declinação. Se os Artigos tem formas genericas, como os mais Adjectivos, he para concordarem, como estes com os Substantivos; e se pela concordancia mostrão o genero, tambem os mais Adjectivos o mostrão. Não he pois para indicar o genero dos nomes Appellativos, que os Artigos forão inventados; mas sim para os tirar da sua generalidade, e mostrar que se tomão em hum sentido individual.

Nós temos na nossa Lingua dous Artigos hum *Definito*, que he *o*, *a* para o singular, e *os*, *as* para o plural; porque mostra que o nome commum, que se lhe segue, se deve tomar individualmente no sentido, ou ja determinado pelas circunstancias, e pelo discurso antecedente, ou que se vai a determinar para dian-

diante: outro *Indefinito*, que he *Hum*, *Huma* para o singular, e *Huns*, *Humas* para o plural; porque mostra tambem que o nome Appellativo a que se ajunta, se toma individualmente, mas de hum modo vago, e ainda não determinado, e que se vai a determinar por alguma idea nova, que se lhe accrescenta para o especificar mais.

Do primeiro destes dous Artigos ninguem duvida. Porêm do segundo duvidão muitos, dizendo que he o mesmo que o numeral *Hum*, ou que o determinativo vago *Hum certo* (*quidam*). He verdade que elle tem tambem estas accepções, e usos. Porêm quando elle exprime ou a unidade numeral, ou a unidade de hum individuo, certo e determinado em mente, que não queremos nomear, nem determinar; então não he Artigo; e so o he, quando toma o nome commum individualmente sem o applicar a hum unico individuo, ou a hum mais que a outros. Neste sentido he que lhe damos plural, qual não tem nem pode ter como numeral.

Nestes exemplos: *Hum homem de Côrte*, *huma mulher de Côrte tem mais espirito e viveza que hum Aldeão* = *Hum vassallo deve obedecer a seu Rei* = *Hum Rei deve ser o pai de seu povo* = *Hum homem de juizo deve ser senhor de suas paixões* = *Antonio he hum Cicero* = *Cicero he hum orador*: o Artigo *Hum* pode-se substituir em alguns delles com o Artigo *o*, porêm de nenhum modo com o Partitivo *Hum certo* (*quidam*). Isto se verá ainda com mais evidencia nas observações, que passo a fazer sobre os usos communs a estes dous artigos, e particulares de cada hum.

1.ª Todo o nome Appellativo, cuja significação geral he restringida, ou dantes pelo discurso, ou depois por algum Adjectivo, ou Incidente restrictiva, a não ter antes algum dos Determinativos especiaes, deve

ter

ter hum dos geraes; ou seja o Artigo Definito para indicar que aquelle nome se toma em huma significação individual determinada; ou seja o Artigo Indefinito para indicar que o nome se toma em huma significação tambem individual, porêm vaga e indeterminada.

Exemplo: *Pedro foi tractado com honra.* Aqui o Appellativo *Honra* não necessita de Artigo, porque se toma na sua significação geral, e val o mesmo que *honradamente.* Porêm se lhe ajunto a restricção: *Devida a seu merecimento*, deste modo: *Pedro foi tractado com honra devida*, *ou que era devida a seu merecimento*; ja não posso empregar o mesmo Appellativo sem Artigo: mas devo dizer: *Pedro foi tractado com a honra devida*, *ou que era devida a seu merecimento*; se falo de huma honra determinada e certa; ou *foi tractado com huma honra igual ao seu merecimento*, se quero falar de huma honra qualquer indeterminadamente.

2.ª Nenhum Appellativo pode ser sujeito de qualquer oração sem ser determinado expressa ou implicitamente, por algum dos Determinativos especiaes, ou por hum dos geraes, quer o Definito quando se fala de hum individuo certo, quer o Indefinito quando se fala de hum individuo vago. Daqui a differença destas duas proposições: *O Principe justo*, *que nos governa*, *he tambem pio e indulgente. Hum Principe*, *que he justo*, *tambem deve ser pio e indulgente.*

3.ª O Artigo Definito *o*, indeclinavel, e no genero neutro, precedendo ou seguindo-se immediatamente ao Verbo Substantivo *ser*, ou outro equivalente, serve-lhe sempre de Attributo, trazendo á memoria o nome da oração antecedente, de qualquer genero e numero que seja, com todas as suas modificações, como nestes modos de falar: *Ha verdades*, *que a nós* o não parecem; *não* pol'o não serem, *mas*, *&c.* (H. Pinto) *Hia todos os dias ver a sepultura de seu irmão*

mão, *e que* o havia de ser *sua.* (Lobo) — *As feias nem* por o serem, *deixão de ter partes estimaveis.* Este uso do nosso Artigo neutro e indeclinavel he mui elegante e frequentissimo.

4.ª O Artigo Definito substantiva qualquer parte da oração e orações inteiras para poderem ser o sujeito ou objecto do discurso. Substantiva os Adjectivos: v. gr. o *licito* e o *illicito*, o *justo* e o *injusto.* Substantiva os verbos não so nas fórmas impessoaes, em que são verdadeiros Substantivos, como *A natureza fez* o comer *para* o viver, e a *gula fez* o comer *muito para* o viver *pouco*; mas tambem nas pessoaes, como: *O gabares-te de sabio mostra seres ignorante.* Substantiva as Preposições, como: *O amor não está* n'o por *isso*, *está n'o porque.* Substantiva os Adverbios, como: *Não sabemos* o quando, o como, o quanto. Substantiva em fim as orações inteiras, ou antecedentes, quando, acabadas ellas, dizemos v. gr. *Pol'o que*, *D'o que segue*, *&c.*: ou seguintes, como: *Nunca* o que *de sua natureza he bom pode perder*, *ou damnarse por muito*; *nem* o que *he máo melhorar por pouco.*

5.ª Os Artigos, por isso mesmo, que individuão; e os nomes proprios não podem ser individuados; quando se applicão a estes, fazem n'os passar de proprios a appellativos para os poder determinar. Assim, quando digo: *Este homem he* hum *Cicero*, e de João de Barros, *o Livio Portuguez*, de Camões, *o Homero Lusitano*, e bem assim *os Brazis*, *as Angolas*, *as Goas*, *as Malacas*, *os Macaos*, *&c.* todos estes nomes proprios passão, por virtude dos Artigos, a tomarem-se em sentido commum, e pelo genero mesmo a que cada hum pertence. Todas estas observações pertencem aos casos, em que se devem empregar os Artigos. Passemos agora a ver em que nomes se não devem empregar, que são:

I.° Os mesmos nomes Appellativos, quando se tomão adjectivamente em hum sentido geral, e como qualificativos da especie. Assim quando digo: *O macaco não he homem, onde ha homens ha cobiça*: os Appellativos *homem*, *homens*, *cobiça* não tem Artigo; porque se tomão em sentido geral e indeterminado em lugar de *Animal racional*, e do *desejo das honras e riquezas.*

II.° Os mesmos nomes Appellativos, quando são precedidos de algum dos Determinativos especiaes, ou de qualidade, ou de quantidade, que os determinão, não se individuão: então, geralmente falando, não precizão de Artigo, nem os bons Classicos lho costumão pôr. Assim dizem elles sem Artigo *Meu pai, Minha mãi*, *Seu pai*, *Sua mãi*, *Nossos pais*, *Vossos avós*, *Este homem*, *Aquelle sujeito*, *Muitos homens*, *Alguns homens*, *Hum*, *Dous*, *Tres homens*, *&c.*

Comtudo, como o Artigo não he propriamente quem determina o nome Appellativo, mas quem indica que se toma neste ou naquelle lugar, individualmente, ou por estar ja determinado, ou porque se vai a determinar: succede algumas vezes ajuntar-se com outros Determinativos, e concorrer com elles tambem a determinar hum nome Appellativo.

Por esta razão os Demonstrativos *Mesmo*, *Qual* sempre levão Artigo: *O mesmo homem*, *A mesma mulher*, *O qual homem*, *A qual mulher.* O Demonstrativo Conjunctivo *Que* não admitte Artigo senão no genero neutro, como no exemplo acima *O que de sua natureza he bom*, *&c.* Quando no masculino e feminino, falando de pessoas, dizemos *Os que*, *As que*, sempre se entende *Os* homens *que*, *As* pessoas *que.*

III.° Quando os mesmos nomes estão em vocativo, não tem Artigo; porque são determinados a fazerem a segunda pessoa, a quem se dirige o discurso, assim pela Interjeição Vocativa *O'*, como pelos Pessoaes

Tu,

Tu, *Vós*, que sempre se lhes entendem; e quando dizemos *o meu tio*, *o tio*, o Artigo serve so para substantivar estes Adjectivos, como fica dicto acima observ. 3.ª Isto pelo que pertence aos Determinativos de qualidade.

Passando agora aos de quantidade, o universal Distributivo *Todo*, *Toda*, em lugar de *Cada*, não quer Artigo: *Todo homem*, *Toda parte*; o universal Collectivo *Todos*, *Todas* quer Artigo: *Todos os homens*, *Todas as partes*, ou com a consonancia euphonica, como fazião nossos Antigos para evitar o echo da mesma syllaba *Todol'os homens*, *Todal'as partes*. Os Partitivos Cardeaes *Dous*, *Tres*, *Quatro*, *&c.* não tem Artigo, senão quando modificão algum nome Appellativo, que queremos individuar mais, como: *Os dous exercitos inimigos*, *As tres armadas combinadas*. Os Ordinaes *Primeiro*, *Segundo*, *&c.* tem Artigo, quando precedem aos Substantivos, como *O primeiro seculo*, *O segundo seculo*; porêm não o tem, quando se lhes seguem, como *D. João primeiro*, *D. João quinto*. Feitas estas excepções, os mais Adjectivos Determinativos, por via de regra, não admittem de companhia nosso Artigo.

IV.º Os nomes proprios de Divindades, de Homens, de Cidades, Villas, e Lugares, não tendo antes de si modificativo algum, per si mesmos estão determinados e individuados, e por tanto não precizão de Artigo. Assim dizemos sem elle *Deos*, *Alexandre*, *Augusto*, *Portugal*, *Lisboa*, *&c.*; e com elle *O bom Deos*, *O grande Alexandre*, *O Imperador Augusto*, *O rico Portugal*, *A nobre Lisboa*, *&c.* porque o Artigo não cahe aqui sobre os nomes proprios, mas sobre os Adjectivos, e Appellativos, que o não são.

Isto não obstante, o uso de algumas Linguas dá Artigo a muitos nomes proprios de Regiões, Provincias, Ilhas, Cidades, e aos Montes, e Rios sem-

pre, e o da nossa costuma ás vezes dizer com Artigo as quatro partes da terra, como *A Europa*, *A Asia*, *A Africa*, *A America*; as Provincias, como *O Brazil*, *O Algarve*, *O Alemtejo*, *A Extremadura*, *A Beira*, *O Minho*, e bem assim *A Madeira*, *O Funchal*, *O Porto*, *A Guarda*, *O Mogadouro*, *A Golegã*, e sempre *O Tejo*, *O Douro*, *O Mondego*, *O Guadiana*, *&c.*

Mas isto succede, ou porque estes nomes ao principio erão communs, e foi necessario apropial-os com o Artigo; ou porque tem ellipse do nome commum, que se lhes entende, e muitas vezes mesmo se expressa; ou porque, tendo huma significação mais ou menos extensa, podem-se tomar ja determinada, ja indeterminadamente dizendo humas vezes com o Artigo, *A Hespanha*, *A França*, *A Inglaterra*; outras sem elle, *Vou para Hespanha*, *Fazendas de França*, *Venho d'Inglaterra*; como tambem nos metaes, dizendo com Artigo *O Ouro*, *A Prata*, *O Cobre*; e sem elle *Caixa d'Ouro*, *Estojo de Prata*, *Pagar em Cobre*; ou em fim porque se personificão, como quando dizemos *O poder da França*, *&c.*

De tudo o que fica dito, se vê claramente que o officio dos Artigos não he para declinar os nomes, nem para mostrar seu genero. Pois muitos delles, não admittindo Artigo, como vimos, ou ficarião sem declinação e sem genero, o que he absurdo: ou para evitar este, seria necessario cahir no outro, em que cahio o Auctor modernissimo da *Arte da Grammatica Portugueza*, impressa em Lisboa em 1799 Part. I. Cap. I. §. 11., fazendo hum novo Artigo Indefinito, até agora desconhecido, das Preposições *De* e *A*.

O destino dos Artigos he somente para indicar, que os nomes geraes a que se ajuntão, se devem tomar não em toda a sua extensão, mas em hum sentido ou individual, ou substantivo; tanto assim que, ou

da

da sua apposição aos taes nomes, ou da sua ausencia, ou da combinação de ambos dous resultão differentes sentidos de huma mesma palavra, como se póde vêr das nove traducções, que se podem fazer em Portuguez dos dous Appellativos Latinos *Filius Regis*, que podem significar ou *Filho de Rei*, ou *Hum filho de Rei*, ou *Filho de hum Rei*, ou *Hum filho de hum Rei*, ou *Filho d'o Rei*, ou *O filho de Rei*, ou *O filho d'o Rei*, ou *Hum filho d'o Rei*, ou emfim *O filho de hum Rei.*

§. II.

Dos Determinativos Pessoaes, assim Primitivos, como Dirivados, chamados Pronomes.

Os Determinativos *Pessoaes* são huns Adjectivos, que determinão os nomes a que se ajuntão, ou a que se referem, pela qualidade da personagem ou papel, que fazem no acto do discurso, ou da propriedade e posse, relativa ás mesmas personagens.

Estas personagens, ou papeis, por ordem á representação no discurso são tres, a saber: a *primeira pessoa*, que he aquella que fala no discurso; a *segunda*, que he aquella com quem se fala; e a *terceira*, que he aquella de quem se fala, ou seja pessoa ou couza. Os Determinativos Pessoaes, que modificão os nomes com estas tres relações por ordem ao acto ou representação da palavra, chamão-se *Primitivos*. Destes se formão os Pessoaes Dirivados, que determinão os nomes pela qualidade de pertinencia, ou posse, relativa a cada huma destas pessoas.

A nossa Lingua tem onze Determinativos Pessoaes, a saber, 6 Primitivos, que são dous da I.ª Pessoa *Eu* para o singular, e *Nós* (com *ó* grande aberto) para o plural; dous da II.ª Pessoa *Tu* para o Singular, e *Vós* (com ó grande aberto) para o Plural; hum

Di-

Directo da III.ª Pessoa *Elle*, *Ella*, para o Singular, *Elles*, *Ellas*, para o Plural; e outro Reciproco ou Reflexo da mesma terceira pessoa para o Singular, e para o Plural, que he *se*.

Os Dirivados destes são 5, a saber: Dous da I.ª Pessoa falando de huma so *Meu*, *Minha*, para o Singular, e *Meus*, *Minhas* para o Plural; e falando de muitas *Nosso*, *Nossa* para o Singular, e *Nossos*, *Nossas* para o Plural: Outros dous da II.ª Pessoa a saber; falando de huma so *Teu*, *Tua* para o Singular, e *Teus*, *Tuas* para o Plural; e falando de muitas *Vosso*, *Vossa* para o Singular, e *Vossos*, *Vossas* para o Plural: e hum em fim da III.ª Pessoa, falando de huma so, ou de muitas *Seu*, *Sua* para o Singular e *Seus*, *Suas* para o Plural. Tractemos, por esta mesma ordem, primeiramente dos Primitivos, e depois dos Dirivados.

Os Pessoaes Primitivos *Eu*, *Tu*, *Elle* são os unicos nomes, que na Lingua Portugueza têm declinação, e *Casos* por consequencia: Para indicar estes não me servirei dos nomes Latinos, que tem suas accepções particulares; mas sim dos que os Grammaticos das Linguas modernas julgárão mais proprios para exprimir as differentes relações, que hum mesmo nome póde tomar para se ligar com outra palavra no discurso, quer sejão significadas pelas suas differentes terminações, ou casos dentro do mesmo numero, quer pelas differentes Preposições que se lhe ajuntão em ambos os numeros para substituirem os mesmos Casos.

Assim dão elles o nome de *Sujeito* á palavra, que exprime o agente ou sujeito do Verbo, e que corresponde ao *Nominativo* d'antes dos Latinos; e de *Attributo* ao *Nominativo depois*, que he o que exprime a couza, que se attribue, ou affirma do sujeito. Chamão *Complemento Restrictivo* ao nome, precedido da Preposição *De*, que se põe immediata-

men-

mente depois de hum Appellativo para lhe restringir a sua significação vaga, ao que os Latinos chamavão *Genitivo*; *Complemento Objectivo* ao nome, quando faz o objecto immediato da acção do Verbo, e *Terminativo*, quando faz o termo da sua relação, e finalmente *Circunstancial*, ou da preposição, quando o nome juncto com ella explica alguma circunstancia da acção do Verbo; os quaes tres complementos correspondem ao *Accusativo*, *Dativo*, e *Ablativo* dos Latinos.

Isto supposto, as terminações dos tres Pessoaes Primitivos Directos, que servem de *Sujeito*, ou de Nominativo nas orações, são as a cima mencionadas: *Eu* no Singular, e *Nós* no Plural para todos os generos; *Tu* no Singular, e *Vós* no Plural tambem para todos os generos; e *Elle*, e *Ella* no Singular, para o Masculino e para o Feminino, e *Elles*, e *Ellas* no Plural para os mesmos generos.

Os *Complementos Objectivos*, e ao mesmo tempo *Terminativos*, chamados Accusativos e Dativos do Pessoal *Eu*, são *Me* para o Singular, e *Nos* (ambos com *e* e *o* pequeno) para o Plural; do Pessoal *Tu* são *Te* para o Singular e *Vos* para o Plural (ambos com *e* e *o* pequeno; e do Pessoal Reciproco da III.ª Pessoa *se* (tambem com *e* pequeno) para todos os numeros.

O Pessoal Directo da III.ª Pessoa *Êlle Élla*, *Êlles Éllas* (com o *é* grande fechado na masculina, e aberto na feminina) tem differentes palavras e terminações para estes dous casos, a saber: Pára o Complemento objectivo ou Accusativo, no Singular *o* para o masculino e neutro, *a* para o feminino, e *os*, *as* no Plural para os mesmos dous generos, todos com as suas vogaes pequenas. Differenção-se do Artigo Definito pelo seu differente ministerio, e pela sua mesma posição. O Artigo serve so para individuar, e precede-

de sempre, ou suppõe depois de si hum Appellativo que determine. O complemento objectivo directo da III.ª Pessoa *o*, *a*, *os*, *as* não determina os nomes, a que se referem, individuando-os, mas sim dando-lhes o caracter de huma III.ª Pessoa ou couza, da qual se tem falado e fala, e o seu lugar nunca he antes de nome, mas sim antes, ou depois de Verbo activo.

Em fim para o *Complemento Terminativo*, ou Dativo tem presentemente o mesmo Pessoal Directo da III.ª Pessoa no Singular *lhe* para ambos os Generos, e no Plural *lhes* para os mesmos. Digo *presentemente*, porque os nossos bons Escriptores, tanto prosadores, como poetas, usavão frequentemente do *lhe* para ambos os numeros.

Os *Complementos circunstanciaes*, ou da Preposição, que correspondem aos Ablativos dos Latinos, e aos Genitivos dos Gregos, são; do Pessoal *Eu* para o Singular *Mim*, juncto com varias preposições, e *Migo* so com a preposição *Com*, e para o plural *Nós* (com *ó* grande aberto como no Nominativo) juncto com varias preposições, e *Nôsco* (com o pri-primeiro *ô* grande fechado) que se ajunta so com a preposição *Com*: do Pessoal *Tu* he complemento circunstancial para o Singular *Ti* com varias preposições, e *Tigo* so com a preposição *Com*; e para o Plural *Vós* (com *ó* grande aberto como no Nominativo) com varias preposições, e *Vôsco* (com o *ô* grande fechado) so com a preposição *Com*. Em fim do Pessoal Reciproco da III.ª Pessoa he Complemento Circunstancial para ambos os numeros a terminação *si*, que se constroe com varias preposições, e *sigo*, que se constroe so com a preposição *Com*; o que tudo se vê representado na Taboa seguinte:

TA-

TABOA

Da declinação dos Pessoaes Primitivos.

Sujeito, ou Nominativo			Complemento Objectivo	Complemento Terminativo	Complemento Circunstancial
da 1.ª pessoa	S.	Êu	Mè	Mè	Mím, Migo
	Pl.	Nós	Nòs	Nòs	Nós, Nósco
da 2.ª pessoa	S.	Tú	Tè	Tè	Tí, Tigo
	PL.	Vós	Vòs	Vòs	Vós, Vósco
		M. F.	M. F. N.		
da 3.ª pessoa directo	S.	Êlle, Élla	O, A, O	Lhè	
	PL.	Êlles, Éllas	Òs, Às	Lhès	
da 3.ª pessoa reciproco	S. PL.		Sè	Sè	Sí, Sígo

Falta nesta Taboa o *Complemento Restrictivo*; ou caso de possessão correspondente ao Genitivo Latino. Mas este complemento, que aliás se faz com o nome e a preposição *de*, não se faz da mesma sorte nos Pessoaes. Os dirivados destes, junctos com os nomes, he que exprimem esta relação de possessão, e servem elles mesmos de Complementos Restrictivos, como logo veremos.

Observações sobre o uso destes Complementos Pessoaes, na Oração.

— 1.ª *Eu*, e *Tu* são sempre sujeitos em qualquer oração, como tambem *Nós*, *Vós*, *Elle*, *Elles*, *Ella*, *Ellas*, quando não tem preposição antes; e o reciproco *se*, nunca. Todos elles, quando são sujeitos da oração, precedem o verbo, menos na Linguagem Imperativa, onde sempre o seguem *Louva tú*, *Louvai vós*, *&c.*

— Todos elles não se ajuntão se não com nomes proprios ou appellativos, mas individuados. Ninguem diz: *Eu homem*, *Tu homem*, *Elle homem*; mas sim *Eu Elrei*, *Eu o Principe*, *Tu Antonio*, *Elle Sancho.* A razão he, porque a determinação pessoal, ou do papel que cada hum faz no discurso, suppõe sempre a determinação individual.

— *Nós*, ainda que seja do numero plural, usa-se no singular ou por auctoridade, quando os Prelados falão em nome de sua Igreja; ou por modestia, quando alguem quer communicar com os outros seus louvores, e quando hum Escriptor quer fazer sua obra commum com o publico para quem a destina. *Vós* tambem, posto que seja do plural, se emprega no singular, quando se fala com huma pessoa so, ou por respeito *Vós poderoso Rei*, ou por auctoridade, quando hum superior fala com hum inferior, ou por carinho, quando hum igual fala com outro.

— 2.ª Os Pessoaes Primitivos nunca servem de Attributos na oração, e quando como taes entrão nella, fazem-a identica, de modo que se podem trocar com os sujeitos da mesma. Tanto importa dizer: *Quem escreveo isto fui eu*, como *Eu fui quem escreveo isto.* Nesta expressão *Meu amigo he outro eu*, o pessoal toma-se como appellativo, e neste mesmo sentido disse

se H. Pinto *Dial.* 3. *Em mim ha dous Eûs, hum segundo a carne, e outro segundo o espirito.*

3.ª Os casos *Me*, *Nos* do Pessoal da I.ª Pessoa, os da II.ª *Te*, *Vos*, e o do Reciproco da III.ª *Se*, todos com accento grave e encliticos, nunca admittem preposições, e são complementos ja objectivos, ja terminativos segundo o demanda a significação do verbo ou so activa, ou tambem relativa. São objectivos, quando vem sos com os Verbos activos, como *Louvo-me*, *Louva-te*, *Louva-se*, *&c.* e são terminativos, quando os Verbos tem outro objecto sobre que cáe sua acção, e os pessoaes indicão so o termo da sua relação, como: *Faço-te mercê*, *Da-me este gosto*, *Fico-te obrigado.*

Porêm o Pessoal directo da III.ª pessoa tem casos distinctos para hum e outro Complemento. Para o objectivo tem no singular *o* masculino, *a* feminino, e *o* neutro; e no plural *os* masculino, e *as* feminino; e assim dizemos: *Eu o louvo*, ou *louvo-o*, *Eu a reprehendo*, ou *reprehendo-a*, *O ser bom, e o fazer bem, tem n' o Deos de si*, *Não os louvo*, *Não as louvo*, ou *louvo-os*, *louvo-as*: E para o complemento terminativo tem para todos os generos no singular *lhe*, e no plural *lhes*, como: *Disse-lhe a verdade*, *Contou-lhes couzas espantosas.*

Muitas vezes com hum mesmo verbo de significação activa e ao mesmo tempo relativa concorrem os dous Complementos, objectivo e terminativo, exprimidos por dous Pessoaes, e então se costumão encorporar hum n'o outro, elidindo-se a vogal ou consoante do primeiro, como *m'o*, *nol'o*, *v'olo*, *lh'o*, *lh'a*, *lh'os*, *lh'as* em lugar de *me-o*, *nos-o*, *vos-o*, *lhe-o*, ou *lhes-o*, *lhe-a*, *lhe-os*, *lhe-as*, sobre o que se pode ver o que fica dicto na *Orthoepia* Cap. VII.

Com os Complementos objectivos das Pessoaes da I.ª e II.ª Pessoa *Me*; *Nos*, *Te*, *Vos*, e do Reci-

proco da III.ª *Se*, junctos ás fórmas pessoaes e correspondentes dos verbos, se fazem os verbos chamados *Reciprocos*, os *Reflexos*, os *Impessoaes Passivos*, alguns dos nossos *Neutros*, e outros, ou *Activos*, ou *Neutros*, quando se querem reciprocar. Mas disto tractaremos nós mais adiante em seu lugar.

4.ª Finalmente os Complementos circunstanciaes, ou da Preposição são na I.ª Pessoa *Mim*, *Migo* para o singular, e *Nós*, *Nôsco* para o plural; na II.ª *Ti*, *Tigo*, para o singular, e *Vós*, *Vôsco*, para o plural; e na III.ª reciproca, *Si*, *Sigo* para ambos os numeros. Os casos *Migo*, *Nôsco*, *Tigo*, *Vôsco*, *Sigo*, nunca são Complementos senão da preposição *Com* deste modo *Commigo*, *Comnosco*, *Comtigo*, *Comvosco*, *Comsigo*; e os casos *Mim*, *Nós*, *Ti*, *Vós* e *Si* nunca o são da preposição *Com*, mas sim de qualquer outra, como: *De mim se queixão*, *A mim me chamão*, *Vem commigo*, *De ti murmurão*, *A ti te escutão*, *Comtigo falo*, *Elle julga bem de si*, *Estima-se a si mesmo*, *Comsigo traz tudo*, e assim com as mais preposições.

Observações sobre o uso dos Determinativos Pessoaes dirivados.

Passemos ja dos Pessoaes primitivos aos Pessoaes dirivados dos mesmos, que são para a I.ª Pessoa *Meu*, *Minha*, *Nosso*, *Nossa*; para a II.ª *Teu*, *Tua*, *Vosso*, *Vossa*; e para a III.ª *Seu*, *Sua*. Estes Pessoaes dirivados, são, como seus primitivos, huns adjectivos determinativos. Porêm os primitivos determinão so os nomes proprios das pessoas, ou das couzas personificadas a tomarem a relação, ou de I.ª ou de II.ª ou de III.ª Pessoa por ordem ao papel, que fazem na representação do discurso, e no acto da palavra; e os dirivados não determinão senão nomes appellativos, e de couzas possuidas; e determinão-os não por ordem ao

acto

acto da palavra, mas por ordem ao acto ou direito de dominio pertencente a huma das tres pessoas. Os Pessoaes primitivos tem so huma relação e hum objecto, e por isso se pőem em lugar dos nomes proprios que modificão. Os Pessoaes dirivados tem duas relaçőes e dous objectos, hum da pessoa a quem se referem, e outro da couza, que lhe fazem pertencer.

A primeira relação pessoal he indicada pela primeira voz ou syllaba, de que elles se compőem, e que he sempre hum caso, ou recto ou obliquo do primitivo, qual se vê nesta divisão *Me-u*, *Mi-nha*, *Nos-so*, *Nos-sa*, *Te-u*, *Tu-a*, *Vos-so*, *Vos-sa*, *Se-u*, *Su-a*. A segunda relação real, ou da couza possuida, he indicada pela segunda voz ou syllaba, que por isso, segundo o genero, ou numero das couzas pertencentes a cada pessoa, varía de terminaçőes, como os mais adjectivos, para concordar com ellas em genero e numero. E bem como os primitivos da I.ª e II.ª Pessoa tem cada hum dous nomes, hum para huma pessoa so, e outro para muitas; assim os seus dirivados tem tambem duas fórmas para indicar estas relaçőes pessoaes: e como o reciproco da III.ª Pessoa não tem senão huma para o singular e para o plural; assim o seu dirivado não tem tambem senão huma para ambos os numeros.

Por esta razão, relativamente a huma pessoa so, se diz no singular *Meu Reino*, *Teu Reino*, e no plural *Meus Reinos*, *Teus Reinos*; e relativamente a mais pessoas no singular *Nosso Reino*, *Vosso Reino*, e no plural *Nossos Reinos*, *Vossos Reinos*; e relativamente ou a huma ou a mais pessoas, diz-se no singular *Seu Reino*, e no plural *Seus Reinos*. Se falo dos habitantes de Portugal, digo igualmente bem *Seu paiz he fertil*, como, se falando do seu Rei, dissese *Seu reino he rico*.

Aqui porêm tem lugar a mesma observação, que

ja fizemos a respeito dos primitivos *Nos*, *Vos*; que assim como estes, sendo do plural, se tomão algumas vezes singularmente, assim passa o mesmo com seus dirivados *Nosso*, *Vosso*. Hum Rei diz: *A todas as Justiças de nossos Reinos*; e hum Bispo: *A nossos Veneraveis Irmãos*, e na oração dominical dizemos todos *Vosso nome*, *Vosso Reino*, *Vossa vontade*.

Daqui se vê, que estes Possessivos substituem o Complemento restrictivo, ou Genitivo, que falta nos casos dos Pessoaes primitivos, quando queremos restringir hum appellativo pela relação particular de seu possuidor. Se, assim como dizemos *O Livro de Pedro*, haviamos de dizer *O Livro de mim*, *O Livro de ti*; dizemos pelos possessivos *O meu Livro*, *O teu Livro*, *&c.* Porque não he o mesmo dizer: *Meu*, *Nosso*, *Teu*, *Vosso*, *Seu*, que dizer: *De mim*, *De ti*, *De vós*, *De si*; por ex.: *O meu amor*, ou *O amor de mim*; *O nosso medo*, ou *O medo de nós*; *As tuas saudades*, ou *As saudades de ti*; *O vosso odio*, ou *O odio de vós*; *Seu senhor*, ou *Senhor de si*.

Ambas estas expressões significão possessão, porêm de differente modo. As primeiras exprimem huma posse ou propriedade activa, que tem as pessoas, indicadas pelos Possessivos; as segundas huma propriedade ou reflexa, ou passiva, que as mesmas recebem ou de si ou de outro possuidor differente. E esta he a razão porque, a fim de distinguir mais estas duas especies de propriedade em respeito a differentes sujeitos, ou ao mesmo, temos a cautella de ajuntar ás vezes aos primitivos o demonstrativo *Mesmo* para mostrar a reciprocidade do possuidor e da couza possuida, como *O amor de mim mesmo*, *O odio de nos mesmos*.

Daqui he facil resolver a duvida de Antonio de Moraes no seu *Diccionario da L. P.* vocabulo *Meu* sobre as expressões de Jorge Ferreira na *Eufrozina* a sa-

saber: *Minha Mãi morreo do meu parto*, isto he, do parto que teve de mim, *Fugio com meu medo*, isto he, com medo de mim; e *Saudades minhas o matão*, isto he, saudades que tem de mim. Estas expressões alem de serem improprias, são de sua natureza ambiguas; e isto bastaria para se deverem evitar, ou explicar, bem como quando digo, *O amor de Deos*, devo fazer ver se he *o amor que tenho a Deos*, ou *o que elle me tem*. Tambem usamos dos primitivos com a preposição *de* nestas exclamações *Ai de mim! Infeliz de ti! Coitado d'elle!* Mas aqui a preposição com seu consequente he hum complemento não restrictivo, mas circunstancial do verbo, *Falo*, que por ellipse se entende, como: *Ai! de mim falo*, *&c.*

Sobre a outra questão, agitada entre nossos Grammaticos, se os Possessivos tem vocativo ou não? ella he mais questão de nome do que de realidade. O vocativo na Lingua Portugueza he sempre hum nome de huma segunda pessoa ou couza personificada, com quem se fala. O Possessivo pois da 3.ª pessoa repugna sempre a esta relação. O da 2.ª he de sua mesma natureza vocativo, e ajuntar-lhe a Interjeição vocativa seria hum pleonasmo. O da 1.ª não repugna a isso, hindo depois do appellativo, que apostrophamos; *Alma minha gentil, que te partiste* disse Camões. Passemos ja aos outros Determinativos da nossa Lingua.

§. III.

Dos Determinativos Demonstrativos, Puros, e Conjunctivos.

Os Determinativos *Demonstrativos* são aquelles, que determinão e applicão os nomes appellativos a certos individuos, indicando-os, e mostrando-os pela *Localidade* da sua existencia. Destas ha duas especies.

Huns

Huns são puramente Demonstrativos, e outros Demonstrativos e Conjunctivos ao mesmo tempo.

Os *Demonstrativos Puros* mostrão e apontão os objectos presentes pelo lugar, menos ou mais distante em que estão, ou no espaço, ou no discurso, ou na ordem dos tempos; e bem assim o lugar e relação, que tem por ordem á pessoa que fala, áquella com quem se fala, e á de quem se fala.

Queremos nós por ex. determinar hum objecto, presente pelo lugar, que occupa, juncto a nós que falamos, ou em que o puzemos no discurso, falando delle? Dizemos: *Este homem*, *Esta mulher*, *Isto*, *que acabamos de dizer*. E se na mesma situação estão dous objectos, que queremos mostrar, dizemos: *Este homem*, *Est'outro homem*.

Queremos outrosi mostrar hum objecto presente, porêm mais distante, e immediato a outra pessoa, com quem falamos? Dizemos: *Esse homem*, *Essa mulher*, *Isto que dizes*; e se são dous os que se achão na mesma situação, e que queremos indicar, ajuntamos *Esse homem*, *Ess'outro homem*, *Essa mulher*, *Ess'outra mulher*.

Queremos em fim determinar hum objecto presente, porêm mais remoto que os antecedentes, e com relação a huma terceira pessoa, ou couza, da qual se fala? Dizemos: *Aquelle homem*, *Aquella mulher*, *Aquillo*, *que ao principio se disse*; e se com este objecto se acha outro na mesma situação, que tambem queremos indicar, ajuntamos: *Aquelle homem*, *Aquel-l'outro homem*, *Aquella mulher*, *Aquell'outra mulher*. Exemplos.

Que

Que julgas d'outro Meneláo,
  Que, com seu corpo e rosto, capitão
  Se faz famoso mais que Agesiláo?
Que da carranca *deste*? Da tenção
  Daquelle? Dos espritos, do desejo,
  Dos fumos *daquelloutro*, e opinião?
Estas são as diffrenças do que vejo. (1)

A quem trarão
Rosas a rôxa Cloris,
Conchas a branca Doris;
Estas, flores do mar,
Da terra *Aquellas*. (2)

As variações genericas, e numeraes destes tres demonstrativos se vem na taboa seguinte.

	Singular.			*Plural.*	
	M.	F.	N.	M.	F.
1.ª	Êste	Ésta	Isto (Ésto. *ant.*)	Estes	Éstas
	Estoutro	Estoutra		Estoutros	Estoutras
2.ª	Êsse	Éssa	Isso (Ésso, ou Ello *ant.*)	Êsses	Éssas
	Essoutro	Essoutra		Essoutros	Essoutras
3.ª	Aquélle	Aquélla	Aquillo (Aquíllo *ant.*)	Aquélles	Aquéllas
	Aquelloutro	Aquelloutra		Aquelloutros	Aquelloutras

Os Demonstrativos Neutros, que nossos Antigos tomarão da Lingua Castelhana, em que ainda

 sub-

(1) Ferreira *Cartas.* Liv. I. Cart. V.
(2) Camões *Od.* V.

subsistem, a saber: *Esto*, *Esso*, *Ello*, *Aquello*, e que o uso mudou em *Isto*, *Isso*, e *Aquillo*, não tem plural, e chamão-se *Neutros*, não porque tomem esta fórma para, á maneira dos adjectivos Latinos, concordarem com substantivos neutros: mas porque servem para mostrar couzas, acções, ou sentidos, que não tendo genero algum nem masculino, nem feminino (os quaes so competem aos nomes substantivos) vem a ser neutros, isto he, de nenhum genero, como: *Isto, que digo, he certo*; *Isso que tu disseste, não o he*; *Aquillo he bem dicto.* Estes são os nossos Demonstrativos puros: vamos aos *Demonstrativos Conjunctivos.*

Nós temos quatro *Demonstrativos Conjunctivos*, que são *Qual*, *Quem*, *Cujo*, *Que.* Chamão-se Demonstrativos, porque, assim como os Demonstrativos puros indicão os objectos pela sua localidade; assim estes os mostrão pela sua antecedencia immediata; que por isso os Grammaticos commummente lhes dão o nome de *Relativos*, porque se referem a couza antecedente. Porêm este mesmo nome se deveria dar aos Pronomes e aos mesmos Demonstrativos puros, quando se referem a couzas antecedentemente dictas no discurso, como succede a cada passo. Contentemos-nos pois com o nome de *Demonstrativos*, que convem a todos elles; e mostremos a sua differença especifica, que he o em que mais devião cuidar os mesmos Grammaticos, a qual consiste em estes serem demonstrativos e ao mesmo tempo *Conjunctivos.*

Chamão-se *Conjunctivos* estes demonstrativos para differença dos demonstrativos puros; porque atão as orações, na frente das quaes se achão, com a antecedente, e fazendo-as parte da mesma, ou como incidentes, ou como integrantes. Neste periodo, por ex. » *Qual* he a couza, *que* póde faltar a *quem* tem por » seu hum Deos, *cujo* he tudo, quanto ha no ceo,

e

„ e na terra? „ O primeiro demonstrativo conjunctivo, feito interrogativo pela ausencia do Artigo, ata a sua oração com huma antecedente, que por ellipse se lhe entende, e he *Dize-me a couza, a qual, &c.* O segundo *Que*, referindo-se ao substantivo *Couza*, seu antecedente, liga ao mesmo tempo a proposição, a que dá principio, fázendo-a incidente da principal, que lhe precede. O terceiro *Quem*, não so denota hum substantivo occulto, porque val o mesmo que *Qual pessoa*: mas conjuncta ao mesmo tempo a proposição, em que está, com a antecedente, para ser o complemento objectivo do verbo *Faltar*, e integrar-lhe por este modo o sentido. Em fim o quarto *Cujo*, concordando com a couza possuida *Tudo, &c.* não so se refere ao possuidor antecedente, que he *Deos*; mas ata ao mesmo tempo a oração, em que está com a mesma palavra *Deos*, attributo da oração antecedente, á qual serve de incidente explicativo. Mas tudo isto se verá melhor, discorrendo por cada hum destes quatro Demonstrativos Conjunctivos, e observando os seus usos e propriedades.

QUAL.

Este adjectivo, dirivado do latino *Qualis*, per si sem additamento algum, he hum adjectivo de comparação, que suppõe sempre antes de si o outro adjectivo comparativo *Tal*, como *Tal, qual he, eu to offereço.* Muitas vezes se supprime este primeiro comparativo, mas sempre se entende nestas e semelhantes expressões: *Qual o Leão quando arremete. Todos concorrerão para isto, qual mais, qual menos*, e em Camões *Lus.* VI. 64.

Qual do cavallo voa que não dece;
Qual c'o cavallo em terra dando, geme;

Qual vermêlhas as armas faz de brancas;
Qual c'os penachos do elmo açouta as ancas,
e *Hião as Nymphas, a qual mais formosa, &c.*

Pois he o mesmo que dizer: *Tal, qual o Leão, &c. Hum* tal, qual *eu não digo*, mais; *outro* tal, qual *eu não digo*, menos. = *Hum tal*, qual *eu não digo*, do cavallo voa, &c. *Outro tal*, qual *eu não digo*, c'o cavallo, &c. e Hião as Nymphas, á porfia, ou competencia, qual mais formosa.

Pelo que, para o *Qual* Conjunctivo se não confundir com o *Qual* comparativo, costuma sempre a nosssa Lingua, como tambem as outras vulgares, faze-lo acompanhar do Artigo, dizendo no singular, para o masculino e neutro *O qual*, e para o feminino *A qual*; e no plural *Os quais*, *As quais*. Disse que *O qual* no singular serve para o masculino e neutro; porque bons Auctores nossos, como Fernão Mendes, Barros, Sá Miranda, e outros, usão a cada passo no principio dos periodos de *Do qual*, *Pol'o qual* em lugar de *Do que*, *Polo que*, no qual caso so se póde referir a todo o sentido da oração, ou orações antecedentes, o qual não tem genero, nem o póde ter.

Outra propriedade deste Conjunctivo he poder-se juntar com o substantivo antecedente, com quem concorda, fazendo-o subsequente, como *O qual homem*; *A qual mulher*. O Conjunctivo *Cujo*, *Cuja*, *Cujos*, *Cujas* tambem concorda, mas nunca com o nome antecedente do possuidor, a que se refere, porêm sempre com o nome subsequente da couza possuida.

QUEM.

Este Demonstrativo Conjunctivo, contrahido de *Qu'homem*, feita a syncope do *hom*, assim como *Alguem*, *Nimguem*, *Outrem*, de *Alg'omem*, *Ning'omem*, *Ou-*

Outr'omem; ordinariamente não se diz se não de pessoas, ou de couzas personificadas, como *Pedro foi, quem fez isto*; *A mãi de quem sou filho.* Mas algumas vezes abusivamente se emprega, referindo-se tambem a couzas, como em H. Pinto. *As boas arvores dão bom fruto, e as más como* quem *são.* Este demonstrativo he indeclinavel, e serve, como o *Que*, para todos os generos e numeros, e nunca admitte Artigo.

CUJO.

Este Demonstrativo Conjunctivo exprime a relação de huma couza possuida, ou pertencente a outra, que a possue, ou a quem pertence. Bem como os Possessivos, divididos nas suas duas syllabas, a primeira *Cuj* he relativa ao Possuidor, e a segunda variavel segundo os generos, e os numeros, he relativa á couza possuida, com a qual, por isso, sempre concorda. Assim *Cujo*, *Cuja*, *Cujos*, *Cujas*, valem o mesmo que *Do qual*, *Da qual*, *Dos quaes*, *Das quaes*, com a differença porêm, que estes referem-se e concordão sempre com hum substantivo antecedente; aquelles porêm referem-se sim a huma pessoa, ou couza antecedente, mas concordão sempre com o substantivo da couza possuida ou pertencente, que se lhe segue immediatamente. Exemplos: *Pedro, de cuja casa venho*, isto he, *da casa do qual venho. A arvore, cujo fructo Eva comeu*, isto he, *o fructo da qual Eva comeu. Restituir a couza a cuja he*, isto he, *á pessoa de quem he. Ter cujo, ser cujo* he ter dono, ou ser dono, a quem pertence.

Donde se vê que he erro o dizer: *Hum Sujeito,* cujo *mora em tal lugar*, em vez de *o qual* mora em tal lugar. Dos mesmos exemplos se vê outro sim, que quando usamos de *Cujo*, o substantivo da couza possuida, com quem concorda, sempre se lhe segue imme-

mediatamente; *Cujofructo*, *Cuja casa*. Quando porêm usamos *Do qual*, o mesmo substantivo da couza possuida sempre lhe precede, e o relativo não concorda com elle, mas com o nome do possuidor, que vem atraz. O fructo *da qual*, *Da casa do qual*. Quando usamos de *Cujo*, *Cuja*, ou so, ou com preposição sem o possuidor expresso, este sempre se lhe entende. Assim *Ter cujo*, *ser cujo* he *ter senhor*, *cujo he*, e *ser o senhor*, *cujo he*; e *restituir a couza a cuja he*, he o mesmo que *restituir a couza ao dono*, cuja *ella he*. Veja-se Syntaxe Cap. II. Art. III.

QUE.

He outro Demonstrativo Conjunctivo, que, sendo indeclinavel, serve para todos os casos, generos, e numeros; mas o que caracteriza mais este Conjunctivo he servir ordinariamente para ligar as proposições incidentes com as principaes, e sempre as integrantes com as totaes. Quando elle liga as orações incidentes, humas vezes he *Explicativo*, se o que affirma a oração incidente se acha ja incluido na idea do sujeito, ou do predicado da oração principal, e o *Que* por conseguinte se póde mudar na causal *Porque*: outras vezes *Restrictivo*, se o que a proposição incidente affirma he hum accessorio novo, e não comprehendido nos termos da oração principal; e o *Que* se póde mudar em alguma das conjuncções restrictivas *Se*, *Quando*, *&c.* Exemplo: *O homem*, que *foi creado para conhecer e amar a Deos*, *deve fugir de tudo*, o que o *póde apartar deste conhecimento e amor.* Onde o primeiro *Que* he explicativo, e se póde mudar em *Porque*, e o segundo restrictivo, e por isso se póde substituir com *Quando.*

O mesmo Conjunctivo *Que* he sempre o que ata as proposições integrantes, ou do Indicativo, ou do Sub-

Subjunctivo com o verbo da oração principal, ao qual servem de complemento objectivo, como: *Mando que faças*, *Digo que podes*. O mesmo *Que* he outro sim sempre obrigado, todas as vezes que a oração principal se faz com o verbo substantivo em huma ordem inversa da grammatical, pondo-o no fim, como: *Em Deos he que devemos pôr todas nossas esperanças.*

Nestas e semelhantes orações he tão notavel a força conjunctiva do Demonstrativo *Que*, que muitos quizerão fosse então Conjunctivo, e não Demonstrativo. Porêm entendendo-se-lhe antes o Demonstrativo neutro *Isto*, que nestes casos he o seu antecedente natural, a que se refere; se vê que não somente he Conjunctivo, mas tambem Relativo, e por consequencia Demonstrativo.

Sobre a Syntaxe de todos estes Demonstrativos Conjunctivos he bom observar que todos elles podem ser sujeitos, mas so das orações parciaes, quer incidentes, quer integrantes, e nunca das principaes. Se elles ás vezes começão o periodo, he sempre por ellipse, entendendo-se-lhes d'antes os Demonstrativos puros. Quando, por ex. digo *Porque*, *Do* que *se segue*, *Os* que *se salvão são poucos*; he o mesmo que dizer: *Por isto*, ou *Disto* que *acabo de dizer* = *Os homens* que *se salvão são poucos*. Para sujeito das orações incidentes, *Que* he ordinariamente preferivel a *Qual*, excepto quando o *Que*, por não ter nem generos nem numeros, póde causar alguma ambiguidade, ou fastio por se ter repetido muitas vezes. Assim he melhor dizer: *Deos*, que *creou o Ceo e a Terra*, do que *Deos*, o qual *creou o Ceo e a Terra*. Porêm dizendo: *A desobediencia dos Israelitas ás ordens de Deos*, a qual he *materia continua das queixas de Moises* = e *Certas plantas*, as quaes *nada tem*, *que as distingua*; se em lugar de *Qual* puzessemos *Que*,

a

a primeira oração ficaria equivoca, e a segunda enfadonha pela repetição de hum *Que* ao pé d'outro.

Quando porêm o Conjunctivo *Que* com sua oração he Complemento Objectivo da acção do Verbo, então he regra geral usar sempre delle, e não de *Qual.* Pelo que qualquer estranharia estas expressões: *O homem*, o qual *Deos creou á sua* imagem: *A mulher*, a qual *Deos formou para companheira do homem.* Substituindo-lhes porêm *Que* em lugar de *Qual*, ficão boas.

Em fim alguns pertendem que estes Demonstrativos Conjunctivos, quando são interrogativos, perdem sua qualidade de relativos, e se fazem absolutos. Porêm a interrogação, assim como não faz perder ás outras palavras a sua natureza, tambem a não deve fazer perder aos relativos. Estes sempre o são; porque sempre se lhes entende seu antecedente. Por ex. quando digo: Quem *são os ricos neste mundo*? Os que *tem muito*? *Não.* He o mesmo que se dissesse: *Dize-me os homens* que *são ricos neste mundo*? Os *homens por ventura*, que *tem muito*? *Não.*

Até aqui tractámos dos Adjectivos Determinativos, que individuão os Appellativos pelas suas qualidades particulares. Passemos ja á segunda classe dos Determinativos de *Quantidade.*

§. IV.

Dos Determinativos de Quantidade.

Os Determinativos de *Quantidade* são os que determinão e applicão os nomes appellativos aos individuos da sua especie, indicando estes, não ja pelas suas qualidades como os antecedentes, mas pelo seu numero. Ora esta applicação póde-se fazer ou a todos os individuos da especie ou a huma parte delles so-

men-

mente. Daqui a divisão mais geral destes Determinativos em *Universaes*, e em *Partitivos*.

Os universaes ou são *Positivos*, porque affirmão alguma couza de todos os individuos, ou *Negativos*, porque a negão dos mesmos. Os primeiros ou affirmão alguma couza de todos os individuos, considerados junctos e em multidão, e então chamão-se *Collectivos*: ou considerados separadamente e cada hum de per si, e chamão-se *Distributivos*.

A Lingua Portugueza não tem se não hum *Collectivo* universal, que he no singular *Todo* para o genero masculino, *Toda* para o feminino, e *Tudo* para o neutro; e no plural *Todos* para o masculino, e *Todas* para o feminino. Não he determinativo se não quando precede o nome appellativo: v. gr. *Todo homem he mortal.* Quando se lhe segue, he hum adjectivo explicativo, que val o mesmo que *Inteiro*; razão porque a mesma proposição, de verdadeira passa a falsa, dizendo: *O homem todo he mortal.* Se digo no singular *Todo o homem he mortal*, o appellativo *Homem* he tomado distributivamente por *Cada.* Se digo no Plural *Todos os homens mentem*; toma-se collectivamente, e então sempre leva o Artigo depois de si. Usamos do distributivo nas proposições metaphysicamente certas, e do collectivo nas que o são moralmente.

Este Determinativo universal tem huma terminação neutra *Tudo*; porque esta nunca concorda com substantivo algum, mas so com as couzas, que não tem genero, ou não lho queremos dar, como: *Os Pyrrhonicos duvidão de tudo. Tudo está bem feito.* A terminação masculina *Todo* tambem se neutraliza, substantivando-se por meio do Artigo, como *O todo deste quadro*, *O todo deste discurso está bem feito.*

Os universaes *Distributivos* são tres, hum simples e indeclinavel, que serve so para o singular e para todos os generos, que he *Cada*, e dous compostos

dos Demonstrativos *Quem*, *Qual*, e de *Quer*, terceira pessoa do presente Indicativo do verbo *Querer*, a saber: *Quemquer*, *Qualquer*. *Quemquer* he indeclinavel, tem so singular, e diz-se so de pessoas; *Qualquer* diz-se tanto de pessoas, como de couzas, e he declinavel por numeros somente, como *Qualquer pessoa*, *Quaesquer couzas*.

O Distributivo *Cada* he sempre relativo, e suppõe antes de si huma proposição universal collectiva, clara ou occulta, que elle distribue pelos individuos comprehendidos na mesma proposição para distinguir as suas differenças, quanto ao attributo que de todos se affirma collectivamente. Os Distributivos *Quemquer*, *Qualquer*, são absolutos, porque não se referem a outra proposição. Elles mesmos fazem a proposição, e a distribuem. Estas proposições, por ex. *Quemquer póde dizer*, *Qualquer couza se póde dizer*; equivalem a estas *Todo homem póde dizer*, *Tudo se póde dizer*.

O Distributivo *Cada* porêm considera as partes de hum todo, quaesquer que ellas sejão como outras tantas unidades proporcionaes, para por ellas distribuir o attributo da proposição. Assim se ajunta elle, ja aos appellativos, *Cada homem*, *Cada casa*, *Cada cidade*, *Cada nação*; ja aos numeraes, *Cada hum*, *Cada dous*, *Cada tres*, *Cada cento*; ja aos partitivos *Cada qual*. As partes suppõem o todo, e o distributivo das mesmas suppõe a proposição universal collectiva. Pelo que, quando digo: *Cada homem tem seu genio*, *Cada terra tem seu uso*; he o mesmo que se dissesse: *Todos os homens tem genios*, *cada qual o seu*; *Todas as terras tem seus usos*, *cada huma o seu*.

Daqui se vê, que a palavra *Cada* he hum verdadeiro adjectivo indeclinavel, que determina os nomes appellativos a tomarem-se em hum sentido distributivo por ordem á porção, que do attributo lhes compete.

Não

Não póde por tanto ser *Preposição*, em cuja classe a põe a *Grammatica da Lingua Castelhana da Academia Real Hespanhola* Part. I. Cap. IX. Porque o sujeito da oração nunca póde levar preposição; e levalahia, se *Cada* o fosse nos exemplos acima.

Todos estes Determinativos acima são universaes Positivos, e ou sejão Collectivos, ou Distributivos, todos fazem as proposições universaes affirmativas. Os que se seguem, são universaes Negativos; porque fazem as proposições universaes negativas. Destes temos tres, a saber: *Nenhum*, *Ninguem*, *Nada*.

Nenhum he hum adjectivo composto do adverbio *Nem* e do numeral *Hum*; e assim recebe delle as mesmas terminações, no singular para o masculino *Nenhum*, e para o feminino *Nenhuma*; e no plural para os mesmos generos *Nenhuns*, *Nenhumas*. Mas nem por isso val o mesmo assim composto, que os seus simples separados *Nem hum*. Do primeiro modo póde negar a totalidade moral somente; do segundo nega a totalidade physica. *Não ha nenhum que obre bem* póde entender-se da universalidade moral, que póde ter alguma excepção: *Não ha nem hum que obre bem* exclue esta mesma excepção.

Ninguem he tambem composto de *Nem* e *Alguem*. He do singular, e indeclinavel, e diz-se so de pessoas, e não de couzas, como: *Ninguem está isento de vicios*, que quer dizer *Nenhuma pessoa está isenta de vicios*. Na nossa Lingua *Nenhum*, *Ninguem*, vindo antes do verbo, exclue qualquer outra negação depois delle. Porêm hindo depois do verbo, não exclue outra negação antes delle, e val então por *Algum*, *Alguem*. Assim, se em lugar de dizer: *Hum espirito preoccupado não se rende a pessoa alguma*, eu dissesse; *Hum espirito preoccupado não se rende a ninguem*: ainda que o primeiro modo he mais Portuguez, o segundo não deixa de ser authorizado pelo

uso, e empregado por bons AA. Ja *Nenhum*, acompanhado de outra negação antes do verbo, he hum idiotismo Francez, que alguns dos nossos Escriptores imitárão, como: *Mas* nenhum *mal* não *he crido*: *O bem so he esperado.* Porêm semelhantes exemplos são mais para notar, que para seguir.

Nada tambem he sempre do singular, indeclinavel, e diz-se so de couzas, e de couzas indeterminadas, que não tem genero algum; que por isso he neutro. Ex. *A consciencia*, *que de* nada *se culpa*, *de* nada *se teme.* Não admitte Artigo, como nem tão pouco os mais universaes Negativos. Quando o tem, se tomão substantivamente; como quando dizemos: *He hum ninguem*, *He hum nada*, *O mundo foi tirado do nada*, *Huns nadas.*

Passando agora dos Determinativos universaes aos *Partitivos*; estes são os que fazem as Proposições particulares, applicando o nome appellativo, não á totalidade dos individuos, que elle comprehende; mas a huma parte della, para sobre esta so cair o attributo da proposição. Esta parte, ou he vaga e indeterminada, ou determinada, e exacta; e daqui a distincção dos Partitivos em *Indefinitos* e *Definitos.*

Principiando pelos Indefinitos, a parte indeterminada, que elles extrahem da totalidade dos individuos de huma classe, póde ser ou hum so individuo, ou dous, ou muitos, ou ora hum, ora muitos. Assim são elles ou *Singulares*, ou *Duaes*, ou *Pluraes*, ou *Communs* a hum e outro numero.

Nós temos quatro *Partitivos Singulares*, a saber: *Alguem*, *Outrem*, *Fulano*, *Sicrano.* Os primeiros dous são indeclinaveis, dizem-se so de pessoas, e valem o mesmo que *Algum homem*, *Alguma pessoa*, *Outro homem*, *Outra pessoa.* Os segundos tambem se dizem so de pessoas, porêm são declinaveis por generos *Fulano*, *Fulana*, *Sicrano*, *Sicrana.* O primei-

ro

ro diz-se de huma pessoa indeterminada e vaga, que se não nomea, nem póde nomear: *Alguem ha que diz.* O segundo diz-se tambem de huma pessoa indeterminada, mas segunda na ordem, e sempre com relação a outra primeira: *Não fazer mal a* outrem. O terceiro diz-se de huma pessoa tambem indeterminada; porêm que se póde nomear, se se quizer: *Fulano disse isto.* E o quarto diz-se de huma segunda pessoa innominada, e relativa á primeira, porêm que se póde nomear, *Sicrano disse essoutro.*

Os *Partitivos Duaes* são os que da totalidade dos individuos da mesma classe não extrahem se não dous individuos, ou duas collecções delles, e isto, ou collectivamente, como: *Ambos*, *Ambas*; ou distributivamente, como: no singular *Outro* para o masculino, *Outra* para o feminino, e o antigo *Al* para o neutro; e no plural *Outros*, *Outras* para o masculino e para o feminino. Une-se para a distribuição com o partitivo *Hum* em lugar de *Algum*, como: *Hum* e *Outro*, *Huns* e *Outros.* Ex. *S. Pedro e S. Paulo consummárão* ambos *em Roma o seu martyrio* no *mesmo anno e no mesmo dia*, hum *pela cruz*, outro *pela espada.* A terminação neutra *Al*, formada do *Aliud* Latino, he antiga, porêm não antiquada. Na linguagem forense ainda se diz: *Al não disse*, isto he, *outra couza não disse mais*; e na proverbial *Al*, *he martelar em ferro frio.*

Os *Partitivos Pluraes* são os que extrahem da totalidade dos individuos huma parte, que consta de muitos indeterminadamente. Temos dous, hum collectivo que he *Muitos*, *Muitas*, e outro distributivo que he *Os Mais*, *As Mais*, sempre com o Artigo. Ex. *De cem soldados cincoenta ficárão mortos no campo*; *dos outros cincoenta* muitos *ficárão feridos*, os mais *fugírão.* O Distributivo *Mais* sempre o he de hum resto, relativo a outra parte antecedente.

Em

Em fim os *Partitivos communs*, tanto ao singular, como ao plural, são os que extrahem da totalidade dos individuos, ja hum, ja muitos indeterminadamente. Temos tres desta especie, a saber: no singular *Algum* para o masculino, *Alguma* para o feminino, e *Algo* (antigo) para o neutro; e no plural *Alguns* para o masculino, e *Algumas* para o feminino; como: *Alguns homens ha.* Quando com este verbo impessoal da terceira pessoa do singular se ajuntão appellativos do plural, como *Homens ha*, *Ha annos*, *&c.* sempre se lhes entende o partitivo *Alguns*, e he o mesmo que *Alguns homens ha*, *Ha alguns annos*. O mesmo se entende nestes demonstrativos com preposição *D'elles*, *D'ellas*, de que usão nossos Antigos ainda como sujeito da oração.

> *Com colera mil corpos derrubando*,
> D'elles *mortos*, *e* d'elles *mal feridos.* (1)

Isto he: *alguns* delles *mortos*, *alguns* delles *mal feridos*.

O Partitivo *Algum*, *Alguns* applica o nome commum a huma parte de seus individuos tão vaga e indeterminadamente, que não os poderiamos nomear, ainda que quizessemos. Porêm o Partitivo *Certo*, *Certa*, *Certos*, *Certas* applica o nome commum a huma parte de seus individuos, que deixamos sim indeterminados, porêm que poderiamos individuar, se quizessemos. *Certo homem*, *Certa mulher* são individuos, para mim certos, mas que quero deixar em incerteza para as pessoas, com quem falo. Este adjectivo como Demonstrativo precede sempre ao substantivo; se se põe depois, he hum adjectivo explicativo, e

(1) Cort. Real *Cerco de Diu* Cant. X.

e significa então couza verdadeira, como: *He couza certa.*

Em fim o terceiro Partitivo commum a ambos os numeros he o adjectivo *Tal* no singular, e *Taes* no plural para ambos os generos. *Tal semea, que muitas vezes não colhe*; ou *Taes semeão, que, &c.* A terminação do singular serve tambem para o genero neutro, como: *Tal não ha*, *Não faças tal.* Este partitivo tem differença dos antecedentes em determinar sempre os individuos com relação a outros occultos, dos quaes se extrahem, ou de que ja se falou.

Restão os Partitivos de *Quantidade* certa e determinada, chamados por isso *Definitos*, ou *Numeraes.* Estes são de quatro modos ou *Cardeaes*, ou *Ordinaes*, ou *Multiplicativos*, ou *Fraccionarios.*

Os *Cardeaes*, assim chamados, porque são os fundamentaes e primitivos de quasi todos os outros, exprimem simplesmente o numero das unidades ou individuos; taes como, *Hum Huma*, *Dous Duas*, *Tres*, *Quatro*, *Cinco*, *Seis*, *Sete*, *Outo*, *Nove*, *Dez*, *Cem*, *Mil*, e todos os mais, compostos destes. Todos estes adjectivos são invariaveis menos o primeiro, e o segundo, e os compostos do substantivo *Cento*, como *Duzentos*, *Trezentos homens*, *&c.*

Os *Ordinaes*, assim chamados, porque determinão os individuos pela ordem, em que hum numero está para outro, tem terminações genericas e numeraes. Taes são *Primeiro Primeira*, *Primeiros Primeiras*, e por este mesmo modo *Segundo*, *Terceiro*, *Quarto*, *Quinto*, *Sexto*, *Septimo*, *Oitavo*, *Nono*, *Decimo*, *&c.*

Os Numeraes *Multiplicativos* designão os individuos pela determinação numerica da quantidade, que resulta de sua multiplicação. Taes são os adjectivos, *Simples* (tomado como uniplo), *Duplo*, ou *Duplicado*,

do, ou *Dobrado*, *Triplo*, ou *Triplicado*, ou *Tresdobrado*, *Quadruplo*, *Quintuplo*, *&c.*

Finalmente os Numeraes *Fraccionarios* são os que determinão os individuos pelo numero das partes, ou fracções, em que se divide hum todo, ou a unidade concreta. Elles não tem differença dos Numeraes ordinaes, quanto ao material do vocabulo, se não o terem so terminação feminina, por concordarem sempre com o substantivo *Parte*, ou *Fracção*, claro ou occulto. Mas quanto ao sentido differem muito; porque aquelles indicão so a ordem, e estes a quantidade total das fracções. Todas as vezes que queremos indicar somente huma quota parte; usamos destes adjectivos femininos, e sempre com Artigo, como: *A Quarta*, a *Quinta*, a *Oitava*, a *Decima*, a *Duodecima*: e com os Cardeaes *Huma Quarta*, *Duas Sexmas*, *Tres Oitavas*, *Quatro Decimas partes*, *&c.*

ARTIGO II.

Dos Adjectivos Explicativos, e Restrictivos.

Dos Adjectivos Determinativos passemos aos *Explicativos*, e *Restrictivos*. Huns e outros são mui differentes. Os primeiros, como vimos, individuão os appellativos, os segundos qualificão-os. Aquelles precedem sempre os substantivos, estes ordinariamente seguem-os. Aquelles não recebem gráos de augmento na sua significação, nem absolutos, nem comparativos, estes sim. Aquelles são poucos em numero, estes infinitos.

Os Adjectivos Explicativos, e os Restrictivos tem isto de commum, que ambos modificão o substantivo, a que se ajuntão: porêm tem caracteres proprios, que os distinguem.

Os Explicativos não accrescentão á significação de

seu

seu substantivo idea alguma nova, e o que fazem so, he desenvolver as que o mesmo substantivo contém na sua noção, ainda que confusamente. Os Restrictivos porêm accrescentão ao appellativo huma idea nova, não comprehendida na sua significação, pela qual esta fica restringida a hum menor numero de individuos. Quando por ex. digo: *Deos justo*; o adjectivo *Justo* he explicativo; por que modifica o substantivo *Deos* com huma idea, que ja tinha. Quando porêm digo: *Homem justo*; o mesmo adjectivo ja não he explicativo, mas restrictivo; porque a idea de justiça não se contêm necessariamente na idea de homem; e por tanto restringe a classe mais geral dos *homens todos* á mais particular dos *homens justos*, que são poucos.

Daqui vem 1.° que, como os individuos são o que são, nem mais nem menos, e por consequencia não se podem restringir; todos os adjectivos, que modificão, ou nomes proprios, ou ja individuados pelos Determinativos Pessoaes, e Demonstrativos, nunca podem ser restrictivos, e são sempre explicativos de alguma qualidade existente nos mesmos individuos. Por ex. nestas orações *Deos justo castiga os impios* = *Esta terra, que habitamos, he redonda*, os adjectivos *Justo*, *Redonda*, são explicativos; porque não fazem outra couza se não desenvolver a idea de *Justiça*, incluida na de Deos, e a de *Redondeza*, incluida na da terra, que habitamos, e assim qualquer outro adjectivo.

2.° Que todas as vezes que a hum appellativo se ajunta hum adjectivo para o modificar, se elle exprime huma qualidade constante e essencial á noção, significada pelo nome commum, he sempre explicativo; e he pelo contrario restrictivo, se a qualidade, que elle exprime, he accessoria e accidental. Assim nestas expressões *Homem mortal*, *Homem justo*, o adjectivo *Mortal*, apposto ao appellativo *Homem*, he explicati-

vo, porque ja se comprehendia na sua noção; porêm o adjectivo *Justo*, he restrictivo; porque na idea de *Homem* não se inclue a idea de *Justiça*, que lhe he accessoria, e por isso restringe a noção da Especie Humana mais geral á particular dos *Homens justos*.

3.° Que todo o adjectivo, apposto a hum nome, equivalendo a huma Proposição Incidente, ou explicativa ou restrictiva, quando elle he explicativo, se póde resolver por huma proposição com a causal *Porque*; e quando he restrictivo, se póde resolver por outra proposição, porêm com as conjuncções restrictivas *Se*, *Quando*. Exemplo: *Deos justo castiga os máos*, onde o adjectivo *Justo*, apposto ao nome proprio *Deos*, he explicativo, e por isso se póde resolver por esta proposição: *Deos*, porque *he justo*, *castiga os máos*. E quando digo: *O homem justo dá a cada hum o que he seu*; o adjectivo *Justo*, apposto ao appellativo *Homem*, he restrictivo, e por isso se deve resolver por esta proposição: *O homem*, quando he *justo*, *dá a cada hum o que he seu*.

4.° Que todo adjectivo explicativo apposto, ou a proposição em que se resolve, se póde tirar da oração, onde está, sem prejuizo de sua verdade; o adjectivo restrictivo, não. Eu posso dizer com verdade: *Deos castiga os máos*; mas ja não posso com a mesma dizer: *O homem dá a cada hum o que he seu*.

5.° Que os adjectivos explicativos não sendo outra couza se não os mesmos nomes ou proprios, ou communs, explicados; he indifferente pol-os, ou antes, ou depois dos substantivos, com que concordão. Posso dizer: *O rico Lucullo*, ou *Lucullo o rico* = *A inconstante fortuna*, ou *A fortuna inconstante*.

Ja com os restrictivos corre outra regra. Como a restricção suppõe dantes a couza, que se restringe; devem por via de regra hir adiante dos appellativos: tanto assim, que pondo-se antes, fazem tomar o nome

me commum em hum sentido individual. Se digo: *O homem rico*, entendo todo homem, que he rico; se digo porém: *O rico homem*, faço entender que falo de hum certo homem rico. O mesmo succede, se digo: *O homem pobre*, ou *O pobre homem*. Taes são os caracteres notaveis, que distinguem os adjectivos explicativos dos restrictivos.

A' classe destes restrictivos pertencem muitos nomes, que significão varios estados accidentaes do homem, os quaes nomes pondo-se ordinariamente sos na oração como os substantivos, e muitas vezes sendo acompanhados de adjectivos, que os modificão, derão occasião á duvida entre os Grammaticos, se pertencem á classe dos substantivos, se á dos adjectivos. Taes, por ex., são os nomes *Cortezão*, *Philosopho*, *Irmão*, *Peão*, *Pintor*, *Rei*, *Soldado*, e outros muitos deste genero.

Para decidir se estes e outros nomes semelhantes são substantivos, ou adjectivos, observaremos 1.° se elles recebem terminações femininas; ou se tendo huma so terminação, se ajuntão ja com o Artigo masculino, ja com o feminino; e neste caso devem ser contados como adjectivos. Assim, porque dizemos *Pintor Pintora*, *Cortezão Cortezã*, *Peão Peã*, *Orfão Orfã*, *Irmão Irmã*, da mesma sorte que *Lavrador Lavradora*, *Vencedor Vencedora*, *Christão Christã*; ha a mesma razão para pôr todos estes nomes na classe dos adjectivos, como tambem os nomes chamados communs de dous, *Artifice*, *Interprete*, *&c.* Porque dizemos *O artifice*, e *A artifice*, *O interprete*, e *A interprete*, *&c.*

Observaremos 2.° se o uso da Lingua costuma algumas vezes ajuntar, ou soffre que a estes nomes se ajuntem os appellativos *Homem*, *Mulher*, *Couza*: e juntando-se, he signal que são adjectivos. Eu posso dizer *homem Philosopho*, *Homem Soldado*, *Homem Cor-*

tezão, como digo *Homem sabio*, *Homem militar*, *Homem pagão*; e ja não digo *Homem Rei*, *Mulher Rainha*, *Homem Magistrado.* Aquelles pois são adjectivos, estes não.

Observaremos em 3.° lugar, se a significação do nome he susceptivel de gráos de augmento e diminuição; e sendo-o he signal de ser adjectivo; porêm do contrario não se segue que o deixe de ser. Porque ha muitos nomes realmente adjectivos, que não são susceptiveis deste augmento, como mais adiante veremos. A propriedade de poder receber gráos na sua significação, da qual estão excluidos os Adjectivos Determinativos, he commum aos Explicativos e Restrictivos, como tambem a de serem susceptiveis de terminações, e inflexões genericas, como vamos a vêr nos dous §§ seguintes.

§. I.

Dos gráos de augmento na significação dos Adjectivos Explicativos e Restrictivos.

A maior, ou menor intensidade da qualidade exprimida pelo adjectivo, fórma huma especie de escada, cuja base e assento he a significação do mesmo adjectivo, que por isso a este respeito se chama então *Positivo.* Este não tem gráos; mas delle começão, e vão subindo até o supremo, e deste descem até o infimo. Estes dous gráos extremos de intensidade são os que nós chamamos *Superlativos.* Entre elles ha outros para subir, e para descer, que se podem chamar *Augmentativos*; porque augmentão a significação do Positivo ou para mais ou para menos. O nome de comparativos, que os Grammaticos lhes tem dado, he improprio.

Porque todos estes gráos podem ser ou *Absolu-*

tos, ou *Comparativos*. Os absolutos exprimem a maior, ou menor intensidade da qualidade dentro do mesmo sujeito, que o adjectivo positivo qualifica: os Comparativos porêm exprimem o excesso ou parcial, ou total da qualidade de hum sujeito com relação a outro. Se digo: *O Sol está brilhante*, *Está mui brilhante*, *Está brilhantissimo*; estes gráos são absolutos; porque não saem do mesmo objecto para o comparar com outro. Ja se digo: *O Sol he tão brilhante como as Estrellas*, *He mais brilhante que ellas*, *He o mais brilhante dos astros*; estes gráos são comparativos, porque considerão o excesso desta qualidade no Sol relativamente aos mais astros. Os nossos Grammaticos não fizerão até agora esta distincção dos sentidos graduaes, ja feita por outros, e bem precziza. Ha pois Positivos *Absolutos*; e Positivos *Comparativos*; Augmentativos *Absolutos*, e Augmentativos *Comparativos*; e Superlativos tambem, huns *Absolutos*, e outros *Comparativos*, como passamos a vêr.

Positivos absolutos são so os que podem receber gráos na sua significação, e taes são todos os adjectivos Explicativos e Restrictivos, excepto 1.º Os que são dirivados de nomes proprios, como *Portuguez*, *Lisbonense*, *Solar*, *Terrestre*, *Maritimo*, *Aureo*, *Argenteo*, *&c.* 2.º Os dirivados de nomes appellativos de substancias, como *Espiritual*, *Corporeo*, *Divino*, *Humano*, e outros, tomados no sentido proprio, e não no figurado. 3.º Os que significão hum estado, para o qual se passou por hum acto instantaneo, como *Nascido*, *Morto*, *Desterrado*, *Vivente*, *Finado*, *Casado*, *Solteiro*, *&c.* 4.º Em fim os adjectivos verbaes em *or*, *ora*, como *Amador*, *Vencedor*, *Guardador*, *Salvador*, *Matador*, *&c.*

Os *Positivos Comparativos* são de duas sortes; ou de semelhança, como *Tal*, *Qual*; ou de igualdade, como *Tanto*, *Quanto*, *Tamanho*, *Quãmanho*, e geral-

ralmente todos os adjectivos, feitos comparativos pelos adverbios *Tão*, *Como*. Exemplo: *A fazenda*, *a vida*, *as victorias*, *e todas as felicidades do mundo são* tão *falsas e vãs*, como *o mesmo mundo*, *com o qual todas acabão.*

Os *Augmentativos Absolutos*, ou augmentão para mais, ou para menos. Os primeiros fazem-se juntando o adverbio *Muito* aos positivos, como *Muito grande*, *Muito pequeno*, *Muito bom*, *Muito máo.* Os segundos juntando aos mesmos o adverbio *Pouco*, como *Pouco grande*, *Pouco bom*, *&c.* Os mesmos Positivos se fazem augmentativos ainda sem adverbios, tomando as terminações augmentativas e diminutivas, de que falámos atraz Cap. II. Art. I. tractando das varias fórmas dos Substantivos. Assim de *Soberbo* se faz *Soberbão*, *Soberbinho*, e de *Vilhaco Vilhacaz*, *Vilhaquinho*, *&c.*

Nossos Antigos costumavão muitas vezes, á maneira dos Latinos, juntar aos mesmos superlativos os adverbios augmentativos *Mui*, e *Tão*, como *Mui sanctissimo*, *Tão grandissima*, cujos exemplos se podem vêr nos *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, impressos em Lisboa em 1799 pag. 323, nota IX. Este uso porêm com justa causa se abolio, e hoje se acha de todo antiquado.

Os *Augmentativos Comparativos* se fazem ou com huma palavra so, como *Maior*, *Menor*, *Melhor*, *Peior*, e os adjectivos do singular *Mais*, *Menos*, seguidos do conjunctivo *Que*; que são os unicos adjectivos comparativos de huma so palavra, que tomámos dos Romanos: ou com duas palavras, que são; para augmentar, o adverbio *Mais*, posto antes do positivo com o conjunctivo *Que*, posto depois; e para diminuir, o adverbio *Menos*, posto tambem antes do positivo com o mesmo conjunctivo *Que*, posto depois. O Augmentativo Comparativo, ou simples, ou compos-

posto, mostra a couza, que se compara, e o Conjunctivo *Que* mostra e ata a outra couza, com que a primeira se compara.

Exemplos: Melhor *he dar* que *receber*: *O filho he* peior que *o pai*: *Varão* maior, *que sua fama*: *A Europa he* menor que *a Asia*: *Os dotes d'alma tem* mais *preço* que *os do corpo*: *Não he* menos do que *elle*: *Hum homem póde ser* menos rico, *e* mais feliz *do que outro.*

Os adjectivos *Superior*, e *Inferior*, *Anterior*, e *Posterior*, *Interior*, e *Exterior*, que o A. dos *Rudimentos da Grammatica Portugueza* dá como comparativos, não o são se não no Latim; porque não dizemos *Superior que*, *Inferior que*, mas *Superior a*, *Inferior a.* O que mostra que são huns adjectivos positivos com a significação das preposições, de que se formárão; e se vê em *Interior*, e *Exterior*, que valem tanto, como *Interno*, e *Externo.*

Os *Superlativos Absolutos* são os que exprimem o maior gráo de intensidade, ou para mais ou para menos, do qual he susceptivel a significação do positivo, sem comtudo fazer comparação alguma. Os nossos Escriptores, que primeiro principiárão a polir a Lingua Portugueza, supprião algumas vezes a falta, que então havia, de superlativos em huma so palavra, com pôr *Mui*, *Muito* antes do positivo: v. gr. *Gente de pé mui muita sem conto*: *Este he o caminho* mui muito breve para *chegar á perfeição.* Depois tivemos toda a facilidade, e abundancia neste genero, formando, á maneira dos Latinos, os superlativos dos mesmos adjectivos positivos com lhes accrescentar *issimo* á ultima consoante final, como *Cruelissimo* de *Cruel*, *Sanctissimo* de *Sancto.*

Os Adjectivos, que acabão em vogal nasal, ou em diphthongo nasal, mudão o *Til*, ou o *m* em *n* para formarem pelo sobredito modo seus superlativos

des-

desta sorte: *Bom Bonissimo*, *Commum Communissimo*, *Chão Chanissimo*, *São Sanissimo*, *Vão Vanissimo.* O adjectivo *Máo* muda o *o* em *l*, e faz *Malissimo.* Os que hoje terminão em *z*, acabavão antigamente em *ce*, e assim sem perderem sua formação regular trocão agora o *z* em *c*, como: *Tenaz Tenacissimo*, *Feliz Felicissimo*, *Atroz Atrocissimo.*

Quaesquer outros superlativos, que não sejão assim formados, passárão da Lingua Latina para a nossa sem mais alteração, do que a troca do *us* final em *o* na terminação masculina. Taes são, alêm de infinitos outros, *Antiquissimo*, *Asperrimo*, *Dulcissimo*, *Humillimo*, *Miserabilissimo*, *Nobilissimo*, *Terribilissimo.* Porêm se estes mesmos se formarem pelo modo regular, que nos mais segue nossa Lingua, e de que ha exemplos, dizendo *Antiquissimo*, *Asperissimo*, *Dôcissimo*, *Humildissimo*, *Miseravelissimo*, *Nobrissimo*, *Terrivelissimo*, *&c.* ficarão sendo puramente Portuguezes. Os superlativos *Maximo*, *Minimo*, *Optimo*, *Pessimo*, *Summo*, e *Infimo*; nos vierão do Latim assim mesmo, so com a mudança da terminação.

Porêm cumpre advertir que todos estes, e semelhantes superlativos não são comparativos na Lingua Portugueza, como o são na Latina. Com o que se enganárão muito nossos Grammaticos, e o Auctor mesmo dos *Rudimentos da Lingua Portugueza*, pondo-os na mesma linha dos comparativos. Todos são superlativos absolutos, e se alguma vez se empregão comparativamente, he como partitivos, e precedidos do Artigo, como: *O optimo*, *O pessimo de todos.*

Os verdadeiros *Superlativos Comparativos* da Lingua Portugueza fazem-se dos positivos com lhes accrescentar os mesmos adverbios comparativos *Mais*, e *Menos*, que se ajuntão aos Augmentativos Comparativos so com a differença, que nestes não levão Artigo,

go, e são seguidos de *Que*; nos superlativos comparativos levão Artigo, e são seguidos da Preposição extractiva *De*. Por ex. *Varrão foi* o mais douto d'*os Romanos*. *O conselho prudente he* o menos arriscado de *todos*. Os Comparativos *Maior*, *Menor*, *Melhor*, *Peior* levão ja comsigo o *Mais* e *Menos*; e assim com a addição do Artigo se fazem superlativos deste modo: A melhor e a peior couza *que ha no mundo*, *he o conselho*: *se he bom*, *he* o maior *bem*; *se he máo*, *he* o peior *mal*.

Onde se vê que nosso Artigo, accrescentado aos Augmentativos Comparativos, faz delles huns Superlativos Comparativos, convertendo-os em partitivos, que por meio da preposição *De* ou *Entre* extrahem da totalidade dos individuos do mesmo genero aquelle, que queremos engrandecer ou diminuir. Assim no exemplo acima *A melhor*, e *a peior couza* he o mesmo que *A melhor*, *e a peior de todas as couzas*; e *O maior bem*, *e o peior mal* he o mesmo que *O maior de todos os bens*, *e o peior de todos os males*. A preposição *De* com o Determinativo universal *Todos*, *Todas* supprime-se muitas vezes por brevidade, mas sempre se entende.

§. II.

Das Terminações, e Inflexões Genericas dos Adjectivos.

Os Adjectivos Portuguezes são ou de *huma so terminação*, ou de *duas*, ou de *tres*.

São de *huma so terminação* 1.° os acabados em *e* pequeno, ou breve, como *Breve*, *Grave*, *Prudente*, *Triste*, que he a terminação mais abundante desta sorte de Adjectivos na nossa Lingua. 2.° Os acabados em *al*, *el*, *il*, como *Celestial*, *Amavel*, *Facil*. 3.° Os acabados em *ar*, *az*, *iz*, *oz*, como *Ex-*

emplar, *Capaz*, *Feliz*, *Veloz*. Destes mesmos adjectivos os que hoje acabão em *il*, sem ser agudo, e em *az*, *iz*, *oz*, acabavão antigamente, como os primeiros, em *e* pequeno, como: *Esterile*, *Facile*, *Contumace*, *Felice*, *Atroce*, *&c.* A fóra estes são tambem de huma so terminação os quatro adjectivos *Affim*, (affinis), *Cortez*, *Montez*, *Rũi*. Tambem *Grão*, abbreviado de *Grande*, serve, como este, para ambos os generos: *O Grão Prior*, *A Grão Mestra*.

São de *duas terminações* 1.° os que acabão em *o*, mudando-o em *a* na feminina, como *Justo*, *Justa*; e se acabão em *ôzo* com o penultimo *ô* fechado, mudando-o em aberto na feminina, como *Virtuôso*, *Virtuosa*. 2.° Os que na masculina acabão em *êz*, *ól*, *ôr*, *ú*, e *um*, tambem tem a feminina em *a*, que se lhes accrescenta, como *Portuguêz Portuguêza*, *Hespanhól Hespanhóla*, *Creadôr Creadôra*, *Crú Crúa*, *Hum Huma*, *Commum Commua*. Com tudo bons AA. Portuguezes não dão terminação feminina, nem a este ultimo, servindo-se da em *um* para hum e outro genero; nem aos em *êz*, *ól*, e *ôr*, que fazião de huma terminação so, commua a hum e outro genero. Assim dizião elles: *Vida commum*, *Linguagem Portuguêz*, *Nação Hespanhol*, *Cidade Competidôr*; e João de Barros diz: (1) *Vara de disciplina* destroidôr *dos males*, defensôr *da pureza*. 3.° Os que acabão em o diphthongo nasal *ão*, perdem o *o* na terminação feminina, ficando so com o *ã* nasal, como *Christão*, *Christã*.

São irregulares *Judêu*, *Mêu*, *Têu*, *Sêu*, *Bom*, *Máo*, que fazem na feminina *Judia*, *Minha*, *Tua*, *Sua*, *Bôa*, *Má*.

São de *tres terminações* 1.° os nossos quatro adjectivos demonstrativos, *Este Esta Isto*, *Esse Essa*

(1) *Dial. da vicios. verg.* p. 255 ed. de Lisb. 1785.

ta Isso, *Aquelle Aquella Aquillo*, e *O qual A qual O que*, ou *O qual* 2.° Os quatro determinativos de quantidade, a saber: os dous universaes collectivos *Todo Toda Tudo*, e *Nenhum Nenhuma Nada*, e os dous Partitivos *Algum Alguma Algo*, e *Outro Outra Al*.

Nestes adjectivos de tres fórmas he certo que a primeira he para o genero masculino, e a segunda para o feminino. A terceira pois para que genero será? O A. dos *Rudimentos da Grammatica Portugueza* Part. I. Cap. II. § III. diz que he huma fórma substantivada do genero masculino; porque os nossos substantivos não tem outro genero se não o masculino ou o feminino, neutro não ha. Comtudo nosso João de Barros em sua *Grammatica da Lingua Portugueza* pag. 92 ed. de 1785, a *Grammatica da Academia Real Hespanhola* Part. I. Cap. III. Art. IV., e o Abbade de Condillac na sua *Grammatica* Part. II. Cap. V., dizem que estas fórmas são do genero neutro.

Com effeito nenhuma Lingua dá terminações superfluas aos seus adjectivos; e se a nossa dêo huma terceira a estes adjectivos, como os Gregos, e Latinos a davão aos mesmos, e a muitos outros, he por que reconhecião que era necessaria, não so para concordar com os substantivos do genero neutro entre elles; mas tambem para modificar alguma couza, ou idea que não era, nem do genero masculino, nem do feminino, e por consequencia de huma classe neutra. Toda a equivocação pois dos Grammaticos foi, assentarem que os adjectivos não forão feitos se não para concordarem com substantivos, e que não tendo estes na nossa Lingua genero neutro, nenhum adjectivo tambem o devia ter.

Porém os Adjectivos podem concordar não so com os nomes, mas tambem com as couzas, como são varias ideas, e sentidos totaes, e discursos intei-

ros, que não tendo per si, nem podendo ter genero algum, não podião ser mais bem determinados do que por huma fórma adjectiva, que não fosse de genero algum, e que por consequencia fosse neutra.

Taes são as terminações neutras dos outo adjectivos acima, e a primeira dos adjectivos de duas terminações, e ainda a unica dos adjectivos de huma so; quando se empregão no discurso ou substantivamente, ou para modificarem orações inteiras, como nestas expressões: *O sublime*, *O bello de hum pensamento. He igualmente* perigoso *crer tudo*, e *não crer nada. Tudo está perdido.* Nada *do que disseste he verdade.* O al *he martelar em ferro frio. Mais val* algo que nada. Isto, *que eu disse*, Isso, *que tu disseste*, Aquillo, *que elle disse*, tudo *he verdade.*

Deve-se pois estabelecer como regra geral, que todo adjectivo, que se refere mais a huma idea, ou sentido do que a hum nome, não tem genero algum, e he por consequencia neutro. O genero, ou classe assim dos nomes, como das couzas he que determina as fórmas adjectivas a tomarem tambem o genero, ou classe, que lhes convem e não ás avessas. Entre os mesmos Gregos, e Latinos os tres generos dos nomes determinavão os adjectivos de huma so fórma a tomar o genero que lhes competia. Porque não poderáõ fazer o mesmo os pensamentos, quando precizão elles mesmos de ser modificados por hum adjectivo?

Com isto concluimos tudo o que tinhamos para dizer de mais importante a respeito das *Partes Nominativas* do discurso. Passemos ja ás *Conjunctivas*, que são o *Verbo*, a *Preposição*, e a *Conjuncção*, que farão a materia dos tres Capitulos seguintes.

CAPITULO IV.

Do Verbo.

O Verbo he *huma parte conjunctiva do discurso, a qual serve para atar o attributo da proposição com o seu sujeito de baixo de todas suas relações pessoaes e numeraes, enunciando por differentes modos a coexistencia e identidade de hum com outro por ordem aos differentes tempos, e maneiras de existir.*

O verbo pois além da sua significação primaria e principal, que he a da *Existencia*, comprehende em si cinco ideas accessorias, indicadas todas pelas differentes fórmas, e terminações, que toma, a saber: 1.ª A do sujeito da oração, de baixo das tres relações pessoaes ou de 1.ª Pessoa, que he *quem fala*; ou de 2.ª, que he a *com quem se fala*; ou de 3.ª, que he a *de quem se fala.* 2.ª A do numero, ou singular, ou plural de cada huma destas pessoas, como *Eu sou, Tu es, Elle he, Nós somos, Vós sois, Elles são.* 3.ª A dos differentes modos de enunciar esta mesma existencia, ou simples e vagamente, *Ser amante*; ou directa e affirmativamente, *Sou amante*, ou indirecta e dependentemente, *Fôr amante.* 4.ª A dos Tempos desta existencia, Preterito, Presente, e Futuro, como *Fui, Sou, Serei.* 5.ª Em fim a dos differentes estados desta mesma existencia, ou começada so e vindoura, ou persistente e continuada, ou finda ja e acabada: para o que toma o verbo substantivo a ajuda dos verbos auxiliares, como *Hei de ser, Estou sendo, Tenho sido.*

Desta breve analyse do verbo se vê que sua essencia consiste propriamente na enunciação da coexistencia de huma idea com outra; e não na expressão des-

destas ideas, que ja para isso tem palavras destinadas nos substantivos e adjectivos, que as nomeão; e que esta coexistencia não póde ser expressada, nem o he em todas as Linguas, senão pelo verbo substantivo; que por isso, a falar propriamente, he o unico verbo, em que por ultima analyse se vem a reduzir todos os verbos adjectivos, os quaes lhe não accrescentão outra couza mais do que a idea do Attributo.

Os verbos auxiliares servem ao verbo substantivo para o ajudarem a exprimir os differentes modos de existencia, ou começada, ou continuada, ou acabada, em que se póde considerar qualquer objecto, ou acção. Podemos pois distinguir tres especies de verbos em geral, que são o *Verbo Substantivo*, os *Verbos Auxiliares*, e o *Verbo Adjectivo*, dos quaes passamos a tractar nos Artigos seguintes.

ARTIGO I.

Do Verbo Substantivo, e seus Auxiliares.

Tudo, o que acima fica dicto, não convem propriamente se não ao nosso verbo substantivo *Ser*, assim chamado, porque elle so he quem exprime a existencia de huma qualidade, ou attributo no sujeito da proposição. Elle, propriamente falando, he o unico verbo, e o de huma necessidade indispensavel na oração. Com elle so se podem formar todas as sortes de orações; e todas as que se fazem por outros verbos, se resolvem por este em ultima analyse.

Porque, como qualquer proposição ou oração não he outra couza se não a enunciação da identidade e coexistencia de huma qualidade, ou attributo com hum sujeito: em havendo hum substantivo para significar este, hum adjectivo ou nome geral para

ra

ra significar aquelle, e o verbo substantivo *Ser* para servir de nexo ou copula a hum e outro; está feita qualquer proposição. Tudo o que o verbo adjectivo tem de essencial e proprio para exprimir esta coexistencia dos dous termos da proposição com todos seus modos, tempos, pessoas, e numeros, não he seu: tudo he emprestado do verbo substantivo, que leva concentrado e entranhado em si; e a unica idea nova, que lhe ajunta, he a da qualidade, ou attributo particular, que se affirma do sujeito; que por isso se chama *Adjectivo*, como mais largamente veremos, quando delle tractarmos.

A essencia do verbo *Ser* não consiste na *Affirmação*, como muitos Grammaticos pertendem. Sua fórma infinitiva, que he a primitiva, nada affirma. A Linguagem Subjunctiva affirma sim, mas não absolutamente, e so com dependencia de outra Linguagem, que a determine. A *Affirmação* pois he o caracter do *Modo Indicativo*, e não do verbo substantivo em geral.

O seu caracter proprio he o enunciar a existencia de huma couza em outra, e por consequencia a sua mutua coexistencia e identidade. Nestas proposições: *Ser Deos justo*, *Que Deos seja justo*, *Deos he justo*; a primeira enuncia a existencia da justiça em Deos simplesmente sem outra determinação alguma; a segunda enuncia ja com affirmação, mas suspensa, e dependente de outra proposição; e a terceira enuncia com affirmação absoluta e independente de outra oração.

Em todo caso pois a essencia do verbo substantivo consiste na significação ou enunciação da *Existencia*: e como tudo o que existe, são couzas ou pessoas, e estas não podem existir se não em certos tempos; daqui vem que estas duas circunstancias são sempre relativas á idea principal de existencia, e por isso

pro-

proprias so do verbo substantivo, ou so, ou incluido no verbo adjectivo, que não he outra couza se não a reducção e abbreviatura do verbo substantivo com todos seus modos, tempos, e pessoas, e do attributo particular, que lhe accrescenta.

Os differentes modos de enunciar esta existencia, seus tempos, e pessoa ou pessoas das quaes a mesma enuncia; tudo he indicado pelas differentes fórmas e terminações, que o mesmo verbo *Ser* toma para este fim nas suas Linguagens simples, como *Sou*, *Fui*, *Serei*, *&c.* Mas estas terminações temporaes indicão sim as differentes epochas da existencia; mas não o modo e estado della. Huma couza póde começar e haver de existir, póde continuar a existir, e póde ter cessado de existir em todas as epochas e tempos, quer presente, quer passado, quer futuro. Estas differentes maneiras de existir não tem na conjugação do verbo *Ser* fórmas algumas ou terminações especiaes, com que se indiquem, e comtudo erão necessarias para exprimir todas as vistas do espirito, e prover a todas as precizões da enunciação. Por ex. *Sou* no seu tempo presente simples não explica a mesma idea de existencia, que explicão os presentes compostos do mesmo verbo com seus auxiliares, *Hei de ser*, *Estou sendo*, *Tenho sido.*

Foi necessario pois para a enunciação completa de nossos conceitos, que o verbo substantivo simples chamasse em ajuda sua outros verbos, que junctos e conjugados com elle, acabassem de formar o painel da enunciação total dos diversos modos possiveis, por que o espirito póde conceber, e concebe huma couza existente. Estes verbos chamão-se por isso *Auxiliares*, porque auxilião o verbo *Ser* para tomar todas as fórmas compostas, e combinações precizas para este fim.

Taes são os tres verbos *Haver*, *Estar*, e *Ter*, combinados com o infinito impessoal, e participios

do

do verbo *Ser*, deste modo: *Haver de ser*, *Estar sendo*, *Ter sido.* O primeiro accrescenta á idea da existencia simples a idea accessoria de hum principio, dado a ella na resolução e projecto, que toma o agente, e a da sua futuridade na execução; *Hei*, ou *Tenho de ser* não he o mesmo que *Sou*, ou *Serei.* O segundo accrescenta á mesma idea geral de existencia a idea particular de estado, persistencia, e continuação da mesma existencia começada; *Estou amando* não he o mesmo que *Sou amante.* O terceiro finalmente accrescenta á mesma idea principal de existencia a accessoria do seu termo e cessação; *Tenho sido* não he o mesmo que *Fui.* Esta Linguagem póde-se dizer de quem ainda he, a primeira não. Estes tres auxiliares pois, junctos com o verbo substantivo, fazem com elle tres Linguagens compostas, que se podem chamar, a primeira *Incboativa*, a segunda *Continuativa*, e a terceira *Completiva* da existencia do attributo no sujeito, significada pelas fórmas infinitivas do verbo *Ser.*

Estas fórmas são invariaveis em qualquer das conjugações compostas do verbo *Ser* com seus auxiliares; porque a idea principal de *Existencia* ou *começada*, ou *continuada*, ou *acabada*, he sempre a mesma e invariavel desde o principio da conjugação até ao fim. O que varía são os Modos, os Tempos, os Numeros, e as Pessoas; e por isso as terminações indicativas destas ideas accessorias pertencem todas aos verbos auxiliares, que se conjugão como outros verbos, e passão por todas estas variações.

Estes verbos considerados como *Auxiliares*, não tem a mesma accepção, que tem, quando se tomão em sua significação primitiva, como verbos activos, transitivos, ou intransitivos, dizendo v. gr. *Eu haverei de ti esta divida*, *Eu estou em pé*, *Eu tenho dinheiro.* Mas junctos aos nomes verbaes *Ser*, *Sendo*,

Sido, perdem então a sua significação propria e natural para exprimirem os varios estados de existencia ou começada, ou continuada, ou acabada, de baixo dos quaes se póde considerar hum objecto em qualquer epocha, ou tempo.

Isto não obstante, he comtudo verdade, que apartando-se estes verbos do seu destino primitivo, e tomando o serviço de auxiliares, ainda assim conservão alguns resquicios da sua natureza primitiva, exprimindo huma especie de posse virtual, e de situação metaphorica, em que se considera o sujeito da proposição por ordem á qualidade, que se lhe attribue. O verbo *Haver*, como impessoal, significa tambem existencia, como quando digo: *Ha muitos homens*, *Havia muita gente.* Mas nesta significação não he auxiliar, porque não se ajunta com verbos, mas so com nomes; nem tão pouco póde substituir na oração o lugar do verbo substantivo; porque exprime so huma existencia absoluta, e não a coexistencia relativa do attributo e sujeito da proposição, como exprime o verbo substantivo.

Alguns de nossos Grammaticos fazem tambem do nosso verbo *Ser* hum verbo auxiliar, pela razão de que, juncto com os Participios passivos, serve e ajuda à conjugar a voz passiva dos verbos adjectivos de nossa Lingua, que para ella não tem fórma propria e simples, como tem a Grega, e a Latina. Porêm o verbo *Ser* em este uso não tem outra significação e emprego se não o seu proprio, que he o de exprimir a existencia de huma couza em outra. Nestas duas orações, *Eu sou amado*, e *Eu amo* ou *Sou amante*, o verbo *Sou* affirma do mesmo modo na primeira a coexistencia em mim do amor, que outro me tem, que na segunda a do amor, que eu tenho a outrem. Isto he claro. Não he pois auxiliar; mas hum verbo substantivo, simples, e o unico, e principal, ao qual

os

os mais servem de auxilio para o acabarem de conjugar de todos os modos possiveis.

He verdade que estes mesmos verbos auxiliares, que ajudão a conjugar o verbo substantivo, ajudão tambem a conjugar os verbos adjectivos em todas suas vozes. Porêm elles não são auxiliares do verbo adjectivo, se não porque primeiro o forão do verbo substantivo. O verbo adjectivo não contribue para as Linguagens, ou simples, ou compostas do verbo substantivo, se não com o attributo. Tudo o mais não he se não huma reducção e expressão abbreviada da Linguagem substantiva, em que por fim se resolve, como em seus primeiros elementos. Assim quando digo: *Hei de amar*, *Estou amando*, *Tenho amado*; he o mesmo que dizer: *Hei de ser amante*, *Estou sendo amante*, *Tenho sido amante*, onde do verbo *Amar* não entra se não o adjectivo participio activo *Amante*, que he o attributo destas proposições. Isto se verá ainda mais claramente, quando tractarmos da natureza do verbo adjectivo.

Entretanto não se me deve estranhar que eu olhe so como verdadeiras Linguagens, as que so são elementares e analyticas, quaes são as do verbo substantivo ou simples, ou com seus auxiliares; e que, em consequéncia disto, eu applique a estas sos toda a theoria da conjugação dos verbos em todos seus Modos, Tempos, Numeros, e Pessoas. Tudo, o que a este respeito se disser sobre o verbo substantivo e seus auxiliares, convirá exactamente a todas as Linguagens dos verbos adjectivos, que não são outra couza se não as mesmas do verbo substantivo, á excepção das syllabas iniciaes, que são as que contêm o attributo, ou adjectivo da proposição.

Alêm destes tres verbos auxiliares, que exprimem os tres differentes estados de *Existencia*, ha outros tres, que exprimem tambem os tres differentes

modos de acção e movimento, pelos quaes hum agente passa para mostrar ou a duração de huma acção, ou sua proximidade no tempo, quer anterior, quer posterior. Taes são os nossos tres verbos de movimento *Andar*, *Vir*, e *Hir*, que junctos com os infinitos, e participios de outros verbos deste modo: *Ando* ou *Vou escrevendo*, *Venho de escrever*, *Vou escrever*; o primeiro exprime hum movimento reiterado e frequente da acção, e corresponde aos verbos frequentativos Latinos; o segundo hum preterito proximo; e o terceiro hum futuro proximo, correspondentes aos aoristos e futuros proximos dos Gregos. (1) Porêm estes auxiliares são mais proprios do verbo adjectivo, que do substantivo, e por isso não entraráõ nos paradigmas de sua conjugação.

ARTIGO II.

Da Conjugação do Verbo Substantivo, e de seus Auxiliares.

Conjugação he o systema total das differentes terminações, que a fórma primitiva de qualquer verbo toma para indicar os differentes modos de enunciar a coexistencia do attributo no sujeito; os differentes tempos desta coexistencia; e as differentes personagens, que o sujeito do verbo faz no acto do discurso: e *Conjugar* he recitar todas estas fórmas e variações segundo a ordem dos Modos, dos Tempos, do Numero e qualidade das Pessoas.

A conjugação he ou *Simples*, ou *Composta*, *Regu-*

---

(1) Tambem *Acertar de*, *Dever de*, tem força de auxiliares, o primeiro para exprimir a *casualidade*, o segundo a *probabilidade* de huma acção, como: *Acertou de passar*, isto he, *Casualmente passou*; *Oo autos devem de ser perdidos*, isto he, *Provavelmente se perdêrão*.

gular, ou *Irregular*. A simples consta em todas as suas fórmas de huma so palavra, como *Sou*, *Fui*, *Serei*; a composta consta da combinação de duas até tres, como *Hei de ser*, *Estou sendo*, *Tenho sido*.

Alguns Grammaticos tem por imperfeição nas Linguas vulgares a necessidade de recorrerem aos verbos auxiliares para conjugarem todos seus tempos. As Linguas, Grega e Latina, tambem recorrião a elles; e este recurso tão longe está de prejudicar a perfeição de huma Lingua, que antes dá mais doçura, variedade, e harmonia á expressão; e tem sobre isto a vantagem de lhe dar mais vivacidade, podendo ás vezes separar o auxiliar para incorporar de algum modo o adverbio com o verbo auxiliado, cuja significação elle modifica.

Conjugação *Regular* he aquella, que segue huma mesma regra na formação dos tempos dirivados de seus primitivos, e nas terminações de huns e de outros; e *Irregular* a que ou em tudo, ou em parte se aparta desta regra. Os verbos *Defectivos*, que carecem de certos tempos, ou de certas pessoas, que o uso não admitte, pertencem em certo modo á classe dos irregulares.

O verbo substantivo *Ser*, e os seus tres auxiliares *Haver*, *Estar*, e *Ter*, são todos irregulares. Mas toda conjugação ou regular, ou irregular, tem *Modos*, *Tempos*, *Numeros*, e *Pessoas*. A conjugação simples concentra em huma mesma palavra todas as variações precizas para indicar seu attributo e significação principal com todas estas modificações; a composta porêm faz separação. Tudo o que pertence ao modo de enunciar a coexistencia do attributo e sujeito, á designação dos tempos, e á distincção dos numeros e das pessoas, he da repartição do verbo auxiliar. O que pertence á significação de existencia, he privativo do verbo substantivo; e o que pertence ao modo e

es-

estado desta existencia he effeito da combinação dos verbos auxiliares com as differentes fórmas infinitivas do verbo substantivo ; de sorte que nas Linguagens compostas se vem desenvolvidas e separadas as ideas, que nas simples se achão involvidas, e concentradas. De todas estas propriedades do verbo passamos a tractar nos §§ seguintes.

§. I.

Dos Modos do Verbo.

Chamão-se *Modos* as differentes maneiras de enunciar a coexistencia do attributo no sujeito da proposição. Os Grammaticos se dividem sobre a natureza e numero destes modos, entendendo por modos todas as modificações, que accrescem á enunciação simples da coexistencia, e em consequencia disto mettendo nesta conta não so o *Indicativo*, *Subjunctivo*, e *Infinitivo*, no que todos convem ; mas tambem os modos, *Suppositivo*, *Imperativo*, e *Optativo*, e alguns fazendo dos tempos outros tantos modos, como faz Sanches.

Eu porêm creio, que o melhor systema dos modos e tempos do verbo he o mais simples; e que, a não se assentar no verdadeiro, sempre deve ter preferencia aquelle, que por caminho mais breve e plano chega ao mesmo fim, que outros não alcanção senão depois de mil rodeios pelos labyrinthos de disputas e discussões, que mais embrulhão a verdade do que a aclarão.

Quanto a mim, sendo o verbo huma oração recopilada, tantos devem ser, nem mais, nem menos, os modos do verbo, quantas são as especies de orações ou proposições por ordem á sua syntaxe, e contextura no discurso. Ora, assim como em qualquer

pro-

proposição ha huma idea principal e independente, que faz o sujeito da oração, ha outra accessoria e subordinada áquella, que he o attributo ou adjectivo da mesma; e as mais a fóra estas, são modificações, ou complementos do sujeito, do verbo, e do attributo; assim tambem em qualquer periodo ou pensamento total não ha, nem póde haver se não tres especies de orações, que entrão na sua composição, que são a *Principal*, as *Subordinadas* (nas quaes vão incluidas ja as incidentes, pois fazem sempre parte ou do sujeito, ou do attributo de humas e outras), e finalmente as *Regidas*, assim chamadas, porque servem de complemento aos verbos, e ás proposições.

A estas tres especies de orações, de que são tecidos todos os periodos do discurso, correspondem justamente os tres modos de enunciar a coexistencia do attributo no sujeito da proposição; ou enunciando-o pura e simplesmente sem determinação alguma nem de affirmação, nem de subordinação, nem de tempos, e pessoas; e este he o *Modo*, chamado por isso mesmo *Infinito*, ou indeterminado, que he a fórma primitiva de qualquer verbo, como: *Ser*, *Haver*, *Estar*, *Ter*, e as suas dirivadas *Sendo Sido*, *Havendo Havido*, *Estando Estado*, *Tendo Tido*; as quaes todas nunca se empregão no discurso se não como additamentos e complementos de outros verbos, ou preposições, por quem são regidas á maneira dos nomes substantivos e adjectivos, de cuja natureza, indeterminação, e propriedades participão para este mesmo fim, chamadas por isso *Participios*, ou *Modo Participial*; porque participão de nomes o poderem ser, como elles complementos da oração, e participão do verbo a propriedade de enunciarem a coexistencia indeterminada de huma couza com outra.

Este he o primeiro modo do verbo, e que por isso deve ter o primeiro lugar na ordem de sua conju-

jugação, assim por ser a extrema mistica entre as duas primeiras partes elementares do discurso, nome e verbo; como por ser a sua fórma a primitiva e original; e bem assim por ser tambem o formativo principal de todas as mais Linguagens do verbo.

O segundo modo de enunciar a coexistencia do attributo no sujeito da proposição he o *Indicativo*, assim chamado, porque mostra pela sua mesma fórma, que elle he o principal e dominante no discurso, a que todos os mais verbos do periodo se referem; e que he a Linguagem directa, affirmativa, e determinante das mais Linguagens indirectas e subjunctivas do periodo, as quaes ella determina, e que por isso lhe ficão subordinadas. O seu caracter proprio, unico, e incommunicavel he o ser absoluto e independente, e assim poder estar so, e figurar no discurso sem ajuda de outro modo. Taes são as fórmas indicativas *Sou*, *Sê* tu, *Era*, *Sería*, *Fui*, *Fôra*, *Serei*, que todas podem fazer orações directas e absolutas.

O terceiro *Modo* he o *Subjunctivo*, assim chamado, porque suas Linguagens vem sempre em consequencia de outras, pelas quaes são determinadas. Ellas enuncião a coexistencia do attributo no sujeito da proposição de hum modo affirmativo, mas sempre precario, e dependente da affirmação de outro verbo, em cuja significação vá preparada a indecisão e incerteza, propria da Linguagem subjunctiva. O seu caracter proprio he não poder figurar so no discurso, sem dependencia de outra oração clara, ou occulta, a que fique subordinada sempre, e ligada ordinariamente pelo conjunctivo *Que*. Taes são as fórmas subjunctivas do verbo substantivo *Seja Fosse For*, e as de seus auxiliares *Haja Houvesse Houver*, *Esteja Estivesse Estiver*, *Tenha Tivesse Tiver*. Estes são os tres unicos modos de qualquer verbo, caracterizados, o primeiro pela sua indeterminação total, o segun-

gundo pela sua independencia, e o terceiro pela sua dependencia.

No indicativo vai incluido o chamado modo *Imperativo*, e o *Suppositivo* ou condicional; porque ambos formão orações directas, absolutas, e independentes. As ideas accessorias de *imperio*, e de *condição*, que ajunião á enunciação affirmativa do modo indicativo, fazem com que se lhes dê hum lugar e nome distincto entre as Linguagens do mesmo modo: mas não são huma razão sufficiente para constituirem modos á parte, os quaes so se dizem taes, quando influem differentemente na ordem, subordinação, e syntaxe das proposições, que compõem qualquer periodo; o que não fazem os dous pertendidos modos se não como directos e indicativos. Quanto ao optativo, ja todos os Grammaticos, desenganados das antigas prevenções, lhe assignarão seu verdadeiro lugar no modo subjunctivo, de cujas linguagens se serve. Assim determinados desta sorte, simplicissimamente, os modos do verbo, passemos ja a seus tempos.

§. II.

Dos Tempos do Verbo em geral.

Tempo he huma parte da duração ou existencia, quer continuada da mesma couza, quer successiva de muitas, que se seguem humas ás outras. Ora, onde ha successão continuada e não interrompida, não póde haver *Tempos*, se não relativos a huma epocha arbitraria, que se fixa primeiro, para della se proceder á comparação de hum espaço anterior, e de outro posterior.

Esta epocha, tractando-se de Grammatica, isto he, da arte de falar e escrever correctamente, foi muito natural o fixa-la no acto mesmo da palavra, isto he, no espaço e duração, em que qualquer está falando,

ou escrevendo. A esta epocha se dêo o nome de *Tempo Presente*, e por ordem á mesma chamou-se *Tempo Preterito* ou *Passado* toda a existencia ou começada e não acabada, ou acabada dos seres, que a precederão; e *Tempo Futuro* ou *Vindouro*, toda a existencia quer começada, quer continuada, quer acabada dos seres, que se lhe hão de seguir; e bem assim, por ordem a todos os tempos, a existencia meramente possivel das couzas, que nunca existírão, nem hão de existir; mas que poderião existir, dada certa hypothese.

Não ha pois verdadeiramente se não tres durações ou *Tempos*, a saber, o *Presente*, que he o em que se está falando; o *Preterito*, que he todo aquelle, que precedeo ao presente; e o *Futuro*, que he todo o que se lhe ha de seguir. Mas todas estas durações e tempos se podem considerar de dous modos; ou como continuados e não acabados, ou como não continuados e acabados. Daqui a subdivisão dos mesmos tres tempos em *Imperfeitos* ou Periodicos, e em *Perfeitos* ou Momentaneos.

Os tempos imperfeitos exprimem durações não acabadas; e como estas são outras tantas continuações da existencia dentro dos espaços, que correm ou até á epocha da palavra, ou no tempo desta, ou depois della; formão ellas outros tantos periodos, os quaes confinão huns com outros. O periodo anterior pega com o periodo actual, e este com o posterior, de sorte que o fim do primeiro he o principio do segundo, e o fim do segundo he o principio do terceiro. Daqui vem communicarem-se mutuamente entre si as linguagens dos tempos imperfeitos, a do preterito, e a do futuro com a do presente, como: *Estava hontem*, *Estava agora*, *Estarei agora*, *Estarei á manhã comtigo*; e a do presente com ambos dous, e podermos assim dizer; do preterito *Ha muito tempo*, *que*

sou

sou teu amigo; e do Futuro *A' manhã sou comtigo*, *A' manhã parto.*

Não succede ja o mesmo com os tempos perfeitos, que exprimem huma existencia acabada. As Linguagens destes não se communicão. Não posso dizer: *Tinha sido*, *Terei sido*, em lugar de *Tenho sido*, e muito menos substituir esta Linguagem ás duas antecedentes. A razão he porque os seus tempos são momentaneos. O que cessa de existir, cessa em hum instante do periodo ou actual, ou anterior, ou posterior; e estes instantes não se tocão, como os periodos, para se poderem trocar.

Os tempos imperfeitos e perfeitos podem ser ou *Absolutos*, ou *Relativos*. São absolutos, quando notão so hum tempo ou presente, ou preterito, ou futuro sem relação a outro. *Sou*, *Era*, *Fui*, *Serei*, são deste genero. São relativos, quando além do tempo ou presente, ou preterito, ou futuro, que notão, denotão tambem outro presente, outro preterito, e outro futuro, a respeito dos quaes se dizem perfeitos ou acabados. Todas as Linguagens compostas do auxiliar *Ter*, e do participio perfeito do verbo substantivo *Sido*, são deste genero.

Assim *Tenho sido* he hum presente perfeito relativo; porque não so nota hum presente acabado, do qual não resta nada; mas acabado tambem em respeito ao presente actual, em que estou falando. Do mesmo modo *Tinha sido* não so he hum preterito acabado, mas acabado a respeito de outro preterito, que suppõe depois de si, como: *Hontem ao meio dia, quando chegou Antonio, tinha eu jantado.* O mesmo se deve dizer do futuro perfeito *Terei sido.* O auxiliar *Terei* nota hum futuro, e o participio perfeito *Sido* denota outro, a respeito do qual o primeiro he acabado, como: *A' manhã, quando tu chegares, terei feito o que me encommendas.*

O que succede com os tempos perfeitos, acontece tambem com os imperfeitos. Elles são *Relativos*, quando, alêm do tempo que significão, denotão outro, qual he ou o da execução da acção, ou o de huma hypothese, da qual se faz depender a verdade da proposição affirmativa. Taes são o presente imperfeito imperativo *Sê* tu, *Sêde* vós, e o preterito condicional ou imperfeito *Eu seria*, ou perfeito *Eu teria sido*, *&c.*

O imperativo he hum presente quanto ao mandamento, mas denota hum futuro quanto á execução do que se manda; e o preterito condicional quer imperfeito, quer perfeito, alêm deste tempo diz sempre relação a outro preterito, que he o da hypothese ou condição, a qual so posta e executada, he que se verificaria a verdade da proposição affirmativa.

Mas como esta hypothese he meramente possivel, e o que he so possivel, póde ter a sua existencia em todos os tempos; daqui vem que a Linguagem affirmativa condicional, cujos tempos andão sempre concordes com os da sua condição, tambem se póde empregar e applicar a todos os tempos, e dizermos: *Eu partiria hontem*, *se tivesse em que*; *Eu partiria ja*, *se tivesse em que*; *Eu partiria á manhã*, *se tivesse em que*. Esta Linguagem *Partiria* he do tempo preterito imperfeito, porque a da sua condição *Se tivesse* he do mesmo tempo. E bem assim podemos tambem dizer: *Eu* teria partido *hontem*, *se* tivesse tido *em que*; *Eu* teria partido *a esta hora*, *se N.* tivesse chegado; e *A' manhã a esta hora* teria eu partido, *se hoje me não* tivessem embaraçado. Esta Linguagem *Teria partido* he do tempo preterito perfeito; porque as das suas condições *Tivesse tido*, *Tivesse chegado*, *Tivessem embaraçado* são do mesmo.

Na Linguagem condicional imperfeita a execu-

ção

ção da promessa sería simultanea com a execução da condição: na perfeita a execução da promessa sería posterior á da hypothese. Mas tanto a promessa como a condição ficão sempre na massa dos possiveis, que nunca existirão, nem existiráõ; que por isso os antigos Grammaticos chamavão *Potenciaes* estas Linguagens. Dos Tempos em geral passemos ja aos de cada modo em particular.

§. III.

Das Linguagens do Modo Infinito.

O modo Infinito tem Linguagens, porêm não tem tempos. Porque o seu caracter he enunciar pura e simplesmente a coexistencia do attributo em hum sujeito qualquer, abstrahindo os tempos, numeros, e pessoas; e posto que a nossa Lingua faça huma excepção nesta regra, ella comtudo he geral em todas as mais. Por isso este modo se chamou *Infinito*, isto he, indeterminado; porque não determina circunstancia alguma daquellas, que os mais modos determinão; participando assim da natureza do nome appellativo e adjectivo para, como elles, poder ser complemento de outros verbos, e das preposições.

Este modo tem so quatro Linguagens, que são dous *Infinitos*, hum *Impessoal*, e outro *Pessoal*; e dous *Participios*, hum *Imperfeito*, e outro *Perfeito*, como vamos a ver.

1.° *Infinito Impessoal.*

Esta fórma, terminada sempre em *R*, he a primitiva de todos os verbos, e por consequencia tambem do verbo substantivo, e seus auxiliares, a saber: *Ser*, *Haver de ser*, *Estar sendo*, *Ter sido*. Esta Lingua-

gem

gem he hum verdadeiro substantivo appellativo verbal. Participa do verbo a propriedade de enunciar vagamente a coexistencia de huma idea em outra; e do nome o poder ser ja sujeito e attributo de outro verbo, e de si mesmo, como: *Ser he* melhor que não *Ser*; ja complemento objectivo, como: *Desejo ser*; ja em fim complemento de qualquer preposição, como: *A ser*, *De ser*, *Para ser*, *&c.* Por esta mesma razão não tem tempo algum, e por isso se póde applicar a todos, como o applica o seu auxiliar *Haver* no uso, que delle faz com a preposição *De*.

2.° *Infinito Pessoal.*

Esta Linguagem he hum idiotismo singular, so proprio da Lingua Portugueza, que conjuga a fórma primitiva de seus verbos por numeros e pessoas, dizendo no singular: *Ser eu*, *Seres tu*, *Ser elle*, e no plural *Sermos nós*, *Serdes vós*, *Serem elles*; e por este mesmo modo os auxiliares *Haver*, *Estar*, *Ter*, e todos os mais verbos.

Este infinito pessoal he outro substantivo appellativo verbal com as mesmas propriedades que o impessoal; e o que tem de particular, he o enunciar a coexistencia de hum attributo em hum sujeito differente do da oração antecedente. Estes infinitos pessoaes dão á nossa Lingua sobre as outras a grande vantagem de evitar na expressão muitos equivocos, e faze-la mais breve e corrente, desembaraçando-a da necessidade de repetir a cada passo o sujeito da oração infinita, quando não he determinado pelo verbo da oração finita, como veremos adiante, quando falarmos mais particularmente do emprego e uso destas, e outras Linguagens em o discurso.

3.° *Participio Imperfeito.*

Sendo, *Havendo de ser*, *Estando sendo*, e *Tendo sido*, são adjectivos verbaes indeclinaveis, como todos os dos verbos adjectivos, que tomámos dos ablativos dos participios Latinos, chamados do presente. Antigamente acabavão elles como os ablativos Latinos, em *ante*, *ente*, e *inte*; v. gr. *Acabante*, *Conhecente*, *Servinte*. Depois mudarão o *te em do*: porêm ficarão com a mesma natureza de participios imperfeitos activos, tomando do verbo a significação, e do nome adjectivo a propriedade de se construirem com qualquer nome, ou pronome para o modificarem.

Este participio tem dous usos na nossa Lingua, o primeiro o de compor Linguagem com o auxiliar *Estar*, como *Estou sendo amante*, ou *Estou amando*, que he o mesmo (*sum amans*). O segundo o de fazer por si huma oração á parte, porém sempre subordinada a outra principal, e dependente della ou como circunstancia, ou como modo, ou como causa. O que veremos mais largamente, quando tractarmos dos participios dos verbos adjectivos.

4.° *Participio Perfeito.*

Sido, *Havido*, *Estado*, *Tido*, são da mesma sorte adjectivos verbaes indeclinaveis, como os dos verbos adjectivos, que antigamente erão declinaveis, e assim mesmo se combinavão em Linguagem composta com o auxiliar *Ter*, e na significação passiva; porêm depois ficarão indeclinaveis e activos. Assim o que nossos melhores Escriptores dizião: *A honra que n'isso* tendes ganhada, *Os serviços que* tendes feitos; dizemos nós: *A honra que nisso* tendes ganhado, *Os serviços que* tendes feito. Estes participios per-

perfeitos dos verbos assim substantivo, como adjectivo, nunca andão se não com o auxiliar *Ter* para exprimirem huma existencia ja acabada e finda, do attributo no sujeito, em qualquer tempo ou epocha quer actual, quer anterior, quer posterior; que por isso não tem tempos fixos e determinados, e se accommodão com todos, como se vê em sua mesma conjugação com os auxiliares. He precizo não confundir as ideas de huma couza imperfeita ou não acabada com as do tempo presente; e as de huma couza perfeita ou acabada com as do preterito. São mui differentes: e o que he acabado, ou por acabar, póde-o ser em qualquer tempo.

§. IV.

Dos Tempos do Modo Indicativo.

Sendo, como he, o caracter deste modo poder elle por si formar no discurso orações directas e affirmativas, e estas tão absolutas e independentes, que por si sos podem subsistir e figurar nelle sem dependencia de outras; e formar outro sim orações principaes, que subordinão e determinão outras, sem que ellas por sua natureza sejão subordinadas: ninguem me deve levar a mal, que eu, para simplificar e facilitar mais a theoria dos tempos, metta neste modo indicativo todas as Linguagens, que tiverem este caracter, bem que nisto me aparte da opinião commum dos Grammaticos.

Ora dez são as Linguagens de nossa Lingua, que tem este caracter indicativo de affirmação, independencia, e para assim dizer, de principalidade, a saber: tres presentes, cinco preteritos, e dous futuros, quaes são:

1.° *Presente Imperfeito Absoluto.*

Como: *Sou*, *Hei de ser*, *Estou sendo.* A primeira Linguagem affirma simplesmente a existencia actual, a segunda affirma a mesma continuada, e a terceira affirma a mesma começada de presente na tensão, e futura na execução. São todas humas Linguagens imperfeitas, significativas de huma existencia presente, não acabada, e por consequencia periodica, que por isso posso dizer do passado: *Ha muito tempo que Sou mestre*, *que Estou sendo mestre*, ou *ensinando*; e do presente e futuro, *Agora* Hei de ser *teu conductor. A' manhã* Hei de ser *conduzido por ti.* Chama-se absoluto, porque nota so a epocha actual, e para distincção de outro presente imperfeito relativo, qual he o seguinte.

2.° *Presente Imperfeito Imperativo.*

Estas Linguagens *Sê tu meu' mestre*, *Sede vós meus amigos*, *Está tu sendo vigia* ou *vigiando*, *Estai vós vigiando*, são imperativos de presente, e não acabadas quanto á execução. Pertencem pois á classe dos presentes imperfeitos. São relativas, porque notão hum mandato presente, e denotão huma execução futura.

São humas orações absolutas e independentes; que podem subsistir per si no discurso. Podem ser principaes, e determinar, como determinão frequentemente, as orações subjunctivas. Ellas são tambem directas e affirmativas. Quem manda ou exhorta, não enuncia com menos asseveração a existencia de huma acção para o futuro do que quando a indica simplesmente. O modo imperativo não destroe a affirmação, antes a confirma. Nós servimos-nos a cada passo dos

futuros do indicativo como imperativos, e nem por isso deixão de ser affirmativos, e como taes contados unanimemente entre os tempos do indicativo. Porque se não ha de contar tambem entre elles a Linguagem imperativa; e que necessidade ha de fazer della hum modo á parte?

Este presente imperfeito imperativo tem seu logar proprio logo immediatamente depois do presente imperfeito absoluto, que he o seu formativo e gerador. Não ha mais do que tirar o s final á sua segunda pessoa do singular e do plural; e fica formado o imperativo em todo verbo regular. Elle não tem mais pessoas do que estas. As terceiras, que os Grammaticos lhe accrescentão, como *Seja* elle, *Sejão* elles, *Esteja* elle, *Estejão* elles, não são suas; mas emprestadas do presente do subjunctivo, a que verdadeiramente pertencem, e que por isso dependem de outra linguagem indicativa, clara ou occulta, que as determine, como por ex. *Mando que seja elle*, *Quero que sejão elles.*

Os verbos *Haver* e *Ter*, como auxiliares, não tem Linguagem imperativa; mas so como verbos activos: v. gr. *Tem tu cuidado*, *Tende vós cuidado.* Ainda neste mesmo sentido a unica segunda pessoa do singular do verbo *Haver*, que antigamente foi *Have*, e que se lê nas Regr. da Infanta D. Catharina Liv. II. Cap. IV. e XII., não está em uso.

3.º *Presente Perfeito.*

Deste tempo não ha mais que huma unica Linguagem, que he a composta do participio perfeito do verbo *Ser* e do auxiliar *Ter*, como *Tenho sido.* O auxiliar nota manifestamente hum tempo presente, e o participio *Sido* denota huma existencia, da qual ja na-

nada resta, e assim acabada a respeito da epocha actual, em que estou falando.

Pelo que esta Linguagem póde-se dizer de qualquer tempo passado, cujo periodo venha a acabar na epocha presente. Posso dizer: *Hoje*, *Esta semana*, *Este anno*, *Muitos annos* tenho sido *Spectador de grandes acontecimentos*. Mas não a posso dizer de tempo algum preterito, cuja epocha tenha expirado antes da presente. Não posso dizer: *Hontem*, *A semana passada*, *Ha dous annos* tenho lido *este livro*, *O seculo passado* tem sido *fertil em acontecimentos*. Devo dizer: *Li este livro*, *Foi fertil em acontecimentos*. Comtudo nossos Grammaticos confundem em hum estes dous tempos, dizendo *Li*, ou *Tenho lido*.

4.° *Preterito Imperfeito Absoluto.*

Era, *Havia de ser*, *Estava sendo* são preteritos de huma existencia ou simples, ou começada então para o futuro, ou continuada; porêm não acabada, e por isso periodica, cujo espaço vem tocar com o periodo actual. Esta he a razão, porque tanto do preterito, como do presente posso dizer: *Era hontem precizo*, *Era ja ja precizo*, *Hontem havia eu de partir*, *Agora havia eu de partir*, *Hontem estava eu lendo*, *Agora estava eu lendo*. Ainda mesmo do futuro se póde dizer esta Linguagem, quando he determinada por outra, como: *Disse que partia* ou *partiria hontem*, *Que partia* ou *partiria hoje*, *Que partia* ou *partiria á manhã*. Chamo *Absoluto* a este preterito imperfeito para o distinguir de outro relativo, que he o seguinte.

5.° *Preterito Imperfeito Condicional.*

A este tempo pertencem as Linguagens terminadas em *ria*; como *Eu seria*, *Eu haveria de ser*, *Eu estaria sendo*: das quaes huns fazem hum modo á parte, que chamão *Condicional* ou *Suppositivo*; e outros não, contando-as entre os tempos do modo subjunctivo. Mas para que he multiplicar modos sem necessidade? Estas Linguagens são evidentemente affirmativas, posta huma hypothese. Esta hypothese ou condição, de baixo da qual affirmão, não lhes tira a affirmação. Esta proposição *Eu seria feliz se quizesse* não he menos affirmativa do que esta *Eu serei feliz se quizer*. Toda a differença está em a condição da primeira ser preterita e possivel, e a da segunda futura e factivel.

Estas Linguagens alêm disso formão proposições principaes e independentes, que bem longe de serem determinadas, ellas mesmas determinão sempre as condicionaes, com que andão junctas, e que lhes são subordinadas.

As Linguagens do preterito perfeito relativo, acabadas em *ra*, como *Fôra*, *Houvera de ser*, *Estivera sendo*; põem-se muitas vezes em lugar das condicionaes em *ria*; novo argumento de que, assim como aquellas são indubitavelmente indicativas, assim tambem o são estas. Os nossos melhores Escriptores empregão frequentissimamente aquellas tanto para a proposição affirmativa, como para a condicional. Ex. *Se eu* fôra *hum dos benemeritos; em mim mesmo, e no meu proprio merecimento* achára *tão grandes razões de me consolar, que sem outra mercê nem despacho, me* dera por *mui contente e satisfeito.* (1) Onde a pri-

(1) Vieira *Serm.* Tom. I. Col. 312.

primeira Linguagem *Fóra* faz a proposição condicional, e subordinada; e as segundas *Achara* e *Dera* fazem as duas proposições affirmativas, huma principal, e outra incidente, e valem tanto como *Acharia* e *Daria*, pelas quaes se podem substituir.

Este arranjamento da Linguagem condicional em *ria* no modo indicativo diminue em grande parte os embaraços, em que se vêm os Grammaticos, que as collocão no subjunctivo, para distinguirem os casos, em que se ha de usar ou da fórma em *sse*, ou da em *ra*, ou da em *ria*.

A fórma em *ria* sempre he indicativa, e por isso nunca póde ser determinada pelos outras fórmas indicativas dos verbos, que costumão levar outros ao subjunctivo, quaes são os verbos de *Duvidar*, e os que exprimem *Desejo* e *vontade*. Se algumas vezes he determinada, como o são outras Linguagens do indicativo, he so pelos verbos de *Dizer* e *Julgar*, que affirmão sem incerteza, nem contingencia alguma. Eu posso dizer: *Elle disse que viria*, *Eu soube que elle viera*, assim como, *Disse que vinha*, *Soube que viera*. Porêm não posso dizer: *Desejei que elle* viria, *Duvidei que elle viera*; mas sim *que viesse*.

Mais: A fórma *ria* nunca se póde fazer condicional, nem optativa, como as em *sse* e *ra*. Posso dizer, *Se eu fosse* ou *fôra*, *Oxalá eu fosse* ou *fôra*; mas de modo nenhum *Se eu seria*, *Oxalá eu seria*. Da mesma sorte esta Linguagem póde-se fazer dubitativa pela conjuncção *Se* em lugar de *Se por ventura*, como nesta frase, *Duvidei se, chamando-o eu, elle viria*; mas ja não com *Que* deste modo, *Duvidei que, chamando-o eu, elle viria* ou *viera*, e devo dizer *viesse*.

A razão disto não he outra senão serem as Linguagens em *ria* e em *ra* de sua natureza indicativas, e assim podermos dizer: *Duvidei se elle viria*, Duvidei *Se elle viera*, como dizemos *Duvidei se vinha*, *Du-*

Duvidei se tinha vindo. Mas disto mesmo teremos nós ainda occasião de falar em outras partes.

6.° *Preterito Perfeito Absoluto.*

Eu fui, *Eu houve* ou *tive de ser*, *Eu estive sendo* são Linguagens de hum tempo passado, e de huma existencia ja acabada em respeito á epocha actual; porêm absoluta e indeterminadamente sem dizer quando foi acabada; e esta he a razão, porque se podem dizer tambem do tempo presente, quando delle resta ainda alguma couza, como: *Agora fui sabedor* ou *soube*; *Esta manhã houve eu de ser presente* ou *de presenciar*; *Hoje estive presente* ou *presenciando.* Porque huma hora, huma manhã, hum dia tem sua extensão, e nesta póde alguma couza ter cessado de existir sem que a mesma extensão ou espaço tenha expirado.

A Linguagem simples *Fui* mostra a cessação da existencia simplesmente; a composta *Houve de ser* mostra a cessação de huma existencia, começada no preparo, porêm não acabada na execução; e a terceira *Estive sendo* mostra a cessação de hum estado ou existencia continuada por algum espaço.

Daqui he facil de perceber a differença do preterito perfeito absoluto ao presente perfeito relativo. Posso dizer *Hoje*, *Esta manhã*, *Agora tenho sido sabedor*, como digo *Fui sabedor*; porque falo de hum tempo, que não está ainda acabado. Porêm não posso dizer *Hontem tenho sido sabedor*, como posso dizer *Hontem fui sabedor*; porque falo de hum tempo ja acabado a respeito do presente. Errão pois os Grammaticos, quando so com a differença de simples e composto dão o mesmo nome de preterito perfeito a estas duas Linguagens: Eu amei, ou tenho amado.

O verbo *Ter*, como verbo adjectivo, tem este preterito na significação de *Possuir*, como *Tive razão*,

zão, Tive que fazer. Porêm como auxiliar não o tem na nossa Lingua, como o tem na Castelhana *Hube sido*, e na Franceza *J'eus eté*. Nós não dizemos *Tive sido* na Linguagem substantiva, nem *Tive feito esta couza* na Linguagem adjectiva; mas sim *Tive esta couza feita*, usando do verbo *Ter* na sua accepção primitiva de *Possuir*, e do participio passivo declinavel, concordado com o substantivo, como usavão nossos primeiros Escriptores não so em este tempo, mas em todos os mais, dizendo: *Como forão os* (serviços) *que ategora tendes feitos.* (1) *Como pela muita honra, que nisso tendes ganhada.* (2) *Donde vem terem feitas em nossos tempos em Africa e em Asia façanhas tão excellentes e pasmosas.* (3) Mas se o verbo *Ter*, neste tempo não he auxiliar com o participio *Sido*; pode-o ser com o seu infinito impessoal em lugar do verbo *Haver*, e dizermos *Tive de ser* em lugar de *Houve de ser.*

7.° *Preterito Perfeito Relativo.*

Este preterito nota huma existencia não so passada, como o preterito imperfeito; e não so passada e acabada indeterminadamente, como o preterito absoluto; e não so passada e acabada relativamente á epocha actual da palavra, como o presente perfeito; mas passada e acabada relativamente a outra epocha tambem passada, mas ha mais tempo, e marcada ou por hum tempo determinado, ou por hum facto, quer expresso, quer subentendido, como quando digo: *Hontem ao meio dia tinha eu acabado esta obra*; onde o *Meio dia* he a epocha passada, a respeito da qual, e antes della era ja passada e acabada a obra. E quando

(1) Jac. Fr. IV. pag. 95. (2) Id. Ibid. pag. 96. (3) Heitor Pinto *Dial. da Vid. Solit.* Cap. V.

do digo: *Eu tinha saido, quando elle entrou*; a *entrada* he tambem huma epocha preterita a respeito da presente, em que estou falando. Mas a minha *saida* não so he anterior e passada, mas ainda concluida e acabada a respeito da dita entrada.

Nós temos cinco Linguagens para exprimir este tempo, huma simples, que he *Fôra*, e quatro compostas do mesmo verbo *Ser* e de seus auxiliares, que são *Houvera de ser*, *Estivera sendo*, *Tinha sido*, e *Tivera sido*. As Linguagens *Houvera de ser*, e *Estivera sendo* exprimem no tempo preterito huma couza ou começada para o futuro, ou continuada por algum tempo antes de outra, pertencente ao mesmo tempo preterito; como: *Sei que tu estiveras sendo ouvinte*, ou *ouvindo o meu discurso antes d'hontem*; e *eu houvera de por isso ser mais acautelado.*

As tres Linguagens *Fôra*, *Tinha sido*, e *Tivera sido* são synonymas; porêm com differente uso em nossa lingua: *Tivera sido* não se emprega ordinariamente se não nas orações incidentes e integrantes; nas principaes não se usa se não como condicional. Assim posso dizer: *Elle disse que nunca tivera sido doente*; mas ja não: *Elle nunca tivera sido doente* em lugar de *Nunca tinha sido.*

As duas Linguagens *Fôra* e *Tinha sido* não so se usão nas orações incidentes, mas ellas mesmas fazem orações principaes, e a segunda ainda mais que a primeira. Para prova disto apontarei, entre muitos, alguns exemplos tirados de nossos melhores Escriptores, em que o preterito perfeito simples he empregado no principio das orações em lugar do composto do auxiliar *Tinha*, e do participio perfeito activo; como: Vieira *Urbano com parte de seu rebanho da ribeira do Tejo, patria sua, desterrado a seu pezar.* (1) *Mal poeria Adam*

(1) Fernão d'Alvares *Lus. Transf.* ed. de Lisboa 1781. pag. 28.

Adam nome á náo; *pois nunca navegara* (1). *Fôra a Cidade antigamente habitada de Bramenes* (2). Quizera *o Governador dissuadil-o* (3). Onde as Linguagens simples *Vieira*, *Navegara*, *Fôra*, *Quizera*, fazem proposições principaes, e valem tanto como *Tinha vindo*, *Tinha navegado*, *Tinha sido habitada*, e *Tinha querido*.

Mas daqui não se segue, que huma Linguagem se possa sempre pôr em lugar de outra indifferentemente. Ellas todas são preteritos perfeitos relativos a huma epocha tambem preterita ou expressa, ou subentendida. Quando a epocha está expressa, a Linguagem composta *Tinha sido* he então mais usada, e nem sempre se póde substituir pela simples *Fôra*. Se posso dizer: *Eu tinha saido, quando elle entrou*; não posso dizer: *Eu saira*, *quando elle entrou*. Em todos os exemplos acima não ha epocha alguma determinada.

8.° *Preterito Perfeito Condicional.*

Este preterito tem huma fórma propria e sua, que he a composta do auxiliar *Ter*, e do participio *Sido*, como as de todos os mais tempos perfeitos relativos. Tal he *Teria sido*, que he hum preterito condicional como o da Linguagem *Seria*, ambos acabados em *ria*, que he a terminação caracteristica das Linguagens condicionaes. Mas *Seria* he hum preterito imperfeito condicional, e *Teria sido* hum preterito perfeito condicional. Neste modo de falar, por ex. *Eu seria feliz, se seguisse teus conselhos*, a Linguagem *Seria* nota hum tempo passado, mas não acabado a respeito de huma condição tambem passada, mas igualmente não acabada; que por isso a mesma Linguagem *Seria*

(1) Parr. Gramm. pag. 214.
(2) Jac. Fr. Vid. de D. J. pag. 67.
(3) Id. ibid. pag. 334.

ria se póde dizer do presente a respeito de huma condição, que se suppõe ja acabada, como: *Eu seria agora feliz, se tivesse seguido teus conselhos.*

Porêm em estoutro modo de falar: *Eu teria sido feliz, se tivesse seguido teus conselhos*, a Linguagem *Teria* nota hum preterito, e o participio perfeito *Sido* mostra que o mesmo preterito deveria ser acabado a respeito de huma condição tambem preterita e acabada, qual exprime a Linguagem subjunctiva do mesmo tempo *Tivesse seguido.*

Alêm da Linguagem em *ria* propria tem este tempo mais duas, emprestadas do preterito perfeito relativo com a terminação em *ra*, que são a composta *Tivera sido*, e a simples *Fôra.* A primeira, que como preterito perfeito relativo não entra se não nas proposições incidentes, faz a proposição principal e affirmativa nas condicionaes, como *Eu tivera sido feliz, se*, &c. em lugar de *Eu teria sido.* A segunda, que se põe muitas vezes em lugar da condicional imperfeita, como vimos atraz, põe-se igualmente pela perfeita deste tempo em lugar de *Teria sido*, como neste exemplo: *Era o Hidalcão liberal e valeroso; e sem duvida* fôra *hum grande principe, se* conservára *o reino com as mesmas virtudes, com que soube adquiril-o* (1). Onde *Fôra* está por *Tivera* ou *Teria sido*, e *Conservára* por *Tivesse conservado*, e disto ha infinitos exemplos.

Daqui se vê que a Linguagem indicativa em *ra* tem quatro usos na nossa lingua. O primeiro de condicional imperfeita em lugar de *Seria*; o segundo de preterito perfeito relativo em lugar de *Tinha sido*; o terceiro de condicional perfeito em lugar de *Teria* ou *Tivera sido*; e o quarto de preterito subjunctivo ou imperfeito em lugar de *Fosse*, ou perfeito em lugar de *Tivesse sido.*

Mas

(1) Jac. Fr. *Vid. de D. J.* pag. 43 ed. de París 1759.

Mas nem por isso daqui se segue, que quando a Linguagem em *ra* passa a ser condicional, passe tambem a ser subjunctiva, como o he a Linguagem em *sse*, que muitas vezes substitue. A conjuncção condicional *se* não he signal certo de que a Linguagem, a que se ajunta, seja subjunctiva. Nós ajuntamol-a a todas as Linguagens indicativas, menos ás do futuro. A Lingua Franceza nas suas Linguagens condicionaes exprime sempre a condição pelos preteritos do indicativo, dizendo: *Je lirois, si j' avois des livres*: *J'aurois diné avant midi, si l'on ne fut pas venu m'en detourner*. O que nós dizemos: *Eu lera, se tivera livros*: *Eu tivera jantado antes do meio dia, se me não tiverão estorvado disso.*

O que decide se a Linguagem he, ou não subjunctiva, he poder ser, ou não determinada por verbos, que exprimem *duvida*, *medo*, *desejo*, ou *vontade*; e não o podendo ser, não he subjunctiva. Ora nós dizemos: *Duvidei que viesses*, ou *que tivesses vindo*; e não podemos dizer, *Duvidei que virias* ou *vieras*, que *Terias* ou *Tiveras vindo.* Não pertencem pois estas Linguagens ao modo subjunctivo, onde as põem os nossos Grammaticos, mas ao indicativo, onde as puzemos.

9.° *Futuro Imperfeito.*

O futuro imperfeito exprime huma existencia posterior á epocha, em que estou falando, ou simples, como *Serei*; ou começada e por concluir, como *Haverei de ser*; ou continuada, como *Estarei sendo*: mas huma existencia indeterminada e não acabada, como *Eu Serei presente*, *Eu haverei* ou *Terei de ser presente*, *Eu Estarei presente á manhã á tua partida.* Huma couza, que ha de começar, ou que começada ha de continuar no tempo futuro, não póde

existir de presente. Pelo que não posso dizer com verdade e exactidão: *Agora haverei*, *Haverei de ser presente*, *Agora estarei escrevendo.* Mas a existencia de huma couza, que ha de existir, póde principiar ja. Pelo que posso muito bem dizer: *Desde agora serei teu amigo*, e *Escreverei a vida de D. João de Castro*, quando principio a escrevel-a.

Este futuro tem a força de imperativo, quando exprime hum mandato, ou huma prohibição, como: *Amarás a Deos de todo teu coração*, *Não mentirás*, que valem o mesmo que *Ama a Deos de todo teu coração*, e *Não mintas.*

10.° *Futuro Perfeito.*

Este tempo tambem he hum futuro, como o antecedente; mas hum futuro acabado a respeito de outra couza futura, como: *A' manhã*, *ao nascer do Sol*, *antes de tu chegares*, terei eu partido. He pois hum futuro perfeito relativo, como o presente perfeito, e o preterito perfeito; os quaes todos sempre tem dous tempos, hum principal, notado pela Linguagem do auxiliar *Ter*, e outro concomitante, denotado pelo participio perfeito *Sido*, que levando comsigo a idea de huma existencia acabada, esta se não póde dizer tal, se não relativamente a huma epocha do mesmo tempo ou presente, ou preterito, ou futuro.

§. V.

Dos Tempos do Modo Subjunctivo.

O *Subjunctivo*, ou *Conjunctivo* he hum modo, pelo qual o verbo enuncia a coexistencia do attributo no sujeito de huma maneira affirmativa, porêm indirecta e dependente de outro verbo claro, ou occulto,

que

que o determina; e sem o qual não faz sentido, nem póde estar na oração. Chamão-se subjunctivas estas Linguagens, por que são de sua natureza subordinadas a outras, e ligadas com ellas ordinariamente pelo conjunctivo *Que*.

He verdade, que tambem ha orações indicativas, determinadas por outras, e ligadas com estas pelo mesmo conjunctivo *Que*, como: *Creio que Antonio he vindo*: mas estas não o são de sua natureza, e desligadas das que as prendem, ficão absolutas, e podem estar sos na oração, como: *Antonio he vindo.* As subjunctivas porém são taes de sua mesma natureza de sorte, que separadas das que as determinão, nenhum sentido fazem, e estão sempre pedindo outra, que lhes determine e complete o sentido. Nestas, por ex. *Duvido que partas á manhã*; *se partires no outro dia*, *talvez te possa acompanhar*; as subjunctivas *Partas á manhã*, *Partires no outro dia*, e *Te possa acompanhar*, por si nenhum sentido fazem para poderem estar sos. Este modo não tem mais que seis tempos, a saber: presente, preterito, e futuro, ou imperfeitos e não acabados, ou perfeitos e acabados.

1.° *Presente Imperfeito.*

As Linguagens *Seja*, *Haja de ser*, *Esteja sendo* são do tempo presente nestas orações: *Estimo que* sejas *o que és*: = *Estimo que* estejas *gozando da companhia dos teus*: = Espero que *teus serviços* hajão *agora* de ser *premiados.* Porém as mesmas Linguagens parecem do futuro nestes lugares de João de Barros: *A Lingoagem Portugueza*, *que* tenha *esta gravidade*, *não perderá a força para declarar*, *mover*, *deleitar*, *e exhortar á parte*, *a que se inclina.* = *Assim que podemos usar de alguns termos Latinos*, *que a orelha bem* receba. = *Não são todos para isso* *li-*

licenciados; *e os que o forem*, *será em alguns vocabulos*, *que a natureza da nossa Linguagem* aceite (1). Onde as Linguagens *Tenha*, *Receba*, *Aceite*, valem por *Tiver*, *Receber*, *Aceitar*.

A razão disto he tirada da natureza mesma dos tempos imperfeitos ou não acabados, cujas existencias são continuadas sem determinação de fim; o que se diz do presente se póde tambem dizer em algum modo do futuro, cujo periodo vem a coincidir com o do presente. Os verbos mesmos de *Duvidar*, *Desejar*, e *Mandar*, que são os unicos, que levão os outros verbos ao subjunctivo, tendo sempre por objecto couzas futuras, incertas, e contingentes, concorrem muito para isso mesmo.

2.° *Presente Perfeito.*

Ja, se digo: *Estimo que* sejas, *ou* tenhas vindo; esta Linguagem he tambem hum presente, porque fala delle, e emprega para isso a mesma fórma, que acima *Sejas*, *Tenhas*: mas he hum presente perfeito, ou acabado ja a respeito da epocha presente. Por isso não posso dizer a respeito de huma epocha ja passada, e da qual nada resta: *Estimo que* tenhas vindo *hontem*, e muito menos de huma futura: *Estimo que á manhã tenhas vindo*: mas sim: *Estimo que* tivesses vindo *hontem*: *Estimarei se á manhã pela manhã* tiveres vindo. O que a este respeito dissemos dos tempos perfeitos relativos do indicativo, he applicavel tambem aos do subjunctivo.

3.° *Preterito Imperfeito.*

O preterito imperfeito do subjunctivo não tem na Lin-

(1) *Dialogo em louvor da nossa Lingua* ed. de Lisboa 1785, pag. 222, e 225.

Lingua Portugueza senão huma unica fórma e terminação, que he em *sse*, como *Fosse*, *Houvesse de ser*, *Estivesse sendo.* A Castelhana tem outra, que he em *ra*, como: *El queria*, *ó quiso*, *ó habia querido que yó* viniera *ó* viniesse, *que tu* vinieras *ó* viniesses, *que el* viniera *ó* viniesse, &c. E talvez daqui procedesse que nossos Grammaticos, achando no Portuguez a mesma Linguagem em *ra*, a collocassem não so no indicativo, mas tambem no subjunctivo, seguindo a analogia da lingua matriz. Porêm não reflectirão que, se nós dizemos: *Elle queria que eu* viesse; *ja* não dizemos como em Castelhano: *Elle queria que eu* viera.

Este preterito he imperfeito e periodico; e conforme a natureza desta especie de tempos pode-se dizer não so do tempo passado e do presente, mas ainda do futuro, quando a este he determinado por verbos, que tem por objecto couzas futuras, como são os de *Mandar*, *Desejar*, *Temer*, e *Duvidar*. Por esta razão não so dizemos: *Eu desejava que elle* chegasse *hontem*, ou *que elle* chegasse *hoje*: mas tambem *que elle* chegasse *á manhã.*

Porêm ja não posso dizer: *Duvidava que elle* chegasse *á manhã*; porque o *duvidar* não demanda de sua natureza hum futuro. A Linguagem condicional do indicativo he mais propria para dizer: *Duvidei se* chegaria *á manhã.* Quando estas Linguagens condicionaes são as que determinão as do preterito imperfeito do subjunctivo; como ellas são de todos os tempos, segundo o que atraz dissemos, podem determinar aquellas a hum tempo futuro, como: *Partiria á manhã*, se tu quizesses; o que, sem hypothese, he o mesmo que *Partirei á manhã*, *se tu* quizeres.

4.° *Preterito Perfeito.*

Ja não passa o mesmo com este tempo, que tambem he preterito, mas perfeito e acabado a respeito de outra couza tambem preterita, como: *Se eu* tivesse sido *sciente disto*, *ou* tivesse sabido *isto ha dous dias*, *teria tomado outra resolução*: *Desejei que* tivesses sido presente *ao caso*, *qnando succedeu*: e não *Desejei que agora* tivesses sido presente *a este caso*; e muito menos *que á manhã* tivesses sido presente.

Quando as Linguagens determinantes são hypotheticas, corre outra regra. Por ex. nesta frase: *A' manhã*, a *esta hora*, *teria eu partido*, *se hoje me não* tivessem embaraçado; a Linguagem condicional do preterito perfeito *Teria eu partido* determina a do preterito perfeito subjunctivo *Se me não tivessem embaraçado* a huma epocha presente, qual he a do dia de *Hoje*; porêm que tem sua extensão, para de parte della, ja passada ao tempo, em que se fala, se poder dizer: *Se hoje até agora me não* tivessem embaraçado; *á manhã a esta mesma hora* teria eu partido.

5.° *Futuro Imperfeito.*

Assim como as Linguagens do preterito imperfeito e perfeito do subjunctivo são as proprias para formarem a condição das Linguagens condicionaes do indicativo, que as determinão: assim as do futuro imperfeito e perfeito do mesmo subjunctivo servem de condicionaes ás do presente e futuro imperfeito e perfeito do indicativo, que são as suas determinantes proprias, como: *Se fores applicado*, *aprenderás* = *Se* houveres de ser *prégador*, *pratíca primeiro o que* houveres de prégar = *Quando* estiveres lendo, *medita no que* leres. As incidentes de futuro contingente, como

as

as acima, *O que houveres de prégar*, *No que leres*, e outras semelhantes, sempre se fazem com estas Linguagens.

Todas estas Linguagens são do futuro imperfeito, e por isso se podem tambem dizer de hum tempo presente, de que ainda resta alguma couza, como: *Se eu* for hoje *ao campo, passarei por tua casa.*

6.° *Futuro Perfeito.*

Ja este futuro, por isso mesmo que he perfeito e acabado, se não póde dizer de hum tempo ou periodo, de que ainda resta alguma parte. Elle marca sempre huma couza futura, porêm ja finda e acabada a respeito de outra tambem futura, a qual lhe serve de epocha e termo para mostrar em que tempo a outra ja não existia; como por ex. *Se á manhã a esta hora* tiver chegado *a Lisboa, ainda te poderei vêr antes de partires.*

As fórmas regulares destes dous futuros do subjunctivo são as mesmas que as dos infinitos pessoaes. Para prova disto basta ajuntar aos mesmos infinitos a conjuncção *se* para os fazer passar de hum modo a outro, como *Amar*, *Amares*, *Amar*, *Amarmos*, *Amardes*, *Amarem*, *se* faz subjunctivo dizendo: *Se eu amar*, *Se tu amares*, &c. Não succede ordinariamente o mesmo com os verbos irregulares, como o verbo substantivo e seus auxiliares, que fazendo no infinito *Ser*, *Haver de ser*, *Estar sendo*, *Ter sido*; no futuro do subjunctivo fazem *For*, *Houver*, *Estiver*, *Tiver*, e assim outros muitos. Isto mostra que os verbos irregulares tinhão ao principio duas fórmas infinitas, as quaes sendo os principaes formativos dos tempos do verbo; não he para admirar que suas conjugações se apartem da regra commum dos verbos regulares, que tem hum so infinito por unico gerador de

muitos tempos. Mas disto teremos occasião de falar mais a proposito, quando tractarmos de reduzir, quanto possivel for, os verbos irregulares de nossa Lingua á analogia commum.

§. VI.

Dos Numeros, e Pessoas do Verbo.

O verbo não enuncia a existencia de qualquer attributo e qualidade, se não em huma couza ou individuo, em que exista como em seu sujeito. Este sujeito porêm póde ser ou hum so, ou mais; e daqui a necessidade de haver em os tempos dos verbos terminações, que indicassem o numero destes sujeitos, que fazem o principal objecto da oração.

Os numeros pois do verbo são dous, *Singular*, e *Plural.* O singular indica, que o sujeito da oração he hum so, como *Eu* sou *amante*, *Tu* estás *amando*, *Elle* ha de *ser amante.* O plural indica que não he hum so, mas muitos, os que fazem na oração, como: *Nós* somos *amantes*, *Vós* estais *amando*, *Elles* tem *amado.*

As terminações temporaes, indicativas destes numeros são pela maior parte as letras finaes; a saber: As vogaes para a primeira e terceira pessoa do singular: a consoante liquida *s* para a segunda do singular, e primeira e segunda do plural: e os diphthongos nasaes para todas as terceiras pessoas do plural. Esta he a idea mais geral, que se póde dar destas terminações numeraes.

O numero dos sujeitos da oração era necessario para a sua verdade; porêm a distincção da qualidade dos mesmos por ordem ao papel e figura, que fazem no discurso, não o era menos para a sua clareza e intelligencia. Cada numero pois tem tres fórmas diffe-

ren-

rentes segundo as tres figuras ou personagens, que qualquer sujeito póde fazer no discurso; ou *primeira* quer do singular, quer do plural, que he aquella, que fala, como *Eu* sou *quem* falo; ou *segunda* que he aquella, com quem se fala, como *Tu* es *com quem* estou *falando*; ou *terceira*, que he aquella, de quem se fala, como *Esse* he *de quem se fala*; e do mesmo modo no plural *Nós* somos, *Vós* sois, *Elles* são.

As terminações adoptadas para designar estas differentes personagens, que figurão no acto da palavra, são as mesmas que as dos numeros; porêm com differentes elementos, que compõem as syllabas finaes. Geralmente podemos dizer que as vogaes *a*, *e*, *i*, *o*, são as finaes da primeira e terceira pessoa do singular de quasi todos os tempos; que a segunda do mesmo numero acaba sempre em *as* ou *aste*, em *es* ou *este*; que a primeira do plural acaba constantemente em *mos*, a segunda em *ais* ou *astes*, em *eis* ou *des*, em *is* ou *des*; e a terceira ou em *ão*, ou em *em*, segundo a terceira do singular tem *a*, ou *e*. O que tudo melhor se verá nos paradigmas das conjugações regulares, que poremos adiante, e ainda nos das conjugações irregulares do verbo substantivo, e seus auxiliares, que passamos a representar.

§. VII.

Paradigmas da Conjugação do Verbo Substantivo, e seus Auxiliares.

MODO INFINITO

IMPESSOAL.

Ser. Haver de ser. Estar sendo. Ter sido.

Pessoal.

S.	1.ª Ser.	Haver	de Ser.	Estar	Sendo.	Ter	Sido.
	2.ª Seres.	Haveres		Estares		Teres	
	3.ª Ser.	Haver		Estar		Ter	
P.	1.ª Sermos.	Havermos		Estarmos		Termos	
	2.ª Serdes.	Haverdes		Estardes		Terdes	
	3.ª Serem.	Haverem		Estarem		Terem	

Participio Imperfeito.

Sendo. Havendo de ser. Estando sendo. (1)

Participio Perfeito.

Tendo sido. (2)

MO-

(1) Os participios imperfeitos dos verbos *Estar*, *Andar*, *Hir*, e *Vir*, por isso mesmo que são auxiliares, costumão-se conjugar com os participios imperfeitos de outros verbos, como: *Estando sendo convalescente*, ou *Estando convalescendo*, *Andando vendo*, *Hindo continuando seu caminho*, *Vindo passeando.*

(2) Os quatro participios perfeitos *Sido*, *Havido*, *Estado*, *Tido*,

MODO INDICATIVO.

Presente Imperfeito Absoluto.

S.	1.ª	Sou. (1)	Hei	de Ser.	Estou	Sendo.
	2.ª	Es. (2)	Hás		Estás	
	3.ª	He.	Há		Está	
P.	1.ª	Somos.	Havemos		Estamos	
	2.ª	Sôis.	Haveis (3)		Estaes	
	3.ª	São.	Hão		Estão	

Presente Imperfeito Imperativo.

S.	2.ª	Sê *tu*.	Está *tu*	Sendo (4)
P.	2.ª	Sêde *vós*.	Estai *vós*	

Pre-

nunca se empregão na oração, como os dos verbos adjectivos; mas sempre junctos com o auxiliar *Ter*, como *Tendo sido*, *Tendo havido*, *Tendo estado*, *Tendo tido*. Neste uso so o primeiro he auxiliar: os outros *Havido*, *Estado*, *Tido*, ou *Teudo*, como se dizia antigamente, são adjectivos, e por isso auxiliados, e não auxiliares.

(1) Na antiga Linguagem; e ainda agora na rustica, se diz *som*, depois se disse *sam*, e na 3.ª do plural *sum*.

(2) Antigamente *Eres* V. Bernard. Ribeir. *Menin.* II. 13, Moraes *Palmeirim* P. I. Cap. 27.

(3) *Havemos*, *Haveis* contrahem-se muitas vezes em *Hemos*, *Heis*.

(4) Vej. pag. 212.

Presente Perfeito.

S.	1.ª	Tenho	Sido.
	2.ª	Tens	
	3.ª	Tem	
P.	1.ª	Temos	
	2.ª	Tendes	
	3.ª	Tem	

Preterito Imperfeito Absoluto.

S.	1.ª	Era.	Havia	de Ser.	Estava	Sendo.
	2.ª	Eras.	Havias		Estavas	
	3.ª	Era.	Havia		Estava	
P.	1.ª	Eramos.	Haviamos		Estavamos	
	2.ª	Ereis.	Havieis		Estaveis	
	3.ª	Erão.	Havião		Estavão	

Preterito Imperfeito Condicional.

S.	1.ª	Seria.	Haveria	de Ser.	Estaria	Sendo.
	2.ª	Serias.	Haverias		Estarias	
	3.ª	Seria.	Haveria		Estaria	
P.	1.ª	Seriamos.	Haveriamos		Esrariamos	
	2.ª	Serieis.	Haverieis		Estarieis	
	3.ª	Serião.	Haverião		Estarião	

Pre-

Preterito Perfeito Absoluto.

S.	1.ª Fui.	Houve	de Ser.	Estive	Sendo.	Tive. (1)
	2.ª Fôste.	Houveste		Estiveste		Tiveste.
	3.ª Fôi.	Houve		Esteve		Teve.
P.	1.ª Fomos.	Houvemos		Estivemos		Tivemos.
	2.ª Fôstes.	Houvestes		Estivestes		Tivestes.
	3.ª Fôrão.	Houverão		Estiverão		Tiverão.

Preterito Perfeito Relativo.

S.	1.ª	Fora; Tinha, *ou* Tivera	Sido.
	2.ª	Foras; Tinhas, *ou* Tiveras	
	3.ª	Fora; Tinha, *ou* Tivera	
P.	1.ª	Foramos; Tinhamos, *ou* Tiveramos	
	2.ª	Foreis; Tinheis, *ou* Tivereis	
	3.ª	Forão; Tinhão, *ou* Tiverão	

Preterito Perfeito Condicional.

S.	1.ª	Teria, *ou* Tivera sido, *ou* Fora.
	2.ª	Terias, *ou* Tiveras sido, *ou* Foras.
	3.ª	Teria, *ou* Tivera sido, *ou* Fora.

P.

(1) Este tempo não he do verbo *Ter* como auxiliar; mas como activo. Porque dizemos: *Logo que tive a couza feita*, e não *Logo que tive feito a couza*. Vej. pag. 216.

P.	1.ª	Teriamos, *ou* Tiveramos sido, *ou* Foramos.
	2.ª	Terieis, *ou* Tivereis sido, *ou* Foreis.
	3.ª	Terião, *ou* Tiverão sido, *ou* Forão.

Futuro Imperfeito.

S.	1.ª	Serei.	Haverei	de Ser.	Estarei	Sendo.
	2.ª	Serás.	Haverás		Estarás	
	3.ª	Será.	Haverá		Estará	
P.	1.ª	Seremos.	Haveremos		Estaremos	
	2.ª	Serêis.	Haverêis		Estareis	
	3.ª	Serão.	Haverão		Estarão	

Futuro Perfeito.

S.	1.ª	Terei	Sido.
	2.ª	Terás	
	3.ª	Terá	
P.	1.ª	Teremos	
	2.ª	Terêis	
	3.ª	Terão	

MO-

MODO SUBJUNCTIVO.

Presente Imperfeito.

S.	1.ª	Seja.	Haja	de Ser.	Esteja (1)	Sendo.
	2.ª	Sejas.	Hajas		Estejas	
	3.ª	Seja.	Haja		Esteja	
P.	1.ª	Sejamos.	Hajamos		Estejamos	
	2.ª	Sejaes.	Hajaes		Estejaes	
	3.ª	Sejão.	Hajão		Estejão	

Presente Perfeito.

S.	1.ª	Tenha	Sido.
	2.ª	Tenhas	
	3.ª	Tenha	
P.	1.ª	Tenhamos	
	2.ª	Tenhaes	
	3.ª	Tenhão	

(1) Todos nossos Escriptores antigos antes de Camões dizião constantemente *Estê*, *Estês*, *Estê*, *Estemos*, *Esteis*, *Estem*. Camões usa a cada passo da mesma fórma. Mas ja disse pela primeira vez *Esteja*, *Estejaes* por causa da rima. A fórma antiga ainda subsiste em alguns adagios, como: *Estê* como *Está*.

Preterito Imperfeito.

S.	1.ª Fosse.	Houvesse	de Ser.	Estivesse	Sendo.
	2.ª Fosses.	Houvesses		Essivesses	
	3.ª Fosse.	Houvesse		Estivesse	
P.	1.ª Fossemos.	Hovessemos		Estivessemos	
	2.ª Fosseis.	Houvesseis		Estivesseis	
	3.ª Fossem.	Houvessem		Estivessem	

Preterito Perfeito.

S.	1.ª	Tivesse	Sido.
	2.ª	Tivesses	
	3.ª	Tivesse	
P.	1.ª	Tivessemos	
	2.ª	Tivesseis	
	3.ª	Tivessem	

Futuro Imperfeito.

S.	1.ª Fôr.	Houver	de Ser.	Estiver	Sendo.
	2.ª Fôres.	Houveres		Estiveres	
	3.ª Fôr.	Houver		Estiver	
P.	1.ª Fôrmos.	Houvermos		Estivermos	
	2.ª Fôrdes.	Houverdes		Estiverdes	
	3.ª Fôrem.	Houverem		Estiverem	

Fu-

Futuro Perfeito.

S.	1.ª	Tiver	Sido.
	2.ª	Tiveres	
	3.ª	Tiver	
P.	1.ª	Tivermos	
	2.ª	Tiverdes	
	3.ª	Tiverem	

ARTIGO III.

Do Verbo Adjectivo.

Se as Linguas se contentassem com explicar analyticamente as ideas, que o verbo contêm empregando para cada huma sua palavra; não serião necessarias outras Linguagens, senão as do verbo substantivo e seus auxiliares, que acabamos de conjugar na Taboa antecedente. Ellas satisfazem a todas as precizões da enunciação do pensamento. Basta so ajuntar-lhes os adjectivos expressivos da qualidade ou attributo, que queremos affirmar de qualquer sujeito, para com ellas se formar todo o genero de proposições.

Na voz passiva dos verbos he isto evidente. Ajuntemos a cada huma das Linguagens antecedentes o participio passivo de qualquer verbo adjectivo; e sua conjugação passiva se verá formada em hum instante, deste modo no infinito: *Ser Amado*, *Estar Esquecido*, *Haver de ser Amado*, *Ter sido Amado*, *Sendo Amado*, *Tendo sido Amado*; e do mesmo modo no indicativo: *Sou Amado*, *Heide ser Amado*, *Estou sendo Amado*, *Estou Esquecido*, *Tenho sido Amado*; e

assim nas mais Linguagens por todos os tempos, e modos.

Se ás mesmas ajuntarmos o adjectivo verbal activo de qualquer verbo adjectivo, que exprime simplesmente a idea attributiva, que o mesmo verbo significa; achar-se-ha tambem formada de repente a voz activa do mesmo verbo, ainda que analyticamente. Assim bastará accrescentar a cada huma das Linguagens antecedentes o adjectivo verbal *Amante*, dirivado do verbo activo *Amo*, para dizer em mais palavras o que elle diz em huma so. *Ser Amante*, *Haver de ser Amante*, *Estar sendo Amante*, *Ter sido Amante*, *Sendo Amante*, *Tendo sido Amante* he o mesmo que *Amar*, *Haver de Amar*, *Estar Amando*, *Ter Amado*, *Amando*, *Tendo Amado*; e bem assim *Sou Amante*, *Heide ser Amante*, *Estou sendo Amante*, *Tenho sido Amante* val o mesmo que *Amo*, *Heide Amar*, *Estou Amando*, *Tenho Amado*, so com a differença de as primeiras Linguagens serem analyticas, e estas syntheticas, isto he, desenvolverem aquellas muitas ideas, que estas involvem e embrulhão em huma so palavra.

Os Grammaticos chamão *Compostas* as primeiras, e *Simples* as segundas, por aquellas constarem de mais palavras, e estas de huma so. Mas falando nós logica e exactamente, as mais compostas são as mais simples, e as mais simples são as mais compostas; porque estas exprimem separadamente, cada huma de per si, as ideas elementares, que aquellas confundem e apanhão em hum so vocabulo.

O primeiro cuidado das Linguas, como methodos analyticos, foi o de expressarem, á maneira dos do calculo, todas as ideas simples e elementares de hum pensamento por outras tantas palavras; para deste modo pôr á vista quanto elle continha. Satisfeita esta primeira necessidade da Linguagem, que he a da clare-

reza e distincção; passarão depois á segunda, que he a da brevidade e precizão, reduzindo as mesmas ideas á menor expressão possivel para dar mais volubilidade ao discurso, e facilitar por este modo a comparação rapida de muitos juizos ao mesmo tempo. Chamo a isto *Reducção*, tomando dos calculistas este termo.

Hum exemplo notavel destas reducções e expressões abbreviadas he o verbo adjectivo. Elle apanha em si não so a significação de existencia, propria ao verbo substantivo, com todas as suas modificações de modos, tempos, numeros, e pessoas; mas ajunta-lhe alêm disso a idea adjectiva de huma qualidade ou attributo, com a qual completa tudo, o que necessario he para qualquer oração.

Para perceber isto melhor, dividamos qualquer verbo adjectivo em dous membros, partindo-o pelas suas terminações em *ar*, *er*, e *ir* deste modo, *Am-ar*, *Tem-er*, *Ouv-ir*. O primeiro membro, quer conste de huma, quer de mais syllabas, quer de huma letra so, he a parte *Radical*, e a unica propria do verbo adjectivo, pela qual elle exprime a qnalidade, ou acção, que affirma da pessoa, ou pessoas, que são o sujeito, ou agente da Linguagem. *Am*, por ex., *Tem*, e *Ouv* servem de outros tantos adjectivos, equivalentes aos verbaes *Am-ante*, *Tem-ente*, *Ouv-inte*. Esta parte radical e adjectiva he sempre a mesma e invariavel em todos os tempos do verbo; porque exprime a mesma qualidade, que elle constantemente desde o principio até o fim enuncia, das pessoas, que fazem na oração.

A segunda porêm, que he a terminação em *ar*, ou *er*, ou *ir*, na qual está toda a força do verbo substantivo, e que, se póde dizer, he o mesmo verbo transformado; esta varía de continuo, e toma, como elle, todas as fórmas necessarias para exprimir a coexistencia

cia da dicta qualidade nas pessoas, de quem a enuncia por differentes modos, e com relação a certos tempos, numero, e qualidade das mesmas pessoas.

Na primeira parte pois do verbo adjectivo he que consiste toda a sua propriedade, pertencendo todo o resto ao verbo substantivo, do qual he huma reducção e expressão abbreviada. Por ordem pois áquella primeira parte adjectiva he que o verbo adjectivo se divide em varias especies, segundo a significação da mesma he ou *Absoluta*, ou *Relativa.*

Se ella exprime huma qualidade, estado, ou acção, que fica no mesmo sujeito do verbo, sem pedir objecto algum ou termo, em que passe; o verbo adjectivo chama-se então *Intransitivo*, como são todos os dos versos seguintes de Camões (1):

Salta, *corre*, *sibila*, *acena*, e *brada*,
Arde, *morre*, *blasfema*, e *desatina.*

E os do primeiro verso do terceto de Ferreira (2):

Se *ris*, se *estudas*, *velas*, *andas*, *dormes*;
Não receba do corpo o esprito dano,
Nem todo em puro esprito te transformes.

Se porêm a significação do verbo he relativa, ou porque exprime huma acção, que pede depois de si hum objecto, em que se exercite, ou huma qualidade, que pede hum termo, a que se dirija; chama-se então *Transitivo*, que póde ser ou *Activo so*, ou *Relativo so*, ou *Activo* e *Relativo* ao mesmo tempo.
As-

(1) *Lus.* Cant. I. Est. 88, e VI. E. 6.
(2) *Poem.* VI, 4.

Assim *Amo* he hum verbo transitivo activo so; *Dependo* he transitivo relativo so, e *Dou* he transitivo activo, e ao mesmo tempo relativo.

He facil distinguir os verbos intransitivos dos transitivos; porque aos primeiros nunca se póde ajuntar a pergunta *A quem*; ou *O que?* e os segundos não so a soffrem, mas pedem-a. Por exemplo: *Amo. A quem? A Deos.* = *Estimo. O que? A virtude.* = *Pertence. A quem? A mim.* = *Dou. O que? Hum livro. A quem? A Pedro.* Quando porêm digo: *Brinco*, *Salto*, *Corro*; ninguem tem direito para me perguntar *O que?* ou *A quem?*

Esta divisão geral do verbo adjectivo he mais conforme á razão Grammatical, e usos de nossa Lingua, do que a vulgar adoptada sem maior exame das Grammaticas Latinas, que dividem o verbo adjectivo em *Activo*, *Passivo*, e *Neutro*. A Lingua Portugueza não tem verbos passivos para poderem entrar nesta divisão: e onde não ha verbos passivos, não póde haver tambem verbos neutros, que são os que nem são activos, nem passivos.

O mais acertado he dar ao verbo transitivo tres *Vozes*, ou maneiras, pelas quaes sua acção póde ser exercitada. Pois ou o sujeito da oração produz huma acção, que outro recebe; e este modo de a exercitar se chama *Voz activa*, como *Amo a Deos*; ou o sujeito da oração recebe huma acção, que outro produz, e he *Voz passiva*, como *Deos he amado por mim*; ou em fim o sujeito, que produz a acção, a recebe tambem em si; e he a *Voz media*, ou *Reflexa*, como *Eu me amo*, *Tu te amas*, *Elle se ama.* Destas tres vozes tractaremos depois em §§ separados.

A' significação do verbo adjectivo, assim *Intransitivo*, como *Transitivo*, pertence tambem a divisão do mesmo em *Frequentativo*, e *Não Frequenta-*

ta.

tativo. Os frequentativos rigorosamente taes, são os que denotão a repetição frequente da acção significada de seus primitivos, como: *Chorominguar*, *Choviscar*, *Espicaçar*, *Espesinhar*, *&c.* Mas destes ha poucos.

Para supprir sua falta, usamos muitas vezes do verbo *Andar*, como auxiliar, com os participios imperfeitos dos verbos, que queremos fazer frequentativos, como *Ando cuidando*, *Ando lendo*, *&c.* Assim como para os fazer *Inchoativos*, nos servimos do mesmo modo do verbo *Hir*, como auxiliar: v. gr. *Vou aquecendo*, *Vou aproveitando*, *&c.*

A divisão dos verbos em *Pessoaes*, e *Impessoaes*, e em *Simples*, e *Compostos* ja não pertence tanto á sua significação, quanto á sua conjugação, e ao material do vocabulo. Chamão-se verbos *Pessoaes* aquelles, que se usão em todas as pessoas de ambos os numeros, como *Bastar*, *Cumprir*, *Haver*, *Parecer*, *Relevar*, *Ser*, e infinitos outros. Mas estes mesmos, e outros passão a impessoaes, quando se empregão so nas terceiras pessoas do singular indeterminadamente sem expressar o sujeito, como: *A mim* convem *dar doutrina*, *a ti* releva *aprender sciencia*, *aos homens* apraz *ter dinheiro*, *ás mulheres* cumpre *honestidade*, *e a todos obedecer aos preceitos da Igreja* (1).

Os verdadeiros impessoaes são aquelles, que se não usão nunca se não na terceira pessoa do singular, como: *Amanhece*, *Anoitece*, *Chove*, *Neva*, *Orvalha*, *Troveja* ou *Trovôa*, *Venta*, *&c.* Os sujeitos destes verbos, que podem ser *Deos*, *O Ceo*, *A nuvem*, *&c.*, pela maior parte se sobentendem; ás vezes po-

(1) Barros *Gramm.* pag. 156.

porêm se expressão, como: *Se amanhece o Sol, a todos aquenta*, e *se chove o Ceo, a todos molha.*

Verbos *Simples* são os que não tem se não huma parte elementar da oração, como: *Dizer*, *Falar*, *Ouvir*, *&c.* A esta classe pertencem todos os verbos da nossa Lingua dirivados de nomes, com o additamento do *a* ou *em* no principio, como são, por ex. os dirivados de *Baixo*, *Abaixar*; de *Cabo*, *Acabar*; de *Prompto*, *Apromptar*; de *Manso*, *Amansar*; de *Pedra*, *Apedrejar*; de *Noite*, *Anoitecer*; de *Proveito*, *Aproveitar*; de *Puro*, *Apurar*; de *Magro*, *Emmagrecer*; de *Grande*, *Engrandecer*, *&c.* Os quaes todos são simples, e não compostos. Porque a verdadeira composição he quando se ajunta a preposição a hum verbo simples; o que não ha nestes: pois não ha *Proveitar*, nem *Magrecer*, para se dizer que se compõem com a proposição *a* por *ad*, ou com *em* por *in*.

Verbos *Compostos* são os que se compõem de duas partes elementares da oração, ou seja hum nome e o verbo, como: *Maniatar*, *Manobrar*, *Manter*, *Rarefazer*, *Tresdobrar*; ou seja hum adverbio e o verbo, como: *Bemquerer*, *Mallograr*, *Menosprezar*, *Menoscaber*; ou seja de huma preposição, que por si tenha significação na nossa Lingua, e do verbo simples, como: *Antever*, *Contraminar*, *Entreconhecer*, *Sobscrever*, *Socavar*, *Sobresair*, *Transmontar*; ou em fim da particula Portugueza, *Des*, que he privativa, como *Desfazer*, *Desobrigar*, *Desservir*, *&c.*

De qualquer modo que o verbo assim se ache composto, comtanto que elle e a palavra da composição sejão da Lingua Portugueza, póde-se chamar composto propriamente. São por tanto verbos compostos, mas impropriamente assim dictos, todos os que em grande numero nos vierão da Lingua Latina, da qual os tomámos inteiros, e compostos ja com as prepo-

sições da mesma Lingua, como: *Affligir*, *Affeiçoar*, *Exhortar*, *&c.* Nesta conta devem entrar os que sendo Portuguezes, quando simples, tomão a composição das preposições puramente Latinas, como: *Retalhar*, *Retornar*, *Transplantar*, *Transtornar*, e outros semelhantes.

§. I.

Conjugação do Verbo Adjectivo em sua Voz Activa.

A conjugação do verbo póde ser *Regular*, ou *Irregular.* He regular, quando segue a regra commum da formação dos tempos; e irregular, quando ou em tudo, ou em parte se aparta desta regra. A Lingua Portugueza tem so tres conjugações regulares, que são em *ar*, *er*, e *ir*, como *Amar*, *Entender*, *Applaudir.* Os que accrescentão huma quarta em *or*, por causa do verbo *Pôr* e seus compostos, deverião reflectir, que este verbo he irregular, e que por consequencia não devia entrar nas conjugações regulares; que a entrar deveria ter o seu lugar na segunda conjugação em *er*; pois que *Pôr* não he se não huma contracção de *Poêr*, como dizião nossos Antigos, e do que ainda ha restos nos adjectivos verbaes *Poente*, *Depoente*, *Oppoente*, *&c.*

Chamão-se regulares estas tres conjugações, porque seus verbos tem certas letras radicaes ao principio, as quaes não se mudão nunca, nem alterão em qualquer modo, tempo, numero, ou pessoa que seja (á excepção de algumas mudanças meramente orthographicas): e bem assim certas terminações, que ainda que sejão proprias de cada pessoa, são comtudo communs a todos os verbos, pertencentes á mesma conjugação.

As letras radicaes dos verbos regulares são as que precedem as tres terminações do infinito em *ar*, *er*, e *ir*. Assim em os verbos *Amar*, *Entender*, e *Applaudir* as radicaes são *am*, *entend*, e *applaud*. As terminações das pessoas são aquellas, que estão depois das letras radicaes, as quaes sendo differentes em cada huma das tres conjugações, são comtudo as mesmas em todos os verbos regulares, pertencentes a cada huma dellas. Os verbos, que não guardão esta regra, assim da identidade das radicaes, como da uniformidade das terminações, chamão-se por isso irregulares, como se verá adiante.

Postos estes principios, será facil formar os tempos, e conjugar os verbos regulares so com lhes tirar do infinito as ultimas syllabas *ar*, *er*, *ir*; e accrescentar ás que restarem as terminações, que na taboa seguinte dos paradigmas pomos separadas com huma risquinha.

Nella não deveriamos metter outros tempos, se não os simples, que á excepção dos preteritos perfeitos, absoluto e relativo do indicativo, todos são imperfeitos. Porque os tempos perfeitos quasi todos são, na Lingua Portugueza, compostos do auxiliar *Ter*, e do participio perfeito, ou do verbo substantivo, ou do verbo adjectivo, que contêm em si o mesmo participio substantivo, com o proprio adjectivo verbal, e cujos exemplos ja ficão dados atraz nas Linguagens do verbo substantivo e seus auxiliares.

Comtudo para completar todo o systema dos tempos regulares, e dar hum exemplo da reducção, que os mesmos verbos adjectivos fazem do participio perfeito do verbo substantivo e do adjectivo verbal proprio, em hum so vocabulo: poremos tambem na sua ordem os tempos perfeitos compostos, na maneira seguinte.

Paradigmas das tres Conjugações Regulares do Verbo Adjectivo em sua Voz Activa.

I. Conjugação.	*II. Conjugação.*	*III. Conjugação.*

MODO INFINITO

IMPESSOAL.

Am-ar.	Entend-er.	Applaud-ir.

Pessoal.

S.	1.ª	Am-ar.	Entend-er.	Applaud-ir.
	2.ª	Am-ares.	Entend-eres.	Applaud-ires.
	3.ª	Am-ar.	Entend-er.	Applaud-ir.
P.	1.ª	Am-armos.	Entend-ermos.	Applaud-irmos.
	2.ª	Am-ardes.	Entend-erdes.	Applaud-irdes.
	3.ª	Am-arem.	Entend-erem.	Applaud-irem.

Participio Imperfeito.

Am-ando.	Entend-endo.	Applaud-indo.

Participio Perfeito.

Tendo { Am-ado.
Entend-ido.
Applaud-ido.

MODO INDICATIVO.

Presente Imperfeito Absoluto.

S.	1.ª	Am-o	Entend-o.	Applaud-o.
	2.ª	Am-as.	Entend-es.	Applaud-es.
	3.ª	Am-a.	Entend-e.	Applaud-e.
P.	1.ª	Am-amos.	Entend-emos.	Applaud-imos.
	2.ª	Am-ais.	Entend-eis.	Applaud-is.
	3.ª	Am-ão.	Entend-em.	Applaud-em.

Presente Imperfeito Imperativo.

S.	2.ª	Am-a *tu.*	Entend-e *tu.*	Applaud-e *tu.*
P.	2.ª	Am-ai *vós.*	Entend-ei *vós.*	Applaud-i *vós.*

Presente Perfeito.

S.	1.ª	Tenho	Am-ado. Entend- ido. Applaud-ido.
	2.ª	Tens	
	3.ª	Tem	
P.	1.ª	Temos	
	2.ª	Tendes	
	3.ª	Tem	

Pre-

Preterito Imperfeito Absoluto.

S.	1.ª	Am-ava.	Entend-ia.	Applaud-ia.
	2.ª	Am-avas.	Entend-ias.	Appland-ias.
	3.ª	Am-ava.	Entend-ia.	Applaud-ia.
P.	1.ª	Am-avamos.	Entend-iamos.	Applaud-iamos.
	2.ª	Am-aveis.	Entend-ieis.	Applaud-ieis.
	3.ª	Am-avão.	Entend-ião.	Applaud-ião.

Preterito Imperfeito Condicional.

S.	1.ª	Am-aria.	Entend-eria.	Applaud-iria.
	2.ª	Am-arias.	Entend-erias.	Applaud-irias.
	3.ª	Am-aria.	Entend-eria.	Applaud-iria.
P.	1.ª	Am-ariamos.	Entend-eriamos.	Applaud-iriamos.
	2.ª	Am-arieis.	Entend-erieis.	Applaud-irieis.
	3.ª	Am-arião.	Entend-erião.	Applaud-irião.

Preterito Perfeito Absoluto.

S.	1.ª	Am-ei.	Entend-i.	Applaud-i.
	2.ª	Am-aste.	Entend-este.	Applaud-iste.
	3.ª	Am-ou.	Entend-eo.	Applaud-io.
P.	1.ª	Am-ámos.	Entend-emos.	Applaud-imos.
	2.ª	Am-astes.	Entend-estes.	Applaud-istes.
	3.ª	Am-árão.	Entend-êrão.	Applaud-írão.

Pre-

Preterito Perfeito Relativo.

S.	1.ª	Am-ara.	Entend-era.	Applaud-ira.
	2.ª	Am-aras.	Entend-eras.	Applaud-iras.
	3.ª	Am-ara.	Entend-era.	Applaud-ira.
P.	1.ª	Am-aramos.	Entend-eramos.	Applaud-iramos.
	2.ª	Am-areis.	Entend-ereis.	Applaud-ireis.
	3.ª	Am-árão.	Entend-êrão.	Applaud-írão.

OU

S.	1.ª	Tinha, ou Tivera	Am-ado. Entend-ido. Applaud-ido.
	2.ª	Tinhas, ou Tiveras	
	3.ª	Tinha, ou Tivera	
P.	1.ª	Tinhamos, ou Tiveramos	
	2.ª	Tinheis, ou Tivereis	
	3.ª	Tinhão, ou Tiverão	

Preterito Perfeito Condicional.

S.	1.ª	Teria, ou Tivera	Am-ado. Entend-ido. Applaud-ido.
	2.ª	Terias, ou Tiveras	
	3.ª	Teria, ou Tivera	
P.	1.ª	Teriamos, ou Tiveramos	
	2.ª	Terieis, ou Tivereis	
	3.ª	Terião, ou Tiverão	

OU

OU

S.	1.ª	Am-ara.	Entend-era.	Applaud-ira.
	2.ª	Am-aras.	Entend-eras.	Applaud-iras.
	3.ª	Am-ara.	Entend-era.	Applaud-ira.
P.	1.ª	Am-aramos.	Entend-eramos.	Applaud-iramos.
	2.ª	Am-áreis.	Entend-êreis.	Applaud-íreis.
	3.ª	Am-árão.	Entend-êrão.	Applaud-írão.

Futuro Imperfeito.

S.	1.ª	Am-arei.	Entend-erei.	Applaud-irei.
	2.ª	Am-arás.	Entend-erás.	Applaud-irás.
	3.ª	Am-ará.	Entend-erá.	Applaud-irá.
P.	1.ª	Am-aremos.	Entend-eremos.	Applaud-iremos.
	2.ª	Am-areis.	Entend-ereis.	Applaud-ireis.
	3.ª	Am-aráõ.	Entend-eráõ.	Applaud-iráõ.

Futuro Perfeito.

S.	1.ª	Terei	Am-ado. Entend-ido. Applaud-ido.
	2.ª	Terás	
	3.ª	Terá	
P.	1.ª	Teremos	
	2.ª	Tereis	
	3.ª	Terão	

MO-

MODO SUBJUNCTIVO.

Presente Imperfeito.

S.	1.ª Am-e.	Entend-a.	Appláud-a.
	2.ª Am-es.	Entend-as.	Applaud-as.
	3.ª Am-e.	Entend-a.	Applaud-a.
P.	1.ª Am-emos.	Entend-amos.	Applaud amos.
	2.ª Am-eis.	Entend-ais.	Applaud-ais.
	3.ª Am-em.	Entend-ão.	Applaud-ão.

Presente Perfeito.

S.	1.ª Tenha	Am-ado. Entend-ido. Applaud-ido.
	2.ª Tenhas	
	3.ª Tenha	
P.	1.ª Tenhamos	
	2.ª Tenhais	
	3.ª Tenhão	

Preterito Imperfeito.

S.	1.ª Am-asse.	Entend-esse.	Applaud-isse.
	2.ª Am-asses.	Entend-esses.	Applaud-isses.
	3.ª Am-asse.	Entend-esse.	Applaud-isse.
P.	1.ª Am-assemos.	Entend-essemos.	Applaud-issemos.
	2.ª Am asseis.	Entend esseis.	Applaud-isseis.
	3.ª Am-assem.	Entend-essem.	Applaud-issem.

Preterito Perfeito.

S.	1.ª	Tivesse	Am-ado. Entend-ido. Applaud-ido.
	2.ª	Tivesses	
	3.ª	Tivesse	
P.	1.ª	Tivessemos	
	2.ª	Tivesseis	
	3.ª	Tivessem	

Futuro Imperfeito.

S.	1.ª	Am-ar.	Entend-er.	Applaud-ir.
	2.ª	Am-ares.	Entend-eres.	Applaud-ires.
	3.ª	Am-ar.	Entend-er.	Applaud-ir.
P.	1.ª	Am-armos.	Entend-ermos.	Applaud-irmos.
	2.ª	Am-ardes.	Entend-erdes.	Applaud-irdes.
	3.ª	Am-arem.	Entend-erem.	Applaud-irem.

Futuro Perfeito.

S.	1.ª	Tiver	Am-ado. Entend-ido. Applaud-ido.
	2.ª	Tiveres	
	3.ª	Tiver	
P.	1.ª	Tivermos	
	2.ª	Tiverdes	
	3.ª	Tiverem	

Ad-

Advertencia sobre a fórma antiquada de algumas destas Linguagens.

Na primeira Linguagem antiga desde ElRei D. Affonso Henriques até ElRei D. Diniz, e ainda algum tempo depois, erão differentes as terminações das segundas pessoas do plural nestas Linguagens; pois em lugar de *i*, pospositiva de todos os diphthongos finaes, por que acabão estas segundas pessoas, substituião hum *de*, como nos versos de Egas Moniz Coelho á sua Dama: *Amademe*, se *queredes*, em vez de *Amai-me*, se *quereis*. Destas fórmas ainda ficou resto nas segundas pessoas do plural do futuro imperfeito do subjunctivo, e nas dos infinitos pessoaes, como: *Amardes*, *Entenderdes*, *Applaudirdes*. Para facilitar a intelligencia dos manuscriptos mais antigos, damos aqui exemplo destas Linguagens.

Amais.	Amades.	*Temeis.*	Temedes.
Amai.	Amade.	*Temei.*	Temede.
Amaveis.	Amavedes.	*Temieis.*	Temiedes.
Amarieis.	Amariedes.	*Temerieis.*	Temeriedes.
Amastes.	Amastedes.	*Temestes.*	Temestedes.
Amáreis.	Amareedes.	*Temèreis.*	Temèredes.
Amarèis.	Amarèdes.	*Temerèis.*	Temerèdes.
Ameis.	Amedes.	*Temais.*	Temades.
Amasseis.	Amassedes.	*Temesseis.*	Temessedes.
	Partis.	Partides.	
	Parti.	Partide.	
	Partieis.	Partiedes.	

Partirieis.	Partiriedes.
Partistes.	Partistedes.
Partíreis.	Partíredes.
Partirêis.	Partirêdes.
Partais.	Partades.
Partisseis.	Partissedes.

§. II.

Conjugação do Verbo Adjectivo em sua Voz Passiva.

O verbo adjectivo não tem na Lingua Portugueza Linguagens simples para a voz passiva, como tem para a activa. Assim não se póde dizer, que tem verbos passivos, como tinhão os Gregos, e Romanos, que expressavão esta voz com as mesmas Linguagens simples da activa, dandolhes so differentes caracteristicas e terminações: como de Tio *Eu honro* fazião Tiomai *Eu sou honrado*, de Amo *Eu Amo* Amor *Eu sou amado.*

Mas se não tem verbos passivos, nem por isso deixa de ter voz passiva, isto he, huma fórma de expressão, que o verbo adjectivo toma para indicar, que o sujeito da oração não he ja o agente, como na voz activa, mas o paciente da acção. Ora para isto basta-lhe so huma Linguagem simples, que he a do participio perfeito passivo, declinado por generos, e por numeros deste modo.

S. M.	Am-ado.	Entend-ido.	Applaud-ido.
S. F.	Am-ada.	Entend-ida.	Applaud-ida.

P.

P.	M.	Am-ados.	Entend-idos.	Applaud-idos.
	F.	Am-adas.	Entend-idas.	Applaud-idas.

Com estes participios passivos, que contém em si toda a força da significação propria do verbo adjectivo, e com o subsidio das Linguagens do verbo substantivo, e seus auxiliares consegue nossa Lingua dar voz passiva a qualquer verbo adjectivo ainda com mais riqueza e variedade, do que fazião a Grega e Latina; que tendo verbos passivos, nem por isso deixavão de usar em certos tempos destas mesmas Linguagens, compostas dos participios passivos com o verbo substantivo, ou por necessidade, ou para maior clareza.

Assim para conjugar qualquer verbo adjectivo em sua voz passiva, não he preciso mais do que ajuntar estes participios passivos no genero, e numero competente a todos os modos, tempos, numeros, e pessoas do verbo substantivo e seus auxiliares, cujas conjugações demos no § VII. do artigo antecedente, dizendo por exemplo no infinito

Ser Haver de ser Ter sido Sendo Havendo de ser Tendo sido	Amad { o. a. os. as.	Entendid { o. a. os. as.	Applaudid { o. a. os. as.

E no indicativo do mesmo modo

S.	1.ª Sou	Hei de ser	Tenho sido	Amad-o, a.
	2.ª Es	Has de ser	Tens sido	Entendid-o, a.
	3.ª He	Ha de ser	Tem sido	Applaudid-o, a.

P.

P.	1.ª Somos	Havemos de ser	Temos sido	Ama-dos, as.
	2.ª Sois	Haveis de ser	Tendes sido	Entendid-os, as.
	3.ª São	Hão de der	Tem sido	Applaudid-os, as.

E assim em todos os mais tempos deste, e dos outros modos, que he excusado aqui pôr por extenso.

Alêm desta passiva ordinaria e geral feita do verbo substantivo e seus auxiliares com os participios perfeitos passivos, ha outro modo particular mais breve de formar a voz passiva das terceiras pessoas principalmente, quando os sujeitos das Linguagens são couzas inanimadas; que he ajuntar o reciproco *se* ás terceiras pessoas tanto do singular, como do plural do verbo adjectivo deste modo: *Neste paiz* estima-se *a virtude*, e premea-se *o merecimento. Isto* entende-se *muito bem. Quando as guerras são justas*, applaudem-se *as victorias*; onde *Estima-se*, *Premea-se*, *Entende-se*, *Applaudem-se*, estão em lugar de *He estimada*, *He premiada*, *He entendido*, *São applaudidas*.

O auxiliar *Estar*, como exprime huma existencia persistente e continuada, he mais proprio para dar a passiva dos verbos intransitivos, que signficão hum estado, ou qualidade permanente no sujeito da proposição, juntando-se-lhe os participios passivos dos mesmos verbos, como: *Estou quieto*, *Estou parado*, *Estou morto*, *Estou vivo*, *Estou descançado*, *&c.*

Ainda com os verbos transitivos, quando se quer exprimir hum estado passivo, e não huma paixão passageira, he preferivel o auxiliar *Estar* ao verbo substantivo ser. Se, por ex. falo de huma couza, que não so foi escripta, mas ainda persiste tal, devo usar do verbo *Estar*, e não do verbo *Ser*, como: Está escripto *na Lei*, *e nos Profetas*. *No padrão* estava escripto. Os Latinos davão ambas estas duas accepções ao seu verbo *Sum*, *es*, *fui*; e os nossos bons escripto-

res

res tambem ao verbo *Ser*, como: *A' manhã serei comvosco*, serei *em Lisboa*, i. e. *estarei*.

Mais: quando os participios passivos dos verbos adjectivos tem tambem significação activa, bem que intransitiva, como nestes: *Agoniado*, *Arriscado*, *Arrecadado*, *Calado*, *Desenganado*, *Desmaiado*, e outros muitos; se se conjugão com o verbo *Ser*, exprimem mais huma qualidade habitual do que hum estado de paixão passageiro; para o que he mais proprio o verbo *Estar*. Daqui a differença destas expressões: *Este homem he* agoniado, *ou* está agoniado. *Esta empreza* he arriscada, *ou* está arriscada. *Eu* sou calado, *ou* estou calado. *Este* he *hum homem* desenganado, *ou* está desenganado. *A côr* he desmaiada, ou está desmaiada, &c.

§. III.

Conjugação do Verbo Adjectivo em sua Voz Media, ou Reflexa.

Entre os modos de exercitar a acção do verbo, ou produzindo-a em outro, ou recebendo-a produzida por elle, tem o meio, o produzil-a, e recebel-a em si mesmo: Por ex. *Eu me amo*, *Tu te entendes*, *Elle se applaude.* Esta he a *Voz media*, para a qual os Gregos tinhão huma fórma e terminação propria e differente da activa, e passiva em alguns tempos.

Os Latinos não tinhão para isto fórma alguma especial, nem tambem nós. Porêm elles e nós tambem supprimol-a com os pronomes da mesma pessoa do verbo, postos antes, ou depois delle, ou no meio; como: *Eu me amo*, *Eu entendo-me*, *Applaudir-me-ei.* Daqui veio chamarem-se os verbos assim construidos *Pronominaes*, e tambem *Reflexos*, ou *Reciprocos*; porque os agentes da oração reflectem e fazem recair so-

sobre si a mesma acção, que produzem, exercitando-a, e recebendo-a ao mesmo tempo.

Alguns Grammaticos porêm fazem distincção destes nomes. Chamão *Pronominaes* aquelles verbos, que nunca se conjugão sem os dous pronomes da mesma pessoa, dos quaes temos muitos em nossa Lingua, como são: *Abster-se*, *Arrepender-se*, *Atrever-se*, *Apegar-se*, *Compadecer-se*, *Descuidar-se*, *Esquecer-se*, *Gloriar-se*, *Jactar-se*, *Queixar-se*, *&c.* A estes pertencem tambem certos verbos, que sem mudança na significação, humas vezes admittem pronomes, e outras não; como: *Adormecer* e *Adormecer-se*, *Ajoelhar* e *Ajoelhar-se*, *Casar* e *Casar-se*, *Partir* e *Partir-se*, *Sair* e *Sair-se*, *&c.*

Chamão *Reciprocos* aos que com os mesmos pronomes exprimem huma acção reciproca entre duas, ou mais pessoas: o que se faz de dous modos; ou pondo o verbo no singular, e exprimindo a segunda pessoa com a preposição *com*, v. gr. *Escrevo-me com Antonio*, *Communica-se com João*; ou pondo o verbo no plural com o pronome da mesma pessoa, e ajuntando-lhe, para tirar toda a equivocação, as palavras *Hum a outro*, *Entre si*, *Mutuamente*, como: *Abraçarão-se hum ao outro. Saudamo-nos mutuamente. He grande companheira da oração a lição dos livros devotos*: dão-se *as mãos*, *e* ajudão-se *muito bem* huma a outra (1).

As Artes entre si se communicão,
Cada huma ajuda a outra em seu officio (2).

Chamão finalmente *Reflexos*, ou *Reflexivos* aos ver-

(1) Souza *Vid.* IV, 24.
(2) Ferreira *Poem.* II. Cant. 2.

fica bem dizer: *Vós louvais-vos*; mas deve-se dizer: *Vós vos louvais.* E para evitar o equivoco, que pode haver entre o presente imperativo e o presente subjunctivo, naquelle vai o pronome adiante *Louva-te tu*, *Louvai-vos vós*; e neste atraz *Eu me louve*, *Tu te louves*, *Elle se louve*, etc.

Nos tempos compostos do auxiliar *Haver* e dos infinitos do verbo adjectivo, o pronome póde ou preceder áquelle, ou seguir-se a estes: *Eu me heide louvar*, ou *Eu heide louvar-me*; nos compostos porêm dos auxiliares *Estar*, *Ter*, e dos participios, o pronome nunca vai depois destes, mas sempre com os auxiliares, ou dantes; *Eu me estou louvando*; ou dantes e depois: *Eu me tenho louvado*, ou *Eu tenho-me louvado.* Em todas as proposições condicionaes quer do indicativo, quer do subjunctivo o pronome sempre vai antes do verbo *Se eu me Amo. Se eu me Amar.*

2.ª Nos tempos em que o accento da primeira pessoa do plural passa á antepenultima, o pronome sempre deve preceder; porque, como elle sempre he enclitico nesta especie de conjugação, se se puzesse adiante, viria a ficar o accento antes da antepenultima na primeira pessoa do plural deste modo: *Amavamos-nos*, *Amaramos-nos*, *Amariamos-nos*, *Amassemos-nos.* Devemos por tanto dizer: *Eu me Amava*, *Tu te Amáras*, *Elle se Amaria*, *Nós nos Amassemos*, *Vós vos Amaveis*, *Elles se Amarião.*

3.ª Nas Linguagens condicionaes, e nas do futuro imperfeito do indicativo he elegante metter o pronome no meio, entre a fórma primitiva em *ar*, *er*, *ir*, e a terminação final, do modo seguinte.

S.	1.ª	Amar-me-ia.	Entender-me-ia.	Applaudir-me-ia.
	2.ª	Amar-te-ias.	Entender-te-ias.	Applaudir-te-ias.
	3.ª	Amar-se-ia.	Entender-se-ia.	Applaudir-se-ia.

P.	1.ª Amar-nos-iamos	Entender-nos-iamos.	Applaudir-nos-iamos.
	2.ª Amar-vos-ieis.	Entender-vos-ieis.	Applaudir-vos-ieis.
	3.ª Amar-se-ião.	Entender-se-ião.	Applaudir-se-ião.
S.	1.ª Amar-me-ei.	Entender-me-ei.	Applaudir-me-ei.
	2.ª Amar-te-ás.	Entender-te-ás	Applaudir-te-ás
	3.ª Amar-se-á.	Entender-se-á	Applaudir-se-á.
P.	1.ª Amar-nos-emos.	Entender-nos-emos.	Applaudir-nos-emos.
	2.ª Amar-vos-eis.	Entender-vos-eis.	Applaudir-vos-eis.
	3.ª Amar-se-ão.	Entender-se-ão.	Applaudir-se-ão.

Esta singularidade tem feito duvidar, se por ventura estas Linguagens são simples, como se representão na conjugação da voz activa, pronunciando-se, e escrevendo-se de juncto *Amaria, Amarei*; ou compostas dos infinitos *Amar, Entender, Applaudir*, com o verbo auxiliar *Hia* contrahido de *Havia*, e do presente *Hei*, como quem dissesse *Havia de Amar*, *Heide Amar*, como aqui se representão; e se por consequencia se devem escrever com *H* á maneira das mais Linguagens do verbo *Haver*, ou sem elle. O uso porêm, e orthographia de nossos antigos Escriptores auctoriza huma e outra opinião; escrevendo elles estas Linguagens, já de juncto sem *H*, ja separadas com elle.

Como as terceiras pessoas destes verbos medios se tomão a cada passo em sentido passivo; para tirar o equivoco, e mostrar que são reflexas, se faz muitas vezes preciso ajuntar ao pronome *Se*, caso, ou complemento objectivo, o caso terminativo do mesmo pronome com a preposição, dizendo: *A si mesmo, A si mesmos*, etc. Por exemplo; *Este homem reputa-se sabio, Estes homens chamão-se sabios*, póde ter dous sentidos, hum passivo em lugar de *He reputado, São chamados;* e outro activo reflexo em lugar de *Es-*

verbos verdadeiramente activos, cujos agentes fazem recair sobre si mesmos, por meio dos pronomes de sua mesma pessoa, a acção que produzem, como:

S.	1.ª Eu me Amo.	Eu Entendo-me.	Applaudir-me-ei.
	2.ª Tu te Amas	Tu Entendes-te	Applaudir-te-ás.
	3.ª Elle se Ama.	Elle Entende-se.	Applaudir-se-á
P.	1.ª Nós nos Amamos.	Nós Entendemos-nos.	Applaudir-nos-emos.
	2.ª Vós vos Amais.	Vós vos Entendeis.	Applaudir-vos-eis.
	3.ª Elles se Amão.	Elles se Entendem.	Applaudir-se-ão.

Julgão alguns Grammaticos impropria para estes verbos a denominação de *Reflexos*. Porque (dizem elles) para isto seria necessario, que elles significassem a acção de dous agentes, hum dos quaes fosse o unico motôr della, e o outro a recebesse, e immediatamente a rechaçasse, ou despedisse de si: pois, sendo esta a reflexão physica e real, com ella deveria ter correspondencia a reflexão methaphorica destes verbos, qual não tem. Pois nelles não ha mais que huma só pessoa ou agente, e huma só acção, que recae sobre a mesma pessoa, a qual a recebe, e não a repelle de si.

Mas, para se usar de um termo metaphorico, não é necessario que a semelhança entre o semelhante e assemelhado seja inteiramente exacta e perfeita. Hum corpo impellido e repercutido por outro, torna sobre si para quem o impellio. Eisaqui a *Reflexão Physica*. Huma acção, produzida pelo agente da oração, faz-se voltar outra vez sobre o mesmo agente por meio dos pronomes. Eisaqui a *Reflexão Methaphorica*. Ainda que não haja repercussão; não ha por ventura bastante semelhança para estes verbos se poderem chamar *Reflexos*? Mas, a não querer se lhes dê este nome; dê-se-lhes

Mm

o de *Medios,* termo já consagrado pelos Grammaticos Gregos para significar a *voz,* que tem o meio entre a activa e a passiva, pela qual a acção do agente se fazia recair sobre elle mesmo.

A' excepção da fórma exterior, esta *Voz Media* dos nossos verbos corresponde quasi exactamente á dos Gregos. Estes se servião della não só para fazer reflectir a acção sobre o agente; mas tambem em sentido passivo. Os nossos verbos reflexos tem igualmente esta significação passiva nas terceiras pessoas de hum e outro numero, quando o sujeito do verbo he hum nome de cousas inanimadas, como: *Muitas vezes* se perde *por preguiça o que* se ganha *por justiça;* e *as couzas estimão-se pelo que valem, e não pelo que custão.*

Algumas vezes mesmo, bem que mais raras, tem a dicta significação passiva, ainda quando o sujeito he hum nome de pessoas, como: *No juizo de Deos até hum ladrão* se salva, *no juizo dos homens S. João Baptista* se condemna.

Porêm o que mais importa saber he, em que logar se hão de collocar estes pronomes, se depois do verbo, se antes delle, se no meio do mesmo: a respeito do que podem-se seguir as regras seguintes.

1.ª Que nos tempos simples, em cuja primeira pessoa do plural o accento nunca passa para traz da penultima, he cousa indifferente pôr dantes ou depois do verbo o pronome, não havendo nisto alguma cacophonia, ou equivoco. Assim póde-se dizer igualmente bem: *Eu louvo-me* ou *Eu me louvo, Tu louvas-te* ou *Tu te louvas, Elle se louva* ou *Elle louva-se, Nós louvamos-nos* ou *Nós nos louvamos, Elles louvão-se* ou *Elles se louvão.*

Mas para evitar a cacophonia ou dissonancia nascida da collisão das consoantes asperas, já não

tivo, accrescentando-lhes o diphthongo *ei*, como *Amar-ei*, *Entender-ei*, *Applaudir-ei*.

4.° O preterito imperfeito do subjunctivo com mudar o *r* final em *s*, accrescentando-lhe *se*, como *Amas-se*, *Entendes-se*, *Applaudis-se*.

5.° Finalmente o futuro imperfeito do mesmo subjunctivo sem outra mudança ou alteração alguma mais do que conjugar-se por numeros e pessoas, como o infinito pessoal, como *Amar*, *Amares*, *Amar*, *Amarmos*, *Amardes*, *Amarem*, e assim os mais.

Dos *Presentes* imperfeitos do indicativo, segundos geradores, se formão septe tempos, a saber, no indicativo:

1.° O presente imperativo nas suas segundas pessoas, só com tirar o *s* ás mesmas do presente imperfeito, como: *Amas Ama*, *Amais Amai*, *Entendes Entende*, *Entendeis Entendei*, *Applaudes Applaude*, *Applaudis Applaudi*.

2.° O preterito imperfeito absoluto, juntando á radical da 1.ª conjugação *ava*, á da 2.ª e 3.ª *ia*, deste modo: *Am-ava*, *Entend-ia*, *Applaud-ia*.

3.° O preterito perfeito absoluto ajuntando á radical da 1.ª conjugação o diphthongo *ei*, á da 2.ª e 3.ª hum *i*, como: *Am-ei*, *Entend-i*, *Applaud-i*.

4.° O presente do subjunctivo accrescentando á radical da 1.ª conjugação hum *e*, e á da 2.ª e 3.ª hum *a*, como: *Am-e*, *Entend-a*, *Applaud-a*.

5.° Emfim os participios do infinito, accrescentando, para os imperfeitos activos, á radical da 1.ª conjugação as syllabas *ando*, á da 2.ª *endo*, e á da 3.ª *indo*: e para os perfeitos, tanto activos como passivos; *ado* na 1.ª conjugação, e *ido* na 2.ª e 3.ª, como: *Amando*, *Entend-endo*, *Applaud-indo*: *Amado*, *En-*

tendido, Applaudido. O que tudo se vê representado a huma vista d'olhos na táboa seguinte.

		1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	
Infinito 1.º Formativo	Amar	ia	a	êi	sse	Amar.	
	Entender	ia	a	êi	sse	Entender.	
	Applaudir	ia	a	êi	sse	Applaudir.	
		1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	
Presente Indic. 2.º Formativo.	Am	a	ava	êi	e	ando	ado.
	Entend	e	ia	i	a	endo	ido.
	Applaud	e	ía	i	a	indo	ido.

Verbos Irregulares.

Todos os verbos, que se apartão desta regra de formação, que acabamos de mostrar, se chamão *Irregulares.* Nossos Grammaticos em vez de se empenhar em diminuir seu numero, quanto possivel fosse a fim de abbreviar e facilitar mais aos principiantes sua comprehensão; o tem pelo contrario multiplicado em demasia, assim por falta de reflexão, como por ignorancia dos principios mecanicos da Linguagem em geral, e dos sons elementares de nossa Lingua em particular. Para reduzir pois ao menos possivel estas irregularidades das nossas Linguagens, faremos as observações seguintes.

1.ª *Observação.*

Nunca se devem confundir as consonancias com as consoantes, isto he, os sons elementares das consoantes com as letras consoantes, que nossa Orthographia usual empregou para as exprimir na escriptura. Se hum som elementar sôa sempre o mesmo ao ouvido, quer se escreva de um modo, quer de outro; para que se ha de fazer da irregularidade da escriptura huma irregularidade na conjugação?

homem reputa se sabio a si mesmo, estes homens chamão se *sabios a si mesmos*; e para tirar o equivoco necessitão desta addição.

Esta mesma se faz necessaria muitas vezes nas Linguagens reflexas do plural. Porque, como os pronomes, que as acompanhão, se podem tomar ou em hum sentido reflexo sobre a mesma pessoa, ou reciproco entre duas e mais pessoas; para tirar o equivoco e determinar lhes o sentido, precisão da mesma addição. Por ex. nestas frases: *Nós Amamos-nos*, *Vós vos Amais*, *Elles Amão-se*, não se sabe, se ellas falão de hum amor proprio, ou de hum amor mutuo, sem se lhes accrescentar ou *A si mesmos*, ou *Hum ao outro*, como: *Nós amamos-nos a nós mesmos*, *Nós amamos-nos hum ao outro*, e assim nas mais.

§. IV.

Da formação regular dos Tempos do Verbo, e dos Verbos Irregulares.

Todos nossos Grammaticos, seguindo em suas Artes a trilha das Grammaticas Latinas, costumão dar ás Linguagens Portuguezas tres tempos geradores, ou formativos, donde os mais nascem, a saber: o *Presente Infinito*, o *Preterito Perfeito* do indicativo, e o chamado *Supino*, a que damos o nome de participio perfeito activo.

Com effeito estes erão os tempos formativos das Linguagens Latinas; porque a figurativa propria de cada hum destes tempos governava em todos os que delles se formavão. Por exemplo a letra radical, que precedia immediatamente as terminações infinitas em *āre*, *ēre*, *ĕre*, *ire*: ou r con-

soante, ou vogal, que precedia a terminação do preterito perfeito em *i*. o o *t* que precedia o *um* final dos supinos Latinos, figuravão em todos os mais tempos, que destes se dirivavão.

Nossos Grammaticos deverião ter seguido esta mesma regra na formação das Linguagens Portuguezas, mas não a mesma applicação, que della fizerão os Latinos ás suas. Nós em nossa lingua não temos mais do que dous tempos formativos dos outros. Porque nossos verbos regulares tambem não tem senão duas caracteristicas, ou figurativas. O primeiro formativo são os infinitos impessoaes, ou fórmas primitivas dos verbos, cujas figurativas são as suas mesmas terminações em *ar*, *ér*, *ir*. O segundo he o presente do indicativo, cuja figurativa he a letra radical, que precede immediatamente as sobredictas terminações, qualquer que ella seja. Assim *ar* he a figurativa do infinito *Am-ar*, *er* a do infinito *Entend-er*, e *ir* a do infinito *Applaud-ir*; e bem assim *m* he a figurativa do presente *Am-o*; *d* a do presente *Entend-o*, e *Applaud-o*, e *t* a do presente *Part-o*. As primeiras figurativas não tem outra variação, senão as das tres conjugações; as segundas são tantas, quantas as letras radicaes, immediatas ás terminações infinitas. Isto preposto:

Dos *Infinitos*, primeiros geradores, formão-se só cinco tempos, a saber:

1.° O preterito imperfeito condicional do indicativo só com lhes accrescentar em todas as conjugações as vogaes *ia* deste modo: *Amar-ia*, *Entender-ia*, *Applaudir-ia*.

2.° O preterito perfeito relativo, ajuntando-lhes só a vogal *a*, deste modo: *Amar-a*, *Entender-a*, *Applaudir-a*.

3.° O futuro imperfeito do mesmo indica-

Por exemplo: as letras *c*, *g*, antes de *a*, *o*, *u*, dão a mesma consonancia que *qu*, e *gu* antes de *e*, e *i*. Não se devia portanto dar por irregular huma caterva de verbos Portuguezes, terminados em *car*, e *gar*, como: *Ficar*, *Julgar*, *etc.* pela rasão de nossa Orthographia se servir não ja destas figuras, mas das de *qu*, e *gu*, para exprimir a mesma consonancia antes de *e* no preterito perfeito *Fiquei*, *Julguei*, e no presente do subjunctivo *Fique*, *Julgue*, *etc.*

Da mesma sorte a letra *g* antes de *e*, e *i*, representa ao ouvido a mesma consonancia, que exprime o nosso *j* consoante antes de qualquer vogal. Os verbos pois em *gér*, e *gir*, como *Eleger*, *Fingir*, e infinitos outros desta especie não devião ser contados por nossos Grammaticos na classe dos irregulares, por se escreverem com *j* em lugar de *g*, quando se lhe segue *a*, *o*, como *Elejo*, *Eleja*, *Finjo*, *Finja*. A anomalia, assim como a analogia, está sempre nos sons da Lingua, e não em sua Orthographia; e se de huma couza se pode argumentar para outra, he desta para aquella, e não daquella para esta. So esta observação restitue á classe dos regulares hum grande numero de verbos, excluidos della sem rasão por nossos Grammaticos.

Pelo mesmo principio ja estabelecido não são tambem irregulares os verbos *Attrahir*, *Cahir*, e seus compostos *Contrahir*, *Distrahir*, *Recahir*, *etc.* *Sahir*, e outros semelhantes. Porque, se o *h*, com que ora se escrevem, he para separar as duas vogaes em ordem a não fazerem diphthongo, e mostrar que o *i* he longo e agudo; muito melhor fazião isto nossos antigos dobrando o *i*, e escrevendo *Caiir*, *Saiir*; e nós ainda melhor, accentuando o mesmo *i* deste modo: *Caír*, *Saír*; e tirando o accento, quando faz diphthongo no presente do indicativo e do subjunctivo, como *Caio*, *Caia*, *Saio*, *Saia*, *etc*

Nn

Do mesmo modo os verbos *Crér*, e *Lér*, a que hoje se accrescenta hum *i* ou *y*, na primeira pessoa do presente indicativo e subjunctivo, pronunciando-se e escrevendo-se *Creio*, *Leio*, *Creia*, *Leia*, nem por isso se devem ter por irregulares. Porque todas as vezes que o nosso *é* grande fechado he seguido de outra vogal, com que não faz diphthongo, costumamos nós, para evitar este, juntar-lhe hum *i* surdo na pronunciação, ainda que se não escreva com *Chéo*, *Chéa*, em lugar de *Cheio*, *Cheia*.

Nesta mesma conta pois entrão tambem os verbos da primeira conjugação, que no infinito tem por figurativa radical hum *e*, como *Afear*, *Enlear*, *Galantear*, *Recear*, *etc.* os quaes todos nossos antigos escrevião sem *i*, deste modo: *Créo*, *Léo*, *Aféo*, *Enléo*, *Galantéo*, *Recéo*, e bem assim *Créa*, *Léa*, *Enlée*, *Afée*, *Galantée*, *Recée*, *etc.* O verbo *Alumear*, escrevendo-se assim uniformemente, como antigamente se escrevia, entra na mesma regra; escrevendo-se porêm com *i* na figurativa deste modo: *Alumiar;* faz *Alumío*, *Alumías*, *Alumía*, *etc.* como ha exemplos em nossos Classicos.

2.ª *Observação.*

Mas ainda se podem diminuir consideravelmente as anomalias com as advertencias seguintes. Primeiramente as *Syncopes*, e *Apocopes*, isto he, as contracções e mutilações de syllabas, que se fazem nos tempos e pessoas de alguns verbos, não se devem contar como irregularidades; posto que o uso as não costume praticar nos outros verbos. Porque estes mesmos cortes e syncopes se costumão fazer em outras palavras da oração; e ninguem as tem por irregularidades, antes por figuras da dicção, para assim a fazer mais curta e elegante.

Por exemplo: Dos infinitos *Dizer*, *Fazer*, *Jazer*, *Trazer*, segundo as regras da formação regular, deveriamos nós dirivar as Linguagens condicionaes com lhes accrescentar *ia*. deste modo: *Dizeria*, *Fazeria*, *Jazeria*, *Trazeria*. Do infinito antigo *Poér* deveria dizer *Poeria*, *Poesto*. Se por syncope pois digo: *Diria*, *Faria*, *Jaria*, *Traria*, *Pór*, *Poria*, *Posto*; isto não deve constituir irregularidade.

Nesta classe entra por consequencia um grande numero de participios, que dados como irregulares por nossos Grammaticos não são senão humas contracções ou abbreviaturas dos participios regulares, como *Gasto* de *Gastado*, *Junto* de *Juntado*, *Pago* de *Pagado*, *Escripto* de *Escrevido*, *Tinto* de *Tingido*, e assim muitos outros, de que falaremos adiante.

Da mesma sorte os verbos, que por acabarem em *uz* na terceira pessoa do presente indicativo, parecem agora irregulares, não o são verdadeiramente. Nossos Classicos dizião: Elle *Induze*, *Produze*, *Reduze*, *Traduze*, *Luze*, *Reluze*. Se o uso depois, para evitar o equivoco destas terceiras pessoas com as segundas do imperativo, fez a apocope do *e*, dizendo: *Induz*, *Produz*, *Reduz*, *Traduz*, *Luz*, *Reluz*, como de *Capace*, *Felice*, *Veloce*, fez *Capaz*, *Feliz*, *Veloz*; estas apocopes não se devem reputar irregularidades. Talvez succede o mesmo, e pelas mesmas rasões aos verbos *Dizer*, *Fazer*, *Jazer*, *Trazer*, *Querer*, *Valer*, que fazem nas mesmas terceiras pessoas *Diz*, *Faz*, *Jaz*, *Traz*, *Quer*, *Val*. Pelo menos em nossos antigos acha-se *Quere*, *Requere*, e muitos ainda agora dizem *Vale* em lugar de *Val*.

3.ª *Observação.*

Mas a regra de reducção, que mais diminue as irregularidades dos nossos mesmos verbos irregula-

res, he a de lhes dar, para a formação de seus tempos, não so dous formativos, como se dão aos verbos regulares, mas tres; quaes são o presente do indicativo, o infinito impessoal, e o futuro imperfeito do subjunctivo. Sabidos estes tres tempos, delles se forma regularmente a maior parte das Linguagens irregulares; e por este methodo vem a desapparecer hum grande numero de anomalias apparentes, e as verdadeiras se reduzem a mui poucas.

Que nossos verbos irregulares, alem dos dous formativos que lhes são communs com os regulares, tenhão hum terceiro, que lhes he proprio; parece innegavel. He provavel, que muitos destes verbos tivessem antigamente duas fórmas infinitas, das quaes huma ficou no modo infinito, e outra passou a usar-se só nos futuros imperfeitos do subjunctivo, como ainda se vê no verbo substantivo *Sér*, *Fór*, e no verbo *Hir*, *Fór*. Pelo menos estes futuros imperfeitos são em nossos verbos regulares inteiramente conformes aos infinitos pessoaes, e não tem outra differença mais do que usarem-se aquelles so subjunctivamente, e estes infinitivamente.

Se pois aquellas duas Linguagens são uniformes nos verbos regulares, e differentes nos irregulares, conservando comtudo no *r* final o caracter da fórma infinita; he necessario dizer, que estes verbos tinhão antigamente dous infinitos, dos quaes se formão regularmente suas Linguagens, e que seus futuros imperfeitos do subjunctivo não são tempos formados, mas antes formativos dos outros.

Por exemplo: *Estar* faz no dito futuro *Estiver*; *Dar*, faz *Der*; *Pór* faz *Puzer*; *Fazer*, *Trazer*, *Dizer* fazem *Fizer*, *Trouxer*, *Disser*; *Ter*, *Haver*, *Saber*, *Caber*, *Querer* fazem *Tiver*, *Houver*, *Souber*, *Couber*, *Quizer*; *Vér* faz *Vir*; *Vir* faz *Vier*; e *Hir* faz *Fór*: e assim outros, tomando ordina-

riamente hum *e* aberto agudo em lugar do *é* fechado, que he a terminação regular dos infinitos da 2.ª conjugação.

Suppostos pois nos verbos irregulares estes dous formativos, hum infinito, e outro o futuro do subjunctivo; do primeiro se formão pela maior parte regularmente os tempos imperfeitos do indicativo, v. gr. *Estar*, *Estava*, *Estaria*, *Estarei*; *Dar*, *Dava*, *Daria*, *Darei*, *etc.* e do segundo os tempos perfeitos do mesmo modo, a saber, o presente perfeito, tirando ao futuro subjunctivo o *r* final, ou a terminação *ér* se he precedida de *z*, como *Estiver Estive*, *Fizer Fiz*; o preterito perfeito, accrescentando-lhe so hum *a*, como *Estiver Estivera*, *Fizer Fizera*, e em fim o preterito imperfeito do subjunctivo, como *Estiver Estivesse*, *Fizer Fizesse*.

Pode-se dizer, que esta formação ficaria ainda mais regular e conforme á que seguem vulgarmente os Grammaticos Portuguezes, se em lugar de fazer do futuro subjunctivo hum formativo do preterito perfeito e dos mais tempos, se fizesse ás avéssas do preterito perfeito o formativo do futuro subjunctivo e dos mais tempos, deste modo: *Estive*, *Estiver*, *Estivera*, *Estivesse*; *Fiz*, *Fizer*, *Fizera*, *Fizesse*, *etc.* Porêm esta formação falha em todos os verbos irregulares, que no preterito acabão em *i* ou oral, ou nasal, como *Li*, *Vali*, *Vi*, *Fui*, *Vim*; e he menos conforme á analogia da formação dos verbos regulares. Comtudo quem a preferir á outra, tem a commodidade de achar mais perto, e na ordem mesma da conjugação, os formativos das Linguãgens dirivadas. Para me conformar mais ás ideas recebidas, seguirei esta formação nos paradigmas dos verbos irregulares, que adiante irão.

O terceiro formativo dos tempos nos verbos irregulares he, como nos regulares, todo o pre-

sente imperfeito do indicativo. De sua primeira pessoa do singular se fórma regularmente o mesmo presente do subjunctivo, como *Estó Esté*, *Faço Faça;* e da sua segunda do singular e plural se formão tambem regularmente as mesmas do imperativo, como *Dás Dá*, *Dais Dai*, *Pões Põe*, *Pondes Ponde*.

Mas para reduzir estas formações, quanto possivel he, á analogia dos regulares, he preciso observar tres couzas, que são a mudança da *Terminação*, a mudança da *Radical Figurativa*, e a mudança da *Penultima*, que precede immediatamente a mesma figurativa: mudanças todas, que alterando o material dos vocabulos causão sua estranheza e irregularidade na conjugação.

4.ª *Observação.*

Pelo que toca á mudança da *Terminação*, esta na primeira pessoa de todos os presentes do indicativo he hum *o* breve. Mas não o pode ser ja nos verbos monosyllabos, onde devendo ser longo, como o he em todas as palavras monosyllabas, que não são encliticas, deve ser necessariamente ou o *ó* grande aberto, ou o *ó* grande fechado. Feita esta observação, os nossos irregulares *Estar*, *Dar*, *Ser*, e o antigo *Var* (vadere) formão regularmente a primeira pessoa do presente indicativo, fazendo *Estó*, *Dó*, *Só*, *Vó*, ou se escrevão assim, ou *Estou*, *Dou*, *Sou*, *Vou*, que he o mesmo; e dos primeiros dous se formão regularmente os presentes do subjunctivo *Esté*, *Dé*. Porêm *Esteja*, *Seja*, *Vá*, serão irregulares, como o são tambem na primeira pessoa do presente indicativo os verbos *Haver*, e *Saber*, que fazem *Héi*, e *Séi*.

5.ª *Observação.*

Mudão de *Figurativa* 1.° os verbos *Arder*, *Fa-*

zer, *Jazer*, *Medir*, *Ouvir*, *Pedir*, que ora trocão o *d*, *c*, *v* em *ç*, ou *ss*, como *Arço*, *Faço*, *Jaço*, *Meço*, *Ouço*, *Peço*, bem que em alguns de nossos Classicos se encontre no subjunctivo *Eu mida*, *Eu pida*, e *Pide tu*, signal de que antigamente se dizia *Eu mido*, *Eu pido*. 2.° Os verbos *Dizer*, *Trazer*, *Perder*, que mudão o *z*, e *d* em *g*, e *c*, *como Digo*, *Trago*, *Perco*. 3.° Os verbos *Ver*, *Pór*, *Ter*, *Valer*, *Vir*, que fazem *Vejo*, *Ponho*, *Tenho*, *Valho*, *Venho*, do Latim *Video*, *Pono*, *Teneo*, *Valeo*, *Venio*.

6.ª *Observação.*

Quanto á mudança da *Penultima*, so em nossa 3.ª conjugação, e so em algumas pessoas do presente indicativo he, que muitos de nossos verbos antigamente regulares costumão ora mudar irregularmente ja o *e* em *i*, ja o *o* em *v*, ja o *v* em *o*, ja accrescentar hum *i* ao *a* ou *c* da penultima para fazerem diphthongo; as quaes mudanças passão consequentemente ao presente subjunctivo, que se fórma regularmente da primeira pessoa do presente indicativo, e ao imperativo, que se fórma das segundas pessoas do mesmo.

Os que tem *e* antes das radicaes figurativas *g*, *p*, *r*, *t*, e *v* mudão em *i*, como são:

Advertir	Advirto.	Desmentir	Desminto.
Assentir	Assinto.	Despir	Dispo.
Competir	Compito.	Dissentir	Dissinto.
Conferir	Confiro.	Enxerir	Enxiro.
Conseguir	Consigo.	Ferir	Firo.
Consentir	Consinto.	Fregir	Frijo.
Deferir	Defiro.	Mentir	Minto.
Desconsentir	Desconsinto.	Presentir	Presinto

Proseguir	Prosigo.	Sentir	Sinto.
Referir	Refiro.	Vestir	Visto.
Repetir	Repito.	Impedir	Impido.
Resentir	Resinto.	Despedir	Despido.
Seguir	Sigo.		

Estes dous ultimos *Despedir*, e *Impedir* assim fazião antigamente a primeira pessoa do presente indicativo, e formavão consequentemente a do subjunctivo *Despida*, e *Impida*. e não como agora *Despeço Despeça*, *Impeço Impeça*, o que Duarte Nunes de Leão (pag 40) nota justamente de rusticidade. Pois estes verbos não são compostos de *Peço* (Peto), mas de *Impido* (Impedio). Quanto aos mais, achão-se em nossos Classicos exemplos de *Advirte*, *Compite*, *Consinte*, *Mento*, *Minte*, *Persigue*, *Prosigue*, *Sento*, *Sinte*, *Sintem*, *Senta*, *Sentas*, *Sigue*, *Sirve* tu.

Os que tem *o* antes das radicaes figurativas *br* e *rm*, mudão-o em *u*, como *Cobrir*, *Descobrir*, *Encobrir*, *Dormir*, que fazem *Cubro*, *Descubro*, *Encubro*, *Durmo*, e assim no subjunctivo *Cubra*, *Descubra*, *Encubra*, *Durma*. Nossos antigos parece continuavão esta mudança nas mais pessoas do presente indicativo. Pois que em Bernardes, Ferreira, Duarte Nunes, e outros, se acha *Elle encubre*, *Cubre* tu, *Descubre* tu, *Encubre* tu.

Os que tem *u* antes das radicaes figurativas *b*, *d*, *g*, *l*, *m*, *p*, *ss*, e *st*, o mesmo *u* he a radical; e mudão-o em *o* na segunda e terceira pessoa do singular, e na terceira do plural do presente indicativo, e por consequencia tambem na segunda pessoa singular do imperativo. Por esta causa *Acudir*, *Bullir*, *Carpir*, *Construir*, *Consumir*, *Destruir*, *Engulir*, *Fugir*, *Sacudir*, *Subir*, *Sumir*, *Tussir*, se conjugão

no presente indicativo Tu *acodes*, Elle *acode*, Elles *acodem*, e no imperativo *Acode* tu, e da mesma sorte todos os outros.

Exceptua-se *Presumir*, que por inteiro he regular. Os mais tambem parece o erão para com nossos antigos; pois nelles se acha *Elle acude*, *Acude tu*, *Elles construem*, *Tu consumes*, *Elle consume*, *Elles consumem*, *Tu destrues*, *Elle destrue*, *Destrue tu*, *Elle fuge*, *Fuge tu*, *Sacude tu*, *Sube tu*.

Em fim accrescentão hum *i* ao *a* ou *e* da penultima, para fazerem diphthongo, os verbos *Caber*, e *Requerer* na primeira pessoa do presente indicativo *Caibo*, *Requeiro*; e o verbo *Saber* a todas as pessoas do presente subjunctivo, como *Saiba*, *Saibas*, etc.

Feitas estas observações, pouca difficuldade póde haver nas conjugações dos verbos os mais irregulares de nossa Lingua, cujos paradigmas imos a propôr, tomando nelles, como pontos fixos, os tres formativos *Infinito*, *Presente*, e *Preterito Perfeito*, e arranjando debaixo delles todas as Linguagens, que dos mesmos se formão regularmente, e notando ao mesmo tempo com asterisco as que nesta mesma parte são irregulares.

Nestes verbos não entra o verbo substantivo *Ser*, nem seus tres auxiliares *Estar*, *Haver*, e *Ter*, por ficarem ja conjugados por inteiro nos paradigmas dos mesmos. Os que restão são: na 1.ª conjugação o verbo *Dar* somente, na 2.ª os verbos *Caber*, *Dizer*, *Fazer*, *Jazer*, *Pór*, *Poder*, *Querer*, *Saber*, *Trazer*, *Valer*, *Ver*; e na 3.ª os verbos *Ir*, *Vir*, *Rir*. Reservamos para os defectivos os verbos *Feder*, *Prazer*, e outros.

Paradigmas da Conjugação dos Verbos Irregulares.

I. Conjugação em ar.

INFINITO. Dar, Dar-ia, Dar-ei.

PRESENTE.
D-ou, D-ava, D-ê, D-ando, D-ado.
D-ás, Dá *tu*.
Dá.
Damos.
Dais, Dai *vós*.
Dão.

PREFEITO. Dei, Der, Dera, Désse.

II. Conjugação em er.

INFINITO. Caber, Caber-ia, Caber-ei.

PRESENTE.
Ca-ibo, * Cab-ia, Caib-a, * Cabendo, * Cabido.
Cab-es, Cabe *tu*.
Ca-be.
Cabemos.
Cabeis, Cabei *vós*.
Cabem.

PRETERITO. Coube, Couber, Coubera, Coubesse.

INFINITO. Dizer, Diria, Direi.

PRESENTE.	Digo, * Dizía, Diga * Dizendo, * Dito. Dizes, Dize *tu*. Diz Dizemos. Dizeis, Dizei *vós*. Dizem.
PRETERITO.	Disse, Disser, Dissera, Dissesse.
INFINITO.	Fazer, Faria, Farei.
PRESENTE.	Faço, * Fazia, Faça, * Fazendo, * Feito. Fazes, Faze *tu*. Faz. Fazemos. Fazeis, Fazei *vós*. Fazem.
PRETERITO.	Fiz, Fizer, Fizera, Fizesse.
INFINITO.	Jazer, Jazeria, Jazerei, Jazera, Jazesse.
PRESENTE.	Jazo,* Jazia, Jaza, Jazendo, Jazido; *antiq*. Jaço, etc. Jazes, Jaze *tu*. Jaz. Jazemos. Jazeis, Jazei, *antiq*. Jazedes, Jazede *vos*. Jazem.
PRETERITO.	Jazi, *antiq*. Jouve, Jouver, etc.

INFINITO. Pôr, Poria, Porei. *antiq.* Poêr, Poeria, Poerei.

PRESENTE.
- Ponho, * Punha, Ponha, Pondo, * Pôsto.
- Pões, Põe *tu*.
- Põe.
- Pomos.
- Pondes, Ponde *vós*.
- Põe.

PRETERITO. Puz, Puzer, Puzer-a, Puzesse.

INFINITO. Poder, Poderia, Poderei.

PRESEENTE.
- Posso, * Podia, Possa, * Podendo, * Podido.
- Podes.
- Póde.
- Podemos.
- Podeis.
- Podem.

PRETERITO. Pude, Puder, Pudera, Pudesse.

INFINITO. Querer, Quereria, Quererei.

PRESENTE.
- Quero, Queria, * Queira, Querendo, Querido.
- Queres, *abbreviado* Qués, Quer, *ou* Quere *tu*.
- Quer, *antiq.* Quero.
- Queremos.
- Quereis, Querei *vós*.
- Querem.

PRETERITO. Quiz, Quizer, Quizera, Quizesse.

INFINITO. Saber, Saberia, Saberei.

PRESENTE.
- Sei, * Sabia, * Saiba, * Sabendo, * Sabido.
- Sabes, Sabe *tu*.
- Sabe.
- Sabemos.
- Sabeis, Sabei *vós*.
- Sabem.

PRETERITO. Soube, Souber, Soubera, Soubesse.

INFINITO. Trazer, *abbr.* Trazia, *abbr.* Trarei.

PRESENTE.
- Trago, * Trazia, Traga, * Trazendo, * Trazido.
- Trazes, Traze *tu*.
- Traz .
- Trazemos.
- Trazeis, Trazei, *vós*.
- Trazem

PRETERITO. Trouxe, Trouxer, Trouxera, Trouxesse; *antiq.* Trouve, etc.

INFINITO. Valer, Valeria, Valera, Valerei, Valesse.

PRESENTE.	Valho, * Valia, Valha, * Valendo, * Valida. Vales, Vale *tu*. Val. Valemos. Valeis, Valei *vós*. Valem.
PRETERITO.	Vali, Vales, Valêra, Valemos, etc.
INFINITO.	Ver, Veria, Verei.
PRESENTE.	Vejo, * Via, Veja, * Vendo, * Visto. Vês, Vê *tu*. Vê. Vemos. Vedes, Vede *vós*. Vem.
PRETERITO.	Vi, Vir, Vira, Visse.

III. Conjugação em ir.

INFINITO.	Ir, Iria, Irei, Indo, Ido.
PRESENTE.	Vou, * Ia, Vá, Vás, Vá, Vamos, Vades, Vão. Vás, * Vai *tu*. Vai. Vamos, *ou* Imos. Ides *abbr.* Is, * *Ide* vós *abbr.* I. * *antiq.* vais. Vão.

PRETERITO.	Fui, * Fôr, Fôra, Fosse.
INFINITO.	Vir, Viria, Virei, Vindo, Vindo.
PRESENTE.	Venho, * Vinha, Venha.
	Vens, Vem *tu*.
	Vem.
	Vimos.
	Vindes, Vinde *vós*.
	Vem.
PRETERITO.	Vim, * Vier, Viera, Viesse.
	Vieste, Veio, Viemos, Viestes, Vierão.
INFINITO.	Rir, Riria, Rira, Rirei, Risse, Rindo, Rido.
PRESENTE.	Rio, Ria, Ria.
	Ris, Ri *tu*.
	Ri.
	Rimos.
	Rides, Ride *vós*.
	Riem.
PRETERITO.	Ri, Riste, etc.

Ha verbos, que não so são Irregulares, mas alêm disso defectivos, porque lhes faltão ou tempos em sua conjugação, ou pessoas em seus tempos. Alguns erão defectivos para com os antigos, que o não são para nós; como o verbo *Jazer*, de que se não achão exemplos de algumas pessoas, como *Jazes*, *Jazei*,

Eu *Jouve*, Tu *Jarás* em lugar de *Jazerás, Elles Jarão* em lugar de *Jazerão*, Tu *Jaças*, Elle *Jaça*, Nós *Jaçamos*, Vós *Jaçais*. Outros erão para elles irregulares, que o não são para nós: como os verbos *Arder*, e *Morrer*, que fazião no presente Eu *Arço*, Eu *Mouro*, e assim nos tempos de sua dirivação.

Os verbos porêm *Feder*, e *Prazer*, com seus compostos, *Aprazer*, e *Desaprazer*, erão antigamente defectivos, e o são ainda agora. O primeiro carece das pessoas todas, em que depois da figurativa *d* se segue *a* ou *o*; porque não dizemos *Fedo*, *Feda*, etc. Os segundos não tem mais que as terceiras pessoas do presente e do preterito, e as das suas formações, como *Praz*, *Apraz*, *Desapraz*, *Prouve*, *Aprouve*, *Desaprouve*, *Prouvéra*, *Prouvesse*, etc.

§. V.

Observações sobre o uso, e emprego dos Modos, e Tempos do Verbo na Oração.

Do Infinito Impessoal, e Pessoal.

O modo infinito enuncia a coexistencia do attributo no sujeito abstracta e indeterminadamente, e por isso não tem tempos. Esta coexistencia ou he imperfeita e não acabada, como *Amar*; ou perfeita e acabada, como *Ter Amado*; ou principiada na tenção, e futura na execução, como *Haver de Amar*. Porêm estes differentes modos de conceber a existencia não requerem hum tempo mais que outro, e por isso são applicaveis a todos. Nestas orações: *Quiz fazer*, *Quero fazer*, *Prometto fazer*, *Prometto ter feito á manhã*, Hontem *disse elle ter de partir á manhã*; os infinitos são determinados a todos os tempos pelos verbos do modo finito, cujos são.

A Lingua Portugueza tem a singularidade de ter dous infinitos, hum *Impessoal*, como todas as mais Linguas, e outro *Pessoal*, o que he hum idiotismo seu.

Usa do impessoal 1.° todas as vezes que o sujeito da oração regente he o mesmo que o da oração regida, desta sorte: *Eu quero fazer*, *Tu quizeste fazer*, *Nós quereremos fazer*. Não devia por tanto dizer Camões:

E folgarás de *veres* a policia (1).
Nem:
Não te espantes
De a Baccho nos teus Reinos *receberes* (2).

Devia dizer *Ver*, *Receber*, porque os sujeitos destes verbos regidos são os mesmos que os de seus regentes *Folgarás*, *Espantes*.

2.ª Todas as vezes que lhe basta exprimir a coexistencia do attributo em um sujeito qualquer sem o determinar; e então emprega-o como substantivo verbal, que he, para todos os officios, a que se prestão os mais nomes, servindo-se delle já para sujeito, ja para attributo da oração, como: *Mentir* he *faltar* á verdade; ja para o complemento objectivo de outro verbo, como: Não querer *mentir*; ja para complemento de varias preposições, como: *Em mentir* ha peccado; *Entre mentir* e não *mentir* ha meio; *Sem mentir* posso dizer; *De mentir* se passa a *jurar* falso; *Para mentir*, etc.

Usa do pessoal 1.° quando o sujeito do verbo infinito he differente do verbo finito, que determina

---

(1) Luz. VII. 72.
(2) Ibid. VI. 15.

a Linguagem infinita; ou póde haver equivocação sobre qual he o de quem se fala, ainda que seja o mesmo. Então esta Linguagem infinita para distincção dos dous sujeitos toma differentes terminações pessoaes, com as quaes se tira o equivoco. Por exemplo: *Julgo* seres *tu sabedor*, *Creio* termos sido *enganados*. A haverem de chegar *á manhã*, *está tudo preparado*.

2.° Quando a oração do infinito, ou como sujeito e attributo de outro verbo, ou como complemento de alguma preposição se toma em um sentido não ja abstracto, mas pessoal v. gr. *O louvares-me* tu me causa novidade. *Para me louvares* com verdade, farei aquillo, de que me louvas. Os máos, *com se louvarem*, não deixão de o sêr. Aqui, ainda que o sujeito de ambas as orações parece ser o mesmo, não o he. O pessoal *Louvarem-se* era necessario para exprimir o sujeito, que reflecte sobre sì a acção, ou a reciprόca com outro.

4. *Do Participio Imperfeito Activo.*

Os participios Portuguezes são huns adjectivos indeclinaveis, assim chamados, porque do nome participão a significação de huma qualidade, que modifica o agente da oração; e do verbo o seu regime. Que sejão huns verdadeiros adjectivos, se mostra pelas mesmas Linguagens Latinas, donde os houvemos; *Sum amans* (Estou amando) *Amante me* (Amando eu): e pela analyse da Linguagem Portugueza; pois *Estou amando* he o mesmo que *Estou sendo amante*, e *Amando eu* he o mesmo que *Sendo eu amante*.

A terminação em *ndo* semelhante á dos Gerundios Latinos impoz a nossos Grammaticos para os terem por taes. Mas he mais provavel, que estes

participios activos em *ndo* tivessem sua origem dos adjectivos verbaes em *nte* a alguns dos quaes davão nossos antigos Escriptores o mesmo regime do verbo, donde se dirivavão, como *Amante a Deos*, *Temente a Deos*, *Intemente a Deos*, *Annibal passante os montes Alpes*; do que ainda temos restos em alguns nomes compostos, como *Lugartenente*, *Malfazente*, *Maldizente*, *Missacantante*, etc. O exemplo, que para prova disto mesmo allega a Grammatica da Lingua Castelhana, e com ella o A. dos *Rudimentos da Grammatica Portugueza* nesta formula *Isto não obstante*, não faz ao caso, porque *Isto* não he regime de *obstante*.

Presentemente he certo, que estes adjectivos verbaes não são participios, nem ainda quando tem dos verbos, donde nascem, o regime da proposição, como: *Assistente em . . . Bastante a . . . Correspondente*, *Pertencente*, *Semelhante*, *Temente a. . . Participante*, *Passante* de. . . etc. Porque estas regencias são communs aos mesmos adjectivos, que não são verbaes, como *Morador em. . . . Util a. . . Cheio de. . . Vazio de. . .* e se dizemos *Amante*, *Temente a Deos;* não podemos dizer *Amante as riquezas*, *Temente os perigos*, como dizemos *Amar as riquezas*. *Temer os perigos*.

Nossa Lingua emprega os participios imperfeitos activos de dous modos, ou *Conjugando-os*, ou *Conjunctando-os*. Conjuga-os so com hum dos tres verbos auxiliares, ou com o continuativo *Estar*, ou com o frequentativo *Andar*, ou com o inchoativo *Ir*, como: *Estou escrevendo*, *Ando cuidando*, *Vou convalescendo*.

Conjuncta-os fazendo os depender de outro verbo e oração ou principal, ou subordinada, ou incidente a que servem ou de *modo*, ou de *circunstancia*, ou de *condição*, ou de *causa* e rasão.

Servem de *modo* nestas frases: *Zombando-se dizem as verdades*, e

> A disciplina militar prestante
> Não se aprende, Senhor, na fantasia,
> *Sonhando*, *imaginando*, ou *estudando*,
> *Se não vendo*, *tratando*, e *pelejando*. (1)

Onde *se dizem as verdades* e *A disciplina militar prestante não se aprende*, são as orações principaes, ás quaes estão subordinadas e servem de incidentes as orações dos participios *Zombando*, *Sonhando*, *Imaginando*, *Estudando*, *Vendo*, *Tratando*, e *Pelejando*. Neste caso o participio pode-se resolver e supprir com a preposição *Com*, e com o infinito do mesmo verbo dizendo: *Com zombar*, *Com sonhar*, *Com imaginar*, etc.

Servem de *circunstancia* ordinariamente nos factos historicos, como neste de Jacyntho Freire (2) « *Passando* D. João de Castro acaso pela Jubi- » taria, *vendo* estar penduradas humas calças de » obra, *parando* o cavallo, perguntou de quem » erão; e *tornando-lhe* o Official que as mandára fa- » zer D. Alvaro, filho do Governador da India; pe- » dio D. João huma tisoura, com que as cortou to- » das, *dizendo* para o Mestre: Dizei a esse rapaz » que compre armas. » Neste caso podem-se resolver e supprir pelos adverbios *Como* com o subjunctivo, ou *Quando* com o indicativo, deste modo: *Como passasse*, *Como visse*, e *Como lhe tornasse o Official*, etc. ou *Quando passava*, etc.

Servem de *condição* nesta frase de Vieira: *Nobreza e desunida não pode ser; porque* em sendo desunida, *deixa de ser nobreza. Logo he vileza.* Onde

---

(1) Cam. Lus. X., 153.
(2) Vida de D. João.

sendo desunida se póde resolver e supprir pelas condicionaes *Se*, *Quando*, deste modo: *Se he desunida*, ou *Quando he desunida*.

Servem em fim de *causa* e rasão, como: *Alguns ha*, diz Ferreira, (1)

......que se fazem afamados
Julgando, e *interpretando* duramente,
Dos innocentes *fazendo* culpados.

Onde os participios tanto valem, como se dissera: *Porque julgão*, *Porque interpretão*, *Porque fazem*.

Estes participios imperfeitos activos ás vezes se constroem com a preposição *em*, como no exemplo acima de Vieira, e neste de Souza *Hist.* Parte II., Lib. VI., Cap. 21: *Como o mundo estima so o que espanta; em* faltando *particularidades extraordinarias, e fóra do commum: do ordinario e do commum nenhum caso faz.* Quando assim se constroem, valem tanto como os participios activos do preterito. Assim *Em faltando particularidades* he o mesmo que *Tendo faltado particularidades*. O que ainda se vê melhor nestes exemplos: Em morrendo *todos somos huns.* Em me preparando *logo te acompanho.*

De tudo o sobredicto se segue, que estes participios, formando sempre frases subordinadas a outras, devem por consequencia referir-se ao sujeito da frase principal, quando não são precedidos, ou seguidos de outro nome. Assim em todos os exemplos acima não se expressa o sujeito das orações incidentes; porque he o mesmo que o das orações principaes, que as determinão. Quando porêm os sujeitos são differentes, he de necessidade pôr o seu

(1) Poem. I., 8.

a oração do participio, como: *Condecendo todos quanto val o tempo. poucos ha que o não desperdicem.* No primeiro caso as orações do participio são de ordinario parciaes incidentes; porque fazem parte da oração total, modificando o seu attributo: no segundo são orações totaes, mas subordinadas á principal, que lhes precede, ou se lhes segue.

Isto pelo que pertence aos participios imperfeitos activos, que exprimem huma existencia ou acção não acabada. Se porêm queremos exprimir huma existencia ou acção ja concluida e acabada, usamos então do participio composto do auxiliar *Ter* e do participio perfeito activo do verbo adjectivo, como: *Tendo amado, Tendo entendido, Tendo applaudido;* e se a acção he por fazer, para o futuro, usamos do participio composto do auxiliar *Haver* com o infinito do verbo adjectivo, como: *Havendo de amar, Havendo de entender, Havendo de applaudir;* e de todos elles para todos os tempos, ou preterito, como: *Hontem*, tendo chegado o correio, *partio Antonio*; e Havendo eu de partir *tambem, chegou Pedro:* ou presente, como: *Hoje* tendo chegado o *Correio*, etc. (como acima): ou futuro, como: *A' manhã* tendo tu chegado, *partirei eu:* e havendo tu de partir, *ficarei eu.*

Do Participio Perfeito Activo.

Os participios perfeitos activos v. gr. *Amado, Entendido, Applaudido* participão, como os imperfeitos, do regime de seus verbos, e são tambem huns adjectivos indeclinaveis, que significando hum attributo e qualidade, modificão o agente do verbo auxiliar *Ter*, ou *Haver*, com

quem sempre se conjugão, e do qual nunca se apartão.

Elles são huns verdadeiros adjectivos, bem que indèclinaveis, semelhantes aos participios Latinos depoentes, como: *Hortatus sum* (Tenho exhortado) *Mensus sum* (Tenho medido). A sua mesma analyse o demostra; pois *Tenho amado* he o mesmo que *Tenho sido amante.*

Estes participios perfeitos activos ao principio erão o mesmo que os participios perfeitos passivos; e declinaveis, como elles, por generos e por numeros. Nossos Antigos usavão delles com o auxiliar *Ter*, ou *Haver*, concordando-os com o substantivo, sobre que cahia sua acção. Esta era a pratica mais antiga, qual inda se vê das Leis das Partidas, que servírão de norma ás primeiras Leis de Portugal. Taes são: *Aquellas* Leyes *que* habemos *fechas.* (1) *Quando* todas estas cosas *oviere* catadas. (2) *La* penitencia *que* ha recebida. (3) Mas ja nas mesmas Leis das Partidas se encontra algum exemplo do participio perfeito activo e indeclinavel, como este. *E tal* confession, *como la que* habia fecho *primeramente con el lego, non vale.* (4).

Nossos antigos Classicos usavão destes participios com o verbo *Ter*, ja de huma, ja de outra fórma; da passiva porêm mais, e da activa menos, á proporção que mais se chegavão á origem: e pelo contrario da activa mais, e da passiva menos, quanto mais della se apartavão. O uso diplomatico, e curial parece foi o mais tenaz da fórma antiga. Na carta d'ElRei D. João

(1) Tuer. Juza. Liv. II. Tit. I. Lei 1.
(2) Part. I. tit. IV. Liv. 23.
(3) Lei 46.
(4) Part. I. tit. IV. Lei 29

III. em Jacyntho Freire (1) se diz: *Como forão* (fala dos serviços de D. João de Castro) *os que até agora* tendes feitos. E na carta da Rainha D. Catharina *ibid.* n. 96: *Como pela muita* honra, *que nisso* tendes ganhada.

Mas o mesmo Jacyntho Freire ja pouco usa da fórma antiga, mui trivial em Barros, e Fr. Amador Arraes, e ja menos em Camões, Lobo, Lucena, e Sousa. Citarei so hum exemplo de Barros, e outro de Camões. Diz aquelle no Dial. do *Louvor da L. P.* (2) *A qual obra será posta no catalogo das* mercês, *que este Reino delle* tem recebidas. E este:

> E porque, como vistes, *tem passados*
> Na viagem tão asperos *perigos*,
> Tantos climas, e Ceos *experimentados*: (3)

O que tudo comprova, que os participios perfeitos activos são huns verdadeiros adjectivos indeclinaveis, nascidos dos passivos declinaveis.

Daqui veio ficarem ainda no uso presente de nossa Lingua muitos participios passivos com significação activa, posto que intransitiva, e falando-se de pessoas, taes como os seguintes.

(1) Vida de D. João ediç. de Paris, Liv. IV. pag. 95.
(2) Edição de Lisboa pag. 237.
(3) Lus. Cant. I. Est. 29.

PARTICIPIOS.

PASSIVOS. FALANDO-SE DE COUZAS.				ACTIVOS INTRANSITIVOS. FALANDO-SE DE PESSOAS.
Acreditado,	a,	os,	as;	Que tem credito, e reputação.
Agradecido,	a,	os,	as;	Que agradece.
Atrevido,	a,	os,	as;	Que se atreve.
Arriscado,	a,	os,	as,	Que se arrisca.
Arrufado,	a,	os,	as;	Que se arrufa.
Calado,	a,	os,	as;	Que cala, ou sabe calar.
Cançado,	a,	os,	as;	Que cança os outros.
Commedido,	a,	os,	as;	Que tem commedimento.
Confiado,	a,	os,	as;	Que confia de si.
Conhecido,	a,	os,	as;	Que conhece.
Considerado,	a,	os,	as;	Que considera as couzas.
Costumado,	a,	os,	as;	Que costuma.
Crescido,	a,	os,	as;	Que cresceu.
Desconfiado,	a,	os,	as;	Que desconfia.
Desenganado,	a,	os,	as;	Que desengana os outros.
Desesperado,	a,	os,	as;	Que desespera.
Despachado,	a,	os,	as;	Que se despacha, despachamento.
Determinado,	a,	os,	as;	Que se determina.
Dissimulado,	a,	os,	as;	Que dissimula.
Encolhido,	a,	os,	as;	Que tem encolhimento.
Engraçado,	a,	os,	as;	Que tem graça.

Entendido,	a,	os,	as;	Que tem entender, e juizo.
Esforçado,	a,	os,	as;	Que tem esforço.
Fingido,	a,	os,	as;	Que finge.
Herdado,	a,	os,	as;	Que herdou.
Lido,	a,	os,	as;	Que lê.
Moderado,	a,	os,	as;	Que tem moderação.
Occasionado,	a,	os,	as;	Que dá occasião.
Occupado,	a,	os,	as;	Que se occupa.
Ousado,	a,	os,	as;	Que tem ousadia.
Parecido,	a,	os,	as;	Que tem semelhança com outro.
Pausado,	a,	os,	as;	Que obra com pausa.
Precatado,	a,	os,	as;	Que tem precaução.
Presado,	a,	os,	as;	Que se presa.
Presumido,	a,	os,	as;	Que presume de si.
Recatado,	a,	os,	as;	Que tem recato.
Trabalhado,	a,	os,	as;	Que dá trabalho.
Sabido,	a,	os,	as;	Que sabe muito.
Sentido,	a,	os,	as;	Que sente muito qualquer injuria.
Soffrido,	a,	os,	as;	Que tem soffrimento.
Valido,	a,	os,	as;	Que tem valimento.
Vigiado,	a,	os,	as;	Que vigia.

Quando estes, e outros participios passivos se juntão com o verbo *Ter*, então este deixa de ser auxiliar, e passa á sua significação natural, e primitiva de verbo activo no sentido de *Possuir*: e então

em vez do substantivo, em que se exercita a acção do participio activo, ir adiante deste, passa para traz delle. Porque he couza mui differente dizer: *Tenho escripto um papel*, *Tenho feito huma carta*, *Terei concluido esta obra*, do que *Tenho hum papel escripto*, *Tenho uma carta feita*, *Terei esta obra concluida*.

Nas primeiras expressões o verbo *Ter* he auxiliar, e os participios são activos; nas segundas o mesmo verbo he adjectivo activo, e os participios são passivos; que por isso concordão em genero e numero com os substantivos, que os precedem, e devem preceder para evitar o equivoco, que podia nascer da mesma Linguagem, que antigamente era susceptivel dos dous sentidos. O verbo *Ter* em seu preterito perfeito absoluto sempre he activo, e nunca auxiliar, como ja advertimos.

Do Participio Perfeito Passivo.

Este tambem he um participio; porque participa do verbo a sua significação activa, não ja exercitada pelo sujeito da oração, como o participio activo, mas recebida nelle, e produzida por outro: e participa outro sim do nome adjectivo a propriedade de modificar qualquer nome substantivo, concordando com elle em genero e numero; que por isso sempre he declinavel, como: *Amado*, *Amada*, *Amados*, *Amadas*; *Entendido*, *Entendida*, *Entendidos*, *Entendidas*; *Applaudido*, *Applaudida*, *Applaudidos*, *Applaudidas*.

Estes participios tem tres usos em nossa Lingua; ou se tomão como participios passivos, e neste caso sempre se conjugão, e andão junctos com os verbos substantivos *Ser*, ou *Estar*, como: *Sou amado*, *Estou perdido*: ou como adjectivos verbaes, oppostos aos substantivos para os modificarem, co-

mo: *Hospede bem*, ou *mal agasalhado; Lugar povoado; Campos semeados*, *Terrenos pousios*, *etc.*: ou como nomes substantivados por meio dos artigos, v. gr. *Hum agasalhado gostoso*, *O povoado*, *Os semeados*, *Hum terreno*, *Os pousios*, *etc.*

No primeiro uso cumpre notar, que os participios passivos dos verbos intransitivos, chamados neutros, se accommodão melhor com o verbo *Estar*, do que com o verbo *Ser;* e os participios passivos dos verbos transitivos activos se dão melhor com este, do que com aquelle. Assim diremos: *Ser amado*, e *Estar quêdo; Ser morto* (por *matado*) e *Estar morto; Ser nascido*, e *Estar vivo; Ser lembrado*, e *Estar esquecido*, *etc.*

Os participios de significação neutra, ou puramente relativa, ajuntão-se muitas vezes elegantemente, ainda em significação activa, com o verbo *Ser* melhor, do que com o auxiliar *Haver*. Assim o usão nossos melhores Classicos, como Heitor Pinto: *E por não gastar o tempo em recitar varões insignes*, *que* forão carecidos *da vista.* (1) Amador Arraes: *Sobre que* erão succedidos *muitos insultos.* (2) Sá de Miranda: São vindas *minhas culpas*, *e querellas* (3) Vieira: *Ainda não* era vinda *a hora do sol.* (4) O mesmo: *Porque não* era *ainda* vindo *o Esperado.* (5) Souza: Era entrado *o anno de duzentos e nove.* (6) Somos chegados *com a Historia aos annos do Senhor.* (7)

Nos quaes exemplos, e em infinitos outros, he

---

(1) Dial. da Verd. Philos. Cap. III.
(2) Dial. V. Cap. 12.
(3) Canção a Nossa Senhora.
(4) Serm. Tom. I. columna 277.
(5) Serm. Tom. VI. pag. 221 col. 1.
(6) Historia de S. Dom. Part. I. Liv. I. Cap. 3.
(7) Ibid. Part. I. Liv. IV. Cap. 1.

para notar, como os verbos, parecendo de voz passiva, tem todos significação activa, e tanto valem, como se, para ella mudados, se dissesse no primeiro exemplo: *Que tinhão carecido*, ou *Que carecêrão;* no segundo *Que tinhão succedido*, ou *succedêrão;* no terceiro: *Tem vindo*, ou *vierão*, e assim nos mais, que se seguem. Pelo contrario muitos participios de verbos puramente relativos se tomão por nossos AA. em sentido passivo, como: *Os levitas, como* elle *era, erão alli* respondidos: Barros Dial. II. pag. 269. *Sem que fossem vistos, nem* resistidos: J. Fr.e II. 77 e 148. *A crueldade o fazia mais* obedecido: ibid. 93. *Andavão* batalhados *com D. Alvaro*: ibid. 165. *Cidade* tributada *das Aldeas visinhas*: ibid. IV. 5.

Ha muitos verbos, que tem dous participios passivos, hum inteiro e regular, e outro contrahido e irregular: os quaes pomos aqui, assim porque cumpre saberem-se, como para sobre elles cairem as observações, que se lhes seguirão.

I. Conjugação em ar.

Acceitar	Acceitado	Acceito
Affeiçoar	Affeiçoado	Affecto.
Agradar	Agradado	Grato.
Annexar	Annexado	Annexo.
Aprompțar	Aproimptado	Prompto.
Arrebatar	Arrebatado	Rapto (1).
Captivar	Captivado	Captivo.
Cegar	Cegado	Cego.
Descalçar	Descalçado	Descalço.
Entregar	Entregado	Entregue.
Enxugar	Enxugado	Enxuto.
Excusar	Excusado	Excuso.

(1) He de Fr. Marcos de Lisboa, Camões, Souza, Sá e Menezes, Francisco Barreto, etc.

Exceptuar	Exceptuado	Excepto.
Expressar	Expressado	Expresso.
Expulsar	Expulsado	Expulso.
Fartar	Fartado	Farto.
Gastar	Gastado	Gasto.
Ignorar	Ignorado	Ignoto.
Infestar	Infestado	Infesto.
Isentar	Isentado	Isento.
Juntar	Juntado	Juncto.
Limpar	Limpado	Limpo.
Manifestar	Manifestado	Manifesto.
Matar	Matado	Morto.
Misturar	Misturado	Misto.
Molestar	Molestado	Molesto.
Occultar	Occultado	Occulto.
Pagar	Pagado	Pago.
Professar	Professado	Professo.
Quietar	Quietado	Quieto (1).
Salvar	Salvado	Salvo.
Seccar	Seccado	Secco.
Segurar	Segurado	Seguro.
Sepultar	Sepultado	Sepulto.
Soltar	Soltado	Solto.
Sujeitar	Sujeitado	Sujeito.
Suspeitar	Suspeitado	Suspeito
Vagar	Vagado	Vago.

II. Conjugação em er.

Absolver	Absolvido	Absolto (2).
Absorver	Absorvido	Absorto.
Accender	Accendido	Acceso.

(1) *Quietar*, ou *Aquietar* na significação de *Socegar* tem *Quieto*, e na de *Parar* tem *Quedo* do verbo antiquado *Quedar*.

(2) He de Fr. Marcos, Sá de Miranda, Lucena, Souza, e Vieira. Mas este tambem disse *absoluto*.

Agradecer	Agradecido	Grato.
Attender	Attendido	Attento.
Convencer	Convencido	Convicto.
Converter	Convertido	Converso.
Corromper	Corrompido	Corrupto.
Defender	Defendido	Defeso (1).
Eleger	Elegido	Eleito.
Encher	Enchido	Cheio.
Envolver	Envolvido	Envolto.
Escrever	Escrevido	Escripto.
Conter	Contido	Conteudo.
Escurecer	Escurecido	Escuro.
Extender	Extendido	Extenso.
Incorrer	Incorrido	Incurso.
Interromper	Interrompido	Interrupto.
Manter	Mantido	Manteudo.
Morrer	Morrido	Morto.
Nascer	Nascido	Nado.
Perverter	Pervertido	Perverso.
Prender	Prendido	Preso.
Resolver	Resolvido	Resoluto.
Reter	Retido	Reteudo.
Romper	Rompido	Roto.
Suspender	Suspendido	Suspenso.
Torcer	Torcido	Torto.

III. Conjugação em ir.

Abrir	Abrido	Aberto.

(1) Todos estes participios ***Defeso***, ***Diffuso***, ***Diviso***, ***Instructo***, ***Oppresso*** são de nossos melhores Classicos, Fernão Lopes, Barros, D. Fr. Marcos, Amador Arraes, Sá de Miranda, Camões, Bernardes, Ferreira, Heitor Pinto, etc.

Abstrahir	Abstrahido	Abstracto.
Affligir	Affligido	Afflicto.
Concluir	Concluido	Concluso.
Confundir	Confundido	Confuso.
Contrahir	Contrahido	Contracto.
Cobrir	Cobrido	Coberto.
Diffundir	Diffundido	Diffuso (1).
Dirigir	Dirigido	Directo.
Distinguir	Distinguido	Distincto.
Dividir	Dividido	Diviso (2).
Erigir	Erigido	Erecto.
Exhaurir	Exhaurido	Exhausto.
Expellir	Expellido	Expulso.
Exprimir	Exprimido	Expresso.
Extinguir	Extinguido	Extincto.
Extrahir	Extrahido	Extracto.
Frigir	Frigido	Fricto.
Imprimir	Imprimido	Impresso.
Incluir	Incluido	Incluso.
Infundir	Infundido	Infuso.
Inserir	Inserido	Inserto.
Instruir	Instruido	Instructo (3).
Opprimir	Opprimido	Oppresso (4).
Possuir	Possuido	Possesso.
Reprimir	Reprimido	Represso.
Submergir	Submergido	Submerso.
Supprimir	Supprimido	Suppresso.
Surgir	Surgido	Surto.
Tingir	Tingido	Tincto.

(1) Veja-se a nota da pag. antecedente.
(2) Ibid.
(3) Ibid.
(4) Ibid.

Sobre o uso destas duas sortes de participios passivos não se póde estabelecer huma regra fixa e universal. So sim se póde dizer em geral, que os da primeira fórma regular são ordinariamente os verdadeiros participios, ou activos e indeclinaveis, conjugados com o auxiliar *Ter*; ou passivos e declinaveis, conjugados com o verbo substantivo *Ser*.

Os da segunda fórma, pela maior parte contrahidos dos primeiros, são mais uns adjectivos verbaes do que participios. Elles de ordinario indicão huma qualidade subsistente no sujeito, sem relação alguma ao seu exercicio, ou activo, ou passivo, bem como os mais adjectivos, que não são verbaes. Esta a razão, porque se attribuem aos sujeitos melhor com os verbos *Ser* ou *Estar*, do que com o verbo *Ter*, como: *Sou acceito*, *Sou grato*, *Estou prompto*, *Estou afflicto*, *etc.*

Isto não obstante, alguns destes adjectivos verbaes se usão em sentido activo junctos ao auxiliar *Ter*, como: *Tenho entregue*, *Tenho farto*, *Tenho escripto*, *Tenho gasto*, *Tenho juncto*, *Tenho morto*, *Tenho pago*, *Tenho acceito*: e outros em sentido passivo, como: *Ter aberto*, *Coberto*, *Expulso*, *Extincto*, *Eleito*, *Morto*, *Preso*, *Roto*, *Solto*, *etc.*

Muitos destes participios contractos não erão conhecidos de nossos antigos Escriptores, como *Afflicto*, *Acceito*, *Erecto*, *Gasto*, *Isento*, *Impresso*, *Pago*, *etc.* e em lugar delles usavão dos regulares *Affligido*, *Acceitado*, *Erigido*, *Gastado*, *Isentado*, *Imprimido*, *Pagado*, *etc.* Seja como for, estes participios passivos conjugados com o verbo substantivo em todas suas Linguagens e de seus auxiliares, e concordados em genero e numero com os sujeitos pacientes das mesmas, fazem a voz passiva dos verbos activos, como: *Se vossos serviços* são *mal* pre-

miados, *basta-vos saber que* são *bem* conhecidos. Veja-se atraz Cap. IV. Art. III. § II.

Do modo indicativo, e de seus Tempos.

Ja dissemos, que o caracter do modo indicativo, e de todas suas Linguagens por consequencia, he poderem estar na oração sos; e quando se ajuntão com outras, serem ellas sempre as principaes que determinão e subordinão as mais, que se lhes ajuntão. As subordinadas são as Linguagens do subjunctivo e as do infinito: deste, quando o sujeito de ambos os verbos he o mesmo, como: *Quero fazer, Queremos fazer;* e daquelle, quando o sujeito he o mesmo, e quando he differente, como: *Duvido que eu* possa *fazer*, *Duvido que* façaş; e então ligão-se ordinariamente pelo conjunctivo *Que.*

As Linguagens do indicativo tambem podem ser determinadas por outras, e ligadas pela mesma, ou outra conjuncção, como: *Dizem que Antonio chegou: Não sei se isto he verdade.* Porêm esta subordinação he accidental, e so produzida pela conjuncção. Tirada esta, tornão a ficar na sua natureza de indicativas, e principaes, como: *Antonio chegou: Isto he verdade.* Não accontece o mesmo com as outras, que desligadas não fazem sentido.

Daqui se vê, que não he o conjunctivo *Que*, quem determina a Linguagem a ser ou subjunctiva, ou indicativa, como dizem muitos Grammaticos; mas sim a significação do verbo principal: e cumpre muito á Grammatica saber, quando elle deve levar o outro verbo ao indicativo, e quando ao subjunctivo.

A regra pois he: que o verbo da oração subordinada deve estar no indicativo, todas as vezes que o da principal affirmar com asseveração e certeza, como affirmão os verbos de *Julgar*, *Suspeitar*, *Di-*

zer, *Contar*, *etc.* que mais pertencem ás faculdades do entendimento, que da vontade: e pelo contrario deve ir ao subjunctivo, todas as vezes que o da principal e determinante affirmar com duvida e receio em razão do seu objecto ser contingente. E taes são os verbos de *Ignorar*, *Duvidar*, *Temer*, *Esperar*, *Desejar*, *Mandar*, *Pedir*, *Acontecer*, e outros semelhantes, que mais pertencem á vontade que ao entendimento. Porque todos involvem em si alguma especie de incerteza, quantó a seu objecto futuro.

Por esta razão diremos: *Sei que* vem, *Duvido que* venha; *Julgo que* virá; *Temo que não* venha; *Dizem que* veio, *Dizem que* viéra; *Gosto que* viesse, *Temi que não* viesse: e não ás avessas *Sei que* venha, *Duvido que* vem; *Julgo que* vier, *Temo que não* vem; *Dizem que* viesse, ou *que* tivesse vindo; *Gosto que* viera, *Temi que não* viera.

Esta mesma regra he applicavel a todas as conjuncções, ou frases conjunctivas, em que entra o mesmo *Que*. Aquellas, que affirmão hum objecto certo, ou o suppõem, como: *Visto que*, *Ja que*, *Por que*, *Por quanto*, *Pelo que*, *Assim que*, *Eis que*, *Tanto que*, *Logo que*, *etc.* requerem a Linguagem subordinada no indicativo.

Pelo contrario aquellas, que suppõem duvida, e indicão alguma incerteza em seu objecto, como: *Para que*, *Comtanto que*, *Sem que*, *Antes que*, *Caso que*, *Até que*, *Por mais que*, *Como quer que*, *Oxalá que*, *Se por ventura*, *como se*, *etc.* todas estas demandão na proposição subordinada a Linguagem subjunctiva.

Aquellas porêm, que são indifferentes, e que conforme o sentido de quem fala, são susceptiveis ja de certeza, ja de duvida, como: *De sorte que*, *De tal sorte*, *modo*, ou *maneira que*, *Ainda que*, *Bem que*, *Posto que*, *Se*, *Ou*, *etc.*: estas podem-se

ajuntar, segundo as circunstancias, ou com o modo indicativo, ou com o subjunctivo. O que tudo (torno a dizer) mostra, que não he a conjuncção *Que*, quem determina a proposição subordinada a tomar hum ou outro modo; mas sim a affirmação, ou decisiva ou receosa, do verbo determinante, quer seja do indicativo, quer do subjunctivo mesmo, e do infinito.

Por isso as frases interrogativas ou negativas ainda dos verbos de *Cuidar*, *Dizer*, *etc.* que costumão levar as subordinadas ao indicativo; quando exprimem alguma duvida, levão-as então ao subjunctivo, como: *Cuidas tu que, quando Deos formou a Republica das abelhas,* não quizesse *ao mesmo tempo com seu exemplo ensinar os Reis a governarem os póvos com doçura, e os póvos a obedecerem aos Reis com amor? Eu não me* persuadia *que as couzas* sahissem *tão mal.* O mesmo passa com os demonstrativos conjunctivos *Que*, *Qual*, *Cujo*, precedidos de huma frase interrogativa, ou de outra qualquer, que indique duvida, desejo, condição, ou couza semelhante, como: *Ha por ventura alguem, que pela vista do universo* não venha *no conhecimento de seu auctor? No coração do homem* não ha *movimento algum bom, que* não venha *de Deos.*

Téqui temos visto as relações, que por ordem ás proposições subordinadas, tem o modo indicativo comsigo mesmo, e com o subjunctivo. Porêm ainda resta vêr as relações de correspondencia, que os tempos do indicativo tem huns com outros, e estes com os do subjunctivo para determinarem mais huns do que outros. Pois nem todos podem determinar a todos, e os que determinam e são determinados seguem certas regras fundadas na natureza mesma destes tempos, e que por isso forão

adoptadas pelo uso quasi universal de todas as Linguas, como vamos a vêr.

REGRA I.

Quando o primeiro verbo está no presente, ou no futuro do indicativo, o segundo verbo póde ir a qualquer tempo do mesmo modo, tractando-se de verdades contingentes; e tractando se de verdades necessarias, todos os tempos do primeiro verbo podem levar o segundo ao presente.

Quando porêm o primeiro verbo está em qualquer dos preteritos ou imperfeitos ou perfeitos, o segundo não póde deixar de ir tambem a outro preterito ou imperfeito, quando a couza não foi acabada, ou perfeito, quando o foi. O que melhor se verá na seguinte

TABOA I.

Da correspondencia dos Tempos do Indicativo entre si.

O presente, e futuro imperfeitos correspondem	a todos os tempos nas verdades contingentes.	Digo Dize tu Direi	Que *fazes*, ou *tens feito* bem. Que *fazias* bem. Que *fizeste* bem. Que *tinhas feito*, *fizeras*, ou *terias feito* bem. Que *farás* bem, se... Que *terás feito* bem, quando...

Todos os tempos correspondem ao	presente nas verdades necessarias.	Digo Tenho dicto Dize tu Dizia Disse Tinha dicto Direi	Que *Deos he Justo.*

O condicional imperfeito corresponde ao	preterito perfeito relativo simples.	Diria ou Dissera	*Se podera.*

Os preterítos imperfeitos ou perfeitos correspondem	aos mesmos ou imperfeitos, quando a acção não he acabada, ou perfeitos, quando o he.	Dizia Disse Tinha dicto ou Dissera	Que *farias*, ou *fazias* bem. Que *fizeste* bem. Que *tinhas* ou *tiveras* feito bem. Que *terias* feito bem, se...

O condicional perfeito corresponde	ao preterito perfeito, ou simples ou composto.	Dissera, ou Teria dicto	Se *podera.* Se *tivera podido.*

REGRA II.

O tempo do primeiro verbo no indicativo he quem determina ordinariamente, em que tèmpo deve estar o segundo verbo no subjunctivo.

Deve-se pois dizer: *He* necessario que eu *Ame*, e não que *Amasse*. *Era* necessario que eu *Amasse*, e não que eu *Ame*, *Foi* necessario que eu *Amasse* ou *Tivesse Amado*, e não que *Tenha Amado*. *Amaria* se eu *Quizesse*, e não se *Quereria*. *Teria Amado* se eu *Tivesse Querido*, e não se eu *Teria Querido*. Será necessario que eu *Ame* ou *Tenha Amado*, e não que *Amar*. Amarei se *poder*, e não se *poderei* ou *possa*.

Mas quando o verbo da proposição principal está no presente ou no futuro do indicativo, o da proposição subordinada vai para o presente do subjunctivo, se se exprimir hum presente ou futuro; e para o preterito, se o que se quer exprimir he ja passado. E quando o verbo da proposição prin-

cipal está em algum dos preteritos imperfeitos ou perfeitos, põe-se o segundo no imperfeito do subjunctivo, se o que com elle se quer exprimir, he presente ou futuro; e no preterito perfeito, se o que se quer exprimir he passado e acabado. O que tudo melhor se verá na seguinte

TABOA II.

Da correspondencia dos Tempos do Indicativo com os do Subjunctivo.

O presente do indicativo corresponde ao	Presente imperfeito, quando a acção he vindoura.	Estimo que *venhas*.
	Presente preterito, quando a acção he acabada.	Estimo que *tenhas vindo*.
	Preterito imperfeito, quando passada, e não acabada.	Estimo que *viesses*.

Os preteritos do indicativo correspondem ao	Preterito imperfeito, quando a acção he vindoura.	Estimava Estimaria Estimára Estimei	Que *viesses*.
	Preterito perfeito, quando he passada, e acabada.	Estimava Estimaria Estimára Estimei	Que *tivesses vindo*.

O futuro do indicativo corresponde ao	Presente e aos futuros imperfeitos, quando a acção he futura, e não acabada.	Estimarei	Que *venhas*. Se *vieres*.
	Futuro perfeito, quando a acção he futura, e acabada.	Estimarei	Se *tiveres vindo*

Do modo Subjunctivo, e seus Tempos.

Do que acabamos de observar sobre a correspondencia dos tempos do indicativo com os do subjunctivo, ja em parte se póde saber o uso, que destes se deve fazer na oração. Porêm ainda restão algumas observações sobre as Linguagens imperativas, e sobre as dubitativas e condicionaes deste modo.

As Linguagens verdadeiramente imperativas são so as segundas pessoas do tempo do indicativo assim chamado. Ninguem manda directamente se não a pessoas, com quem fala; e estas não são, nem podem ser outras se não as segundas. As Linguagens, com que os Grammaticos supprem a falta das outras pessoas do imperativo, pertencem ao presente do subjunctivo, e são por consequencia determinadas por outro verbo claro ou subentendido. Por exemplo: *Ame eu*, *Amemos nós*, *Ame elle*, *Amem elles* he o mesmo que *Praza a Deos*, ou *Faze* com que *Eu Ame*, com que *Nós Amemos; Quero*, ou *Mando*, ou *Exhorto*, ou *Permitto* que *Elle Ame*, que *Elles Amem*, *etc.*

As frases *Dubitativas* são ou contingentes, ou possiveis e hypotheticas. As primeiras nunca se exprimem se não ou com *se* em lugar de *se por ventura*, e com as Linguagens indicativas; ou com *Que*, e com as subjunctivas, como: *Duvido se vem*, ou

Que venha; Duvido se he vindo, ou *Que tenha vindo; Duvido se veio*, ou *Que viesse: Duvido se era vindo*, ou *Que tivesse vindo; Duvido se ha de vir*, ou *Que haja de vir*.

As possiveis e hypotheticas nunca se podem exprimir senão com *se*, e com as Linguagens condicionaes em *ria*, assim chamadas, não porque levem *se*, quando determinão outras; mas porque as que ellas determinão, levão sempre a dicta conjuncção; e so quando são determinadas pelos verbos de duvidar, he que a admittem, e nunca *Que*, como: *Duvido se viria*, e não *Que viria; Duvidei se teria vindo*, e não *Que teria vindo*.

As dubitativas, que levão comsigo o affecto de *medo* ou *receio*, sempre se exprimem com *Que* so, quando eu temo succeda huma couza, que não desejo, como: *Temo que me castigue*; ou com *Que* acompanhado de *Não*, quando eu temo não succeda huma couza, que dezejo, como: *Temo que me não pague*.

As *Condicionaes* tambem são ou contingentes, ou possiveis so, e hypotheticas. Aquellas affirmão debaixo de huma condição factivel, e estas affirmão debaixo de huma hypothese, ou caso meramente possivel. As Linguagens determinantes das primeiras para o presente, e preterito são as indicativas dos mesmos tempos, e as determinadas ou condicionaes lhes correspondem no mesmo modo e nos mesmos tempos: *Sou, se es; Se eras, era eu tambem; Se fui, foste*, etc.: e para o futuro as determinantes são do presente, ou futuro indicativo, e as determinadas do futuro subjunctivo: *Prometto-te, se fizeres; Farei o que me pedes, se puder; Se até á manhã não tiver tido embaraço, por todo esse dia terei feito o que me pedes*.

Quanto ás condicionaes possiveis e hypotheticas, estas tem Linguagens appropriadas tanto para as proposições principaes e determinantes, como para as subordinadas, que levão a condição. Humas e outras se correspondem sempre nos tempos. Se a primeira e principal he o preterito imperfeito condicional do indicativo em *ria*, a subordinada he tambem o mesmo tempo do subjunctivo em *sse : Eu te* obsequiaria, *Se tu me* obsequiasses : e se a mesma principal he a Linguagem em *ra* do mesmo indicativo tomada como um preterito imperfeito, a sua subordinada correspondente he outra Linguagem em *ra* do mesmo indicativo tomada tambem como preterito imperfeito : *Se tu me* obsequiaras, *eu te* correspondera ; ou a do subjunctivo em *sse : Se tu me* obsequiasses, etc.

Do mesmo modo nos preteritos perfeitos condicionaes se a principal he a Linguagem composta em *ria*, a sua subordinada he a correspondente do subjunctivo em *sse* ; como : *Eu te* teria obsequiado, *se tu me* tivesses obsequiado *primeiro :* e se a principal he a Linguagem simples indicativa em *ra*, tomada como preterito perfeito, a sua subordinada correspondente he outra Linguagem em *ra* do mesmo modo e do mesmo tempo ; como : *Eu te* obsequiara, *se tu me* corresponderas.

Daqui se vê, que a Linguagem condicional em *ra* tanto imperfeita, como perfeita, he a mesma, e que se o sentido da frase he que a determina a tomar-se ou como imperfeita, ou como perfeita. Nossos Classicos melhores e mais antigos, que para hum e outro tempo gostavão mais de empregar a fórma em *ra* do que a em *ria*, usão a cada passo della para hum e outro tempo. Para o imperfeito João de Barros ; *Se Catão* fora *vivo, me parece* se pejara *de a pro-*

nunciar. (1) *Se Aristoteles* fora *nosso natural*, *não* fora *buscar Linguagem emprestada.* (2) *E se lhe* falecera *algum termo socinto*, fizera *o que vemos em muitas partes ao presente.* (3)

Para o perfeito: *Este exercicio se nós* o usaramos, *ja* tiveramos, etc. (4) *E parece que* tivera *a fortuna* (de seu appellido), *se não* fôra *tam breve o seu governo.* (5) *Alem de cruel* fôra desagradecido, *se não* aceitára, etc. (6) *Era o Hidalcão liberal, e valeroso, e sem duvida* fôra *hum grande Principe, se* conservára o *Reino com as mesmas virtudes, com que soube adquiril-o.* (7)

A regra de a Linguagem subordinada corresponder sempre no tempo á da principal he geral, quando se tracta de acções passageiras. Porêm se se tracta de hum estado e qualidade fixa e permanente, então a Linguagem condicional do preterito perfeito demanda não ja este, mas o preterito imperfeito do subjunctivo. Se eu dissesse: *Este homem não* teria soffrido *aquella afronta, se* tivesse sido *sensivel*; a expressão não seria exacta, porque se tracta de huma qualidade de temperamento, estavel. Deve-se dizer: *Se fosse sensivel.* Os que para ambas as proposições usão da Linguagem em *ra*, livrão-se deste embaraço.

Deste modo acabamos de dizer tudo o que havia de mais importante sobre a primeira e a principal parte conjunctiva da oração, qual he o verbo.

---

(1) Barros *Dial. em louvor da nossa Lingua* Ediç. de Lisboa 1785 pag. 221.

(2) Ibid. pag. 222.

(3) Barros ibid.

(4) Ibid. pag. 224 e 230.

(5) Jacyntho Freire *Vida de D. João*, ediç. de Paris 1759, pag. 14.

(6) Id. ibid. pag. 77.

(7) Id. ibid. pag. 43.

Resta tractar das outras duas, *Proposição* e *Conjuncção*, que são o objecto dos dous capitulos seguintes.

CAPITULO V.

Da Preposição.

Preposição he huma parte conjunctiva da oração, que posta entre duas palavras indica a relação de complemento, que a segunda tem para a primeira. Assim nestas expressões: *Venho* do *Porto*, *passo* por *Coimbra*, e *vou* para *Lisboa*; as tres preposições *de*, *por*, e *para*, postas entre os verbos adjectivos, *Venho*, *Passo*, e *Vou*, e os nomes *Porto*, *Coimbra*, e *Lisboa*, mostrão a relação de complementos, em que estes estão para aquelles.

O verbo tambem he huma parte conjunctiva da oração. Porêm tem differenças essenciaes, que a distinguem da preposição. 1.° Quanto aos termos que combinão e ajuntão. O verbo combina e ata entre si os dous termos da preposição, sujeito e attributo: a preposição porêm conjunta so as palavras, que servem de complementos ou ao sujeito, ou ao attributo, ou ao verbo da mesma oração. 2.° Quanto á especie de relação. A que o verbo põe entre o sujeito e o predicado, he a relação de *Identidade* e coexistencia de hum com outro: e a que a preposição indica entre seus dous termos, *Antecedente* e *Consequente*, he a relação de *Determinação*, pela qual aquelle determina este, ou he determinado por elle. 3.° Quanto ao numero de ideas, que cada hum exprime. O verbo, alêm da sua idea propria e principal da coexistencia dos dous termos, ajunta a esta muitas accessorias, como são a do modo de enunciação, a do tempo, a do numero, e pessoas, e ainda a de hum attributo, se he verbo adjectivo; que por

isso he huma parte grande da oração e não particula, huma parte declinavel e summamente variada em suas terminações para poder comprehender toda esta variedade de ideas, e huma parte em fim, que póde ser composta, e derivada de outras.

A preposição porém não indica senão huma unica idea, e esta geral e simplicissima, qual he a relação de complemento, em que hum objecto está para com outro; a qual relação he hum mero aspecto, e huma vista momentanea, com que nosso espirito considera huma idea em respeito a outra. Daqui vem

1.° Que o mecanismo da Linguagem imitando com os vocabulos, quanto lhe he possivel, a natureza das ideas, não podia deixar de escolher para representar esta relação simplicissima se não palavras curtas e monosyllabas, chamadas *Particulas*, como escolheu em todas as Linguas. Por isso qualquer palavra polysyllaba, que se queira introduzir na Grammatica, como preposição, se faz suspeita pela sua mesma extensão.

2.° Que toda a preposição sempre he huma palavra indeclinavel e invariavel, simples e não composta, primitiva e não dirivada. Porque a declinação, composição, e dirivação dos vocabulos não se faz senão para concentrar em huma palavra com sua idea principal outras accessorias; o que não cabe na preposição, que, como vimos, exprime huma idea so, e essa simplicissima.

3.° Que exprimindo a preposição huma relação, e toda a relação tendo necessariamente dous termos pelo menos, ella requer por consequencia duas ideas para combinar, huma *Antecedente*, e outra *Consequente*; e requer outrosi estar no meio dellas segundo a ordem da construcção direita e analytica. Digo: *Segundo a ordem da construcção direi-*

ta e analytica, porque na invertida muitas vezes succede o contrario, ou por necessidade, quando os complementos das preposições são alguns dos demonstrativos, ou puros, ou conjunctivos, como: *D'isto se segue*, *D'o que se segue*: ou por elegancia, como: *De Coimbra a Lisboa vão tantas legoas*, quando a ordem sería: *Tantas legoas vão de Coimbra a Lisboa*, ficando as preposições *de* e *a* entre o verbo *vão*, e seus respectivos complementos.

4.° Que, como a segunda idea sempre he complemento da primeira, segue-se, que esta he sempre incompleta. Ora huma idea póde ser incompleta de dous modos, ou por ser vaga e geral, e por consequencia susceptivel de determinação; ou por ser relativa, e demandar por consequencia hum termo, que complete sua relação. Daqui duas especies de complementos, huns *Determinativos*, e outros *Terminativos*. Quando digo: *O livro de Pedro*; a preposição *de* com o nome *Pedro* he hum complemento determinativo; por que determina, e restringe a significação geral e vaga da palavra *livro*. Porêm se digo: *O filho de Pedro*; o mesmo complemento ja he terminativo; porque serve de termo á significação relativa da palavra *Filho*, que o requer. As palavras de significação relativa tambem o são de huma significação vaga, mas não ás avéssas.

Daqui se segue que a palavra, que serve de termo antecedente á preposição, devendo ter huma significação vaga e indeterminada, e não havendo outras desta natureza senão os nomes appellativos, e os adjectivos explicativos e restrictivos; estes so, e não outros, são os que podem ser antecedentes da preposição: bem entendido, que nesta conta entrão tambem os verbos adjectivos e os adverbios; porque aquelles levão comsigo o adjectivo, e estes o substantivo appellativo.

Pelo contrario não podem ser antecedentes da preposição nem os nomes proprios, nem os adjectivos determinativos, menos quando são partitivos. Porque o que he determinado e determinativo, não he susceptivel de novas determinações. Mas se não podem ser antecedentes da preposição, podem ser consequentes da mesma, como tambem os nomes appellativos, quando sua significação geral he mais restricta que a do antecedente.

A preposição nunca póde ser nem antecedente, nem consequente de outra. Porque indica so huma relação entre duas ideas, e por si não significa idea alguma; o que era preciso ou para poder ser determinada, ou para servir de termo e complemento a outra preposição. Quando pois se encontrão duas preposições seguidas antes de hum mesmo consequente, como: *Perante o Juiz*, *Por de traz*, *Por diante*, *Por entre os perigos*, *Para comigo*, *Para com elle*, a segunda nunca he complemento da primeira, mas ambas tem hum complemento commum, do qual exprimem duas relações ao mesmo tempo.

E pelo contrario hum signal certo de que huma palavra não he preposição, he quando a mesma he ou precedida, ou seguida de preposição: e taes são muitos nomes e adverbios contados de nossosGrammaticos como preposições; que estão tão longe de o ser, que antes servem ou de antecedentes á preposição, que se lhes segue, ou de complementos á que lhes precede, como logo veremos.

Explicada assim a natureza da preposição, postos os principios, em que a mesma se funda, e deduzidas delles as legitimas consequencias; passemos ja a examinar 1.° quaes são as verdadeiras preposições Portuguezas, e quaes não: 2.° como se podem classificar: 3.° e como as mesmas com seus

complementos se reduzem a huma menor expressão pelos *Adverbios* em todas as Linguas, e pelos *Casos* naquellas, que os tem. O que fará a materia dos quatro artigos seguintes.

ARTIGO I.

Do numero das Preposições Portuguezas.

Nossos Grammaticos contão na Lingua Portugueza até quarenta preposições, que pela sua ordem alphabetica são as seguintes : *A*, *Abaixo*, *A'-cerca*, *Acima*, *Afora*, *Além*, *Ante*, *Antes*, *Apoz*, *A'quem*, *Arroda*, *Aoredor*, *Até*, *Atraz*, *Com*, *Contra*, *Conforme*, *De*, *Debaixo*, *Decima*, *Defronte*, *Detraz*, *Dentro*, *Depois*, *Diante*, *Desde*, *Em*, *Entre*, *Excepto*, *Juncto*, *Longe*, *Perto*, *Para*, *Per*, *Perante*, *Por*, *Segundo*, *Sem*, *Sob*, e *Sobre*. A palavra *Cerca*, que João de Barros conta como preposição, e *Fóra*, *Póz*, *Traz*, de que tambem usão nossos Escriptores, são as mesmas que *A'cerca*, *Afora*, *Apoz*, *Atraz*.

De todas estas quarenta palavras so dezeseis são preposições sem duvida alguma, a saber : *A*, *Ante*, *Apoz*, *Até*, *Com*, *Contra*, *De*, *Desde*, *Em*, *Entre*, *Para*, *Per*, *Por*, *Sem*, *Sob*, *Sobre*. As mais todas ou são nomes, ou adverbios, e como taes devem ser tiradas da posse injusta, em que as puzerão nossos Grammaticos.

São nomes substantivos servindo de complementos ás preposições que os precedem, quer separadas, quer incorporadas na mesma palavra, as seguintes : *Abaixo*, *De baixo*, *A cima*, *De cima*, *A'cerca*, *De fronte*, *A' roda*, *Ao redor* : porque todas estas palavras se achão empregadas pelos nossos Classicos, e no uso actual da Lingua como substantivos sem proposição alguma ; e com ella ficão sendo o mesmo que erão sem differença alguma mais do que

servirem de complementos á preposição, bem como os mais nomes. Se fossem preposições, mal podião ser complementos d'ellas; porque huma preposição nunca póde ser complemento d'outra, como deixámos demonstrado.

São adverbios ou expressões adverbiaes as seguintes: *Afora*, *Além*, *A'quem*, *Atraz*, *Conforme*, *Detraz*, *Dentro*, *Depois*, *Diante*, *Excepto*, *Juncto*, *Longe*, *Perto*, *Segundo*. Huma prova evidente disto he, que todas estas palavras, á excepção de *Conforme*, *Excepto*, *Segundo*, se achão na oração ou precedidas ou seguidas de preposição; e a maior parte dellas precedidas e seguidas della ao mesmo tempo. O que não podia ser, se ellas mesmas fossem verdadeiras preposições. Pois huma preposição nunca póde ser nem antecedente, nem consequente de outra, como acima fica mostrado.

Se as palavras *Conforme* e *Segundo* se achão sem preposição nem dantes nem depois, e seguidas immediatamente de seus complementos, como succede nas verdadeiras preposições, he porque tendo huma significação relativa, como os adjectivos *Conforme*, *Conformes*, *Segundo*, *Segunda*, donde se dirivárão, era facil entender entre ellas e seus complementos a preposição *a*, a qual se expressa em seus primitivos, quando por ex. dizemos: *Julgar segundo*, ou *conforme ás Leis*, que he o mesmo que *Julgar seguindo*, ou *conformemente ás Leis*. Quanto á palavra *Excepto*, ella he hum participio passivo, contrahido de *Exceptuado*: e quando dizemos *Excepto isto*, he o mesmo que *Sendo isto exceptuado*. Em todo o caso huma palavra polysyllaba, dirivada, e ella mesma nome adjectivo adverbiado, como estas são, nunca podia ser preposição pelas razões acima ponderadas.

Das palavras acima so em duas poderia haver

duvida, se são ou não, verdadeiras preposições, que são *Diante* e *Traz*. Nossos Classicos as empregão algumas vezes como preposições, pondo-as entre hum antecedente e hum consequente absolutamente, sem as fazer preceder, nem seguir de outra preposição, como : *Chegando* diante *ella*, *Trazião* diante *si*, *Postos huns*, traz *outros*, Traz *os Montes*, etc.

Mas as mais das vezes usão dellas como de adverbios, ja fazendo-as complementos de outras preposições, como : *De diante*, *Para diante*, *Em diante*, *A traz*, *De traz*, *Para traz* ; ja fazendo-as antecedentes de outras, como : *Diante de mim*, *Diante de outrem*, *Atraz da porta*, *Detraz da porta*, *Por detraz de mim* ; ja em fim usando dellas como de puros adverbios : *Hir por diante*, *Daqui em diante*, *Deixar atraz*, *Tornar atraz com a palavra* etc. Determinado pois assim o numero de nossas preposições, passemos ja a examinar as funcções e propriedade de cada huma dellas para as reduzir, se possivel for, a certas classes, e fixar por este modo seu emprego no discurso.

Quasi todos nossos Grammaticos, e Lexicographos, dão por homonymas muitas das nossas preposições, pertendendo que huma mesma preposição exprima varias relações communs a outras, segundo o uso assim o quiz. Que a preposição *a* por exemplo

Está em lugar de *com* nestas expressões : *Estar a mil modos atado* : *Dizer á bocca aberta* : *Pedir a altas vozes*.

Em lugar de *contra* nestas : *Foi-se a elle* : *Lançar barro á parede*.

Em lugar de *de*, quando digo : *Querer á boa mente*.

Em lugar de *em*, como : *Que arte á sua guerra, á sua paz achamos*.

Em lugar de *para*, e *para com*, como: *Viver a si e não para os outros*: *Grandes queixas* a *Deos*, e *ao mundo*.

Em lugar de *por*, como: *Requerer á honra de Deos*: *A' mingoa de ferro rapavão as barbas com pedras agudas*.

E finalmente em lugar de *sobre*, como: *Trazer* ás *costas*: *Pôr* ás *costas*. Vej. o Diccionario da Academia de Lisboa.

O mesmo succede com a preposição *de*, que dizem se confunde.

Ja com *em*, como: De *dia*, De *noite*, De *madrugada*.

Ja com *para*, como: *Facil* de *digerir*, *Difficil* de *alcançar*.

Ja com *por*, como: *Fugi* de *medo*: *Chorei* de *gosto*.

Ja com *com*, v. gr. *Fez isto* de *proposito*, e de *má vontade*, etc.

A ser assim, ficarião as preposições confundidas humas com outras, seu uso arbitrario e incerto, e frustrada a empresa de as reduzir a certas classes segundo suas propriedades. O uso porêm não he tão cego e despotico, que não sigua em seus procedimentos alguma razão e ordem, que cumpre indagar, para não fazer da Grammatica huma collecção mera de observações desvairadas, devendo ser hum systema razoado de analogias. Isto he que passamos a mostrar com as observações seguintes.

1.ª *Observação*.

O primeiro destino das preposições foi indicar as relações entre os objectos sensiveis por ordem ao lugar, que occupão em hum espaço, ou ao movimento, que no mesmo fazem. Mas como as mesmas relações, que ha entre os objectos sensiveis, podem

tambem haver entre as ideas abstractas, que, como aquelles, são igualmente objectos de nossos pensamentos, e as ideas abstractas o podem ser mais, ou menos; daqui vem, que huma mesma preposição póde ter lugar em casos bem dissimilhantes, de sorte que ás vezes as ultimas accepções apartão-se tanto das primeiras, que perdendo-se de vista o fio da analogia, pelo qual a preposição foi passando gradualmente de hum uso a outro, não será facil dar a razão da differença entre as suas primeiras accepções e as ultimas. Com tudo he certo, que a ha.

Quem por ex: póde duvidar, que nestas expressões: *Viver á lei da natureza*, *Vestir á moda*, *Trajar á Franceza*, se não entenda por ellipse o adverbio *Conformemente*, para ser o antecedente proprio da preposição *a*? E se o he, porque o não será tambem nesta: *Fallar a torto*, *e a direito*? Se falar *conformemente a direito* ainda se diz em bom Portuguez, porque se não entenderá o mesmo adverbio, quando dizemos *Falar a torto*? Pois *torto* he igualmente complemento da preposição *a*, como o he a palavra *direito*, e na mesma frase, e de baixo da mesma relação?

Com tudo, não obstante assim o pedir a razão, ja fica mais dura a expressão, pondo-se-lhe claro o mesmo antecedente deste modo: *Falar* conformemente a *torto*; e á vista disto ja não parecem tão duras e escabrosas muitas outras expressões, em que a analogia pede se entenda o mesmo adverbio, como: *Fazer á boa mente*, *Tomar á peior parte*, *Roubar mais a seu seguro*, *Morrer á fome*, *Pelejar* a *pé quedo*, a *cavallo*, *Passar tudo a ferro*, *fogo*, e *sangue*; *Andar* ás *cegas*; ás *apalpadelas*, ás *avessas*; e nestas: A *saber isto*, *não faria*, etc. A *ser assim*, *não quero*, etc. expressões, em que nossos Grammaticos dizem estar a preposição *a* em lugar da conjuncção *se*, fa-

zendo as frases condicionaes. O que não podia ser sem perturbar todas as ideas, que temos de Grammatica e de Logica.

De tudo isto se segue que, huma vez que o uso de nossa Lingua adoptou a preposição *a* para exprimir a relação de *Termo para onde* em geral, e em particular o de conformidade entre dous objectos, como os Latinos empregavão a sua *ad* para os mesmo fim, como: *Vivere* ad *similitudinem*, *non* ad *rationem*: todas as vezes que o complemento della significar o modo e fórma de qualquer acção, e não tiver antecedente claro, este se deve supprir pelos adverbios *Segundo*, *Conforme*, ainda que, expressados elles, fação mais extranha a frase, por se usar della so ellipticamente.

Em todas porêm se percebe o fio da analogia primitiva para não ser necessario confundir humas preposições com outras. A relação geral exprimida pela preposição he sempre a mesma. Os complementos della são os que varião, e parecem mais ou menos duros, segundo se apartão ou chegão mais áquelles, com que a preposição se juntou ao principio.

2.ª *Observação.*

A segunda observação he, que, sendo o antecedente de qualquer preposição sempre hum termo ou relativo, ou vago; no primeiro caso he preciso não confundir a relação particular do termo com a geral indicada pela preposição, antes fazer sempre distincção de huma e outra. Sem esta distincção a mesma preposição poderia parecer destinada a significar differentes relações, e ainda oppostas.

Estas frases: *Dar alguma couza* a *alguem*, *Tirar alguma couza* a *alguem*; *Dizer bem* de *alguem*, *Dizer mal* de *alguem*, fazem hum sentido contrario.

Porêm a contradicção não está nas preposições *a* e *de*, que constantemente exprimem, aquella hum termo a que se dirije huma acção ou relação, e esta hum termo donde parte ou depende qualquer acção, ou relação, ou que se olha como tal, para delle como principio ou efficiente, ou determinante se enunciar qualquer couza. A contradicção está toda nas differentes ideas relativas dos dous antecedentes da preposição *a*, que são *Dar* e *Tirar*, e entre os da preposição *de*, que são *Dizer bem* e *Dizer mal.*

Quando o antecedente da preposição *a* não tem huma significação relativa, que demande hum termo para onde, elle não póde ser o verdadeiro antecedente da preposição. Necessariamente se lhe ha de então entender outro de fóra, que por ellipse se occulta. Taes são ordinariamente.

1.° *Por respeito*, ou *Relativamente*, nestas expressões: *Que arte* (suppl. *Respeito*) á sua guerra, *á sua paz achamos? Este rio* (suppl. *Relativamente*) a *lugares* tem *quatorze e quinze braças de fundo*: *Que ao rico*, a quem mais, *todos acodem*, (1) isto he: Porque *todos acodem ao rico* á porfia ou competencia, *quem mais* acodirá?

2.° *Conformemente*, como: *Viver* (conformemente) á *Lei da natureza*, á *moda*: *Falar* a *proposito*: *Mandar* á *instancia do Povo*.

3.° *Juncto*, *Proximo*, ou *Immediatamente*, como: *Está* a *partir*: *Está* a *morrer*: *Correr ao longo do rio*: *Sentar-se* á *direita*: *Chegar* á *noite*, a o *pór do sol*.

4.° *Té*, ou *Até* nestas e semelhantes expressões: *Comprar* a *tanto*, a *tres por cento*: O arratel de *uvas val* a *dez réis*, isto he, *Até dez reis*, e não, *Por dez réis*, como Argote diz julgando que a preposição *a* se põe em lugar de *por*.

(1) Bernard. *Lima*. Cart. 16.

5.° *Virado* (versus) nestas e semelhantes locuções: Ao *Norte*, Ao *Sul*, Ao *Nascente*, Ao *Poente*: *Lançar barro á parede*: *Hir-se* a *elle*: A's *avessas*: A' *direita*, etc.

6.° *Seguindo-se*, principalmente nas distribuições, como: *Hum* a *hum*, *Dous* a *dous*, etc. (1) Todas estas expressões são ellipticas; e porque so assim se usão, quando se supprem, parecem extranhas.

No segundo caso, quando a preposição *de* não tem hum antecedente, ou relativo a hum termo Donde, ou vago, cuja significação ella haja de restringir com seu complemento; tambem ha ellipse, a qual he facil de supprir com algum nome appellativo, correspondente ao complemento da preposição, como por ex. he o appellativo *Tempo* ou *Hora* nestas expressões De *dia*, De *noite*, De *madrugada*; o appellativo *Por causa*, em estoutras: *Fugio* de *medo*, *Chorou* de *gosto*, *Fez isto* de *preposito*, de *má vontade*, *Vencido da paixão*; os appellativos *Palavra*, *Nome*, *Resposta*, *Carta*, *Papel*, nestas expressões *Dizer* de *não*, *Responder* de *não*, *Chamar* de *hypocrita*, *Escrever* de *pezames*, *Escrever* de *parabens*, *Fazer* de *galante*: o appellativo *Tenção*, ou *Resolução* em todas as Linguagens compostas do verbo *Haver* ou *Ter* e dos infinitos com a preposição *de*, como: *Hei* ou *Tenho* de *fazer*, etc.

Nestas expressões *Infeliz de mim! Pobre d'elle!* e outras similhantes ha huma ellipse do verbo *Falo*, que se deve entender antes da preposição *de*, pondo o accento exclamativo logo depois da primeira palavra, deste modo: *Infeliz! Falo* de *mim*, *Pobre! Falo delle*: a qual ellipse outro sim se deve en-

---

(1) Nossos Classicos dizem antes *Hum* e *hum*, *Dous* e *dous*, que *Hum* a *hum*, *Dous* a *dous*.

tender na expressão citada pelo A. da *Grammatica da Lingua Castelhana* : *O cão* do *criado veio com o cão* do *amo*, a qual (diz elle) por elegancia e propriedade da Lingua póde tomar-se em dous sentidos, ou que os dous cães vierão junctos, ou que vierão junctos o amo e o criado. No primeiro sentido a preposição *de* he determinativa da significação vaga do nome *Cão*, e no segundo terminativa da significação relativa do verbo *Falo*, que se lhe entende deste modo : *O cão* (falo) do *criado*, *O cão* (falo) do *amo*.

Depois destas observações não será tão difficil, como parece, o reduzir cada preposição ao seu significado proprio e natural de huma relação geral, differente das que tem as outras preposições, posto que modificada diversamente pelas differentes applicações, que da mesma fazem os seus antecedentes e consequentes : e feita esta reducção particular não será tambem difficil a geral de todas as preposições a certas classes, como passamos a vêr no Artigo seguinte.

ARTIGO II.

Classificação das Preposições Portuguezas.

Todas as preposições se podem reduzir a duas classes geraes segundo as duas relações geraes, que os objectos podem ter huns com outros, ou de *Estado* e *Existencia*, ou de *Acção*, e *Movimento*. Ambas estas relações são locaes em sua origem. A primeira diz respeito ao lugar, *onde* alguma couza está ou existe. A segunda diz respeito aos lugares, *Donde* alguma couza vem, *Poronde* vai, e *Aonde* vai : Por isso ás preposições da primeira relação geral darei o nome de *Preposições de Estado e Existencia*, e ás da segunda o de *Preposição de Acção e Movimento*.

§. I.

Primeira Classe.

Preposições de Estádo e Existencia.

As preposições desta classe exprimem as relações dos objectos por ordem ao lugar *onde* existem; ou absolutamente, ou tambem em respeito a outros objectos, que no mesmo se achão. Porque a idea do lugar *onde* he geral e indeterminada, e por isso susceptivel de varias determinações particulares, quaes são as differentes *Situações* de hum objecto a respeito de outro no mesmo lugar, e os *Acompanhamentos*, que com elle concorrem, ou deixão de concorrer. As situações podem-se considerar relativamente ou ás superficies horizontaes, ou ás perpendiculares. Tudo são modificações do lugar *onde*, que as preposições desta classe exprimem do modo seguinte.

1. *Da preposição* Em *relativa ao lugar* Onde *em geral.*

Todo o objecto sensivel, que existe, existe em hum lugar. Esta relação de existencia, a mais geral por ordem ao lugar *onde*, he a que indica nossa preposição *em*, ou se exprima e escreva assim, ou *ẽ* com todos seus sons, ou so pela letra *n'* juncta com o artigo, como: *n'o*, *n'a*, *n'os*, *n'as*. Assim do espaço do lugar dizemos: *Estar* na *Cidade*, *Estar* em o *campo*. Do espaço do lugar era facil passar ao espaço do tempo, do espaço do tempo a hum espaço ideal, e dizer: *Estar* no *inverno*, *Estar* no *verão*, e dahi *Estar* em *si*, *Estar* em *seu juizo;* e juncta com verbos de movimento significar o lugar, onde se vai

Uu

estar, como: *Passar* em *Africa*, *Sair* em *terra*, *Entrar* em *casa*, *Entrar* em *si;* e daqui por analogia Em *observancia das ordens*, Em *castigo de meus peccados*, Em *continente*, Em *geral*, Em *extremo*, *etc.*

2.° *Das preposições* Sobre, Sob, *e* Entre, *relativas ás situações horizontaes no mesmo lugar* Onde.

Por ordem ás superficies horizontaes, qualquer objecto póde ter huma situação ou *Superior*, ou *Inferior*, ou *Interior*. A primeira situação local he indicada pela nossa preposição *Sobre*, ou se diga de hum lugar real, como: *Estar* sobre a *terra;* ou virtual, como: *Estar* sobre *si*, *Disputar* sobre *alguma couza;* ou do espaço do tempo, *Sobre a tarde*, *Sobre a noute;* ou de couzas, como: *Sobre queda couce*, e daqui, *Sobre fea*, *indiscreta; Sobre ignorante*, *presumido*. As expressões adverbiaes *Em cima*, *De cima*, *Por cima*, indicão a mesma situação tanto no sentido proprio, como no figurado.

A *Situação inferior* he indicada pela preposição *Sob*, ou no sentido proprio, como: *Estar* sob *o ceo*, Sob os *parallelos do tropico de cancro;* ou no accommodaticio, como: *Sob o governo de Tiberio;* ou no figurado, *Sob tua protecção*, *amparo*, *e favor*. As expressões adverbiaes, *A baixo*, *De baixo*, *Por baixo*, exprimem a mesma situação.

Em fim a *Situação interior* he marcada pela preposição *Entre*, ou seja quanto ao lugar: *Entre o ceo e a terra;* ou quanto ao tempo, *Entre as dez e as onze;* ou quanto ás couzas, *Entre falar e calar; Entre bem e mal; Entre agradecido e queixoso*. A's vezes com esta preposição se juntão outras para mostrar ao mesmo tempo duas relações locaes do

mesmo complemento, como: *Por entre os perigos; D'entre as garras, etc.*

3.° *Das Preposições* Ante, Após, e Contra, *relativas á situação Perpendicular no mesmo lugar* Onde.

Por ordem ás superficies perpendiculares ha tambem tres situações indicadas por outras tantas preposições. Em respeito a um objecto levantado ao alto póde outro estar ou diante delle, ou detraz delle, ou defronte do mesmo; donde nascem as tres situações, *Anterior*, *Posterior*, e *Fronteira*.

A primeira he indicada pela nossa preposição *Ante*, quando entre hum e outro objecto nada se mette, como: *Appareceo* ante *mim;* e como o que está diante precede no lugar ao que está atraz, e he primeiro na ordem da processão de marcha, daqui veio que esta mesma preposição exprime tambem huma relação de precedencia e anterioridade de tempo a respeito de outra que se lhe segue, como: *Ante hontem*, *Morrer* ante *tempo*, *Ante todas as couzas*, isto he, *Antes de hontem*, *Antes do tempo*, *Antes de tudo.*

Esta preposição se junta tambem com outras para de huma vez exprimir duas relações locaes do mesmo complemento, como: *Passar* por ante *mim*, isto he, Por hum espaço diante de mim; *Pagar* d'ante *mão*, isto he, de mão anticipada. O adverbio *Diante*, de que alguns Classicos usão ainda como preposição, indica a mesma situação, como: *Diante mim*, e *Diante de mim.*

A posição *Posterior*, contraria á *Anterior*, he marcada pela preposição *Após*, ou *Pós* por apherese, quando se diz de lugar, como: *Após a cruz hia a bandeira real*, isto he, atraz da cruz; *Após o Cavalleiro na garupa vai sentado o negro cuidado.* (Post

equitem sedet atra cura). Daqui veio significar tambem esta preposição a relação de anterioridade, quando se applica ao tempo, assim como *Ante* significa posterioridade, quando se diz do mesmo, como: *Claro* após *chuva o sol*, Pós *noite o dia;* isto he, Depois da chuva, Depois da noite.

A mesma preposição torna a sua significação propria e primitiva com os verbos de movimento, como: *Correr* após *as honras*, *Após a fortuna vem a adversidade*, isto he, *Atraz* das honras, *Atraz* da fortuna; que por isso este adverbio substitue ás vezes a preposição, e como tal he ás vezes empregada pelos nossos Classicos, como: *Traz elles vindo*, *Postos huns* traz *outros*.

Finalmente a posição *Fronteira* de hum objecto, contraposto a outro, defronte do qual está, ainda que não immediatamente, he indicada pela nossa preposição *Contra*, como: *Virado* contra *o nascente*, *Levantou os olhos* contra *o ceo*. Asurara C 44. *Assestar* a *artilharia* contra *a cidade*. E como quem peleja tem sempre o inimigo defronte, foi facil da idea de contraposição passar á de opposição; e daqui a analogia destas, e outras expressões: *Advogar* contra *o reo*, *Falar* contra *alguem*. A formula adverbial *Defronte* substitue esta preposição na sua primeira significação.

4.º *Das Preposições* Com *e* Sem *relativas aos Acompanhamentos no mesmo lugar.*

Outra determinação e circunstancia do lugar *onde* são os acompanhamentos do objecto situado, que compõem os ornatos e accessorios da scena, em que elle se acha, ou faz alguma acção. Para exprimir as relações do objecto principal com estes acompanhamentos, temos duas preposições;

huma que indica a relação de companhia, o concurso dos mesmos, e outra a exclusão total dos mesmos.

A primeira he a preposição *Com*, que exprime ou a união e concurso mutuo de duas couzas principaes, como: *Portugal* com *Hespanha*, *Estou* com *meus amigos*; ou de huma principal e outra accessoria, como he ja a causa com seu instrumento: *Matar* com *a espada*, *Escrever* com *a penna*; ja a substancia com seu modo: *Estar* com *medo*, *Trabalhar* com *cuidado*; ja de hum termo de communicação com outro: *Ganhar nome* com *os estrangeiros*, *Caritativo* com *os pobres*, *Cumprir* com *a obrigação*, *etc.* Para fazer esta communicação comparativa, se costuma juntar com esta a preposição *Para*, como: *Para comigo*, *Para com os outros*.

A segunda he a preposição *Sem*, que exclue toda a união, e concurso dos mesmos acompanhamentos, como: *Portugal* sem *Hespanha*, *Estou* sem *amigos*, *Matar* sem *espada*, *Estar* sem *medo*, *Trabalhar* sem *cuidado*, *Ganhar nome* sem *o procurar*, *Caritativo* sem *ter com quem*. Neste ultimo exemplo se vê, que a preposição *sem* não so exclue ideas, mas tambem orações inteiras, quando tem por complemento ou infinitos ou orações subordinadas e subjunctivas, como: *Sem que faça duvida*, *etc.*

Todas estas nove preposições exprimem relações de estado e existencia em algum lugar e situação; e por isso todas ellas se podem juntar, e se accommodão melhor com os verbos substantivos *Ser* e *Estar*, e com todos os mais, que significão existencia ou simples, ou qualificada, quaes são os verbos intransitivos. Assim podemos dizer: *Estar* em, *Estar* sobre, *Estar* sob, *Estar* entre, etc. Mas não podemos igualmente dizer: *Estar* de, *Estar* a, *Estar* para, etc. se não por ellipse, entendendo-se de fóra algum antecedente proprio ás preposições,

que exprimem relações, não ja de estado e existencia, mas de acção e movimento, como são estas, e outras, que pertencem á segunda classe.

§. II.

SEGUNDA CLASSE

Preposições de Acção e Movimento.

Toda a acção he hum movimento ou real, ou virtual, e todo o movimento tem hum principio *d'onde* parte, hum meio *por onde* passa, e hum fim *aonde*, ou *para onde* se dirige. Estas são as relações geraes das preposições activas, cujo primeiro destino tendo sido o de indicar o lugar donde começa qualquer movimento, o espaço por onde passa, e o termo aonde se encaminha; daqui por analogia do espaço local com o espaço do tempo passarão a significar as mesmas relações por ordem ao tempo, em que huma couza começa, pelo qual continúa, e aonde termina.

Depois de considerar o tempo como hum espaço analogo ao do lugar, não he para admirar, que o espirito humano passasse a considerar como huma especie de espaço abstracto qualquer pensamento, em que pudesse distinguir huma idea, da qual como de principio fosse discorrendo por outras intermedias para chegar a huma terceira, que se propoz. A mesma palavra *Discurso* suppõe huma especie de espaço ideal, em que as ideas se succedem humas a outras.

Daqui vem as differentes accepções, que huma mesma preposição vai tomando, á medida que se applica a ideas mais, ou menos abstractas; as quaes com tudo se reduzem á mesma relação geral, que faz seu caracter; se ha cuidado em seguir passo e

passo o fio da analogia, pelo qual as que parecem mais desvairadas, andão ligadas com as primeiras e fundamentaes, como passamos a vêr.

1.° *Das preposições* De, Desde, *e* Por, *pertencentes ao lugar* D'onde.

Para o principio, *d'onde* começa qualquer movimento e acção, temos tres preposições, que são *De*, *Desde*, e *Por*, que tem a mesma força que as Latinas *De*, *A*, *Ab*, *Pro*, e *Propter*.

Mas a primeira e segunda são mais proprias para denotar hum principio physico, e a terceira hum principio moral; aquellas hum principio de origem, e esta hum principio como causa.

A preposição *De* ou tem hum antecedente de significação relativa, ou de significação vaga. No primeiro caso exprime hum complemento *Terminativo*, indicando o termo de hum principio, d'onde alguma couza ou vem, como: *Venho* de *Lisboa;* ou provêm, como: *Nascer* d'a *terra;* ou começa, como: *De hum cabo a outro;* ou he causada, como: *Vencido* da *dor*, *Morto* de *fome*.

No segundo caso exprime hum complemento *Restrictivo*, que limita a significação vaga e geral de seu antecedente, ou pelo seu possuidor, e autor, como: *Senhor* d'o *mundo*, *Pinturas* de *Vasco;* ou pela sua materia, *Vaso* de *ouro;* ou pelo seu instrumento, *Obras* de *mão;* ou pelo seu modo, *Falou d'esta sorte;* ou pelas suas qualidades, *Homem* de *juizo, etc.* Todas as vezes que se encontrar esta preposição com seu complemento sem antecedente, he sempre huma expressão ou adverbial, ou elliptica, a que se deve entender hum nome appellativo, que lhe sirva de antecedente, como atraz deixamos mostrado.

A preposição *Desde* accrescenta á relação de

principio, indicada pela preposição *De*, a idea de continuação no mesmo espaço com tendencia ao seu fim, que por isso anda juncta ordinariamente com a preposição *Até*, e se diz propriamente so do espaço ou do lugar, ou do tempo, como: *Desde Coimbra até Lisboa*, *Desd'a Pascoa até o S. João;* e com a apocope do *de* dizemos *Des hi até aqui*, *Des que nasci*, *etc*. Para differença desta preposição á antecedente deve-se notar, que não he o mesmo dizer: *De então para cá tem chovido*, e *Desde então para cá tem chovido*. Para se verificar a primeira preposição, basta ter chovido huma so vez; para se verificar a segunda, he preciso, que a chuva fosse continuada.

O mesmo principio *D'onde* he indicado pela preposição *Por*, que tem duas significações, huma em lugar de *Por causa*, da preposição Latina *Propter*, ou esta causa seja physica, como: *Vencidos* pol'os *Romanos*, ou moral, como: *Obrár* por *interesse:* outra, como se dissesse *Em lugar*, que he tambem o significado da preposição Latina *Pro*, de que se usa nas trocas e substituições, como: *Vender gato por lebre*.

E como em juizo em lugar do reo se substitue o seu procurador e advogado, daqui as expressões *Advogar* por *alguem*, *Pedir* por *alguem*, *Temer* por *si*.

A preposição *Por* não se deve confundir com *Per*, como vulgarmente se faz escrevendo *Por* em lugar de *Per*, e *Pel'o* em lugar de *Pol'o*, como: *Cortar* por *si* em lugar de *Cortar* per *si*, e *Pel'o amor de Deos* em lugar de *Pol'o amor de Deos*. Nossos Classicos, e Lucena principalmente, guardão exactamente esta distincção no emprego, e orthographia destas duas preposições: o que ja notou Duarte Nunes de Leão na sua *Origem e Orthographia da Lingua Portugueza*, pag. 288 Regra X.

2.° *Da Preposição* Per *pertencente ao lugar* Per *onde.*

Para notar a relação de hum espaço, *por onde* alguem passa, e consequentemente a de hum meio, pel'o qual alguma couza se faz, não ha se não a preposição *Per*. Ella significou primeiro o espaço do lugar, por onde alguma couza se move, como: *Andar* per *montes e valles, Ir pel'o mar, Ir pel'a terra.* Daqui passou a significar o espaço do tempo, pel'o qual alguma couza acconteceo, como: *Pel'os annos do mundo quatro mil nasceo Jesus Christo.* Daqui por analogia passou a significar qualquer espaço ideal intermedio: *Passar pel'os perigos, pel'a vergonha, Fazer* por *necessidade*, por *bem*, por *mal*; (usando como ora se usa de *Por* em lugar de *Per.*)

E como hum espaço intermedio tem grande semelhança com o *meio, instrumento,* ou *modo*, pel'o qual se consegue hum fim, daqui veio dizermos no sentido proprio *Traspassado* pel'a *lança*, e no figurado *Conhecer* pel'a *razão, Elevar-se* pel'a *intriga.*

3.° *Das Preposições* A, Até, Para, *pertencentes ao lugar Para onde.*

Finalmente o termo de hum movimento e acção póde ser ou immediato e proximo, ou ultimo e final. O primeiro he aquelle, em que se exercita huma acção, ou a que passa, e se attribue sem outros termos intermedios: o segundo aquelle, a que por ultimo se dirigem todos os termos immediatos e mediatos. Para exprimir o primeiro temos a preposição *a*, e para o segundo as preposições *até, para.*

A primeira accepção da preposição *a* he a de significar hum lugar, aonde se dirige immediatamen-

te qualquer movimento sem tenção de parar no mesmo lugar, como: *Vou* a *Lisboa*, e *não* para *Lisboa*; *Vou* a *Lisboa*, e *dalli* para *o Brasil*. Do termo do lugar passou a significar o termo do espaço do tempo: *De Janeiro á Janeiro vão doze mezes.*

Pela grande analogia, que tem entre si o termo de hum movimento e o termo de huma acção, quer seja corporal, quer intellectual, a mesma preposição *a* passou a exprimir todas as relações de termo, *aonde*, ou este seja o primeiro e immediato de huma acção, chamado *Objecto*, como: *Amo* a *Deos*, ou o segundo e proximo, chamado de *Attribuição*, como: *Tenho amor* a *Deos*, *á virtude*; ou termo de *Direcção*, como: *Pôr os olhos* a *todas as partes*; ou de *Relação* e Respeito, como: *Arte á sua guerra*, *á sua paz achamos*; ou de *Contiguidade*, como: *Correr* ao *longo do rio*, *Estar á direita*, *Chegar* ao *pôr do sol*; ou de *Tendencia* e Proporção, como: *Ajustei* a *tanto*, *Val* a *dez réis*; ou de *Comparação*, como: *A qual mais sabio*; ou em fim de *Conformidade*, como: *Viver* á *moda*, *Fazer á boamente*, *Tomar* a *peior parte*, *Morrer* á *fome*, *Andar* a *pé*, a *cavallo*, *Passar* á *espada*, *Obrar* ás *claras*, ás *escondidas*, *A ser assim*, *A dizer a verdade*, etc. Vej. acima Art. I. *Observ.* 1.ª e 2.ª

A preposição *até*, ou simplesmente *té*, ajunta á relação de termo significada pel'a preposição *a*, a de tendencia continuada para o mesmo, como: *Vou* até *Coimbra*, e *depois chegarei* até *Lisboa*; *Alexandre foi* até *á India*; *Até á manhã*, *Até o outro dia*; *He necessario pelejar* até *vencer*; *Levava* até *mil Soldados*; *Lançar* até *cem mil réis*.

Esta preposição parece adverbio em lugar de *ainda* nestas e semelhantes phrases: *Até os mais vis homens ousavão ludibrial-o*; *Fazendo particulares tractados* até *dos dictos breves*; *As obras do victorioso*

e *favorecido da fortuna*, até *para cantar são gostosas*: porêm não he; mas sim a mesma preposição, que serve de remate e complemento a huma serie total de individuos, entendendo-se-lhe antes *Todos*, *Tudo*, como: *Todos continuadamente*, até *os mais vis ousavão*, etc. *Fazendo particulares tractados de tudo*, até *dos ditos breves*; *As obras do victorioso. . . são gostosas para tudo*, até *para cantar*.

Finalmente a preposição *para* mostra hum termo final, para onde se dirige qualquer movimento ou acção, e tem a mesma differença da preposição *a* acima, que tinhão entre os Latinos as duas preposições *ad*, e *in*; por exemplo: *S. Paulo em vida foi* ao *ceo* (ad cælum), *e depois de morto foi* para *o ceo* (in cælum). Porque *Ir* á *Cidade* (ad urbem), e *Ir* para a *Cidade* (in urbem) são couzas differentes. A primeira exprime o termo da acção, a segunda o fim da mesma. Daqui vem, que a mesma relação do fim, que os Latinos exprimião pelo seu adverbio *ut*, exprimimos nós pela preposição *para*, como: *Vim* para *te vér*, para *te consolar*.

E como o fim, a que se tende, leva comsigo a direcção das faculdades da alma e do corpo ao mesmo objecto, a qual os Latinos notavão com as suas preposições *Erga*, *Adversus*, ou *Versus*; a mesma direcção he exprimida pela nossa preposição *para*, como: *Estar para o nascente*, *Olhar* para *alguem*, *De mim* para *mim*.

E daqui a idea de *Tendencia* e inclinação: *Os corpos tendem* para *o centro*; *Ha outo* para *nove annos*; *Estou* para *partir*; que não quer dizer o mesmo que *Estou* a *partir*. A primeira expressão mostra tenção, a segunda proximidade. A mesma idea de direcção traz comsigo a de comparação nestas expressões: *Para principiante*, *não o fez mal*; *Para o que merecia, pouco se lhe deo*; e com a preposição *com*:

Que he a creatura para com *o Creador? Para comigo passa por ignorante*, etc.

ARTIGO III.

Reducção das Preposições com seus complementos em Adverbios.

Adverbio não he outra couza mais do que huma *reducção*, ou *expressão abbreviada da preposição com seu complemento em huma so palavra indeclinavel.* Chama-se *adverbio*, porque, bem como a preposição com seu complemento se ajunta a qualquer palavra de significação ou vaga ou relativa para a modificar restringindo-a ou completando-a; o mesmo faz o adverbio com mais consisão e brevidade. Quer eu diga pela preposição com seu complemento *Obrar com prudencia*; quer reduzindo a cauza a menor expressão diga *Obrar prudentemente:* a significação vaga do verbo *obrar* fica igualmente modificada e determinada pelo adverbio, como pela preposição com seu complemento.

O adverbio pois não modifica so os verbos, como querem os Grammaticos, mas qualquer palavra susceptivel de determinação, quaes são tambem os appellativos, os adjectivos, e os mesmos adverbios, como se póde vêr nestes exemplos: *Jesus Christo he* verdadeiramente Deos, *e ao mesmo tempo* verdadeiramente homem; *Hum homem* bem fidalgo. Hião attonitos de vêr tornar *tão cordeiro* quem *tão leão* viera. *Souza* Vida do Arc. III, 12. Nunca pareceo *mais* filho de tal pai. Jacyntho Freire, IV. 67. Logo immediatamente *succedeo*. A etymologia da palavra *Adverbio*, como quem diz *Adjuncto ao verbo*, não se deve entender do *Verbo* como huma das seis partes elementares da oração, mas de qualquer palavra ca-

paz de modificação; quç isto significa o nome Latino *Verbum* em toda sua extensão.

Daqui se vê, que o adverbio não constitue per si huma especie differente entre as partes elementares do discurso; pois que se resolve naturalmente nos dous elementos, ja contados nas mesmas partes, a saber: a *Preposição* e o *Nome*, que lhe serve de complemento. Muitas palavras mesmo, que nossos Grammaticos contão entre os adverbios, levão comsigo as preposições claras para se não poderem desconhecer, como são entre outras muitas *A'cerca*, *Abaixo*, *Debaixo*, *Acima*, *De cima*, etc.; e todos os adverbios de *Qualidade*, formados dos adjectivos e terminados em *mente*, não erão na baixa Latinidade senão huns ablativos regidos da preposição *Cum*, como: *Justamente*, *Claramente*.

Para evitar nesta materia qualquer confusão, faz-se preciso distinguir *Adverbios* propriamente dictos, *Nomes Adverbiados*, e *Expressões* ou *Formulas Adverbiaes*.

O *Adverbio* he huma reducção da preposição com seu complemento em huma só palavra, e essa invariavel, e sem outro uso na Lingua. Por exemplo o adverbio *Aqui* comprehende em si a preposição *em*, e o seu complemento he *Este lugar*; como se dissessemos: *Neste lugar*. He huma palavra indeclinavel e invariavel em genero e numero, e alêm disto não tem outro emprego em nossa Lingua afora este. O mesmo, que se observa neste adverbio, se acha tambem em os mais, que o são verdadeiramente.

Os *Nomes adverbiados* tambem são reducções de huma preposição com seu complemento, e em huma so palavra. Porêm esta palavra de sua natureza he declinavel, como nome que he, e assim susceptivel de outro emprego na enunciação do pensamento. Por exemplo o nome *Certo* varía de termina-

ções genericas, como *Certo, Certa*; varía de terminações numeraes, como *Certos, Certas*. Mas sua terminação masculina e neutra do singular he adverbiada e empregada como adverbio em lugar de *Certamente* nestas e semelhantes expressões: *Certo sei*, *Certo que isto he malfeito* e alêm deste uso tem tambem o de significar huma idea accessoria de outra, como tem todos os adjectivos.

Expressões ou *Formulas Adverbiaes* em fim são as que, contendo o complemento com a sua preposição expressa quer incorporada no mesmo, quer separada (o que não succede nem nos adverbios, nem nos Nomes adverbiados); o mesmo complemento he elliptico, isto he, falto de alguma palavra, que se lhe entende, ou por ser elle mesmo hum adverbio, ou hum adjectivo sem o seu substantivo expresso. Taes são as expressões *D'aqui*, *D'alli*, *D'aquem*, *D'alem*, equivalentes a estas: *D'este lugar*, *D'aquelle lugar*, *Da parte de cá*, *Da parte de lá*; e bem assim estoutras: *A'lerta*, *A's avessas*, *A's direitas*, *A's claras*, *A's escondidas*, etc. na primeira das quaes se entende *orelha* (arrecta aure), e nas segundas seguintes o substantivo *Partes*, como *A's avessas partes*, etc.

Por falta desta distincção nascida mesmo da natureza adverbial, que requer necessariamente huma reducção ou na preposição, ou no complemento, confundírão tudo nossos Grammaticos. Esquecendo-se ainda das mesmas definições, que dão do adverbio, que dizem ser huma voz indeclinavel, mettem nesta conta expressões, que nada tem de adverbiaes; porque são huns meros complementos com suas preposições, que não ha mais razão para pôr na classe dos adverbios do que qualquer outro substantivo com a sua preposição juncta; o que seria huma estranha confusão. Taes são: *Sem duvida*, *De nenhuma sorte*, *Porque*, *Porque razão*, *Do mesmo mo-*

do, *Na verdade*, e outras, que *Argote*, e *Lobato* contão como adverbios. Feitas assim as devidas advertencias, passemos ja a dar listas mais exactas dos nossos *Adverbios*, dos *Nomes adverbiados*, e das *Expressões* ou *Formulas Adverbiaes* com suas analyses correspondentes.

§. I.

Adverbios Portuguezes.

Ja dissemos, que adverbio propriamente dicto he huma palavra so, e essa indeclinavel, e destinada pelo uso para exprimir com mais brevidade huma preposição com seu complemento. Destes adverbios huns se achão feitos; e taes, quaes são, os recebemos do uso, como são quasi todos os adverbios de *Lugar*, de *Tempo*, e de *Quantidade*: outros porêm formão-se segundo as regras da analogia; e taes são quasi todos os de *Modo*, e *Qualidade*. Em huns e outros sempre se supprime a preposição, que nos primeiros he ordinariamente *em*, e nos segundos *com*, que por isso são mui faceis de supprir.

O complemento so, he que he exprimido pelo adverbio, e nos de lugar, tempo, e quantidade he composto de duas ideas, huma geral, expressiva do lugar, tempo, e quantidade; e outra individual, indicada por algum dos Demonstrativos; mas ambas encolhidas e concentradas em hum pequeno vocabulo.

Assim por exemplo no adverbio de lugar *Onde*, 1.° ha huma ellipse da preposição *em*; a qual, como se não exprime, dá lugar a este mesmo adverbio se poder juntar com outras preposições; como: *D'onde*, *Por onde*, *Aonde*, *Para onde*, o que accontece em quasi todos os mais adverbios desta classe. 2.° O complemento indicado pelo adverbio *onde* he com-

posto da idea geral de lugar, e da sua determinação particular, feita pelo demonstrativo conjunctivo *Qual*, *Que*; de sorte que esta pequena palavra, analysada, e resolvida em seus elementos dá esta frase: *Em o qual Lugar*, ou *Em que Lugar?* O mesmo se póde observar nos mais adverbios de lugar, de tempo, e de quantidade, cujo catalogo com as suas analyses he o seguinte. Nelle entrão não so os adverbios do uso, mas ainda os antigos; que ainda não cahírão delle, e os antiquados, inteiramente ja desusados.

Adverbios de Lugar.

Onde, (ú *antiq.*)	Em o qual lugar. Em que lugar?
Algures *antig.*	Em algum lugar.
Alhures *antiq.*	Em outro lugar.
Nenhures *antig.*	Em nenhum lugar.
Aqui, (qui *antiq.*)	N'este lugar.
Ahi, (hi *antiq.*)	N'esse lugar.
Dahi, (Dhi *antig.*; Ende *antiq.*)	D'esse lugar *(Inde)*
Alli	N'aquelle lugar.
Aquem	D'esta parte, onde estamos
Alem	Da outra parte contraria.
Cá	N'este lugar *(indeterminado).*
Lá	N'esse lugar *(indeterminado).*
Acolá	N'aquelle lugar *(indeterminado).*
Arriba	No lugar acima.
Cerca	Em torno, A respeito, Quasi.
Dentro	Em a parte interior.
Fóra	Em a parte exterior.
Diante	Em a parte anterior.
Traz	Em a parte posterior.
Longe	Em muita distancia.
Perto	Em pouca distancia.

Adverbios de Tempo.

Quando	No tempo que, Em que tempo?
Sempre	Em todo o tempo.
Nunca	Em nenhum tempo.
Então	N'aquelle tempo.
Agora	N'este tempo.
Avante	Para o futuro.
Antes	Em o tempo antecedente.
Depois	Em o tempo seguinte.
Hontem	Em o dia antecedente ao em que estou.
Hoje	Em o dia presente.
Logo	Em o mesmo instante.
Ja	N'este instante.
Ainda, (Inda *antiq.*; En *antiq.*)	Até esta hora.
Cedo	Em pouco tempo.
Asinha *antiq.*	Depressa.

Adverbios de Quantidade.

Tam	Em tanta quantidade.
Quam	Em quanta quantidade.
Mui	Em muita quantidade.
Mais	Em maior quantidade.
Menos	Em menor quantidade.
Assaz	Em abastança.
Apenas	Com escassez.
Adur *antiq.*	Apenas.
Quasi	Com pouca differença para menos.
Cerca	Pouco mais ou menos.
Sequer	Ao menos.

Adverbios de Modo, e Qualidade.

Sim, (Si *antiq.*)	Affirmativamente,
Não	Negativamente,
Assim, (Assi *antiq.*)	Em tal maneira.
Como	Em qual maneira.
Talvez	A caso, Por ventura.
Quiçá, (*antig. Quiçáis antiq.*)	Talvez.
Eis	Em presença, À vista.

A maior parte porêm dos adverbios de *Qualidade* forma-se dos adjectivos de huma so terminação, e quando tem duas, da feminina, accrescentando-lhes a particula *mente*, como: *Prudentemente, Capazmente, Justamente, Irmãmente;* a qual particula qualquer que seja sua origem, corresponde á terminação adverbial Latina *ter*, e val tanto como *cum*, de sorte que *Prudentemente* he o mesmo que *Com prudencia, etc.*

A formação desta sorte de adverbios he tão regular que não soffre excepção alguma. Se a alguns adjectivos senão póde ajuntar esta terminação adverbial, he, ou porque são determinativos, e como não podem ser antecedentes da preposição, tambem pela mesma rasão senão podem adverbiar: ou porque, tendo duas fórmas, huma antiga e outra mais moderna, a antiga, com exclusão desta, ficou na posse de se adverbiar.

Assim ao mesmo tempo que *Impune* e *Impunido* são dous adjectivos da mesma origem e significação, adverbiamos o primeiro dizendo *Impunemente*, e não o segundo. Do mesmo modo dando agora alguns terminação feminina ao adjectivo *Commum;* como antigamente a não tinha, ficou a masculina em sua posse, ao parecer, contra a regra, dizendo-se melhor *Commummente* do que *Commuamente.*

Quando se continuão muitos adverbios desta qualidade, so ao ultimo adjectivo he, que se ajun-

ta a particula *mente*, entendendo-se a mesma nos precedentes; que por isso, tendo duas terminações, tomão sempre a feminina para se lhes poder accommodar, como: *Verdadeira* e *realmente; Segura* e *livremente; Forte sabia* e *constantemente.*

A's vezes com tudo a mesma particula se ajunta a todos os adjectivos, quando se querem inculcar mais as ideas, que exprimem, como: *Vivamos neste mundo*, diz o Apostolo, *sobriamente*, *piamente*, e *justamente*.

§. II.

Nomes Adverbiados.

O segundo modo de reduzir a menor expressão as preposições com seus complementos he o adverbiar os mesmos nomes, de sua natureza destinados so a significar os objectos ou seus accessorios e attributos, e não as modificações accidentaes dos mesmos. O modo de fazer isto he primeiramente a ellipse, pela qual se sobentende a preposição ao nome que se quer adverbiar; e em segundo lugar tomar o mesmo nome substantivamente, se elle he adjectivo, e na parte neutra, como costumavão os Gregos, e Latinos.

A Lingua Portugueza tem muitos destes nomes adverbiados pelo uso tanto substantivos, como adjectivos. Taes são, para exprimir as modificações do *Lugar*, *Alto*, *Baixo*, *Continuo*, *Juncto; Segundo*, *etc.:* as do *Tempo*, *Ora*, *Subito*, *Tarde;* as de *Quantidade*, *Muito*, *Mais*, *Menos*, *Pouco*, *Tanto*, *Quanto;* e as de *Modo* e Qualidade, *Attento*, *Bastante*, *Barato*, *Caro*, *Certo*, *Claro*, *Conforme*, *Bem*, *Mal*, *Melhor*, *Peor*, *Justo*, *Rijo*, *So*, *etc.* como: *Falar alto*, *baixo*, *rijo*, isto he, *Em tom alto*, *baixo*, *rijo; Comprar barato*, *caro*, isto he, *Em preço barato*, *caro*, e assim nos mais.

§. III.

Expressões, e Formulas Adverbiaes.

O terceiro modo de reducção das preposições com seus complementos se faz por meio das *Expressões Adverbiaes*. Chamão-se assim as formulas abbreviadas das preposições com seus complementos, não pela concentração de huma couza e outra em huma unica palavra, como succede no adverbio; nem pela suppressão so da preposição, como accontece nos nomes adverbiados; mas sim pela suppressão e ellipse de huma parte do complemento total.

Assim esta locução *Com cegueira* se reduz a menor expressão ou pelo adverbio *Cegamente*, ou pela frase adverbial *A's cegas;* que analysada e supprido o substantivo occulto, quer dizer: *As apalpadcllas cegas.* Ora o complemento de huma frase adverbial póde ser elliptico, ou por ser elle mesmo hum adverbio, ou por ser hum adjectivo com o seu substantivo occulto, ou pelo contrario o substantivo com o seu adjectivo sobentendido.

Do primeiro modo são frases adverbiaes todos os adverbios de lugar, e de tempo, quando se lhes ajunta huma ou mais preposições para os determinar; ao que alguns Grammaticos chamão *Adverbios Compostos*, e *Sobrecompostos*, como: *D'onde*, *Por onde*, *Aonde*, *Para onde*, *D'aqui*, *Desd'aqui*, *Atéqui*, *D'alli*, *Desd'alli*, *Atélli*, *Des hi*, *Afóra*, *Defóra*, *Emfóra*, *A'cerca*, *D'antes*, *De traz*, *Por de traz*, *De cima*, *Em cima*, *Por de cima*, *De baixo*, *Abaixo*, *Por baixo*, *Antehontem*, *Trazantehontem*, *A diante*, *Para diante*, *Em diante*, e assim outros muitos.

Do segundo modo são frases, ou formulas adverbiaes as seguintes: *Afim*, *Em fim*, *De sorte*, *Porque*, *A torto e a direito*, *A's claras*, *A's escuras*, *De*

improviso, *De mais a mais*, *Em continente*, *Em vão*, *Debalde*, *Por de mais*, *sobremaneira*, ou *Sobre modo*, e infinitas outras que o uso ensina.

ARTIGO IV.

Reducção das preposições com seus Complementos em Casos.

Outro modo de adverbiar, e reduzir a menor expressão as preposições com seus complementos he por meio dos *Casos*, ou terminações obliquas dos nomes. Para melhor se perceber isto, he preciso notar que tres são os modos, pelos quaes as Linguas podem exprimir, e exprimem de facto as relações, que a idea significada por hum nome póde ter com outra: ou servindo-se somente de *Preposições*, isto he, de particulas postas para este fim antes dos nomes, quer separadas, quer junctas aos mesmos; ou de *Preposições*, isto he, das mesmas particulas, accrescentadas no fim, e unidas aos mesmos nomes, dando-lhes assim varias terminações, chamadas *Casos;* ou de huma e outra couza ao mesmo tempo.

As Linguas Hebraica, Syriaca, Chaldaica, e a Portugueza, Espanhola, Franceza, Italiana, e ainda a Ingleza, servem-se para este fim so das *Preposições.* Porêm a Lingua Vasconça (da qual usão os povos que habitão ao longo do golfo da Gasconha, assim da parte da Biscaia, como da França), e a Lingua dos povos do Perú na America Espanhola não empregão preposição alguma, e usão so das *Posposições*, ou particulas terminativas, que ajuntão ao fim dos nomes para os fazer complementos de varias relações.

Estas Linguas pois vem a ter effectivamente tantos casos, quantas são as encliticas finaes, que admittem para denotar as relações geraes; e todos

estes casos formados por este modo são adverbiaes, como o são sempre os genitivos e dativos Latinos, que nunca levão preposição, e os mais casos tambem, quando a não levão. O Padre de *Larramendi*, Jesuita, que em 1729 deu á luz huma Grammatica Vasconça, escripta em Espanhol de baixo do pomposo titulo de *El Imposibele vencido*, ou *Arte de la Lingua Bascongada*, impressa em Salamanca, no Cap. IX. da II. Parte, reconhece que estas terminações, a que elle chama *Posposições*, semelhantes aos *Affixos Hebraicos*, equivalem ás preposições, dizendo: *Que as palavras Bascas, sendo compostas de duas distinctas, parecem simples so pela continuação de huma com outra. Porém que se devem distinguir para a sua regencia, e para dar o correspondente ás preposições do Latim, e das outras Linguas.*

As Linguas em fim, que empregão ao mesmo tempo as *Posposições*, ou *Casos*, e as *Preposições*, são entre as antigas a Grega e a Latina, e entre as modernas a Armenia e a Alemã. Como o numero dos casos em estas Linguas nunca chega ao das Linguas Vasconça e Peruviana, nem excede o de seis, virão-se obrigadas a recorrer tambem ás preposições para exprimir muitas outras relações, que mal se podião indicar so com seis casos das Linguas Grega e Latina.

Não discuto aqui a questão sobre as vantagens comparativas das Linguas, segundo ellas usão ou so de casos, ou so de preposições, ou de huma cousa e outra. O que he certo, he, que a Lingua Portugueza e as mais do meio dia da Europa chegão por meio so das preposições a exprimir com fidelidade, e talvez ainda com mais clareza e distincção todas as relações indicadas pelos casos em outras Linguas.

A unica vantagem, que tem os casos, he a de

abbreviarem mais a expressão, mettendo em huma palavra so a idea significada por ella e a sua relação com outra, como fazem os adverbios. A Lingua Portugueza não tem declinações, propriamente dictas, nem casos por consequencia, á excepção dos pronomes primitivos, que sendo de hum uso continuo e repetido no discurso; se delles se usasse sempre com preposições, retalharião sobre maneira o discurso, e impedirião muito a marcha da oração e do sentido.

Estes pois tem casos, huns á Vasconça com as preposições affixas no fim, como: *migo*, *tigo*, *sigo*, *nósco*, *vósco;* outros adverbiaes sem preposição alguma, á Latina, como: *mè*, *nòs*, *tè*, *vòs*, *sè*, *ò*, *à*, *òs*, *às*, *lhè*, *lhès;* outros, que senão usão senão junctamente com as preposições atraz, como: *mim*, *ti*, *si;* e outros em fim, que levão as preposições atraz e as posposições adiante, á Grega e Latina, como: *Comigo*, *Comnósco*, *Comtigo*, *Comvósco*, *Comsigo*.

A fóra estes nenhum outro nome Portuguez tem casos. Porèm, isto não obstante, nossa Lingua consegue o exprimir com toda a facilidade pela posição dos nomes, pelo artigo, e pelas preposições, todas as relações, que os Latinos exprimião pelos seus seis casos, deste modo: a *Relação subjectiva* do nominativo Latino pela posição do nome antes do verbo, e pelo artigo que lhe ajunta, como: *O entendimento*, *a rasão*, *e o conselho residem nos velhos:* a *Relação* de huma segunda pessoa com quem se fala, indicada pelo vocativo Latino, he exprimida em nossa Lingua pela interjeição vocativa *ó*, ou clara ou entendida antes do nome, como: *O' Ceos ouvi-me;* a *Relação Restrictiva* do genitivo Latino, pelo nome com a preposição *de* atraz, como *Vaso de ouro:* a *Relação Terminativa* do dativo Latino, pelo nome com a preposição *a* dantes, como: *Ap-*

plicar-se ás *Letras*, *Ser util* á *Patria*: a *Relação objectiva* do accusativo Latino ou pela simples posição do nome logo depois do verbo activo: *Amo as riquezas*, *Desejo as honras*, ou com a preposição *a* quando o nome he de pessoa, como: *Amo a Deos*: a *Relação* em fim de *Circunstancia* exprimida pelo ablativo Latino, com o nome feito complemento de varias preposições, como: *Vou* com *Antonio* de *Coimbra* para *Lisboa* em *companhia* de *outras pessoas* sem *outro fim mais* do *que divertir-me*. Mas disto tractaremos nós a proposito no livro da Syntaxe. Passemos ja á ultima parte elementar do discurso, que he a *Conjuncção*.

CAPITULO VI.

Da Conjuncção.

Conjuncção he huma parte conjunctiva da oração, que exprime as relações de *Nexo* e *Ordem*, que as proposições tem entre si para fazerem hum sentido total. O verbo pois combina e ata os termos da proposição, que são o sujeito e o attributo; a preposição conjuncta os complementos com o sujeito e com o attributo: porêm a conjuncção não ata nem os termos da proposição, nem os seus complementos; mas as mesmas proposições entre si, em ordem a formarem hum sentido total. Ella pois he verdadeiramente a *Parte Systematica*, e *Methodica* do discurso, destinada a ligar as proposições em membros, os membros em periodos, e os periodos em hum discurso seguido e continuado.

Como as relações de *Nexo* e de *Ordem*, que as proposições tem humas para com outras, são humas vistas simplicissimas, e huns meros aspectos, de baixo dos quaes nosso espirito as considera: as conjuncções, que as indicão, devem ser bem como as pre-

posições, humas palavras curtas e não polysyllabas, primitivas e não dirivadas, simples e não compostas.

Por esta rasão merecem ser excluidas do numero das conjuncções.

1.° Todas as expressões, que, ainda que tenhão alguma couza de conjunctivas, são com tudo compostas de outras partes da oração, a cujas classes pertencem, e não á das conjuncções, como as que se compõem de huma preposição com seu complemento, v. gr. *Por que*, *Por quanto*, etc.

2.° Todas as expressões e frases compostas de algum nome, ou adverbio com o conjunctivo *Què*, como : *Ainda que*, *Bem que*, *Posto que*, *Além de que*, etc. O que estas locuções tem unicamente de conjunctivas he o *Que* ; o qual pelo que tem de relativo, pertence aos adjectivos demonstrativos ; e so pelo que tem de conjunctivo para unir as preposições parciaes ás totaes, he que pertence tambem á classe das conjuncções.

3.° Toda palavra, ainda que simples, que servio de nome, ou de adverbio em outras expressões, como : *Ora*, *Logo*, *Quer*, *Assim*, e *Tambem*. Porque o que huma vez foi nome ou adverbio, não póde mudar de especie, salvo se o uso lhe antiquou seu primeiro destino para lhe dar outro novo. Mas persistindo ainda aquelle, dar-lhe outro de differente ordem e natureza he perturbar todas as ideas da etymologia, e confundir despoticamente as classes elementares das palavras, o que o uso não costuma fazer.

Pelo que conjuncções propriamente dictas não ha na Lingua Portugueza senão nove, a saber : a antiquada *Cá* em lugar de *Que*, e as usadas *E*, *Mas*, *Nem*, *Ou*, *Pois*, *Porém*, *Que*, e *Se*. Todas as mais, que nossos Grammaticos ajuntão a estas não são

conjuncções; mas sim ou palavras conjunctivas, ou frases conjunctivas.

Chamo *Palavra Conjunctiva* qualquer nome ou adverbio, que alêm da sua significação principal tem a accessoria de indicar de mais huma relação a outra idea ou antecedente, ou seguinte, como são:

1.° Os comparativos *Tão*, *Tanto*, *Quam*, *Quanto*, *Tal*, *Qual*, *Mais*, *Menos*, *Maior*, *Menor*, *Melhor*, *Peor*; dos quaes procede a virtude conjunctiva, que se observa nos adverbios *Tambem*, *Assim*, *Talvez*, *De sorte*, *De modo*, isto he, *De tal sorte*, *De tal modo*, etc.

2.° Os demonstrativos puros *Este*, *Esse*, *Aquelle*, o *Mesmo*, os quaes se subentendem nas expressões conjunctivas *Ora*, *pois que*, *Excepto que*, *Posto que*, por isso costumão trazer comsigo o relativo conjunctivo *Que* para atar o que se segue com as frases ellipticas, que estas palavras contêm.

3.° Os demonstrativos conjunctivos *O qual*, *Quem*, *Que*, *Cujo*, os quaes suppõem antes de si outra preposição, que atão com aquella, a que dão principio. Delles vem a força conjunctiva do adverbio *Como*, que quer dizer *De que modo*, *Do qual modo*; e a do adverbio *Donde* em lugar de *D'o que se segue*.

Como *Frases*, ou *Formulas Conjunctivas* todas aquellas, que constão de mais de huma palavra, e que ordinariamente terminão pel'o *Que*, como: *Bem que*, *Se bem que*, *Tanto que*, *Desde que*, *Como quer que*, *A fim de que*, *Porque*, *Posto que*, *Visto que*, *Bem entendido que*, *Tanto mais que*, *Com tanto que*, *Menos que*, *Ainda que*, *De sorte que*, *Assim que*, *Logo que*, *Pelo que*, e outras muitas, as quaes todas nada têm de conjunctivo senão o *Que* preparado e conduzido pelos nomes e adverbios, que o precedem nestas semelhantes formulas. Do que tudo resulta

que não ha conjuncções, que verdadeiramente merecão este nome, senão as oito, ou nove acima apontadas.

Com tudo, como tão poucas conjuncções não são bastantes para indicar todas as relações, que as proposições podem ter humas com outras, e as de ordem e subordinação principalmente; foi preciso supprir esta falta com as frases conjunctivas; que por isso teremos tambem conta com ellas na classificação, que passamos a fazer das conjuncções.

Estas ainda que pareção ligar so as palavras, entre as quaes se achão, não ligão verdadeiramente senão as proposições, que sendo ou simples, ou compostas de outras proposições parciaes, quer incidentes, quer integrantes; quando as conjuncções estão entre varios nomes, ou adjectivos continuados debaixo do mesmo regime, são hum signal de que tantas são as proposições, que ellas ligão.

Todas estas proposições, quer simples, quer compostas, quer incomplexas, quer complexas, huma vez que se combinem e ajuntem para fazerem todas hum sentido total; tem necessariamente relações naturaes entre si, as quaes são marcadas pelas conjuncções. Ora estas relações, geralmente falando, são de dous modos, ou de *Nexo* somente, ou de *Nexo* e *Ordem* ao mesmo tempo. A's conjuncções, que exprimem as primeiras, chamo ou *Homologas*, ou *Similares*, porque estão humas para as outras na mesma rasão; e ás que exprimem as segundas, dou o nome de *Anhomologas*, ou *Dissimilares*; porque estão humas para as outras em rasão differente, como passamos a vêr.

ARTIGO I.

Conjuncções Homologas, ou Similares.

PRIMEIRA CLASSE.

Estas conjuncções são as que ligão proposições, que estão na mesma rasão humas para as outras, ou da mesma *Affirmação*, e *Negação* simultanea; ou da mesma *Affirmação alternada* separadamente, com exclusão huma de outra; ou de *Identidade* de sentido; ou de *Affinidade* do mesmo. Daqui quatro especies de conjuncções, a saber: *Copulativas*, *Disjunctivas*, *Explicativas*, e *Continuativas*.

1.° *Conjuncções Copulativas.*

Chamão-se assim as que ligão humas com outras, as proposições susceptiveis da mesma affirmação ou negação ao mesmo tempo. Assim são ellas ou affirmativas ou negativas. Das affirmativas não temos senão huma que he *e*; a qual variamos ás vezes com as frases conjunctivas: *Tambem*, *E bem assim*, *Outro sim*. Da mesma sorte não temos senão huma conjuncção negativa, que he *nem*, como:

Pompas e ventos, titulos inchados
Nam dão descanço, nem mais doce sono. (1)

Nas proposições compostas de muitos sujeitos, ou predicados não se costuma pôr a conjuncção *e* senão antes do ultimo, entendendo-se nos mais, que

---

(1) Ferr. *Castro* Acto II.

por isso se distinguem com virgulas, como: Os *prazeres*, as *honras*, e as *riquezas são o objecto das paixões dos homens, sua tentação*, e *sua ruina*. Porêm a conjuncção negativa *nem* repete-se, quando he preciso, como: *São justamente despresados os homens que não são uteis* nem *a si*, nem *aos outros*. Esta conjuncção val tanto como *e não*, e por isso he sempre relativa a huma proposição antecedente negativa, ainda quando por ella se começa a frase; porque então se lhe entende.

2.° *Conjuncções Disjunctivas.*

Estas são as que ligão proposições susceptiveis da mesma affirmação, considerada cada huma á parte, porêm imcompativeis com ella ao mesmo tempo, de sorte que so huma dellas póde ser verdadeira, comparada com a outra. Na Lingua Portugueza não temos tambem senão huma deste genero, que he *ou*. Exemplo: *Hum dos maiores males, que se póde fazer a hum Reino, he* ou *desenganar*, ou *encurtar*, ou *afrouxar as esperanças dos homens; porque he tirarlhes o principal cabedal de que se sustentão.* (1)

Mas para variar usamos muitas vezes do verbo conjunctivo *Quer*, como: Quer *chova*, quer *faça sol;* e para as couzas que se revezão, temos os tres adverbios, *Ja*, *Ora*, *Quando*, que repetidos servem de disjunctivos nas proposições alternadas, como: *O homem he inconstante nas suas resoluções; ja quer huma cousa, ja outra. O tempo vai desigual*, ora *está frio*, ora *está quente. Os Japões.... todos á huma*

(1) Paiva *Sermão* Part. I. folheto 165.

amanhecem vestidos, quando *de verão*, quando *de inverno.* (1)

3.° *Conjuncções Explicativas.*

Chamão-se assim as que ligão proposições, que fazem em substancia o mesmo sentido, indicando aquella que desenvolve, ou exemplifica a primeira. Tal he o adverbio conjunctivo *Como*, e as formulas : *A saber*, *Isto he*, *De sorte que*, *Por tal que*, *Certo que*, *Mormente*, *Principalmente*, *Em quanto*, etc. Todas ellas ligão a oração explicativa com a explicada, deste modo : *Condemnou-o* como *juiz* ; como *testemunha*, *absolve-lo-hia*. *Jesus Christo*, em quanto *Deos*, *he impassivel*, em quanto *homem*, *soffreo a morte por nós*. *As virtudes Theologaes são tres* a saber : a *Fe*, a *Esperança*, e a *Caridade*. Pertencem tambem a esta classe as formulas comparativas : *Como*, *Assim* = *Bem como*, *Assim* = *Como*, *Assim tambem*, etc.

4.° *Conjuncções Continuativas.*

Em fim conjuncções *Continuativas*, ou *Transitivas* são as que ligão duas proposições, fazendo passagem de huma para a outra em rasão da affinidade do sentido que ambas tem. A conjuncção *Pois* posposta á primeira palavra da proposição he a unica que temos deste genero. Porêm a palavra *Ora*, que he o mesmo que *Agora*, sendo hum nome adverbiado de tempo, ja serve de disjuntiva, quando he repetida, como vimos ; ja de continuativa, quando he so : e alêm destas ha outras formulas de transição, como : *Mais*, *De mais*, *Quanto ao mais*, *Alem disto*,

---

(1) Lucena Lib. VII, Cap. 5.

Com effeito, *Na verdade*, *Assim mesmo*, etc. Exemplos: *Sabido* pois *que elle foi o vendedor, segue-se*, etc. *Digo* pois *que escapei daquelle perigo*, etc. *Deve-se amar* o *que he amavel. Ora Deos he amavel*; *Logo Deos deve-se amar*, etc.

ARTIGO II.

Conjuncções Anhomologas, ou Dissimilares.

SEGUNDA CLASSE.

Chamão-se assim todas as conjuncções que atão proposições, que não estão humas para outras na mesma rasão, mas em differente. Pois ou huma está em rasão de *Excepção* para outra, que contêm hum principio e *Regra geral*; ou em rasão de *Condição* para outra, que contêm huma *Asserção*; ou de *Prova* e demonstração para outra, que contêm hum *Problema*; ou de *Conclusão* para outra, que contêm as *Premissas*; ou de *Hypothese* e circunstancia para outra, que lhe serve de *These*; ou em fim de *Oração Parcial* para outra *Total*, a que serve de parte.

Todas estas especies de proposições são correlativas humas com outras, e guardão por consequencia entre si certa ordem e subordinação, que as conjuncções dissimilares apontão e caracterizão. As que na ordem directa e analytica do periodo tem o primeiro lugar, chamão-se *Principaes*; porque determinão, conduzem, e subordinão as outras: e as que na mesma ordem tem o segundo lugar, chamão-se *Subordinadas*; porque estão a serviço das primeiras.

Pelo que, como na ordem directa das ideas a regra he primeiro que a excepção; a proposição affirmativa primeiro que a condicional; a proposta ou problema primeiro que sua prova; as premissas pri-

meiro que a conclusão; a these geral primeiro que o caso particular; e o todo primeiro que a parte separada: daqui vem que as proposições, que contêm ou a regra geral, ou a asserção, ou a proposta, ou as premissas, ou a these, ou o pensamento capital, são as *Principaes*; e as que contêm a excepção, a condição, a prova, a conclusão, a hypothese, e a parte, são as *Subordinadas*, as quaes vão ligadas ás principaes pelas conjuncções dissimilares, que levão ordinariamente na sua frente, e pelas quaes facilmente se reconhecem. Estas subordinadas, na ordem inversa, vão muitas vezes primeiro que as principaes; mas estoutras nunca deixão de ter o seu lugar na ordem directa e analytica do periodo.

Segundo pois estas seis relações de *Ordem*, em que huma proposição póde estar para outra assim ha tambem seis especies de conjuncções dissimilares, que são as *Adversativas*, as *Condicionaes*, as *Causaes*, as *Conclusivas*, as *Circunstanciaes*, e as *Subjunctivas*, das quaes todas passamos a tractar por esta mesma ordem.

1.° *Conjuncções Adversativas.*

Conjuncções *Adversativas* são aquellas que ligão proposições oppostas e incompativeis so a certos respeitos, pela rasão da compatibilidade, que aliás tem em tudo o mais. Nós temos na Lingua Portugueza so tres conjuncções adversativas, e essas so para a proposição subordinada, que he a que faz huma excepção na primeira e principal. Taes são *mas* que he sempre prepositiva, *porém* que póde ser ou prepositiva ou pospositiva, e *senão* por *excepto* nas proposições affirmativas. Exemplos: *O amor e a amizade verdadeira não nas bonanças*, mas *na adversidade se conhece* (1). *O cobiçoso, que não he avarento,*

(1) Moraes *Palmeirim* Parte II. Cap. 81.

serve-se do dinheiro ; porêm *o avarento* (ou o *avarento porém*) *em lugar de se servir delle, serve-o a elle.* (1) *Tudo o que podiamos haver mister, tinha Jesus Christo* senão *fazenda e terra.* Arraes Dial. IX. Cap. IV. Estas conjuncções se varião, e se substituem algumas vezes com as frases conjunctivas *Toda via, Ainda assim, Comtudo, Isso não obstante* ; como : *Não he facil conhecer quaes são os aduladores, e quaes os amigos deveras ;* todavia *se conhecem huns dos outros nas adversidades.* (2)

Estas conjuncções *mas, porém* suppõem dantes outra proposição, que he a principal ; mas não outras conjuncções adversativas, que liguem tambem a principal com a subordinada, quaes não temos. Temos porêm para a principal as formulas *Bemque, Postoque, Ainda* ou *Indaque*, e antigamente *Enque*, como :

Que tem o que não tem gosto da vida,
Inda que so do mundo senhor seja ? (3)

A ordem he : *O que não tem gosto da vida,* indaque *do mundo senhor seja* ; *que tem ?* Nossos antigos dizião *E porém* em lugar de *Porisso* (corrompendo o vocabulo mais antigo *Por onde*, vindo do Latim *Proinde*) : mas tambem em lugar de *mas,*

Mas se sei que me esperão cousas certas,
E porêm *tão incertas que as não sei :*
Para que. . . etc. (4)

---

(1) Vieira *Serm.* Tom. 7. pag. 325.
(2) Vieira *Serm.* ibid.
(3) Bernardes *Lima* Egloga IV.
(4) Fernão d'Alvares *Lus. Transf.* ed. de Lisboa 1781 pag. 1 e 8.

2.º *Conjuncções Condicionaes.*

As conjuncções *Condicionaes* ligão duas proposições pela relação de condição, em que huma está para outra, a qual faz que a verdade da principal dependa da condicional subordinada, que a restringe. Nós temos duas, huma simples que he *se* para as proposições affirmativas, e outra composta *senão*, que he para as negativas. Exemplos :

Mais val a curta geira, a pobre herdade
Que, ó rica Arabia, ó India, o teu thesouro ;
Se *a justiça se rouba*, se *a verdade*. (1)

Nenhuma sciencia se aprende fundadamente, senão em escholas, onde a conferencia, e emulação põe esporas e aviva os engenhos. (2) Quando as condicionaes são tambem dubitativas, costumão-se ajuntar ao *se* as frases adverbiaes *Acaso*, *Por ventura*.

Alêm destas conjuncções ha para o mesmo effeito os adverbios *Como*, *Quando não*, e as formulas *Salvo se*, *Com tanto que*, *Excepto que*. Exemplo : *A cobiça se emprega nas mais humildes, e indignas couzas da terra*, como *dellas possa tirar fructo o cobiçoso*. (3) *Fazei penitencia*; quando não, *ou* senão *perecereis todos*.

3.º *Conjuncções Causaes.*

E estas ligão duas proposições pela relação de consequencia, em que huma está para outra, como

---

(1) Ferreira *Carta* 2. 4.
(2) Souza *Hist.* Part. 1. Liv. 2. Cap. 16.
(3) Lobo.

rasão e prova da mesma. A que serve de rasão e prova á outra sempre he a subordinada, e a que he provada he a principal.

Para quando a subordinada precede, temos o adverbio conjunctivo *Como*, e as frases conjunctivas *Por quanto*, *Visto que*, etc. v. gr. Como *nós temos tudo de Deos, justo he lhe refiramos toda a gloria de nossas acções*.

Quando porêm a principal está primeiro, e a subordinada se lhe segue; para este caso tinhão nossos antigos a conjuncção *Ca*, corrupta de *Que*, do *Que*, ou da *Qual*, como se acha antiquada; servimos-nos em lugar della da formula conjunctiva *Porque*, ou da conjuncção *Pois*, quer simples, quer composta, deste modo *Pois que*; a qual mesmo tem lugar ainda quando a principal precede, como: *Certo dos máos senão deve fiar ninguem*, porque seus *galardões sempre são conformes á sua condição*. (1) Pois *estamos aqui tão descançados, pratiquemos*, etc. *Não tenho por fraco*, pois *vi ja obras do seu esforço*. Nossos Classicos empregão frequentemente *Que* somente em lugar de *Porque livrai, Senhor; não somente a mim*; que *não são vossos poderes e liberdades tão limitados; mas a todo o vosso povo*. (2)

4.° *Conjuncções Conclusivas*.

Chamão-se assim as que ligão as proposições pela rasão, que humas tem como conclusões para outras como premissas. Estas são sempre as principaes a respeito das outras. As conclusões podem ser

(1) Moraes *Palmeirim* II. 96.
(2) Paiva *Sermão* Part. III. folh. 195.

ou logicas, deduzidas de hum raciocinio precedente; ou simplesmente locaes para terminar o discurso.

Para as primeiras temos a conjuncção *Pois*, porêm posposta á primeira ou segunda palavra da proposição; como: *Nosso Principe he bom e humano; podeis* pois *implorar sua clemencia.* Tambem servem de conjuncções conclusivas os adverbios *Logo*, e *Donde*, e as frases conjunctivas *Por tanto*, *Por conseguinte*, *Pelo que*, *Assim que*, etc. como: *Deos he justo*, logo *recompensa a virtude.*

Para as conclusões locaes temos as formulas conjunctivas: *Alfim*, *Em fim*, *Por fim*, *Finalmente*, *Em final*, etc.

5.° *Conjuncções Circunstanciaes.*

Chamão-se assim as que ligão huma proposição com outra em rasão de huma conter huma circunstancia, da qual depende a verdade ou o complemento da outra. A que leva a circunstancia, he sempre a subordinada; porque he como a condição ou caso, de baixo do qual se verifica, e inteira a proposição principal. Estas conjuncções são ordinariamente relativas ao tempo, que por isso alguns Grammaticos lhes dão tambem o nome de *Periodicas.*

Taes são os adverbios conjunctivos *Tanto*, *Quanto*, *Quando*, *Como*; e as frases conjunctivas *Tanto*, *Em quanto*, *Logo que*, *Como quer que*, *até que*, *Eis que*, etc. Exemplos: *Como o levavão ao supplicio*, isto he, *Ao tempo que o levavão*, etc. *Era no tempo*, quando etc. *Como elle acabava de chegar*, eis que *lhe vierão dizer*, etc.

Donde se vê, que hum mesmo conjunctivo póde supprir differentes relações. Pois *Como* ja he explicativo, ja condicional, ja causal, e ja circunstancial, como temos visto.

6.° *Conjuncções Subjunctivas.*

Em fim conjuncções *Subjunctivas* são aquellas, que postas na cabeceira da proposição mostrão que ella faz parte da antecedente immediata, á qual como principal a seu a respeito, fica subordinada. Taes são as proposições incidentes, e integrantes.

As primeiras são aquellas, que se ajuntão ou ao sujeito, ou ao attributo da proposição antecedente para os modificar, quer explicando mais a sua significação, quer restringindo-a, como:

Aquelles são sós homens, que *se afamão*
Com letras com saber, com que *alumião*
O mundo: e tudo o mais fortuna chamão (1).

Onde a primeira incidente *Que se afamão* he restrictiva do sujeito da proposição principal *Aquelles homens*; e a segunda *Com que alumião* he explicativa do attributo da mesma *Com saber*.

As integrantes são aquellas, que acabão de inteirar e completar a significação ou activa, ou relativa de hum verbo antecedente, que demanda hum objecto ou hum termo, em que se empregue; e são de dous modos: ou indicativas, se o verbo, que as determina, affirma com certeza; ou subjnnctivas, se o mesmo affirma com receo, e incerteza. Do primeiro genero he esta: *Creio* que *parte á manhã*, e do segundo estoutra: *Duvido* que *parta á manhã*.

Ambas estas especies de preposições parciaes são subjunctivas; porque se põem sempre immediatamente depois das palavras, que ou explicão, ou

(1) Ferreir. *Poem.* Liv. I. Cart. 6.

restringem, ou completão; nem podem ter outro lugar senão este. Ambas outrosim fazem parte da oração total antecedente. As incidentes fazem parte ou de seu sujeito, ou de seu attributo; e as integrantes fazem parte e completão a significação do verbo, que as determina.

Todas estas proposições parciaes se ligão com aquellas, de que fazem parte, por meio da conjuncção subjunctiva *Que*; a qual verdadeiramente não he outra couza senão o demonstrativo *o qual, a qual, o que*: porêm pelo que tem de conjunctivo, entra tambem na classe das conjuncções; e porêm com esta differença, que nas proposições incidentes pode-se muitas vezes substituir com *Qual*, como: *Aquelles homens*, os quaes *se afamão com saber*, *com* o qual *alumião*: mas nas proposições integrantes nunca. Não posso dizer: *Creio* o qual *parte, Duvido* o qual *parta*.

Isto tem feito duvidar a muitos, se neste segundo caso o *Que* he huma mera conjuncção, ou se he o mesmo relativo conjunctivo. Ao que se póde responder: que he hum conjunctivo expresso e hum relativo elliptico, cujo antecedente occulto nesta especie de orações he sempre o demonstrativo neutro *Isto*: v. gr. *Creio* isto, que *he, Parte hoje*; *Duvido* d'isto, que *he, parta hoje*. Como porêm estas ellipses nunca se expressão, a suppressão total e constante dellas fez com que sobresaisse so o que elle tem de conjunctivo, e desapparecesse o que tem de relativo.

As proposições incidentes e integrantes são tambem subordinadas ás de que fazem parte. Porêm tem huma grande differença das totaes, que são ligadas ás principaes por outras conjuncções; sem ser o *Que*. Estas totaes subordinadas não tem lugar certo no periodo; podem estar ou depois das suas

principaes, ou d'antes; aquellas porêm, que fazem parte das outras, tem seu lugar assignado, que nunca podem mudar, a saber: as incidentes logo immediatamente ao sujeito, ou attributo da proposição total; e as integrantes logo immediatamente depois do verbo activo, que as determina para fazerem o objecto de sua acção.

Assim damos por concluida a terceira parte d'esta Grammatica, que he da *Etymologia*, ou das partes fundamentaes, e elementares da oração Portugueza. Ellas, como temos mostrado, são seis por todas, huma *Interjectiva*, e cinco *Discursivas*. Destas duas são *Nominativas* dos objectos de nossas ideas e pensamentos; as quaes são *Nome Substantivo*, e *Nome Adjectivo*; e tres *Combinatorias*, ou *Conjunctivas*, destinadas a comparar e combinar de varios modos os mesmos objectos em ordem a formarem de suas ideàs separadas hum painel unico e seguido de pensamento; unindo-as pelas relações ou de identidade e coexistencia, ou de determinação e complemento, ou de nexo e ordem, que põem entre ellas. Taes são o *Verbo*, a *Preposição*, e a *Conjuncção*.

Estes, e não outros são os materiaes, de que se fórma e levanta o edificio do discurso por meio da sua coordenação e construcção, que he o objecto da syntaxe, a que vai dar principio o livro seguinte.



GRAMMATICA

PHILOSOPHICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA



LIVRO IV.

Da Syntaxe, e Construcção.

Syntaxe quer dizer *Coordenação*; e chama-se assim esta parte da Grammatica, que das palavras separadas ensina a formar e compor huma oração, ordenando-as segundo as relações ou de conveniencia, ou de determinação, em que suas ideas estão humas para as outras.

Os Grammaticos, traduzindo com mais liberdade a palavra Grega *Syntaxis*, lhe dão o nome de *Construcção*. Mas esta palavra tem mais extensão que a de syntaxe. A syntaxe he huma ordem systematica das palavras, fundada nas relações das cousas que ellas significão; e a construcção huma ordem local, auctorizada pelo uso das Linguas. Assim a construcção pode ser ou direita ou invertida, e ter comtudo a mesma syntaxe. Nestas duas orações:

Alexandre venceo a Dario, e *A Dario venceo Alexandre*, as construcções são contrarias; porêm a syntaxe he a mesma.

Ambas ellas em quanto conduzem para a maior ligação das ideas e clareza da enunciação, são do foro da Grammatica em geral, e da da Lingua Portugueza em especial, que entre os signaes das relações conta tambem a construcção local dos vocabulos. Tractaremos pois de huma e de outra separadamente. Mas para bem se entender a syntaxe e construcção das partes da oração, he preciso saber primeiro distingui-las: o que vamos a fazer pela analyse da oração em geral e das varias especies della, que entrão na composição do discurso.

CAPITULO I.

Da Oração em geral.

Oração, *ou Proposição*, ou *Frase* (pois tudo quer dizer o mesmo) he qualquer juizo do entendimento, expressado com palavras. Ora não sendo qualquer discurso outra couza senão ou hum juizo, ou huma serie delles; todo elle não he tambem senão ou huma oração ou huma continuação de orações: e assim o que aqui dissermos da oração em geral, será applicavel a cada huma dellas em particular.

Toda oração tem necessariamente tres termos, hum que exprime a pessoa ou couza, da qual se diz e enuncia alguma couza; outro que exprime a couza, que se enuncia; e o terceiro que exprime a identidade e coexistencia de huma couza com outra. O primeiro termo chama-se *Sujeito*, o segundo *Attributo*, e o terceiro *Verbo*. Toda oração pois he composta de hum sujeito, de hum attributo, e de hum verbo, os quaes se exprimem ou com tres palavras *Eu sou amante*; ou com duas equivalentes ás tres *Sou amante*, ou com huma so, que concentra em si as tres, como: *Amo*.

O sujeito he o principal termo da proposição, ao qual todos os mais se referem. Elle sempre he ou hum nome substantivo quer proprio sem artigo, como : *Pedro he homem;* quer appellativo com elle, como : *O homem he mortal;* ou qualquer parte da oração substantivada pelo artigo, quer seja hum adjectivo *O justo, O honesto ;* quer hum verbo no infinito *O saber*, ou no modo finito *O praz-me;* quer huma preposição *O pro e o contra;* quer hum adverbio *O como, e quando ;* quer huma conjuncção *O senão*. O attributo he sempre ou hum adjectivo, *O homem he mortal ;* ou hum appellativo adjectivado pela ausencia do artigo, *Pedro he homem*. E o verbo he sempre o verbo substantivo *Ser* ou so, *Sou amante ;* ou incorporado com o adjectivo na mesma palavra, como : *Am-o*.

Se a oração não tem mais que hum sujeito, e hum attributo, chama-se *simples*, como as que se acabão de dizer ; se porêm tem mais de hum sujeito, ou mais de hum attributo, ou muitos sujeitos e attributos ao mesmo tempo, chama-se *composta*, como : *Eu e tu somos amantes, e estimadores da virtude*. Esta oração he composta de dous sujeitos *Eu*, e *Tu;* e de dous attributos *Amantes*, e *Estimadores;* e contêm em si não menos que quatro juizos correspondentes aos seus quatro termos, que são : *Eu sou amante, Tu es amante, Eu sou estimador, Tu es estimador*. O mesmo verbo, posto entre os varios sujeitos e attributos, serve de copula a cada hum delles, e val tanto como se se repetisse.

Estes mesmos sujeitos e attributos da oração simples e composta podem elles mesmos ser compostos e complexos, isto he, modificados por varios accessorios, como são ou hum substantivo com sua preposição *Homem de honra*, ou hum adverbio *Obrou honradamente*, ou hum adjectivo *Homem*

honrado, ou huma oração incidente *O homem que he honrado.* Estas orações, que modificão ou o sujeito, ou o attributo da proposição principal, chamão-se *Parciaes*, porque fazem parte dos mesmos, em contraposição ás *Totaes*, que não fazem parte, nem Grammatical, nem integrante, de outras.

As Orações ou Proposições *Parciaes* são de dous modos, ou *Incidentes* ou *Integrantes.* As primeiras são as que modificão qualquer dos termos da proposição total, ou explicando-o, ou restringindo-o. Por exemplo nesta proposição total: *Os sabios*, que *são mais instruidos, que o commum dos homens, deverião tambem excedel'os em virtude;* a parcial *Que são mais instruidos que o commum dos homens* he huma incidente explicativa do sujeito *Sabios:* e em estoutra *A honra, que vem da virtude, he mais solida que aquella, que vem do nascimento*, as duas incidentes *Que vem da virtude* e *Que vem do nascimento* são restrictivas, a primeira da significação geral do appellativo *Honra*, sujeito da proposição total; e a segunda da significação indeterminada do mesmo appellativo, e do demonstrativo *Aquella*, attributo da mesma.

Todos os adjectivos oppostos, e todos os complementos com preposição, ou sem ella, que se ajuntão ou ao sujeito, ou ao attributo da proposição total para os modificarem, não fazem per si orações incidentes, porque não tem verbo; mas equivalem ás mesmas, e por ellas se podem resolver. Pois são huns verdadeiros juizos mentaes, que para se converterem em proposições, não lhes falta senão a expressão do verbo. Elles modificão do mesmo modo, que as proposições incidentes, os termos da proposição total, ou explicando-os, ou restringindo-os.

Assim nestas orações: *As acções generosas, e não*

os pais illustres, são os que fazem fidalgos: e *os homens de bem regulão as suas acções pela lei de Deos, e pela lei de quem são:* os adjectivos *Generosas, Illustres,* e o complemento qualificativo *De bem* valem tanto, como: as acções, *que são generosas;* os pais *que são illustres;* e os homens, *que são homens de bem.* As proposições incidentes e os adjectivos modificativos dos termos da proposição total, conhecer-se-ha, se são explicativos, quando tirados della, nada alterão a sua verdade; e se são restrictivos, quando, tirados da mesma, o sentido fica destruido.

A segunda especie de orações parciaes são as *Integrantes*, assim chamadas, porque não so inteirão o sentido da proposição fatal, como as incidentes; mas tambem a sua Grammatica, completando a significação relativa do attributo da mesma, a qual sem isto ficaria incompleta e suspensa. O attributo pois de huma significação relativa, exprimido pelo adjectivo, ou so, ou mettido no verbo adjectivo, he quem determina e demanda estas orações integrantes, as quaes se enuncião ou pelos infinitos impessoaes, quando o sujeito do verbo determinante he o mesmo que o do verbo determinado, como: *Quero amar-te;* ou pela Linguagem indicativa, quando o verbo determinante affirma com asseveração e certeza, como: *Creio que me amas;* ou pela subjunctiva, quando o verbo determinante affirma com receio e incerteza, como: *Quero que me ames.* Onde as orações *Amar-te, Que me amas, Que me ames,* são integrantes não so do sentido dos verbos determinantes *Quero* e *Creio*, mas ainda de sua syntaxe; pois são complementos, necessarios de sua acção, que não póde ficar suspensa.

Todas estas orações parciaes dos modos finitos, assim incidentes, como integrantes, são ligadas com as suas totaes pelo relativo conjunctivo *Que*, o

qual nas primeiras se póde algumas vezes variar por *Quem*, *Cujo*, *Qual*, conforme cabe; nas segundas não. As do modo infinito não tem conjunctivo algum. O que as conjuncta he a identidade do mesmo sujeito, ou seja do infinito impessoal *Quero amar-te*, ou do participio imperfeito activo *Cantando espalharei por toda parte*. Humas e outras são faceis de reconhecer pelo mesmo lugar que occupão na oração de que fazem parte, que he sempre o immediato aos termos, que modificão ou completão.

Das orações fataes, e não das parciaes, he que se forma o *Periodo*, que he o ajuntamento de muitas proposições, que não sendo partes humas das outras, estão comtudo ligadas entre si de tal modo, que humas suppõem necessariamente as outras para o complemento do sentido fatal. O periodo póde ter ou duas proposições, chamadas tambem *membros*, ou tres, ou quatro. Passando deste numero, tem antes o nome de *Oração Periodica* do que o de periodo.

Qualquer que seja o numero das proposições, huma dellas he sempre a *Principal*, e as mais *Subordinadas*. O caracter ordinario da principal he ser enunciada por alguma linguagem do modo indicativo (qual nós representámos em seu lugar) e poder por consequencia subsistir per si, e fazer hum sentido independente fóra do periodo. O caracter ordinario das proposições subordinadas, he serem enunciadas pelas Linguagens subjunctivas, ou tambem indicativas, mas ligadas ás principaes por conjuncções, que lhes suspendem o sentido.

Humas e outras não tem lugar fixo no periodo, como tem as proposições incidentes e integrantes. Ou a principal vai primeiro, e as subordinadas depois; ou estas precedem, e segue-se aquella. Quando as subordinadas começão o periodo, sempre ficão suspensas, fazendo esperar a principal; e quando a

terminão, suppõem aquella d'antes, mas a principal nem sempre as suppõe. Tudo isto se vê nos seguintes periodos.

Periodo de dous membros: *Se eu quero parecer discreto á custa da ignorancia de outro, parecer zeloso á custa dos peccados do proximo, fazer meus negocios ao som do requerimento das partes; trato estas couzas como melhor me servem, não como a obrigação do officio o pede.* (Paiva)

Este periodo tem duas orações totaes, que são a subordinada *Se eu quero, etc.* e a principal *Trato estas couzas, etc.* Mas alêm destas tem cinco proposições parciaes, a saber: tres integrantes da acção do verbo *Quero*, que são, *Parecer discreto, etc. Parecer zeloso, etc.* e *Fazer meus negocios, etc.*; e duas incidentes, restrictivas da significação do verbo *Trato*, que são: *Como melhor me servem*, e *Não como a obrigação do officio o pede.*

Periodo de tres membros: *Os doutos, quanto mais o são, tanto menos se satisfazem de si, entendendo o muito que ainda ha para saber.* (Severim)

Neste periodo a primeira proposição *Os doutos quanto mais o são* he subordinada pelo comparativo conjunctivo *Quanto* á segunda e principal *Tanto menos, etc.* e a terceira *Entendendo, etc.* subordinada á segunda pela identidade do mesmo sujeito, e porque he sua rasão e prova. *Entendendo o muito, etc.* val tanto como se dissesse: *Porque entendem o muito que ainda ha para saber.* He huma proposição complexa com a incidente *Que ainda*, a qual explica o significado vago de *Muito*.

Periodo de quatro membros, e oração periodica: *He tanto menos o que nos basta do que com que nos contentamos: que se na vida seguirdes a opinião, nunca sereis rico; se a conformáreis com a natureza, nunca fóreis pobre.* (Lucena)

Este periodo, considerado todo, he huma *Oração Periodica* de cinco membros, ou proposições totaes marcadas pela pontuação. Tirando-lhe porêm a primeira, fica hum periodo quadrado de quatro membros em outras tantas proposições simples, que são 1.ª *Se na vida seguirdes a opinião*, 2.ª *Nunca seréis rico*, 3.ª *Se a conformáreis com a natureza*, 4.ª *Nunca fóreis pobre*.

Destas analyses se vê a facilidade, com que á primeira vista se póde saber, quantas são as orações de qualquer ponto, ou periodo, por mais extenso e complicado que seja; e quaes as suas especies, assim por ordem á composição de cada huma, como ao ajuntamento de todas ellas no periodo. Nenhuma oração póde haver sem verbo, e nenhum verbo sem oração. Contando pois em qualquer periodo os verbos, que nelle se contêm, ou do modo indicativo, ou do subjunctivo, ou do infinito em todas as suas fórmas; tantas, nem mais, nem menos, serão as orações: e observando os modos, a que suas Linguagens pertencem, se saberá a qualidade das mesmas.

As do indicativo de sua natureza são absolutas e independentes, e por conseguinte principaes; menos quando se fazem subordinadas pelas conjuncções. As do subjunctivo sempre são subordinadas, nem o podem deixar de ser; e as do infinito impessoal e pessoal, á excepção de quando servem de sujeito e attributo á proposição, sempre são regidas de verbo, ou de preposição.

Os participios quasi sempre andão junctos com os verbos auxiliares, a cujas orações pertencem. Se se empregão separadamente, fazem orações subordinadas á que ou precede, ou se lhes segue immediatamente; e incidentes; se ambos tem o mesmo sujeito, e a incidente exprime o modo da acção

do verbo principal. Conhecidas assim as partes constitutivas da oração, e os differentes modos, porque a podem compor, passemos ja á sua syntaxe quer de concordancia, quer de regencia.

CAPITULO II.

Syntaxe de Concordancia.

Concordancia he a conformidade dos signaes, que o uso instituio para indicar as correlações das ideas, com estas mesmas correlações. Para haver conformidade he preciso que haja humas partes que se conformem, e outras a que as mesmas se conformem. As partes, a que as outras se conformão, são sempre as principaes, e as que figurão no discurso em primeiro lugar. Tal he em qualquer proposição o seu sujeito; em qualquer complexo de proposições a proposição fatal, de que as mais fazem parte; e em qualquer periodo, ou ajuntamento de proposições fataes a principal, á qual as outras estão subordinadas.

O fundamento de todas estas concordancias he a *identidade*. A identidade, digo, da idea do attributo com a do sujeito da proposição, e das ideas adjectivas e accessorias com as de hum e outro: a identidade das proposições, que fazem parte de hum todo com o todo mesmo: e a identidade das proposições fataes, porêm subordinadas, com huma principal para fazerem todas hum sentido unico, comprehendido em hum periodo.

O fundamento desta identidade consiste em humas ideas se incluirem nas outras. A idea accessoria do attributo da proposição inclue-se na do sujeito da mesma; aliás não se poderia affirmar delle. A idea accessoria do adjectivo opposto inclue-se na idea do substantivo que modifica, como o modo se inclue na substancia; aliás não se lhe poderia at-

tribuir. As ideas da proposição parcial fazem parte do sujeito, ou do attributo da proposição fatal, e assim como partes se incluem no todo; aliás mal poderião ellas ou explicar, ou restringir, ou completar a sua significação. Em fim as ideas das proposições fataes, porêm subordinadas a huma principal, contêm-se virtualmente nas ideas desta; pois são ou huma consequencia da mesma, ou huma excepção, ou huma condição, ou huma circunstancia, etc. As concordancias pois não são so entre os termos da proposição, mas tambem entre as mesmas proposições, que fazem ou parte, ou pertença, humas das outras.

As palavras e orações, que exprimem as ideas, e pensamentos correlativos, devião tambem levar comsigo signaes destas correlações mutuas para mostrarem a sua correspondencia no discurso. Estes signaes são de tres modos, ou *Terminações*, ou *Posições*, ou *Conjuncções*.

As *Terminações* genericas dos adjectivos, as pessoaes dos verbos, e as numeraes de huns e outros mostrão a concordancia dos termos da proposição. Os Gregos e Latinos tinhão mais huma, que era a dos casos, que nós não temos.

A *Posição* immediata do adjectivo, principalmente indeclinavel, apposto ao substantivo; e a das proposições parciaes juncto ás palavras, que explicão, restringem, ou completão, he o signal da concordancia entre as mesmas proposições parciaes e suas fataes.

E todas as *Conjuncções*, palavras e frases conjunctivas, que notão a ligação e ordem, que entre si guardão os membros de hum periodo, são os signaes naturaes de sua concordancia em todas as Linguas.

A syntaxe de concordancia póde ser ou *Re-*

gular, ou *Irregular*. De huma e outra passamos a tractar em os dous Artigos seguintes.

ARTIGO I.

Syntaxe de Concordancia Regular.

Chama-se concordancia regular aquella, em que as partes concordantes correspondem exactamente áquellas, com quem concordão, sem ser necessario fazer supplemento algum. Ella he ou dos termos da proposição entre si, ou das proposições parciaes com as totaes, ou das totaes subordinadas com a principal.

§. I.

Concordancia entre os Termos da Proposição.

REGRA I.

Todo o attributo da proposição, sendo hum nome appellativo, concorda em numero com o sujeito da mesma, como: *Pedro he homem*, *O homem he animal:* e sendo adjectivo, concorda com o mesmo em genero, e em numero, se he hum nome appellativo, e se he nome proprio, com o appellativo competente, que se lhe entende, como: *O Ministro* deve ser *sabio*, *A lei* deve ser *justa*, *Os Ministros* devem ser *sabios*, *As Leis* devem ser *justas.* Onde os adjectivos *sabio*, *justo*, concordão em genero e numero com seus appellativos *Ministros*, *Lei*, que são os sujeitos das orações: e bem assim nestas orações *Pedro he sabio*, *Maria he virtuosa*, os adjectivos attributos *sabio*, *virtuosa* não concordão com os nomes proprios *Pedro*, e *Maria;* mas com os appellativos *Homem*, e *Mulher*, que se lhes

entendem, como se dissessemos: *Pedro he homem sabio*, *Maria he mulher virtuosa*. Veja-se Liv. III. Cap. III.

O que se acaba de dizer a respeito dos adjectivos, quando são attributos da proposição, se deve igualmente dizer dos mesmos, quando são appostos aos nomes substantivos para os modificarem ou determinando-os, ou explicando-os, ou restringindo-os. Determinando-os, como: *O homem*, *A mulher*, *Os homens*, *As mulheres*, *Todo homem*, *Toda mulher*, *Todos os homens*, *Todas as mulheres*, *Meu filho*, *Minha filha*, *Meus filhos*, *Minhas filhas*, *etc.* Explicando-os, como: *Lucullo o rico*, isto he, *O homem rico*, *Boi vagaroso*, *Cavallo ligeiro*, *etc.* E restringindo-os, como: *Ministro sabio*, *Lei justa*, *Soldado valeroso*, *Mulher retirada*, *etc.*

O artigo neutro *o* não tem plural, e concorda sempre no singular ou com o sentido de huma oração, como: *O que eu disse he verdade*; ou com os adjectivos substantivados, como: *O bom*, *O máo*, *O facil*, *O grande*, *O sublime*. Mas estas mesmas terminações dos adjectivos não são então masculinas, porêm neutras.

REGRA II.

Todo o verbo da proposição concorda em numero, e em pessoa com o sujeito da mesma, claro, ou occulto; ou seja hum nome proprio, *Deos he justo;* ou hum appellativo, *Os homens morrem;* ou hum pronome, *Eu temo*, *Tu esperas*, *Elles andão.* Os pronomes pessoaes entendem-se sempre, quando os verbos se põem sem elles, como: *Amo*, *Amas*, *Ama*, *Amamos;* e nos verbos impessoaes *Vive-se*, *Chove*, *Neva*, entende-se-lhes de fóra o sujeito

§. II.

Concordancia das Proposições Parciaes com as Totaes.

REGRA I.

Nas proposições compostas de muitos sujeitos, ou attributos continuados, os segundos concordão com os primeiros na mesma relação de sujeitos, ou de attributos parciaes da mesma proposição pela identidade do mesmo verbo, e do mesmo artigo; ou conjuncção repetida.

Exemplos: *O ouro*, *os diamantes*, *as perolas*, *tudo* he *terra*, *e da terra*. Onde os tres sujeitos *Ouro*, *Diamantes*, *Perolas*, estão na mesma rasão pela repetição do mesmo artigo; e os dous attributos *Terra*, e *Da terra*, isto he, *Couza da terra* estão tambem na mesma rasão pela conjuncção que os ata. O que se vê ainda melhor no exemplo seguinte: *Não ha idade tão florente*, *nem saude tão robusta*, *nem vida tão regrada*, *que tenha hum so momento seguro*. Em todas o mesmo verbo, applicado a cada sujeito, e a cada attributo faz de cada hum delles outros tantos juizos parciaes da oração composta.

REGRA II.

As proposições parciaes, tanto incidentes, como integrantes, ligadas ás fataes de que fazem parte, pelo relativo conjunctivo *Que*, concordão ou com o sujeito, ou com o attributo das mesmas pela posição immediata do mesmo conjunctivo, e não pelas terminações, que não tem. Quando porêm as orações incidentes se ajuntão ás suas fataes pelos relativos conjunctivos, que tem terminações ge-

nericas, e numeraes, como: *O qual*, *A qual*, *Os quaes*, *As quaes*, *Cujo*, *Cuja*, *Cujos*, *Cujas*; então concordão não so por posição, mas tambem em genero e numero com os mesmos sujeitos e attributos, de que fazem parte.

Exemplo: *Quantos Letrados ha, que o são para sustentar e defender seus máos partidos e cegos conselhos; aos quaes não servem de mais as sciencias que de mãos, com que roubão o alheio, e o dão a cujo não he?* (Arraes). Neste exemplo ha quatro relativos conjunctivos, que ajuntão, e concordão com a proposição fatal *Quantos Letrados ha*, quatro proposições parciaes, a saber: 1.ª a incidente explicativa *Que o são;* onde o *Que* indeclinavel concorda com o sujeito *Letrados*, e a elle se refere so pela sua situação immediata: 2.ª outra incidente explicativa, *Aos quaes, etc.*; onde o relativo conjunctivo, declinavel, concorda não so por posição, mas tambem em genero e numero com o mesmo sujeito *Letrados*: 3.ª a incidente restrictiva *Que de mãos;* onde o *Que* se refere ao substantivo occulto *Prestimo*, e he o mesmo que se dissessemos: *Não servem de mais prestimo* além daquelle *que he de mãos*: 4.ª outra incidente restrictiva *Cujo não he*, onde *Cujo* se refere a dous antecedentes, hum occulto, que he *Dono*, e outro claro, que he o *alheio*, com quem concorda em genero, e numero, como se dissessemos: *E o dão áquelle homem*, de *quem*, *ou do qual não he*.

Nas parciaes integrantes, como por ex.: *Diga que fazes*, *Mande que faças;* o *Que* nunca se póde variar como nas incidentes: mas nem por isso deixa de concordar e conjuntar a proposição integrante com a sua fatal, entendendo-se-lhe sempre o antecedente *Isto*, como se dissessemos: *Diga isto que* he: *Fazes, etc. Mande* isto, *que* he: *Faças, etc.*

REGRA III.

Nas parciaes integrantes do infinito impessoal o sujeito da acção do verbo regido sempre he o mesmo, que do verbo regente; e esta identidade faz a sua concordancia. Porêm as orações feitas do infinito pessoal sempre tem hum sujeito differente do da oração regente. Por isso não he couza indifferente empregar huma fórma, ou outra. No pessoal disse bem Camões *Lus*. X. 76.

Faz-te mercê, barão, a sapiencia
Suprema *de* c'os olhos corporaes
Veres o que não póde a vã sciencia.

E Garcêz *Comm*. Tom. II. pag. 281 not. 180 não teve rasão de taxar de bastantemente licenciosa a locução *De c'os olhos veres;* pois o sujeito do verbo *Veres* he differente do do verbo *Faz*.

Mais rasão teve Manoel de Faria e Souza *Comm*. Tomo III. col. 335 para notar os dous lugares de Camões *Lus*. VII. 72.

. . . E *folgarás* de veres a policia
e VI. 15 . . . . Não te espantes
De a Baccho em teus Reinos receberes.

Nestas duas orações os sujeitos dos verbos regidos são os mesmos que os dos verbos regentes; e assim devia dizer: *E folgarás de ver*, e *Não te espantes de receber*, para guardar a concordancia. Comtudo algumas vezes se encontrão nos Classicos exemplos de infinitos pessoaes com o mesmo sujeito do verbo pessoal, a que servem de complemento. Mas ou vem antes delle, ou depois; em todo o caso

he sempre para tirar qualquer equivocação, ou incerteza, que possa haver sobre se he ou não o mesmo sujeito de ambos os verbos. Fóra destes casos se se encontra algum exemplo, que he raro, deve-se ter por pouco correcto, e por hum pleonasmo excusado.

§. III.

Concordancia das Proposições Totaes, subordinadas, com a Principal.

REGRA I.

A proposição responsiva, regular, concorda com a interrogativa na mesma linguagem e em sua regencia, ainda que em differente pessoa. *Quem es tu? Sou Antonio. De quem he este livro? De Antonio.* A rasão está clara. Porque na frase responsiva, regular, ou se repete, ou se entende o mesmo verbo, e no mesmo tempo, e com as mesmas dependencias.

REGRA II.

As proposições fataes subordinadas concordão no periodo com a sua principal por meio das conjuncções, adverbios, ou frases conjunctivas, que não so as ligão em hum sentido total, mas mostrão ao mesmo tempo a relação de correspondencia, em que aquellas estão para esta; relação, digo, ou de *Excepção*, ou de *Condição*, ou de *Prova*, e de *Explicação*, ou de *Circunstancia*, ou de *Graduação*, ou de *Contraposição, etc.* Podem-se ver a explicação, e exemplos desta regra, Liv. III. Cap. VI. *Das Conjuncções*, e as discordancias deste genero no fim do artigo seguinte.

ARTIGO II.

Syntaxe de Concordancia Irregular, reduzida a Regular pela Syllepse.

Ha discordancias apparentes, em que por huma parte o adjectivo parece discordar do seu substantivo ou em genero, ou em numero, ou em tudo isto; e por outra o verbo parece discordar do seu sujeito ou em numero, ou em pessoa.

Procede isto de que a concordancia não se faz então de palavra com palavra, mas da palavra com huma idea. O entendimento obrigado da necessidade, e auctorizado pelo uso, sem se ligar á terminação da palavra, liga-lhe outra idea de differente genero, com a qual a concorda; vindo assim a fazer huma discordancia material e apparente para fazer huma concordancia real, porêm so mental. A isto derão os Grammaticos o nome de *Syllepse*, ou *Synthese*, que querem dizer *Concebimento*, ou *Combinação*. Vamos discorrendo por cada huma dellas.

§. I.

Syllepse de Genero.

A regra da concordancia regular do adjectivo com o seu substantivo não suppõe senão hum so substantivo na oração. Porêm o mesmo adjectivo tem de concordar muitas vezes com dous, ou mais substantivos, e estes mesmos de differentes generos. Pelo que pertence á concordancia do numero; nenhuma duvida ha que, sendo dous os substantivos, o adjectivo e o verbo devão hir sempre ao plural: e Camões, *Lus.* III. 41. não errou (como diz o A. dos *Rudimentos*

da Gram. P. pag. 308) na concordancia, quando disse de Zopyro:

Onde rosto e narizes se cortava:

em lugar de *a si cortava.* Porêm póde-a haver pelo que pertence á concordancia do genero segundo os mesmos substantivos se achão ou todos no singular, ou todos no plural, ou hum no singular, e outro no plural, pela collisão, que então ha entre a concordancia do numero, e a do genero. A practica do uso he:

1.° Se todos os substantivos estão no singular, o adjectivo do plural, sendo attributo da oração, concorda em genero com o masculino, como: *O marido e a mulher são generosos.* Quando porêm o adjectivo he apposto a muitos substantivos de couzas e quasi synonymos, concorda com o ultimo de qualquer genero que seja, como: *O amor* e a amizade verdadeira. *A virtude, valor, magnanimidade* e esforço proprio. Os adjectivos *Hum* e *outro* algumas vezes se empregão assim no genero masculino, ainda que hum dos substantivos antecedentes seja feminino, como: *Eu devia-lhe* a vida e o reino; *elle* hum e outro *me tirou.*

2.° Se os substantivos estão no plural, o adjectivo do plural concorda com o que lhe fica mais proximo, quer atraz, quer adiante, de qualquer genero que seja, como: *Seus temores e* esperanças *erão* vãs, e *Erão* vãos seus temores e *esperanças*; onde os adjectivos *seus*, e *vãos* concordão em genero com o substantivo, que immediatamente lhe precede, ou se lhe segue.

A's vezes porêm o adjectivo do plural se acha em nossos Escriptores concordado com o substantivo masculino, ainda que esteja mais remoto que o feminino, como: Os vicios, e *não* as virtudes *são* os

que *entre si discordão.* (1) Os louros e *heras por ti* honrados. (2) Porêm faz huma grande differença ser o feminino mais proximo, excluido da affirmação do verbo pelo adverbio negativo *Não.*

3.° Se hum substantivo está no singular, e outro no plural, o adjectivo do plural concorda com o substantivo do plural em genero, qualquer que este seja, como: Os dinheiros *e fazenda erão* muitos, e As fazendas *e o dinheiro erão* muitas. *Não são* vossos poderes *e liberalidades tão* limitados. (3)

Porêm do contrario ha tambem exemplos, como o de Camões: (4)

Porque essas honras vãs, esse ouro puro
. . . .
Melhor he merecêl-os *sem* os *ter*,
Que possuil-os *sem* os *merecer*...

E o de Corte Real: (5)

Da branca seda leva o charo esposo
As calças *e* o jubão, *de ouro* lavrados.

E nós dizemos: *Tinha os pés* e a *cabeça* descobertas. Mas faz huma grande differença serem os adjectivos ou attributos da proposição, ou meramente appostos aos substantivos.

Seja como fôr, esta mesma variedade do uso mostra que esta ultima concordancia do adjectivo com o substantivo feminino do plural em genero

---

(1) Arraes, *Dial.* III. Cap. 5.
(2) Ferr. *Poem.* I. 13.
(3) Paiva, *Serm.* Tomo III. pag. 298.
(4) *Lus.* IX. 93.
(5) *Naufr.* IV.

não he inteiramente certa, e segura. O melhor pois he ou evitar a concorrencia de substantivos de differentes generos e numeros; ou, a não a poder evitar, dar a cada substantivo seu adjectivo separado; ou escolher algum de huma so terminação para concordar com ambos, como: *Os dinheiros erão* avultados e *a fazenda* muita, ou *As fazendas e dinheiro erão* grandes.

Bem se vê, que em todos estes casos a concordancia não he exacta. Porêm a *Syllepse* he que salva todas estas discordancias parciaes e inevitaveis, fazendo concordar o adjectivo com hum dos substantivos, com que mais relações póde ter ou de *numero*, ou de *proximidade*, ou de *preeminencia no genero*; visto não o poder concordar com todos senão mentalmente, applicando a cada hum a sua significação.

Tambem ha syllepse de genero, quando não concordamos os tractamentos politicos das pessoas com os adjectivos e participios, que se lhes seguem. Por exemplo, estes nomes *Magestade*, *Alteza*, *Excellencia*, *Senhoria*, *Mercé*, etc. São substantivos femininos, e neste genero concordamos com elles o possessivo *Vossa*; e isso não obstante, dizemos: *Vossa Magestade he* magnifico, *Vossa Alteza foi* servido: onde os adjectivos *magnifico* e *servido* não concordão formalmente com os substantivos *Magestade*, *Alteza*; mas com os appellativos *Rei*, e *Principe*, que temos em mente.

O que outrosim se vê nos substantivos femininos *Charamela*, *Sacabuxa*, *Sanfonina*, *Trombeta*, *Mascara*, *Pessoa*, e outros, a que se ajuntão adjectivos masculinos entendendo-se-lhes pela syllepse o appellativo *Homem*, como: *Muitas Charamelas*, e *Sacabuxas* vestidos: *Huma Sanfonina* cego; *Hum*

Mascara: *Hum Trombeta*; *Huma Pessoa* chamado, etc.

Os adjectivos *Excepto*, *Mediante*, *Não obstante*, *Salvo*, *Supposto*, usados adverbialmente nestas e semelhantes expressões: *Excepto algumas pessoas nobres*, *Mediante as suas orações*, *Não obstante estas couzas*, *Salvo a honra e os direitos*, *Supposto esta certeza*; parecem discordar em genero e numero. Porêm entendendo-se-lhes a todos *Isto*, *que he*, como: *Salvo* isto, que he, *a honra*, e *os direitos*, fica salva sua concordancia.

§. II.

Syllepse dos Numeros.

Ha syllepse dos numeros, quando a nomes do singular se ajuntão adjectivos ou verbos no plural; ou pelo contrario quando a nomes do plural se ajuntão verbos no singular. Succede isto principalmente com os nomes collectivos.

1.° Quando hum substantivo *Collectivo Partitivo* do singular he seguido da proposição *de*, e de hum nome do plural, o singular vai incluido no plural, como a parte em o todo. O adjectivo pois e o verbo concordão com o plural, e não com o singular, como: *Tanto que hum* golpe d'elles se fizerão *Senhores della*. (Barros) Estavão pegados *com elles* huma infinidade de homens. (Souza) A multidão dos artificios *de fogo*, *que continuamente* succedião, *huns a outros*, alumiavão *a fumaça da polvora*. (Pinto Pereira).

2.° Quando porêm o substantivo *Collectivo* he *Geral* e não partitivo, e he igualmente seguido da preposição *de*, e de hum nome do plural, este plural vai incluido no singular como a especie no genero. O adjectivo pois e o verbo concordão com o collectivo singular, e não com o nome do plural, como:

O exercito dos infieis *foi* inteiramente *derrotado.*

3.° Quando o substantivo *Collectivo Geral* se põe so, ou com a preposição *de*, e hum nome do singular, o adjectivo e o verbo podem concordar ou regularmente com o mesmo collectivo no singular, ou pela syllepse concordar em plural com os muitos individuos, que o mesmo comprehende, como: *Povoavão* os degráos muita *Sorte de gente*, que *parecião pobres* (Souza), ou *Povoava* os degráos muita *sorte de gente*, que *parecia pobre*. Começou a quebrantar *o povo* com diversos gravames, tirando-lhe as forças para melhor *os* dominar, *timidos*, e *sujeitos*, (J. Freire) ou: para melhor *o* dominar, *timido*, e *sujeito*.

4.° Quando algum dos adjectivos collectivos universaes *Tudo*, e *Nada* se põe depois de muitos substantivos continuados, ainda que sejão do plural, o verbo vai ao singular, como: *O ouro, os diamantes, as perolas*, tudo he *terra e da terra. Bens, dignidades, honras*, tudo desapparece *á morte, Jogos, conversações, espectaculos*, nada o tirava *de seu retiro.*

5.° Assim como com os collectivos geraes do singular se põe ás vezes o adjectivo e o verbo no plural, assim com os substantivos do plural, tomados collectivamente, se põe ás vezes o verbo no singular: o que accontece sempre com o verbo *Haver* impessoal na significação de *existir*, e com os verbos, que o determinão ao infinito, como: *Ha tempos, Houve muitos homens, Haverá cem annos, Póde haver alguns, Accontece haver pessoas*, etc.

Quando se usa dos pluraes *Nós*, e *Vós* em lugar do singular *Eu*, e *Tu*, os verbos concordão com elles no plural; mas os adjectivos põem-se no singular pela syllepse, como: *Se na vida seguirdes a opinião, nunca* sereis rico; se *a conformáreis á natureza, nunca* fôreis pobre (Lucena). *Antes* sejamos breve

que prolixo (Barros). *Nós não somos abastante para compridamente louvar.* (Fernão Lopes): o que não he falta de concordancia, como erradamente disse Francisco Dias na sua Analyse coroada em 1792. *Mem. de Litt. Portug. da Academia*, tom. IV. pag. 34.

Hum e outro, e *Nem hum nem outro* admittem a concordancia do adjectivo e do verbo em qualquer dos numeros, como: *Hum e outro he bom*, ou *são bons: nem hum, nem outro he bom*, ou *são bons*. Não corre a mesma regra com os appellativos. Posso dizer: *Hum e outro homem*; mas não: *Hum e outro homens*.

§. III.

Syllepse das Pessoas.

Quando na oração concorrem muitos sujeitos de differentes pessoas do singular com hum verbo so, este põe-se sempre no plural concordando com todos em numero; e em pessoa com o mais nobre, qual he o da primeira pessoa a respeito do da segunda, e o da segunda a respeito do da terceira, como: *Eu* e *tu andamos de saude: Elle*, e *tu estais sentados: Nós* e *vós hiremos junctos.*

Em todas estas syllepses as discordancias apparentes dos termos da proposição são admittidas pela necessidade, concordadas pela rasão, e auctorizadas pelo uso. Mas as que não tem por si nem necessidade, nem rasão, nem auctoridade, são as que mais merecem o nome de solecismos que o de syllepses, e que igualmente se podem commetter na syntaxe ou dos termos da proposição, ou das proposições parciaes com as totaes, ou das totaes entre si, como passamos a ver no artigo seguinte.

Das Discordancias, ou Solecismos.

Segundo Quintiliano (I, 5) ha solecismo em qualquer oração de hum sentido total, quando nella se põe adiante alguma palavra, que não condiz, nem concorda com as antecedentes. Todo solecismo pois he hum erro de syntaxe ou de concordancia, ou de regencia: mas daquella especialmente. Estes erros podem-se commetter ou nos termos mesmos da proposição quer simples, quer composta, ou na união das proposições parciaes com suas totaes, ou na união das totaes entre si.

§. I.

Discordancias, ou Solecismos nos termos da Preposição.

Nos termos da proposição ha erro, quando as conjuncções copulativas ajuntão sujeitos, attributos, ou complementos pertencentes a differentes verbos, como: *Condemno sua preguiça ;* e as culpas, *que seu descuido lhe fez commetter*, são inexcusaveis. Este defeito tem os versos de Camões, *Lus.* I. 1.

. . . . . . Que forão dilatando
A Fe, o Imperio, e as terras viciosas
D'Africa e d'Asia andárão devastando :

ou quando se emprega a disjunctiva *Nem* se preceder outra negação, a qual se entende nas frases interrogativas negativas, como: *Por ventura ha merecimento* algum *no bem, que hum homem faz a si*, nem

aos outros por amor de si? Porêm ainda com o mesmo Vieira não diria eu: *A afronta da Cruz foi a maior, que padeceo,* nem *podia padecer Christo a mãos da infidelidade, e temeridade humana.* V. Levizac *Gramm.* Part. II. C. X. Art. III.

Com *Hum* e *outro*, ou *Nem hum nem outro* podemos concordar o verbo e o adjectivo no plural, como vimos; porêm não os appellativos. Fr. Luiz de Souza (*Vid. do Arceb.* V, 4.) disse com mais liberdade do que devia: *Não erão bem despedidos de* hum e outro Arcebispos.

Cada, Cada hum, Cada qual, como são distributivos, não admittem o verbo no plural depois de si, dantes sim. Assim Azurara disse bem e mal ao mesmo tempo neste lugar da Chr. de D. João I, P. III. C. 34. *Cada hum trazia* tamanha ledice, como se determinadamente *soubessem*, que sem nenhum perigo *aviam de aver* victoria. Admittem porêm no plural depois de si nomes, que se lhes referem, como: *Vivia cada hum* (dos Eremitãos) em sua cella, *feitas* de pedra e *cobertas* com ramos. Brito *Chr.* V. 6.

Pelo contrario quando muitos substantivos continuados não estão na mesma relação, huns para outros, mas em differente, pode-se o verbo pôr no plural, como: *Patecasir com todolos seus padecião* grande *fome. Goes* Chr. de D. João III. Liv. III. 28: mas he erro concordar com elles o adjectivo em o numero plural. Assim disse mal Cort. Real (*Naufr.* Cant. VIII.)

> No batel vistes ja quasi *alagados*
> *Esse bom Capitão com quanta gente*
> Naquella embarcação primeira vinha.

Melhor disse o mesmo Goes, ibid. I. 35. Nesta angra foi Vasco da Gama com outros tres homens *ferido*.

O artigo neutro *O*, juncto ao verbo substantivo *Ser*, he sempre hum attributo, relativo ao sentido de hum adjectivo, ou appellativo da oração antecedente. He por tanto erro ou concorda-lo com os dictos adjectivos e appellativos em genero e numero; ou concorda-lo no genero neutro, não tendo a palavra, a que se refere, genero algum, como se dissessemos: Esta historia acabará de *desenganar* os que devem *se-lo*, isto he, *desenganados*; o que não está na primeira frase, mas *desenganar*. No mesmo erro cahio Vieira, Carta I, 67: Debaixo destes accidentes se encobre grande substancia, a qual se *manifestará* brevemente quando ja hoje *o não esteja.*

Tambem se erra ou omittindo o artigo, quando se deve pôr; ou pondo-o, quando se deve omittir. Quando concorrem muitos substantivos de differentes generos e numeros, principalmente não sendo synonymos, não basta pôr o artigo so ao primeiro; he necessario repeti-lo a cada hum, e dizer: *Os pais, e as mãis*; O senhorio dos homens, das terras, e dos ventos (1); e não: *Os pais, e mãis; O senhorio* dos *homens, terras,* e *ventos.*

O mesmo se deve praticar com os adjectivos, que tem significações oppostas. Jacyntho Freire disse: (2) *Onde se consumem com os successos prosperos e adversos.* Deveria dizer: *e com os adversos.* Quando em lugar do artigo se põe outro determinativo, este mesmo se deve repetir a todos os substantivos continuados, principalmente quando são differentes generos e numeros, e dizer: *Meu pai*, e *minha mãi; Seus vestidos, e suas joias; Este homem*, e *esta mulher;* e não: *Meu pai, e mãi; Seus vestidos, e*

(1) Jacyntho Freire, *Vida de D. João*, Liv. III. pag. 104.
(2) Ibid. pag. 104.

joias; Este homem, e mulher. Pelo contrario, quando, qualquer nome appellativo he determinado por algum dos adjectivos determinativos, he hum pleonasmo excusado ajuntar-lhe o artigo. Nossos melhores Classicos dizem sempre : *Meus avós*, *Teus antepassados*, *Seus bens*, *Vossa fortuna*, etc., e não : *Os meus avós*, *Os teus antepassados*, *Os seus bens*, *A vossa fortuna*, etc.

O collectivo universal *Todo*, quando se toma distributivamente em lugar de *Cada*, tambem não admitte de companhia artigo depois de si, como : *Todo homem pode mentir*, *mas nem todo homem mente*. Esta he a practica de nossos melhores Escriptores. Quando porêm se toma pela totalidade ou absoluta, ou parcial dos individuos, admitte artigo, mórmente seguindo-se-lhe alguma incidente, que o restrinja, como : *Querer contentar todo o mundo he loucura* : *He necessario cumprir* todas as *obrigações*, *que contrahimos*. Taes são as discordancias e solecismos, em que inda agora cahem muitos a respeito dos termos da proposição, e seus modificativos.

§. II.

Das Discordancias e Solecismos na união das Proposições Parciaes.

Passando ja ás discordancias das proposições parciaes com suas totaes ; he huma observação certa, que nenhuma proposição incidente póde modificar hum antecedente, que se não ache ja determinado ou pelos artigos, ou por outro determinativo. He pois erro ajuntar qualquer incidente a hum appellativo indeterminado, como seria : *Pedro he* homem, que *muito estimo* : *Casa, que mal se edifica*, *em breve cahe*. Devo dizer : *Pedro he* hum *homem*, *que muito estimo*. A casa, que *mal se edifica*, *em breve cahe*. Por

esta rasão he incorrecta a expressão do Barros (1): O *tempo não gastará* doutrina, costumes, linguagem, *que os Portuguezes nestas terras deixárão.* Ficava melhor: *a doutrina, os costumes, e a linguagem, que,* etc.

Daqui vem, que, quando o antecedente he hum appellativo com artigo, seguido de outro substantivo com a preposição *de* sem artigo; o relativo conjunctivo *Que*, que lhe ata a proposição incidente, se refere naturalmente ao substantivo determinado, e não ao indeterminado. Quando digo v. gr. *Pedro he hum* homem de honra, que *eu muito estimo;* o *Que* não causa equivoco, porque se refere não ao substantivo immediato antecedente *Honra*, que se acha indeterminado; mas sim ao mais remoto *homem*, especificado pelo artigo *Hum*.

Não succede porêm assim, quando o segundo substantivo tem tambem artigo. Então o *Que* pode-se referir ou ao primeiro, ou ao segundo; e neste caso deve-se variar a fórma do relativo para tirar a ambiguidade, como neste exemplo: *Hum milagre* da Divina Providencia, que *he grande*, etc. Onde o *Que* he equivoco, e faz duvidar, se a incidente pertence ao primeiro substantivo *Milagre*, se ao segundo e mais proximo *Providencia*. Para se tirar a duvida, deve-se mudar o *Que* em *O qual*, se se refere a *Milagre;* e em *A qual*, se se refere a *Providencia*.

Tambem se costuma errar na concordancia das proposições parciaes, feitas pelos participios imperfeitos activos em *ndo*, quando tendo differente sujeito do da sua principal, este se lhe não exprime, deixando assim em duvida, se o agente de ambos os verbos he o mesmo, se diverso. Jacyntho Freire na mesma fala de Coge Çofar cahio duas vezes nesta

(1) Dial. da L. P. pag. 229.

inadvertencia : a primeira quando diz : *Sendo vassallo, me tratou como amigo, e me amou como filho.* Devia dizer : *Sendo eu vassallo*, etc. A segunda, quando diz : *Pois, insensiveis, e ingratos, estamos alimentando os homicidas de nosso monarca em nossa mesma casa*, gozando *como herança a praça, que assegurarão com tão atroz delicto, hontem hospedes, agora senhores.* Deveria dizer : *Gozando elles*, etc.

Hum semelhante erro se commette nas orações parciaes integrantes do infinito, quando o verbo, que as determina para lhe servirem de complementos, tem o mesmo sujeito, ou differente, usando da fórma pessoal no primeiro caso, e da impessoal no segundo, e dizendo v. gr. *Vens para me veres, e não para te ver*, quando pelo contrario se deve dizer : *Vens para me ver, e não para te verem.* Veja-se Cap. II. Art. I. §. 2. Regra III.

Outro solecismo bem vulgar he empregar o relativo conjunctivo adverbial *Cujo*, que val o mesmo, que *De quem*, *D'o qual*, ou sem a sua relação propria de *Possessão* em lugar de *Qual*, ou *Que* sem preposição, dizendo : *Hum homem, cujo não conheço* : ou como complemento de outra preposição differente daquella, que sempre leva comsigo, como : Em todas estas sepulturas e moimentos ricos dos donos *de cujas* forão. (Tenreiro *Itin.* Cap. 10.) ou dando á preposição *de*, incluida no mesmo conjunctivo, outra relação differente da que naturalmente tem para exprimir hum possuidor, como fez nosso Lobo na *Egloga* III, dizendo :

Ao rico tudo lhe cabe :
O pobre lamenta e chora,
He so a canceira sua,
E o bem *de cujo* Deos sabe

De cujo em lugar de *De quem* he hum pleonasmo insupportavel ; e se *De* por ellipse está em lu-

gar *De aquelle*, o relativo *Cujo* ja se não refere ao substantivo *Bem*; nem com elle concorda, como devia; mas com o possuidor *do qual*, ou *qual Deos sabe*. De qualquer modo o abuso deste e dos mais conjunctivos relativos perturba inteiramente a ligação e concordancia das proposições incidentes com suas totaes, de que fazem parte.

§. III.
Das discordancias, ou Solecismos na união das Proposições Totaes entre si.

Finalmente tambem ha solecismos e discordancias na ligação das proposições totaes, que compõem os membros de qualquer periodo, todas as vezes que ha inconsequencia entre a proposição principal e suas subordinadas, ou por não haver correspondencia entre as conjuncções periodicas para as fazer jogar humas com outras; ou por esta correspondencia se achar perturbada com outras orações mal collocadas, que se lhe mettem per meio.

Os Grammaticos chamão *Anacloutho* a esta especie de solecismo, como, se principiando v. gr. o periodo por *Aindaque*, e fazendo esta conjuncção esperar a sua correspondente, que he *Comtudo*; se substituisse a de *Assim tambem*: ou ás avessas começando por *Assim como*; acabassemos por *Comtudo*, e assim em outras, como: *Simão da Costa em vendo as vellas*, e se affirmou *serem galés, se foi saindo para o mar*. Andrade, Chr. D. J. IV, 92. *Começou a abrir outras minas, que sendo tambem conhecidas, se atalharão: as quaes não referimos, porque não involvem successo memoravel*, como por *evitar o fastio de relatar cousas tão parecidas*. Jacyntho Freire II, 183.

Mas, guardada ainda a devida correspondencia entre os conjunctivos e pensamentos, que elles

ligão, pode haver confusão no sentido, por não estarem as orações em seus devidos lugares. Hum Auctor illustre diz : *Sendo sempre justa e santa a vontade de Deos ; ella da mesma sorte he sempre adoravel, e sempre digna de nossa submissão e amor ; bem que seus effeitos sejão para nós algumas vezes custosos e duros : pois que so as almas injustas he que podem achar que dizer contra a Justiça.*

A proposição principal deste periodo he : *A vontade de Deos he sempre adoravel*, etc. Ella he precedida de huma proposição subordinada, e seguida de outras duas. Cortada a ultima que he : *Pois que so as almas injustas*, etc., não ficaria o periodo máo ; porque esta oração, posta no fim delle, causa seu embaraço, e sua confusão : embaraço, porque não está em seu lugar em rasão de se referir á proposição principal, que lhe fica acima alguma cousa distante ; e confusão, porque parece á primeira vista referir-se á subordinada immediata, que lhe precede.

Nem este effeito se remediaria com transpo-la para o seu lugar ; antes se viria a recahir em outro. O unico meio pois de o evitar he cortar-lhe a conjuncção *Porque*, e fazer uma oração á parte, que o sentido mesmo ligará naturalmente com as de cima.

CAPITULO III.

Syntaxe de Regencia.

Reger quer dizer determinar, e demandar alguma couza. E como em todas as linguas ha humas palavras, cuja significação he transitiva, ou relativa, e que por isso requerem se lhes complete para não ficar suspensa ; daqui veio dizer-se que, assim como a relação de *Identidade* entre as ideas he o fundamento da syntaxe de concordancia, assim a relação

de *Determinação* entre as mesmas he o fundamento da syntaxe de regencia.

Por exemplo: Os verbos activos transitivos requerem depois de si hum objecto, em que passe sua acção. Os adjectivos da mesma sorte, que tem huma significação relativa, requerem depois de si hum termo, que lhes complete sua relação; e as preposições com seus complementos requerem outrosim hum antecedente, a quem sirvão de complemento.

Ha outras palavras, cuja significação he intransitiva e absoluta, e que por isso não demandão depois de si outras para lhe completarem; como são quasi todos os nomes appellativos, e os adjectivos, e verbos, que exprimem hum simples estado, huma qualidade absoluta. Porêm assim mesmo são susceptiveis de varias determinações, e circunstancias, com que sua significação se pode ou restringir, ou explicar pelas preposições com seus complementos, que se lhes ajuntão. Estas palavras pois não são regentes, mas sim regidas; e d'aqui duas especies de regencias, humas *Correlativas*, e outras simplesmente *Relativas*.

Quando as palavras tem huma significação relativa, que para se terminar necessita de huma preposição com seu complemento, esta regencia he correlativa; porque, se a palavra demanda huma preposição com seu complemento, esta mesma preposição com seu complemento demanda hum antecedente, a que sirva de complemento. Quando digo, por ex. *Amo a Deos*; o verbo *Amo* pede hum complemento; mas tambem o complemento *A Deos* pede hum antecedente, qualquer que elle seja.

Quando porêm as palavras tem huma significação absoluta, esta nada determina; e porêm pode ser determinada e modificada por huma preposição com seu consequente, a qual demanda necessaria-

mente hum termo antecedente, a quem complete, qualquer que elle seja. Esta regencia pois he simplesmente relativa; porque nella não ha senão huma so relação, que he a do termo consequente ao antecedente, e não deste áquelle. Quando digo, por ex. *O amor de Deos*, o appellativo *Amor* per si nada pede; porêm o complemento *De Deos* pede infallivelmente hum antecedente.

Onde ha regencia, necessariamente hade haver *Partes Regentes*, e *Partes Regidas*. As partes regentes, propriamente falando, não são senão duas, a saber: O adjectivo de significação relativa, e a preposição; porque no adjectivo vai incluido o verbo adjectivo, e o adverbio mesmo de significação relativa; pois que elles não tem esta significação senão do attributo relativo, que levão comsigo *Depender de Deos*, *Dependente de Deos*, *Dependentemente de Deos*, he tudo a mesma idea relativa de *Dependencia*, que se reproduz debaixo destas differentes formas. A preposição *tambem* de sua natureza he relativa, e pede não so hum termo consequente, que complete sua relação, mas tambem hum antecedente, a quem ella mesma com seu consequente sirva de complemento. Quando digo: *A Deos*; a preposição *a* não so requer o nome que tem adiante, mas hum antecedente de significação relativa, a que sirva de complemento, v. gr. *Rogo a Deos.*

Partes Regidas podem ser todas as que compõem a oração; ou hum *Nome*, quer proprio, quer appellativo, *Livro de Pedro*, onde *Pedro* he regido da preposição, e *Livro* regido outrosim da mesma preposição com seu complemento: ou hum *Verbo* v. gr. *Quero amar*, *Para amar:* ou hum *Adverbio*, como: *D'onde*, *Por onde*, *Para onde:* ou qualquer outra parte substantivada, como: *Com outro Eu*,

Querer o justo, o bom; Lançar ais; Dizer pro e contra; Sem senão, etc.

As Linguas Grega e Latina, para mostrar as differentes relações, em que estas palavras regidas estavão para as que as região; servião-se ou das differentes terminações, que davão ao mesmo nome, chamadas *Casos*: ou, quando a palavra regida era indeclinavel, pondo-a juncto da regente, como: *Genu flectere*, *Homo frugi*, *Exinde*, *Commisisse cavet*. Nós, á excepção dos pessoaes primitivos, não temos casos. Mas nem por isso deixamos de exprimir as mesmas relações, que os Gregos e Latinos exprimião pelos seus casos, ou sos sem preposição, ou com ella. O que elles fazião pelas *Posposições*, ou terminações accrescentadas no fim do nome, fazemos nós pelas *Preposições* junctas ao principio do mesmo. Os signaes são alguma couza differentes; as relações porêm significadas por elles são as mesmas.

Ora todas estas relações se reduzem geralmente a quatro, correspondentes aos quatro casos Latinos. Porque ou a parte regida está em rasão do *objecto* para a parte regente; e lhe daremos o nome de *Complemento Objectivo*, que corresponde ao accusativo Latino; ou em rasão de *Termo*, e lhe chamaremos *Complemento Terminativo*, que corresponde em parte ao dativo Latino. Ambos estes completão a significação relativa das partes regentes.

Ha outros dous complementos, que não completão, mas mudão a significação vaga e absoluta das partes, quo não regem; outros ou restringindo-a, ou explicando-a. Ao primeiro dou o nome de *Complemento Restrictivo*, que corresponde ao genitivo Latino; e ao segundo o de *Complemento Circunstancial*, que corresponde ao ablativo Latino. Os primeiros dous são regidos pelas partes regentes: estes dous segundos não são regidos, nem deter-

minados pelas palavras a que servem de complementos; mas elles são os que propriamente as regem e determinão. O que passamos a explicar no artigo seguinte, que tracta da syntaxe de regencia regular, reservando para o segundo o tractar da regencia irregular.

ARTIGO I.

Syntaxe de Regencia Regular.

A regencia he regular, quando as palavras regentes tem expressos na oração os seus devidos complementos, e os complementos os seus devidos antecedentes, sem ser preciso entenderem-se-lhes de fóra. As palavras regentes ou significão tão somente huma acção, ou tão somente huma relação, ou huma acção e ao mesmo tempo huma relação.

As primeiras devem ter hum complemento objectivo, as segundas hum terminativo, e as terceiras dous, hum objectivo e outro terminativo. As palavras, que não significão nem acção, nem relação, não requerem complemento, mas podem receber ou o restrictivo, ou o circunstancial, como passamos a mostrar discorrendo por cada hum delles.

§. I.

Complemento Objectivo.

Chama-se assim toda palavra, ou oração, que he o primeiro termo, ou objecto, sobre que se exercita a acção do verbo activo, com a qual se responderia á pergunta *O que?* como quando digo: *Eu amo;* se se me pergunta *O que?* e respondo a *Deos?* este substantivo *Deos* com a preposição *a* he o complemento objectivo do verbo *Amo.*

Quando este complemento objectivo he de pessoa ou couza personificada, sempre leva comsigo

a preposição *a*, excepto se são pronomes pessoaes. Porque como estes tem casos apropriados para exprimir esta relação objectiva, comsigo mesmos levão adverbialmente a mesma preposição. Assim dizemos com preposição: *Amar* a Deos *e* ao proximo *como* a nós mesmos; *Honrar* a seu pai *e* a sua mãi; e sem ella: *Eu* te *amo*, *Tu* te *amas*, *Elles* nos *amão*, *Tu* me *amas*, *Elles* vos *amão*, *Elle* se *ama*, *Elles* se *amão*, *Eu* o *amo*, *Tu* os *amas*. Estes casos são incliticos, e por isso tem todos accento grave, e podem estar antes, ou depois do verbo. Estes mesmos pronomes nunca são complementos objectivos do verbo, senão quando este he simplesmente activo, e não ao mesmo tempo relativo. Porque então mudão de relação, como veremos mais abaixo.

Quando porêm o complemento objectivo he de couzas, e não de pessoas, então não leva comsigo preposição alguma. O lugar immediato, que se lhe dá logo depois do verbo, na construcção directa, he o signal desta sua relação, quer leve artigo, quer não, como: *Amo a virtude*, *Aborreço o vicio*, *Busco honra* e *dinheiro*, *Quero viver*: onde as palavras *virtude*, *vicio*, *honra*, e *dinheiro*, e o infinito *viver* sem ser precedidos da preposição *a*, so pela sua posição, fazem os complementos objectivos, cada hum de seu verbo.

A rasão de huns complementos objectivos levarem preposição, e outros não, he, porque muitos verbos activos tem significação activa e ao mesmo tempo relativa; e pedem por consequencia não so hum objecto, mas tambem hum termo. E como aquelle ordinariamente he de couzas, as palavras, que exprimem estas, vão sem a preposição *a*, ficando esta reservada para o termo da relação, que as mais das vezes he pessoa, como melhor se verá no §. seguinte.

§. II.

Complemento Terminativo.

Chama-se assim toda palavra, ou oração, que serve de termo á significação relativa das palavras regentes: e assim como as significações relativas são differentes, assim o são tambem as preposições, que se empregão n'estes complementos terminativos. As mais usuaes são seis, a saber: *a*, *para*, *por*, *de*, *com*, *contra*, com as quaes, e com seus consequentes se responde ás perguntas, que naturalmente se farião a quem empregasse huma destas palavras relativas sem termo algum; que completasse sua relação, dizendo: *Abalançar-se*, *Prestar*, *Trocar*, *Lembrar-se*, *Reconciliar-se*, *Conjurar-se*, etc. Pois justamente se lhe perguntaria: *Abalançar-se*, *a que?* e se lhe responderia v. gr. *Aos perigos: Prestar, para que? Para muito: Trocar ouro, por que? Por prata: Lembrar-se, de que? Do tempo passado: Reconciliar-se, com quem? Com seus inimigos: Conjurar-se, contra quem? Contra a patria.* O mesmo acconteceria com os adjectivos de significação relativa, como: *Pertencente*, *Apto*, *Empenhado*, *Dependente*, *Concorde*, *Indignado*, e infinitos outros.

Aqui seria o lugar proprio para fazer o catalogo de todas estas palavras de significação *relativa*, e das differentes preposições com seus complementos, que depois de si pedem como termos de suas relações, como fez o Auctor da *Grammatica da Lingua Castelhana*, gastando nelle huma sexta parte de sua obra. Porêm esta empresa para ser completa, requereria hum largo diccionario, que, depois de feito, pouco aproveitaria aprende-lo de côr. Para saber as preposições regidas destas palavras, basta re-

flectir em sua significação, consultar o uso vivo, e na duvida os diccionarios da Lingua.

Os adjectivos e adverbios, que podem reger, nunca tem senão significação relativa. A maior parte dos verbos activos não tem senão esta significação simplesmente sem ser relativa. Porêm ha muitos, cuja significação activa he tambem relativa. Taes são grande parte dos verbos pronominaes, e os que significão *Accomodar*, *Ajuntar*, *Attribuir*, *Dar*, *Tirar*, *Receber*, etc.

Estes tem ordinariamente dous complementos, hum objectivo correspondente á sua acção, e outro terminativo correspondente á sua relação, como: *Dar louvor ao merecimento : Tirar o direito a quem o tem : Receber alguma couza de alguem*, etc.

Como os casos pessoaes *Me*, *Nós*, *Te*, *Vós*, *Se*, valem tanto como *A mim*, *A nós*, *A ti*, *A vós*, *A si*, quando se ajuntão aos verbos meramente activos, são sempre complementos objectivos dos mesmos. Quando porêm se ajuntão com os verbos activos relativos, de que estamos falando, são sempre complementos terminativos. O pronome directo da terceira pessoa *lhe*, *lhes*, he sempre terminativo, como se pode ver nestas frases: *Faze-me isto*, *Faze-nos este favor*, *Faço-te mercé*, *Faço-vos mercé*, *Dar-se louvores*, *Querer-lhe todo bem*, etc.

§. III.

Complemento Restrictivo.

Os dous complementos objectivos e terminativos, de que acabamos de falar, são os unicos regidos e determinados pelas partes regentes, e como taes os unicos tambem, que são necessarios e indispen-

saveis para completar as significações das mesmas, a qual sem elles ficaria por completar e suspensa.

Os dous seguintes porêm, que são os complementos, *Restrictivo* e *Circunstancial*, não são determinados, nem regidos por parte alguma da oração; mas addicionados a ellas por quem fala ou escreve, para lhes modificar e mudar a significação, ja restringindo-a, ja explicando-a, e ampliando-a. Não são por tanto essenciaes e necessarios á integridade grammatical da oração, ainda que o sejão para a sua verdade, e boa intelligencia.

O *Complemento Restrictivo* he qualquer palavra, precedida da preposição *de*, e posta immediatamente depois de qualquer nome appellativo, para lhe restringir e determinar a significação vaga á geral, que sempre tem, como quando digo: *Livro de Pedro*, *Homem de virtude*, *Amor de Deos*, *Senhor de escravo*; onde os nomes appellativos *Livro*, *Homem*, *Amor*, e *Senhor*, sendo communs a toda a casta de livros, de homens, de amores, e de senhores, são restringidos o 1.º a hum individuo pela addição do nome proprio *Pedro*; o 2.º a huma classe particular de homens virtuosos pelo complemento *de virtude*; o 3.º a hum amor singular pelo complemento *de Deos*; e o 4.º a hum possuidor privativo pelo complemento *de escravo*.

Os Grammaticos derão a este complemento, e ao genitivo Latino que lhe corresponde, o nome de *Caso de possessão*. Porêm, se o he algumas vezes, não o he sempre, como se vê nos tres exemplos ultimos: *Homem de virtude*, *Amor de Deos*, *Senhor de escravo*; e o nome de complemento restrictivo sempre lhe convem.

Este complemento, quando se faz dos pronomes pessoaes, sempre se exprime pelos pessoaes derivados *Meu*, *Nosso*, *Teu*, *Vosso*, *Seu*; e não pela pre-

posição *de* com os pessoaes primitivos *De mim*, *De nós*, *De ti*, *De vós*, *De si*, como: *Saudades minhas*, *Saudades tuas*, isto he, *que eu tenho*, *que tu tens*. Quando dizemos: *Saudades de mim*, *Saudades de ti*, são as que outrem tem de mim e de ti; e então he este complemento, não restrictivo, mas terminativo.

Porque não se deve confundir a mesma preposição *de*, quando he restrictiva, quando terminativa, e quando circunstancial. Ella he restrictiva, quando se ajunta a nomes de classes, ou appellativos. Quando porêm se põe depois de substantivos, adjectivos, ou verbos de significação relativa, he terminativa, como quando digo: *filho de Antonio*, *Pai de Pedro*, *Irmão de Sancho*, *Desejo das honras*, *Compaixão dos miseraveis*, *Cheio de favores*, *Rico de dinheiro*, *Pobre de fazenda*; e geralmente falando, quando seu antecedente tem a significação de *encher*, *despejar*, *privar*, *separar*, *carecer*, *gosar*, etc.

Quando porêm o antecedente tem huma significação absoluta, a mesma preposição he então circunstancial, como: *Tractar*, ou *Falar de alguma couza*. Se em todos estes casos a preposição *de* parece tambem restringir de alguma sorte a significação de seu antecedente, he porque todo o complemento ajuntando sempre alguma idea nova á palavra, que modifica, parece tambem restringi-la: mas este não he o seu fim principal.

§. IV.

Complemento Circunstancial.

Toda palavra, ou oração precedida de preposição, qualquer que esta seja, e juncta a qualquer verbo, ou adjectivo sem ser pedida pela sua significa-

ção, he hum complemento circunstancial, que se lhe dá para a explicar.

Estes complementos são de dous modos. Huns pertencem ao verbo substantivo, que faz sempre o fundo e a base de todo o verbo adjectivo; e outros ao attributo, ou adjectivo proprio de cada verbo. Todos os complementos circunstanciaes relativos ao lugar, ao tempo, e aos gráos de affirmação pertencem ao primeiro; porque todos elles dizem respeito á existencia, e ao modo de a enunciar; o que he privativo do verbo substantivo, e não da idea attributiva, que o verbo adjectivo lhe accrescenta.

Todos os mais complementos circunstanciaes relativos á quantidade, qualidade, modo, fim, e meios, ou instrumentos, com que alguma couza se faz, pertencem ao attributo do mesmo verbo adjectivo; pois que todos são modificações ou da acção do verbo, ou da qualidade, que elle exprime. Tudo isto se perceberá melhor neste exemplo feito de proposito para o demonstrar.

„ Em Coimbra, *desde aquelle* tempo *até* agora, " *sem* interrupção alguma, *com todo* o ardor *me* en- „ treguei, *entre* outros, *aos* estudos das sciencias na- „ turaes *sob* Professores excellentes *para* instrucção „ minha, e em utilidade publica. „

O unico verbo desta oração he o verbo activo *Entreguei*, que dividido em seus elementos val o mesmo que *Estive applicado*. A elle so estão subordinados nada menos que onze complementos, hum sem preposição, que he o pronome *me*, e os mais regidos todos das preposições *em*, *desde*, *até*, *sem*, *com*, *entre*, *a*, *sob*, *para*, e outra vez *em*.

O primeiro, que he o pronome pessoal *me*, he o complemento objectivo sobre que cahe a acção do verbo *Entregar*; o segundo he *Aos estudos*, complemento terminativo da significação relativa do mesmo

verbo. Estes dous complementos são indispensaveis e necesarios para encher e completar a significação do verbo, por isso mesmo que delle são demandados e regidos. Todos os mais são accessorios, e sem elles ficaria a oração perfeita em sua integridade grammatical, bem que imperfeita quanto a seu sentido, e circunstancias.

Taes são os nove complementos circunstanciaes, dos quaes os primeiros quatro pertencem ao dicto verbo como substantivos, e os outros cinco ao mesmo como adjectivos. Aquelles são: *Em Coimbra*, *Desde aquelle tempo*, *Até agora*, e *Sem interrupção alguma*. Todos elles são relativos á existencia *em Coimbra*, e ao espaço de tempo da mesma, fixado pelas duas epochas *Desde*, *Até*, e pela sua continuação *Sem interrupção alguma*. O que se vê claramente juntando estes quatro complementos so ao verbo substantivo, e dizendo: *Desde* aquelle tempo *até* agora, *sem* interrupção alguma estive *em* Coimbra applicando-*me*, etc.

Ja os outros cinco são todos relativos á *applicação*, que he o attributo do mesmo verbo. O primeiro *Com todo o ardor* nota a circunstancia do *modo*. O segundo *Entre outros* nota a circunstancia da *concomitancia* de huma applicação com outras. O terceiro *Sob Professores excellentes* nota a circunstancia dos *meios* e *instrumentos* da applicação. O quarto *Para instrucção minha* accrescenta a circunstancia do *fim proximo* da mesma applicação. E o quinto *em utilidade publica* ajunta a circunstancia de outro *fim* mais remoto e ultimo, que *me* propuz na mesma applicação.

Alêm destes onze complementos, pertencentes todos ao mesmo verbo, ja como substantivo, ja como adjectivo; ha ainda hum duodecimo, pertencente ao nome appellativo *Estudos*, que he *Das*

sciencias, complemento restrictivo, que limita a significação dos estudos em geral ao estudo particular das sciencias naturaes. Daqui se vê, que cada huma das preposições, debaixo da sua relação geral, se pode applicar a muitas particulares segundo a significação das palavras regentes, que a determina, e segundo os consequentes, que se lhe dão. Passemos á syntaxe de regencia irregular.

ARTIGO II.

Syntaxe de Regencia Irregular, reduzida a Regular pela Ellipse.

Pelo que temos dicto se vê, que qualquer frase, ou oração, para ser cheia e inteira, deve ter hum sujeito, hum verbo, e hum attributo ou separado, ou incluido no mesmo verbo; e qualquer dos termos da proposição, ou oração tendo significação ou activa, ou relativa, deve ter hum complemento, que lha complete e termine; e todo o complemento hum antecedente, ao qual se refira.

Todas as vezes pois, que falta qualquer destas partes na oração, ha *Ellipse*, ou *Falta*, a qual he huma figura, pela qual se cala alguma palavra, ou palavras necessarias para a integridade grammatical da frase, mas não para sua intelligencia. Digo: *não necessaria para sua intelligencia:* porque toda ellipse, que não he viciosa, anda sempre juncta com os supplementos, que ou a *Rasão*, ou o *Uso* subministrão ao *Espirito* de quem ouve, ou lê para completar o sentido; e daqui duas sortes de ellipses, humas que tem por fundamento a *Rasão*, e outras o *Uso*.

§. I.

Ellipses, que tem por fundamento a Rasão.

Tem a rasão por fundamento todas as ellipses, que se supprem com alguma palavra, declarada ja em alguma parte analoga da mesma oração, ou periodo, e que se não repete nas outras por causa de brevidade, e por ser facil de entender. Taes são

1.° Quando nas orações, compostas de muitos sujeitos, ou de muitos attributos, se põe hum so verbo ou no principio para se entender a todos os que se seguem, ou no fim para servir a todos os que precedem, como: *No Ceo* creou *Deos os Anjos, no ar as aves, no mar os peixes, na terra as plantas, os animaes, e ultimamente o homem.* Onde o verbo *creou* se entende a cada hum dos objectos, que se lhe seguem; e nestes exemplos: *O mercador no tracto, o lavrador no campo, o bom frade na Religião,* se deleita; o verbo *deleita*, que está no fim, se entende a cada hum dos sujeitos antecedentes.

2.° Todas as vezes, que se repete o artigo sem substantivo, se lhe entende sempre o que immediatamente lhe precede, como: *O caminho da verdade he* o *unico* e *simples; e* o da falsidade *he vario e infinito.* Onde os dous artigos, seguintes ao primeiro, querem se lhes entenda o substantivo *caminho*.

3.° Nas proposições complexas de muitas incidentes continuadas, o mesmo sujeito, ou attributo da primeira se subentende a todos os relativos conjunctivos das seguintes: o que não succede, quando as incidentes são subordinadas humas ás outras. Exemplo: *A ingratidão*, que *perverte o juizo*, que *perturba a rasão*, que *cega o entendimento*, que *corrompe a vontade, impede o caminho da salvação.*

Nestas e semelhantes ellipses a rasão mesma, e a analogia das orações entre si, mostrão logo a palavra, que se lhes deve entender sem ser necessario repeti-la; e por isso ellas são mui ordinarias e communs a todas as linguas.

§ II.

Das Ellipses, que tem por fundamento o uso, *e solecismos do* abuso.

Naquellas ellipses porêm, que so são auctorizadas pelo uso de cada lingua, não ha o mesmo recurso, que nas primeiras. He preciso supprir de fóra as palavras, que faltão; que por isso não são sempre as mesmas em todas as linguas, e cada huma tem as suas. As mais ordinarias são:

1.° A todo adjectivo, que se acha so na oração, se entende sempre hum substantivo. Assim, quando dizemos: *Os mortaes*, *Os Christãos, Os Infieis, Os sabios*, se lhes entende *Homens*.

2.° A todo artigo, que não tem nome appellativo diante de si, se lhe entende ou o proximo antecedente, ou hum de fóra. Assim, quando elle vem com nomes proprios de provincias, reinos, rios, e ainda de pessoas, se lhe deve entender o nome commum a cada hum delles, como: O *Brazil* suppl. O *paiz do Brazil;* O *Portugal antigo* suppl. O *Reino de;* O *Douro*, O *Tejo,* O *Mondego* suppl. O *Rio de;* O *Camões* suppl. *Poeta.*

3.° A todo apellativo, ou adjectivo, ou complemento qualificativo com sua proposição, quando sem conjuncção se achão appostos ao sujeito, ou attributo da proposição, se entende sempre o relativo conjunctivo *Que* com o verbo substantivo ou no indicativo, ou no participio em *ndo,* equivalendo

a huma proposição incidente, como: *O Tejo, rio principal da Europa* suppl. *Que he hum; Lisboa, Cidade das mais nobres do mundo*, suppl. *Que he huma; As couzas bem acertadas hão de ter execução breve*, suppl. *Que são bem acertadas; Hum engenho naturalmente mordaz assim reprehende as couzas, que não sabe, como as que entende*, suppl. *Que he naturalmente mordaz; O homem de prudencia e conselho considera primeiro do que obre*, suppl. *O homem, que he homem de prudencia.*

Em perigos e guerras esforçados
Mais do que promettia a força humana,
suppl. *Sendo em perigos, e guerras esforçados.*

4.° A todo relativo, que está so na oração sem antecedente, ou pareça meramente conjunctivo, ou faça parte de huma frase adverbial, ou seja interrogativo, se entende sempre seu antecedente, como: *Creio que sabes, Duvido que saibas*, suppl. *Isto* que *he: sabes, Isto* que *he: saibas: Depois que partiste, Desde que partiste*, suppl. *Depois*, ou *desde o momento em que partiste; Visto que não he possivel*, suppl. *Visto isto, pelo que não he possivel.*

Em todas estas frases interrogativas: *Quanto custa este livro? Como vão as couzas? Aonde vás tu? Porque? Quando tornarás tu? Que se segue? Quem he? Que esperas tu? Qual dos dous?* em todas, digo, se entende sempre a frase imperativa, *Dize-me o preço por* quanto, *O modo* como, *O lugar* aonde, *A rasão* por que, *O tempo* quando, *Aquillo* que se segue; *A pessoa* quem he; *Aquelle* dos dous o qual, etc.

5.° A todo substantivo solitario, que está na oração sem verbo, se entende hum, como: *Antes poucas letras com boa consciencia, que muitas sem temor*

de Deos, suppl. *Haja. Bons dias*, suppl. *te dé Deos. Que tal?* suppl. *te parece. Bem vindo*, suppl. *sejas.* Todos os vocativos são humas orações ellipticas, cujo verbo he *Ouve-me*, *Attendei-me.*

6.° A todo verbo, que está na oração sem sujeito, se deve entender hum. Assim entendemos nós facilmente os pronomes pessoaes *Eu*, *Tu*, *Nós*, *Vós*, em todas as fórmas verbaes das primeiras e segundas pessoas de ambos os numeros, quando se não expressão; e huma terceira pessoa do singular se deve entender em todos os verbos, chamados impessoaes, como: *Chove*, *Faz bom tempo*, *Neva*, *Trovoa*, onde suppl. *O Ceo*, ou *Deos*: e bem assim: *Peza-me*, *Cumpre*, *Releva*, *Importa*, e outros semelhantes, em que de ordinario servem de sujeitos as orações mesmas, que se lhes seguem, ou couza semelhante.

7.° A todo verbo activo, e a qualquer outra palavra de significação relativa, estando so e absoluta na oração, se deve entender hum complemento, que seja ou o objecto da sua acção, ou o termo de sua relação; e a toda linguagem subjunctiva se deve entender outra indicativa, que a determine. Assim: *O Turco arma*, suppl. *gente. Este homem está sempre lendo*, *meditando*, *e escrevendo*, suppl. *lendo escriptos*, *meditando couzas*, *escrevendo papeis. Sou pai*, suppl. *de filhos. Os estudos são uteis*, *a ignorancia prejudicial*, suppl. *ao homem. Eu vou agora*, *tu hirás depois*, suppl. *de mim. Praza a Deos que te encaminhe bem*, suppl. *Desejo que praza a Deos*; e assim em todas as mais.

8.° A toda a preposição *a* com seu complemento se deve entender hum antecedente de significação relativa, quando o não tem. Assim nestas expressões vulgares: *A Deos*: *Até logo*, suppl. *A Deos peço que te guarde*, *Até logo te espero*, e em Camões, *Lus.* III. 45.

Elle adorando a quem lhe apparecia
Na Fe todo inflamado assi gritava:
Aos Infieis, Senhor, *Aos Infieis*,
E não *a mim*, que creio o que podeis:

suppl. *Aos Infieis* apparecei, e *não a mim que creio, etc.*

Da mesma sorte a toda a preposição *de* com seu complemento, sendo restrictivo, se deve entender hum nome appellativo, quando o não tem claro, para lhe poder restringir a significação. Vejão-se estes supplementos no Cap. V. *Da preposição.*

Todas estas syntaxes ellipticas são irregulares. Porêm os supplementos, que ou a rasão, ou o uso promptamente subministrão, fazem com que facilmente se reduzão ás mesmas regras da regencia regular, que propuzemos no artigo precedente. De resto as ellipses são naturaes a todos os homens. Porque todos procurão dar ás suas expressões a mesma rapidez do pensamento, que em huma idea vê muitas ao mesmo tempo. As ellipses reduzem á menor expressão possivel as frases inteiras, do mesmo modo, que os nomes appellativos são humas reducções dos nomes proprios, que serião infinitos; os adjectivos humas reducções dos attributos que notão, e dos sujeitos que denotão; o verbo adjectivo huma reducção do verbo substantivo com o attributo da proposição; e os adverbios e casos humas reducções das preposições com seus complementos.

As mesmas ellipses são uteis no estylo simples para lhe dar mais luz e clareza; porque quanto menos palavras se empregão em huma frase, mais se chegão as ideas humas ás outras, e melhor se percebem assim suas relações. Ellas por outra parte são necessarias ao estylo pathetico e vehemente para dar mais fogo e vivacidade ao discurso, e as-

sim imitar melhor a marcha precipitada das paixões. O ponto todo está em que as ideas, que se supprimem, sejão faceis de supprir ou pelo raciocinio, ou pela associação, que o uso tem feito de humas com outras, ou pelo estado de agitação, em que se acha tanto quem fala, como quem ouve.

Os solecismos contra as regras da regencia pouco lugar tem no que respeita aos complementos restrictivos, e circunstanciaes. No uso delles póde haver impropriedade, como dizer: *Morto com espada, Edificio posto em terra, Historia contada por pedaços;* em lugar de *Morto á espada, Edificio posto por terra, Historia contada a pedaços:* mas estes erros não são propriamente erros de regencia.

Onde os póde haver, e ha frequentemente, he no uso dos complementos objectivos e terminativos, principalmente quando estes são infinitos regidos de outros verbos. Pois ha verbos que querem infinito sem preposição, como: *Devo dizer, Faço saber, Ouço falar, Pretendo alcançar, Sei viver, etc.*

Outros querem infinito com a preposição *de* antes, como: *Acabar de fazer, Acertar de passar,* e por este mesmo modo *Admirar-se, Cançar-se, Cessar, Convencer, Desacostumar-se, Desesperar, Desgostar-se, Desviar-se,* e outros semelhantes compostos de *des; Edificar-se, Espantar-se, Ensoberbecer-se,* e outros pronominaes semelhantes.

Outros querem a preposição *a* antes, como: *Acostumar-se a estudar*, e do mesmo modo *Ajudar, Animar, Aprender, Chegar, Contribuir, Convidar, Exhortar, etc.*

Outros querem *em*, como: *Condescender, Convir, Comprazer, Cuidar, Empenhar-se, Exercitar-se, Metter-se, Occupar-se, Persistir, etc.*

Outros em fim usão-se com quasi todas estas regencias, como: *Começar escrever, Começar de escre-*

ver, e *Começar a escrever*, e com *a* e *em* são usados de nossos Classicos *Accrescentar*, *Determinar-se*, *Inspirar*, *Outorgar*, *Provêr*, *Restituir*, *Resolver*, *Sobir*, *Tornar*, *Trabalhar*, e outros muitos.

Dar pois outras regencias a estes, e outros verbos, que não sejão do uso Portuguez, he solecismo.

Hoje confundem-se ordinariamente as duas preposições, usando-se de *Por* em lugar de *Per*, quando não tem artigo diante de si, dizendo-se: Por *interposta pessoa*, *Requerer* por *procurador*, *Conseguir* por *empenho*, *Obrar* por *interesse*. Nossos melhores Classicos empregavão nestes e semelhantes casos a preposição *Per*. Porêm se nesta parte se tem cedido ao uso, não se lhe deve ceder ao menos, quando as mesmas preposições são seguidas do artigo, e para melhor se ligarem com elle mudão o *r* final na consonancia euphonica *l*. Comtudo muitos usão ás avessas sempre de *pel'o*, *pel'a*, *pel'os*, *pel'as* em lugar de *pol'o*, *pol'a*, *pol'os*, *pol'as*, quando deverião fazer distincção de huma cousa e outra nos casos competentes, e dizer: *Pol'o amor de Deos*, *Pol'a graça de Deos*, e *Pol'a via ordinaria*, *Pol'o empenho*, *etc*. Mas para exemplos do solecismo na regencia bastão estes. Passemos á construcção.

CAPITULO IV.

Da Construcção Direita da Oração Portugueza.

Já dissemos, que *Syntaxe* e *Construcção* são couzas differentes. A syntaxe não consiste senão nos signaes escolhidos por qualquer lingua para indicar as correlações e relações das ideas, exprimidas pelas palavras. A construcção porêm consiste nos differentes arranjamentos e collocações, que se podem

fazer destas mesmas palavras na oração, salvas suas concordancias e regencias. Ora, como estes arranjamentos das palavras e das frases podem variar segundo as differentes disposições, que ou pede a necessidade da enunciação, ou se permitte o genio do escriptor, as construcções são tambem differentes; porêm a syntaxe fica sempre a mesma.

Todas as construcções se reduzem a duas geraes, que são a *Direita*, e a *Invertida*. A direita he aquella, em que as palavras e as orações seguem a mesma ordem de sua syntaxe, referindo-se cada huma successivamente áquella, que lhe precede immediatamente, de sorte que o sentido nunca fica suspenso, antes se vai percebendo á medida, que se vai ouvindo, ou lendo. A invertida pelo contrario he aquella, em que se muda a ordem da syntaxe, e as palavras e orações ou regidas, ou subordinadas vão primeiro que as que as regem, ou subordinão, de sorte que o sentido vai suspenso.

Exemplo de construcção direita: *Hum Principe, que cumpre exactamente com suas obrigações, merece o amor de seus vassallos, e a estimação de todos os povos.* Aqui *Hum Principe* he o sujeito da oração, e o objecto principal, de que se fala, o qual nada suppõe d'antes, e todas as mais palavras, que se seguem, se vão referindo successivamente cada huma áquella, que lhe precede, de sorte que o sentido se vai desenvolvendo á medida, que a oração vai correndo.

Viremos agora a mesma oração deste modo: *Merece o amor de seus vassallos, e a estimação de todos os povos hum Principe, que cumpre exactamente com suas obrigações.* A ordem aqui ja he invertida; porque principia pelo verbo, que suppõe d'antes hum sujeito, e vai a oração continuando assim suspensa até chegar a elle.

Ambas estas construcções se podem chamar *naturaes*, porque ambas são necessarias, e usadas, mais ou menos em todas as linguas. Para a direita se chamar a natural com exclusão da invertida, sería preciso que tivesse seu prototypo na mesma ordem successiva das ideas em os pensamentos. Porêm as ideas de qualquer pensamento são simultaneas no espirito, bem como o são á vista todos os objectos de huma fachada, para se fazer idea de todos della.

A successão não a ha senão no discurso, que arranja as ideas e consequentemente as palavras na ordem, que mais lhe convem para ser entendido, guardadas as regras da syntaxe. Da construcção invertida tractaremos no Capitulo seguinte: agora da direita, que se póde considerar nas palavras ou da oração simples, ou da composta, ou da complexa, ou do periodo.

§. I.

Construcção Direita da Oração Simples.

A oração simples não tem mais que tres termos, que são hum sujeito, o verbo substantivo *Ser*, e hum adjectivo, ou appellativo; por ex. *Eu sou amante; Eu sou homem.* O adjectivo mesmo póde hir incluido no verbo, como: *Eu amo*, que he o mesmo que *Eu sou amante*, e o sujeito mesmo, quando he da primeira, ou segunda pessoa, como: *Amo*, *Amas.*

Quando a oração se reduz ao verbo *Ser*, não pode haver ordem; quando porêm tem os dous, ou tres termos expressos, a ordem e construcção direita dos mesmos he: o sujeito preceder ao verbo, e o verbo ao attributo, quer seja adjectivo, quer appellativo, como nos exemplos acima. Porque o sujeito he a idea principal da frase, á qual estão subordinados o verbo, e o adjectivo. Nas frases

prohibitivas, imperativas, e interrogativas o verbo vai antes do pronome, como: *Não te persuadas tu; Ama tu; Amai vós; Queres tu?*

Todo sujeito de qualquer oração deve ter huma idea determinada; pois que he a couza, de que se fala, e por isso se deve representar como per si subsistente. Não póde por tanto ser senão ou hum nome substantivo, ou hum pronome, ou qualquer outra parte da oração, mas substantivada por algum dos artigos geraes.

O substantivo póde ser ou hum nome proprio, *Deos he Sancto*, ou hum nome appellativo; porêm sempre determinado por hum dos dous artigos *O*, ou *Hum*, ou por outro qualquer determinativo. Eu não posso dizer: *Homem fez; Homem he mortal.* Hei de dizer: *Hum homem fez; O homem he mortal.* Nestes casos os artigos, ou qualquer outro determinativo sempre precedem o nome appellativo. Tal he a construcção ordinaria e regular dos termos da proposição simples.

§. II.

Construcção Direita da Oração composta.

Mas na mesma oração podem-se combinar muitos sujeitos com hum mesmo attributo, muitos attributos com hum mesmo sujeito, ou ao mesmo tempo muitos sujeitos e muitos attributos entre si. Em todos estes casos temos huma oração implicitamente composta de outras tantas, quantos são os sujeitos e os predicados.

A construcção de todas estas palavras continuadas na mesma oração não tem maior difficuldade. Quando nos varios sujeitos da mesma proposição ha precedencia ou de dignidade, ou de tempo, esta mesma se deve seguir na sua ordem, e dizer: *Eu, Tu, e Elle; O pai, e a mãi; O marido, e a mulher;*

O filho, e a filha; O Rei, e os vassallos; As Cidades, Villas, e Lugares; O Ceo, e a Terra; O Sol, e a Lua; O nascente, e o poente; O dia, e a noite; e não ás avessas.

Da mesma sorte, quando nos attributos ha alguma especie de gradação, deve-se guardar na sua construcção a ordem della, como guardou Camões, *Lus.* I, 88 falando do toureiro, e do touro:

O Touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, assovia, accena, e brada
Mas o animal atroce neste instante
Com a frente cornigera inclinada,
Bramando, duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, mata, e põe por terra.

Mas ja a não guardou, quando de Baccho disse: VI, 6: *Arde, morre, blasfema,* e *desatina.*

Quando não ha que guardar nenhuma destas ordens, as construcções são então arbitrarias; e para ordenar as palavras não se consulta senão o ouvido, a fim de evitar os concursos asperos das vogaes, ou das consoantes, e procurar á frase toda a melodia e harmonia possivel.

§. III.

Construcção Direita da Oração Complexa.

Os tres termos da oração, quer simples, quer composta, o nome, digo, o verbo, e o attributo, podem ser modificados com varios accessorios, que se lhes ajuntão ou por apposição, ou com as conjuncções. Estes accessorios são ou adjectivos, ou adverbios, ou substantivos regidos de preposição, ou orações parciaes, ou tudo isto juncto. Qualquer destas modificações, que accresça a hum dos tres termos da oração, a faz complexa, ou complicada; e

tanto mais he mister saber a ordem, que guardar se deve na construcção destes accessorios. Para procedermos com clareza, tractaremos separadamente das modificações do nome, das do verbo, e das do attributo.

1.° O nome, ou sujeito da oração, quando he modificado por hum adjectivo, ou este he determinativo, ou restrictivo, ou explicativo. Se he determinativo, deve-se pôr antes delle, e dizer: *Este homem*, *Qualquer homem*, *Todo homem*, *etc*. Se he restrictivo, deve-se pôr depois por via de regra, e dizer: *O homem sabio*, *A mulher virtuosa*. Pondo-se d'antes, muda muitas vezes de sentido, como dizer: *Bom homem*, ou *Homem bom; Pobre homem*, ou *Homem pobre*. Se em fim he explicativo, he couza indifferente po-lo dantes, ou depois, e dizer: *Este feliz mortal*, ou *Este mortal feliz*.

Se o nome he modificado por hum substantivo com sua preposição, ou este substantivo se toma em hum sentido vago e adjectivamente pela preposição *de* sem artigo, ou em hum sentido determinado e individual pela mesma preposição com artigo. No primeiro caso o uso não permitte aos prosadores senão huma construcção, que he pôr-se sempre depois do nome, que modifica. Assim diremos: *O homem de fortuna*, e não *De fortuna o homem*. No segundo caso póde ou seguir-se, ou antepor-se; e dizer-se: *Os revezes da fortuna*, e *Da fortuna os revezes*.

A's vezes se ajunta ao nome para o modificar hum adjectivo tambem modificado por hum substantivo com sua preposição, como: *O homem, cheio de dinheiro, quer mais. O povo, distante do mar, commercéa pouco. Os povos, proximos á Corte, vendem mais e melhor seus fructos. Os homens, inclinados á ambição, nunca socegão*. Aqui a construcção he obri-

gada pela subordinação e regencia das palavras, humas ás outras. Quando não haja esta, nem por conseguinte equivoco, podemos dizer: *Hum excellente fructo do Brazil*, ou *Hum fructo excellente do Brazil.*

Se o nome he modificado por huma oração incidente, esta se junta immediatamente a elle por meio dos demonstrativos conjunctivos *O qual*, *Que*, *Cujo*, ou sos, ou precedidos de proposição, como: *O homem*, que *me falou de ti*, o qual *tu conheces*, cujo *nome sabes*, *e* a quem *tu veneras*. Quando por este modo são muitas as incidentes pertencentes ao mesmo nome, he preciso dispo-las na ordem ou dos tempos, ou da gradação das ideas, por ex.: *Este grande General*, que *atacou as tropas inimigas com hum exercito mui inferior*, que *as desbaratou em muitas batalhas seguidas*, que *pôz nossas fronteiras em seguro contra qualquer insulto, etc.*

Finalmente se o nome he modificado ao mesmo tempo por adjectivos, substantivos, e proposições incidentes, os adjectivos e substantivos devem seguir-se-lhe immediatamente, e depois as incidentes. Porque, ainda que todas estas modificações se podem reduzir a proposições parciaes, comtudo as que tem expressão por palavras simples, chegão-se mais á idea principal que modificão, e não arredão tanto da mesma a incidente, que tambem lhe pertence, como se vê neste exemplo: *O famoso descobrimento da Navegação do Oriente, tantas vezes tentado, e ultimamente feito por Vasco da Gama*, sobre que *Camões compoz seu poema, etc.* Isto, pelo que pertence ao nome, que faz o sujeito da oração.

2.° Quanto ás modificações do attributo, se este he hum adjectivo, póde ser modificado ou por hum adverbio, ou por hum substantivo com sua preposição. Se por hum adverbio, ou este he de quantidade, deve hir antes do adjectivo, como: *Os phenomenos*

são mais *communs*, *depois que os observadores são* menos *raros*: ou de qualidade e modo; e então podem-se pôr ou antes, ou depois, como: *Este homem he* claramente *ambicioso*, ou *ambicioso* claramente.

Quando o adjectivo he modificado por hum substantivo com sua preposição, se este equival a hum adverbio, deve hir depois do adjectivo: *Poupado* sem avareza, *Intrepido* com prudencia. Porêm se o substantivo com a preposição he complemento da significação relativa do adjectivo, não póde deixar de hir diante elle, como: *Dependente da fortuna*, *Superior aos outros*, *Igual a todos*. A construcção ficaria invertida, dizendo: *Aos outros superior*, *a todos igual*.

Todo verbo adjectivo leva incluido em si o attributo da preposição; e quando sua linguagem he simples, constroe-se com os adverbios, e com os substantivos precedidos de preposição do mesmo modo que o attributo, exprimido separadamente pelo adjectivo. Quando porêm sua linguagem he composta dos verbos auxiliares com os participios, ou infinitos, o adverbio póde hir ou antes, ou depois dos mesmos participios, ou infinitos, e dizer-se: *Este homem me tem tractado magnificamente*, ou *magnificamente tractado*. Não succede o mesmo, resolvendo-se o adverbio pelo substantivo com sua preposição. Não posso dizer: *Este homem me tem com magnificencia tractado*, mas sim *tractado com magnificencia*.

Quando o attributo he hum substantivo, devem-se fazer a respeito delle as mesmas observações, que ja fizemos a respeito do nome substantivo, quando he sujeito da oração; so com a differença, que o substantivo attributo não he tão susceptivel de transposições em suas modificações, como o he quando sujeito da oração.

3.° Resta-nos falar das modificações, que se cos-

tumão juntar ao verbo da oração, e das que se juntão a seu objecto, e a seu termo. Das modificações do verbo como adjectivo ja fica dito acima. Como substantivo tem as mesmas, que o verbo *Ser*; que são todas as modificações relativas ás circunstancias do lugar, do tempo, e ao modo de affirmar. Estas podem ter lugar, onde melhor couberem na oração, quer antes do verbo, quer depois, como: *Os conselhos agradaveis* raras vezes *são uteis: e aquillo, que mais lisongea os Principes*, de ordinario *causa a desgraça dos povos*. Onde as locuções adverbiaes *Raras vezes*, e *De ordinario* podião tambem estar no principio das orações em que se achão. E do mesmo modo posso dizer: *De certo não posso affirmar*, e *Não posso affirmar de certo*. Todas estas modificações, como dizem respeito á existencia, e á affirmação, em qualquer lugar que estejão, dahi per si mesmas se referem á significação substantiva do verbo.

Aos verbos activos se costuma ajuntar primeiramente seu complemento objectivo, sobre o qual cahe immediatamente sua acção, *Dei hum livro*. Em segundo lugar o complemento terminativo, se o mesmo verbo tem tambem significação relativa, *Dei hum livro a Pedro*; e muitas vezes o fim da mesma acção, *Dei hum livro a Pedro para estudar*. O complemento objectivo, quando he de couza, sempre deve hir depois do verbo ou immediata, ou mediatamente, *Dei hum livro a Pedro*, ou *Dei a Pedro hum livro*, ou *A Pedro dei hum livro*. Ja são justamente notadas de equivocas as construcções de Camões:

Senão no Summo Deos, que *o Ceo* regia,
Naquelle Deos, que *o mundo* governava.

Pelo sentido bem se vê, que o nome *Deos* he o sujeito de *Regia*, e de *Governava*, mas a syntaxe o

construcção pedem mais que elle seja o objecto da acção dos verbos, e o *Ceo* e *Mundo* seus sujeitos. O Author da *Arte da Gramm. Portug.* impressa em Lisboa 1799 principia a dedicatoria: *Quando esta Grammatica Portugueza comecei a escrever*, etc. querendo por ventura imitar a João de Barros *Dial. em louvor da L. P.* pag. 207 da edição de Lisboa 1785, onde diz: *Que importa o meu trabalho ao Principe N. S. começar d'aprender*, etc. Porêm esta construcção he muito mais retorcida, que a que o mesmo João de Barros tacha de tal nos versos *ibid.* pag. 219.

Quando porêm o complemento objectivo he de pessoa sem preposição, como acontece nos pronomes *me, te, se, nós, vós, o, a, os, as*, então póde hir antes, ou depois immediatamente; e quando he de pessoa com preposição, a ordem direita pede que vá depois, como: *Amo* a *Deos*. Mas, como a preposição he que indica a relação, ás vezes póde hir antes, como: *A Deos amo de todo meu coração*.

Estes dous complementos são os unicos necessarios para completar todas as relações do verbo activo. Os mais tirados das circustancias, do fim, dos meios, do modo, do lugar, e do tempo todos são accidentaes, e de sobreselente, e por isso não tem lugar certo na oração. Podem ir ou antes do verbo, ou depois.

Mas o objecto, o termo, e o fim da acção de hum verbo podem ser outros verbos, como: *Quero mandar entregar este livro a Pedro para estudar. Vou a dizer*, etc. *Venho de passear pelo campo. Trabalho por ganhar a vida*, etc.: e outrosi póde ser tambem huma proposição parcial integrante, ligada pelo conjunctivo *Que*, como: *Creio que sabes*, etc. *Quero que saibas*, etc. *Exhorto-te a que faças*, etc. e todos estes verbos subordinados podem igualmente trazer depois de si os mesmos complementos e modificações,

que são dados ao verbo principal. Ora como se hão-de accommodar e construir na oração todos estes complementos, quando passão além dos tres acima dictos?

As duas regras mais geraes, que se podem dar para bem ordenar os complementos, pertencentes ao mesmo verbo, quando são muitos, são:

1.ª Nunca pôr depois do verbo mais de dous até tres complementos, entre os quaes devem ter o primeiro lugar o objectivo, e terminativo; e se ha mais, po-los d'antes, como: *Hoje pelo meu criado mandei hum livro a Pedro para estudar.*

2.ª Ordenar estes mesmos complementos appostos e pertencentes á mesma palavra de modo, que o mais curto va sempre immediato á palavra, a que serve de complemento, e hir seguindo nos mais a mesma regra de maneira, que o mais comprido fique para o fim. Desta sorte os que ficarem em ultimo lugar, achar-se-hão o menos longe, que he possivel, da palavra, que modificão, e sua relação por consequencia menos se perderá de vista. Assim diremos: *Disfarçar o vicio com a mascara da virtude*, e *Disfarçar com a mascara da virtude os vicios mais vergonhosos, e infames.*

Esta mesma regra se deve guardar com as orações incidentes. Assim em vez de dizer: *O Evangelho inspira huma piedade, que nada tem de suspeitosa ás pessoas, que de veras se querem dar a Deos*: fica melhor, mudada a construcção, pôr primeiro a incidente menos comprida deste modo: *O Evangelho inspira ás pessoas, que de veras se querem dar a Deos, huma piedade, que nada tem de suspeitosa.*

§. IV.

Da Construcção Direita do Periodo.

Quanto á construcção das proposições subordinadas por ordem á principal, na composição e coordenação de qualquer periodo, a principal sempre he a primeira na ordem direita. Ella se dá a conhecer logo pela linguagem indicativa, quando sua affirmação se não suspende com alguma conjuncção, propria a produzir este effeito.

Mas esta ordem direita inverte-se muitas vezes, assim para variar a marcha do discurso, como para melhor ligar huns pensamentos com outros, e sobre tudo para excitar mais a attenção por meio da suspensão do sentido, e dar com isto mais fogo e alma á oração. Taes são os fins das construcções invertidas, de que passamos a falar no Capitulo seguinte.

CAPITULO V.

Da Construcção Invertida da Oração Portugueza.

A CONSTRUCÇÃO invertida he a contraria á direita. Esta pede o sujeito antes do verbo, aquella depois; esta põe o adjectivo depois do substantivo, e o adverbio depois do adjectivo, aquella dantes; esta põe os complementos depois de seus antecedentes, aquella dantes; esta em fim contrahe as palavras na ordem de sua subordinação e regencia, as subordinantes primeiro que as subordinadas, e as regentes primeiro que as regidas de sorte, que a marcha do pensamento vai seguindo a da oração sem suspensão, nem embaraço algum; aquella constroe as pa-

lavras pela ordem retrograda, de sorte que o espirito está sempre suspenso á espera das palavras seguintes, de que depende o sentido das antecedentes. Os Gregos e Latinos chamavão *Anastrophes* a estas inversões, e não *Hyperbatos*, como ora lhe chamão nossos Grammaticos.

O *Hyperbato* quer dizer *Transposição*, a qual se faz, ainda sem haver inversão, quando entre as palavras ou concordadas, ou regidas, postas mesmo em sua ordem direita, se mette alguma couza por meio, de sorte que as duas ideas correlativas não ficão junctas na oração, mas separadas huma da outra por algum espaço pequeno, ou grande.

Nesta expressão, por ex.: *O espaço dilatado do Ceo á terra*, a construcção das palavras está direita. Se digo: *Do Ceo á terra o espaço dilatado*, já a mesma fica invertida, sem comtudo se separarem as ideas humas de outras. Porêm dizendo: *O espaço do Ceo á terra dilatado*, a construcção fica então transposta. Porque as duas ideas correlativas do *Espaço*, e da sua *Extensão*, junctas nas duas primeiras construcções, ficão transpostas e separadas huma da outra pelas palavras *Do Ceo á terra*, que cahem no meio.

As construcções *Direita* e *Invertida* são ambas naturaes, porque ambas, quanto lhes he possivel, se conformão á ordem, com que nosso espirito concebe as couzas. Elle concebe os objectos junctos com suas relações ao mesmo tempo, e liga assim tudo sem todavia fazer succeder huma idea á outra. O discurso não póde fazer o mesmo. Como suas palavras se succedem necessariamente humas ás outras, as ideas, que as mesmas representão, hãode hir tambem necessariamente humas após outras. Mas em que o discurso póde imitar o pensamento, he em ligar humas com outras, as ideas correlativas, pondo junctas

immediatamente as palavras, que as significão. Ora esta união he a que se vê tanto na construcção direita, como na invertida. Ou o substantivo va atraz, ou adiante do adjectivo, a ordem he differente, porêm a ligação he a mesma.

Não succede ja o mesmo no *Hyperbato*, ou ordem transposta. Cicero lhe dá com rasão o nome de *Interrupta*. Porque assim como a *Tmese* rompe a unidade da palavra composta, separando seus elementos com lhe metter outra de permeio; e a *Parenthese* rompe a do sentido da oração, mettendo-lhe outra no meio: assim o *Hyperbato* rompe e separa a unidade da idea da sua modificação, que na natureza e no nosso modo de pensar andão junctas.

A ordem pois iuterrupta, ou *Transpositiva* he a unica contraria á natural, que consiste na ligação immediata das ideas relativas, a qual o discurso guarda, quando ajunta suas palavras quer na ordem direita, quer na invertida. Como porêm nem todas as transposições são viciosas, tractaremos no artigo seguinte das que podem ser permittidas aos prosadores, e aos poetas, e das que não; e neste das inversões concedidas á nossa linguagem, e auctorizadas pelo uso da mesma.

ARTIGO I.

Das Inversões, ou Anastrophes.

Todas as linguas tem inversões, mais ou menos. As *Transpositivas*, que são aquellas que tem casos, admittem mais em rasão dos nomes levarem comsigo os caracteres de suas relações, e serem assim mais faceis de se reconhecerem em qualquer parte da oração, em que estejão. As *Analogas*, que são as que carecem de casos, admittem menos; mas nem por isso as deixão de ter, e quasi tantas, como as

transpositivas, á excepção das que dependem da declinação. A nossa pelo menos he huma das mais abundantes neste genero de construcções pela facilidade, que para isto lhe dão os artigos, e os casos obliquos de seus pronomes pessoaes.

As inversões humas vezes são *necessarias*, e outras *uteis*. São necessarias para *approximar* mais as ideas relativas; para evitar as *Amphibologias*; para dar força aos *Contrastes*; para ajuntar em *hum pensamento total* muitas parciaes; e para certas *fórmas de expressão*, que não admittem construcção direita.

1.° *Para approximar mais as ideas relativas.* Daqui vem que todas as orações parciaes, que principião pelos demonstrativos ou puros, ou conjunctivos, quando fazem o complemento objectivo de algum verbo, ou são regidos de preposição; todas de necessidade tem sua construcção invertida, como se póde ver nestas orações de Jacyntho Freire.

» Chamou o Capitam-mor os nossos a segundo » trabalho, o *qual lhes fez mais facil ou a necessidade,* » *ou a victoria.* = O *que se lhes devia por seus merecimentos, perdião por falta dos alhêos.* = *Cujo nome* » *os Africanos ouvião* com temor, e nós com reve» rencia. » Como estes demonstrativos são todos relativos, se se construissem pela ordem direita de sua regencia, ficarião mui apartados dos objectos, a que se referem, e perturbarião as relações das couzas, querendo seguir escrupulosamente as grammaticaes.

2.° *Para evitar as Amphibologias*, quando a ordem direita as traz comsigo, como neste exemplo: *Este he o mais digno de compaixão; de todos os homens*, dizendo ás avessas: *De todos os homens, este he o mais digno de compaixão*; evita-se a ambiguidade, que podia causar a primeira frase, querendo pôr o substantivo depois do partitivo.

3.° *Para dar força aos Contrastes* faz-se outrosi necessaria a inversão todas as vezes, que se ajuntão duas ideas, ou dous pensamentos, e para melhor se compararem se põe hum juncto do outro, a fim de fazer mais sensivel o seu contraste. Jacyntho Freire he abundante em demasia neste genero de inversões. Delle são as seguintes: *Crescerá com a nossa* paciencia *o seu* atrevimento. = *Que a tão ardua navegação* os estimulou sua ambição, guiou sua fortuna. = *Elles tinhão a vantagem* do numero, *a do* lugar *os nossos.* = *Assim o fazião duas vezes cruel* o vicio e a necessidade, = e por este modo infinitas outras.

4.° A necessidade tambem de *ajuntar em hum periodo,* ou *pensamento total, muitos parciaes* traz comsigo as inversões, Por pouco composto que seja hum pensamento, mal se póde elle desenvolver, como convem, e arranja-lo de modo que se perceba o todo delle, sem o meio das inversões. Sem estas por exemplo não poderia Duarte Ribeiro ajuntar com graça em hum ponto de vista suas ideas, como juntou, quando falando dos validos, que se querem levantar sobre as ruinas dos outros, diz assim: » A'quelles, a » que conservão merecimentos, e fidelidade incul- » pavel, dão commissões perigosas, exercitos sem » força, e subsistencia para expugnar praças fortes, » em que percão a vida, ou a reputação. » (Disc. VII.)

5.° As inversões mesmas são fórmas consagradas pelo uso para certa especie de frases, quaes entre outras são as interrogativas, e exclamativas. Ninguem póde dizer de outro modo as seguintes: *Que disciplina póde estabelecer em seu exercito hum General, que não sabe regular a sua vida? Como poderá ou excitar, ou acalmar em seus soldados differentes paixões conforme he preciso, quem não he senhor das suas?* Nem tão pouco posso dizer de outro modo es-

tas: *Ditosos pais, que tem bons filhos! Feliz o reino, em que os homens vivem em paz! = Acertadamente governa quem sabe precaver os delictos. = Raramente se perde lugar, que póde ser soccorrido.* Se todas estas orações se reduzirem á ordem directa, perderão não so sua força, mas ainda o sentido. He pois de absoluta necessidade o fazer inversões; e se ellas são necessarias, tambem não podem deixar de ser naturaes.

Mas ainda sem necessidade se costumão ellas fazer pela utilidade, que das mesmas resulta, ou para variar a fórma das construcções, e evitar assim a monotonia; ou para apresentar e pôr desde logo á vista huma idea importante, que nos occupa, e queremos occupe tambem o espirito dos ouvintes; ou finalmente para desempeçar mais a marcha da oração, e dar-lhe assim mais facilidade, graça, e harmonia.

Pela primeira rasão de variar as construcções, não ha couza mais ordinaria aos bons Escriptores do que principiar as orações pelo verbo, e pôr-lhe depois o seu sujeito. So na primeira folha da *Vida de D. João de Castro* empregou Jacyntho Freire não menos que cinco inversões desta especie, que são: *Foi D. João de Castro, entre os de tão grande appellido, illustre descendente. = Nas casas grandes forão sempre neste Reino as letras o segundo morgado. = Obedeceo D. João em quanto não tinha liberdade. = Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes. = Considerava D. João melhor suas victorias, que as figuras e circulos de Euclides.* As dos Adjectivos prepostos aos substantivos, e as dos complementos aos verbos são tão frequentes, que nem he preciso trazer exemplos.

Pela segunda rasão, inverte-se muitas vezes a ordem da frase, ou do periodo para pôr desde logo á vista huma idea interessante, sobre que queremos

se fixe a attenção do ouvinte; a qual idea em meio da oração ficaria encoberta; porêm posta ou no principio, ou no fim della, faz mais impressão. Estas ideas importantes se vem figurar logo na cabeça destes dous periodos, hum de Jacyntho Freire, e outro de Paiva. *A tão honrados Turcos e valentes Janizaros, como estais presentes, toca acodir pela honra de vossa gente, e de vosso Imperio, como cousa mais justa da guerra, que fazemos.* = *De perverter-se a ordem das couzas, e levarem ás vezes ao fundo o proveito publico respeitos particulares, e fazer sizo de accommodar as couzas a pertenções, nascem as injustiças, e todos os males.*

O nosso pronome directo da terceira pessa, *o*, *a*, *os*, *as*, juncto aos verbos, e referindo-se aos complementos objectivos dos mesmos, facilita grandemente estas inversões. Sem elle sería escuro o periodo de Vieira, quando disse: *Os generosos, e fieis soldados, e capitães toda a gloria de suas façanhas, e victorias*, a *devem renunciar de sua parte, e não* a *querer para si, e para sua fama e honra; senão inteiramente para o Rei, a quem servem*: e muito mais o de Jacyntho Freire: *Tomar para si o Reino quem era digno delle*, os *primeiros* o *recebião como escandalo, os outros como lei.*

Por falta do mesmo pronome pecca o periodo de Duarte Ribeiro, *Disc. Polit.* VII, em que falando dos Reis, diz: *Seus pensamentos, que so se devião occupar em acções gloriosas, e ter por objecto a saude publica, empregão* (devia dizer: *empregão-n'os*) *na exaltação dos validos; abrem os thesouros para os enriquecer.* A regra he que toda a inversão, que faz o sentido da frase ou difficil de perceber, ou escuro, ou equivoco, he viciosa. Por esta rasão talvez não mereção imitar-se as inversões, que nossos antigos so hião fazer das conjucções *Não* e *Nem*, pondo, á

Franceza, esta primeiro, e aquella no fim, como: *Mas de huns, nem he outros, não houve necessidade*, e estas de Jacyntho Freire: *As quaes* (forças), *na maior prosperidade, vão acabando suas mesmas victorias*. Melhor diria: *As quaes na maior prosperidade suas mesmas victorias vão acabando*. E em outro lugar: *Crecia a fome, e liberdade dos queixosos, que fazia maior a justiça da causa, e a conformidade do aggravo commum*. Se dissesse: *que a justiça da causa, e a conformidade do aggravo commum fazia maior*, ficava mais desempeçada a frase. Mas este não he o gosto de Jacyntho Freire.

Em fim a terceira couza, para que são uteis as inversões, he para procurar ás orações mais harmonia, dispondo as palavras de modo, que não fação embate humas com outras; antes corrão com suavidade, e acabem com cadencia. Mas esta utilidade he mais do foro da eloquencia, que da Grammatica, e por isso não allego exemplos. Passemos ás construcções transpostas, ou hyperbatos.

ARTIGO II.

Das Transposições, ou Hyperbatos.

Fazem-se as transposições ou hyperbatos, quando se separão ou o adjectivo do seu substantivo com quem concorda, ou a proposição incidente da palavra a quem modifica; ou o verbo de seus complementos necessarios, quaes são o objecto de sua acção, e o termo de sua relação; ou preposição com seu consequente, do seu antecedente, cuja significação ou restringe, ou completa; ou em fim a preposição mesma, do seu consequente.

1.° As transposições do adjectivo e do seu substantivo, com quem concorda, nunca são permittidas, senão quando a interrupção he feita por algum

modificativo do mesmo adjectivo, como são os adverbios, ou locuções equivalentes a elles. Posso dizer: *Esta queixa, mil vezes repetida; O homem, verdadeiramente sabio*, e com Camões *Mares, nunca d'antes navegados*. Porque as modificações fazem huma mesma couza com a idea que modificão, e realmente não ha interrupção alguma.

Mas se no verso se perdôa a Camões, *Lus*. I, 9.

> *Em versos* divulgado *numerosos*;

não se deve louvar na prosa o dizer Jacyntho Freire: » *A quem* o nascimento fez em Portugal, *gran-* » *de*, o valor no Oriente. » Melhor dissera: *A quem* fez *grande*, em Portugal o nascimento, no Oriente o valor. Nosso Antonio Pinheiro usa em demasia, como Jacyntho Freire, de semelhantes transposições na Traducção do Panegyrico de Plinio. Na dedicatoria a ella diz: Apodaduras de *homens*, com abatimento de sua pessoa, *graciosos*.

E nem em prosa, nem em verso se deve louvar a transposição, que fez Camões, *ibid*. III, 94.

> . . . . . . Que *em terreno*
> Não cabe o altivo peito, tão *pequeno*.

E muito menos a de Ferreira, *Poem*. I, 13.

> *Os louros e heras*, de que coroados
> Serão os bons Poetas, ja crescendo
> Soberbamente vão, *por ti honrados*.

Semelhantes transposições causão sempre desordem nas ideas. Os Gregos e Latinos lhes davão com rasão o nome de *Synchysis*, isto he, de *Mixturas* ou *Confusões*, e as contavão entre os vicios da

Linguagem. Alguns de nossos Grammaticos comtudo as tem por figuras, e as auctorizão com estes e outros exemplos de Poetas, que mais são para estranhar, que para imitar.

2.° Entre o nome substantivo e a proposição incidente, que o modifica, pode-se e costuma-se muitas vezes metter ou hum adjectivo, ou hum complemento restrictivo, para tambem lhe modificar sua sĩgnificação, como: *Os soldados* valerosos, *ou* de valor, *que defendem a patria*, etc. Porêm deve haver muito cuidado em evitar a âmbiguidade, que daqui póde nascer todas as vezes, que o relativo conjunctivo se póde referir igualmente bem ou ao primeiro substantivo mais remoto, ou ao segundo e mais proximo, principalmente quando este he determinado pelo artigo, como nesta frase: *A gloria da virtude, que he constante;* onde não se sabe o *que he constante*, se *a gloria*, se *a virtude*. Que quanto a transpôr o substantivo para depois da sua incidente, isto nunca he permittido senão nas Linguas, que tem casos; e com justa rasão mofa nosso Barros (*Gramm.* pag. 170) daquelle letrado, que querendo passar por eloquente, traduzíra a *Oração da Paz* em Linguagem deste modo: *Dá-nos Senhor, aquella, a qual o mundo não póde dar, paz.*

3.° Entre o verbo, e o termo de sua acção muitas vezes se mettem palavras, e ainda alguma oração, com tanto que seja breve, e não aparte muito as duas relações. Nossos antigos fazião huma elegancia, mormente nas orações incidentes, em metter os sujeitos das mesmas, e algum adverbio entre o verbo e seu termo, quando este era pronome, e dizer: *Que vos Deos fez: O filho, que lhe Deos dera: Terra, que te eu leixo: Tudo o que lhe assim déo: Por lho assim maldizer sua mãi.* E no exemplo acima de Jacyntho Freire se vê hum incidente entre o termo e o

verbo: *A tão honrados Turcos, e valentes Janizaros*, como estais presentes, *toca*, etc. O que igualmente se vê no lugar de Duarte Ribeiro acima citado: *A'quelles, a que conservão*, etc.

Porèm entre o verbo e o objecto de sua acção não se costuma metter senão algum adverbio, ou expressão adverbial modificativa do mesmo verbo, principalmente quando o dicto complemento objectivo não leva preposição. Eu posso dizer: *Amo anciosamente as honras*: *Amo, mais que tudo, a Deos*: mas não: *Amo mais, dõ que deveria, as honras; Amo mais, que tudo o que ha no mundo, a Deos*. A relação do verbo com o objecto de sua acção he mais estreita que todas as outras, para se não poder separar para mui longe ainda por modificativos da mesma acção; que, não sendo taes, ainda peor. Eu não diria com Jacyntho Freire (pag. 103.) *Fazendo juntamente do commercio á Religião escada*; mas sim: *Do commercio fazendo escada á Religião*, ou *para a Religião*.

4.° Mas ainda he maior a relação entre a preposição com seu consequente e o antecedente, a quem determina, ou por quem he determinada, para nunca se poder interromper, mettendo alguma couza estranha entre hum e outro. Quando digo: *O Rei, que he, de Portugal; O Cabo, chamado das Tormentas*; os antecedentes *Rei* e *Cabo* não se separão, porque se tornão a entender a seus complementos, como se dissessemos: *O Rei, que he Rei de Portugal; O Cabo, chamado Cabo das Tormentas*: mas nunca posso dizer o que aquelle, de quem fala João de Barros (*ibid.*) dizia no fim da Carta: *Desta de Lixboa cadéa, onde ha mezes sete, que sou abitante*.

A licença de separar huma couza de outra se a póde haver, so será tolerada nos Poetas, mas nunca louvada; como não louvo, nem em Mausinho, dizer em seu *Affonso Africano*, IX, 73.

Entre *todos* c'o dedo eras *notado*
Lindos moços de Arzilla, *em galhardia*

Isto he, *Entre todos os lindos moços de Arzilla, com o dedo eras notado em galhardia*, etc. : nem tão pouco em Franco Barreto, *Eneid*. I, 132.

Por ver em que montanhas, se dos mares
Livrou, anda vagando, e em que lugares.

Isto he, *Por ver em que montanhas, e em que lugares anda vagando, dos mares se livrou*.

5.° Finalmente he sobre todas ainda mais estreita a relação entre a preposição e o seu consequente para nunca se poderem separar. Se entre as preposições e os infinitos dos verbos, que lhes servem muitas vezes de consequentes, se mette alguma couza, he porque he pertencente aos mesmos verbos, e não estranha, como quando dizemos : *Para*, com mais clareza, *me explicar*, etc. As regras pois das transposições são : 1.ª Nunca metter entre duas ideas relativas huma terceira, que tenha outra relação differente. 2.ª Que as mesmas modificações, que como parte de huma das duas ideas relativas se lhes mettem no meio, não sejão tão extensas, que apartem demasiadamente huma da outra.

Os nossos melhores Grammaticos enganados com a affinidade, que ha entre a inversão e a transposição ou hyperbato, não percebêrão bem os caracteres, que as distinguem, como conheceu Cicero, chamando á primeira *Inversa*, e á segunda *Intercisa*. Entre as ideas parciaes de hum pensamento, e entre as palavras que as exprimem, he necessario distinguir estas duas couzas *Ligação* e *Relação*. De qualquer modo, que se ordenem duas palavras correlativas, se huma fica juncto de outra, a imagem de sua

ligação fica salva *De Portugal o Reino*, ou *O Reino de Portugal* he o mesmo, quanto a ligação das ideas.

Mas se entre dous correlativos se mette qualquer palavra estranha, como: *O Reino*, dizem, *de Portugal he muito rico:* he hum hyperbato ou transposição contra toda a rasão, e por isso mesmo contra a natureza da Linguagem; porque destroe ao mesmo tempo toda a ordem e ligação das ideas. Estes hyperbatos, bem longe de serem figuras da elocução, são solecismos da construcção. Pois nesta tambem os ha, quando se perturba a ordem das relações, segundo Quintiliano, *Inst. Orat.* I, 5.

Taes são as regras e observações mais importantes sobre a etymologia e syntaxe da Lingua Portugueza, com cuja applicação ao principio dos Lusiadas de Camões, daremos por concluida esta nossa Grammatica.

CAPITULO VI.

Applicação dos principios desta Grammatica ás duas primeiras Estanças do Canto I. dos Lusiadas *de Camões.*

PARA proceder com methodo consideraremos estas duas Estanças primeiramente no seu todo, dividindó-o em seus principaes membros, e subdividindo estes nas orações de que consta cada hum: e depois analysaremos cada huma destas orações em particular. Estas duas Estanças formão a proposição geral de todo o poema, e he da maneira seguinte.

I.

As armas, e os varões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana
Por mares nunca d'antes navegados
Passárão inda além da Taprobana;
(1) Em perigos e guerras esforçados
Mais do que promettia a força humana;
(2) E entre gente remota edificárão
Novo Reino, que tanto sublimárão;

II.

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fe, o Imperio, e as terras viciosas
D'Africa, e d'Asia andárão devastando;
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte:
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

§. I.

Analyse Geral.

Estas duas Estanças não formão senão hum periodo de deus membros, ou proposições totaes. O

---

(1) As edições mais antigas lem *Que em perigos*. Porém o *que* repetido, sobre ser excusado, corta o sentido, e de huma acção principal vem a fazer duas. Conservo pois a Lição *Em perigos*, que he de muitas edições, ou, a fazer alguma mudança, diria: *E em perigos*.

(2) Nas mesmas edições mais antigas não se vê a conjuncção *e*, por ser inutil, supposta a Lição *Que em perigos*.

primeiro membro, ou proposição corre desde o principio até o fim do penultimo verso da segunda Estança *Cantando espalharei por toda parte.* O segundo contêm-se no ultimo verso da mesma Estança, que he: *Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

Estas duas proposições totaes, que compõem o periodo, estão na ordem direita; a affirmativa primeiro, enunciada pelo futuro imperfeito do indicativo *Espalharei*, a qual he a principal: e a condicional em segundo lugar, enunciada pelo futuro imperfeito do subjunctivo *Ajudar*, a qual he a subordinada; tudo segundo a regra, que diz: que as proposições principaes dos periodos são sempre indicativas, e que as subjunctivas são sempre subordinadas.

A primeira proposição, e a principal está toda na ordem invertida, e por isso vai suspensa até o fim, principiando e continuando pelos complementos objectivos da acção do verbo *Espalharei.* A ordem direita sería: *Cantando espalharei por toda parte, As armas, e os varões assinalados, etc.* A segunda e subordinada tambem está invertida na construcção, sendo o verbo *Ajudar* precedido dos complementos de sua acção, a saber, o terminativo *a tanto*, e o objectivo *me;* e seguido dos sujeitos ou agentes da mesma acção, que são: *O engenho e arte.* A ordem direita sería: *Se o engenho e arte me ajudar a tanto.* Esta pequena inversão ainda na prosa sería permittida; porêm a primeira não. Comtudo ella faz no verso, e aqui especialmente, hum effeito maravilhoso pela suspensão em que tem os leitores, esperando pelo desfecho de accontecimentos tão raros.

Tornando á primeira proposição, e principal; ella he *Composta*, e ao mesmo tempo *Complexa.* Composta, não quanto ao sujeito, que he hum so, *Eu espalharei;* nem tambem quanto ao attributo, que he a unica acção de *espalhar:* mas sim quanto

aos varios e differentes objectos desta mesma acção, que são tres, a saber. 1.° *As armas, e os varões assinalados, etc.* 2.° *As memorias gloriosas daquelles Reis, etc.* e 3.° *Aquelles que, etc.* Como os complementos do attributo fazem parte delle, o mesmo póde ser complexo não so per si, mas tambem pelos differentes objectos, e termos de sua acção.

A mesma proposição he outrosi complexa por conter em si quatro proposições incidentes; tres expressas, marcadas pelos tres relativos conjunctivos, *Que da occidental praia Lusitana, etc. Que forão dilatando, etc. Que por obras valerosas, etc.*; e huma implicita, que he: *Em perigos e guerras esforçados:* as quaes incidentes, ellas mesmas são conjunctas de varios attributos, e complexas de outras incidentes, e muitos adjectivos, appostos aos sujeitos e attributos das mesmas. O que melhor se verá na analyse miuda de suas palavras.

A segunda proposição e subordinada he tão somente composta de dous sujeitos do verbo *Ajudar*, que são: *O engenho*, e *arte*. Em tudo o mais he simples e incomplexa.

Todo este grande periodo comprehende em si dez orações, indicadas pelos dez verbos, que nelle se vêm, e são pela sua mesma ordem os seguintes: *Passárão, Promettia, Edificárão, Sublimárão, Forão dilatando, Andárão devastando, Vão libertando, Cantando, Espalharei, Ajudar.* As suas mesmas fórmas dão a conhecer, que, á excepção do participio *Cantando*, e do futuro subjunctivo *Ajudar*, as suas orações são todas indicativas. Porêm destas huma so he absoluta, que he a do verbo *Espalharei*. As mais todas são determinadas por outras, e ellas ligadas por conjuncções, que lhes tirão a natureza de independentes. Passemos ja á analyse particular de cada huma destas orações.

§. II.

Analyse Particular.

Para melhor se perceber a analyse de cada huma destas orações, toma-las-hemos em sua ordem direita, principiando pelas ultimas, e destas subindo ao principio da primeira Estança para daqui discorrer outra vez até o fim.

Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte,
As armas, e os varões assinalados, etc.

Estes versos contêm tres orações, segundo os tres verbos, que nos mesmos se vêm: duas totaes, constitutivas do periodo, que são, a principal *Espalharei por toda parte;* a sua subordinada *Se a tanto me ajudar o engenho e arte;* e huma parcial, exprimida pelo participio imperfeito activo do verbo *Cantar.*

Cantar he hum verbo activo da 1.ª conjugação portugueza. *Cantando* fórma huma oração parcial incidente, subordinada ao verbo principal *Espalharei*, porque tem o mesmo sujeito, e val tanto como *Eu, cantando, espalharei por toda parte.* Estas orações parciaes, formadas pelos participios, activo e passivo do infinito, exprimem a acção particular, que serve ou de modo, ou de meio, ou de motivo, ou de circumstancia á acção principal, exprimida pelo verbo da oração total; e como taes fazem parte della, tendo o mesmo sujeito.

Espalharei he o futuro imperfeito indicativo do verbo *Espalhar*, pertencente tambem á 1.ª conjugação. Elle não tem conjuncção alguma suspensi-

va, que lhe prenda o sentido. Está absoluto, e por isso faz a proposição principal do periodo.

Por toda parte he hum complemento circumstancial do lugar *Por onde*, que explica a significação do verbo *Espalharei*, não como verbo adjectivo, mas substantivo. A preposição *Por* mostra a relação do espaço, ou do meio e instrumento, pelo qual se passa a hum fim ulterior.

Toda parte he o consequente da proposição. *Parte* he hum substantivo appellativo do genero feminino, cuja significação indeterminada se acha determinada pelo collectivo universal affirmativo *Toda*, que com elle concorda em genero e numero. Está antes do substantivo, porque todos os adjectivos determinativos precedem ordinariamente aos appellativos para indicar, que elles se tomão em sentido individual, e não no de especie, que elles significão. Esta he a rasão, porque *Parte* excusa aqui artigo, que muitos erradamente lhe põem, qual não excusaria, se não tivesse o determinativo *Toda*, com o qual se não ajunta o artigo, quando significa o mesmo que *Cada*, como aqui succede.

Da oração principal passemos ja á sua subordinada, *Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.* Ella he condicional contingente, e subordinada á principal pela conjuncção condicional *se*, que leva o verbo *Ajudar* ao futuro imperfeito do subjunctivo pela regra, que os futuros indicativos demandão o mesmo tempo do subjunctivo nas orações condicionaes, que determinão. O sujeito do verbo *Ajudar* são os dous substantivos *Engenho* e *Arte*, com os quaes concorda; com o primeiro, que he o mais proximo, em numero e pessoa, e com o segundo em pessoa somente. Mas a ellipse suppre o numero, aliàs deveria dizer *Me ajudarem*.

O Poeta poz artigo so ao primeiro. Parece com-

tudo deveria dizer: *O engenho e a arte;* assim como disse: As *armas e* os *varões assinalados:* porque a regra geral he repetir os determinativos, quando modificão substantivos de differente genero. Seja como for, he certo, que o artigo *O* he aqui necessario não so para mostrar, que o appellativo *Engenho* se toma aqui individualmente pelo engenho de Camões; mas tambem para indicar, que este substantivo, bem que proposto ao seu verbo *Ajudar*, he comtudo o sujeito da oração.

O complemento objectivo deste mesmo verbo he o pessoal enclitico *me*, terminação ou caso destinado para complemento objectivo, e tambem terminativo. Está anteposto ao verbo; porque, aindaque estes casos encliticos muitas vezes se podem pôr indifferentemente ou antes, ou depois do verbo; não succede assim nas orações condicionaes quer contingentes, quer hypotheticas, em que o uso de nossa lingua não permitte po-los depois, mas sempre d'antes.

A tanto he o complemento terminativo do mesmo verbo *Ajudar*, que alêm de ser activo, tem tambem significação relativa: de sorte, que esta oração vem a ter todos os complementos necessarios, quaes são: hum sujeito *O engenho e arte;* hum objecto *me*, sobre que cahe a mesma acção; e hum termo, a que a mesma se dirige, *A tanto.* Assim como a proposição *A* com seu consequente *Tanto* he o complemento terminativo do verbo *Ajudar;* assim tambem o comparativo positivo *Tanto* he complemento da preposição *A*. *Tanto* concorda com o sentido da oração antecedente, que não tem genero algum grammatical, nem masculino, nem feminino. Está por tanto no genero neutro; isto he, em nenhum genero; e não no masculino, como pertendem nossos Grammaticos.

Da oração subordinada tornando outra vez á principal, o seu verbo *Espalharei* tem tres complementos objectivos, que levão todo o resto das duas Estanças, a saber: o 1.º *As armas e os varões assinalados, etc.* o 2.º *E tambem as memorias gloriosas, etc.* e o 3.º *E aquelles, que por obras valerosas, etc.* Destes dous ultimos trataremos depois. Vamos ao primeiro.

1.º *As armas, e os varões assinalados, etc. Armas* he hum substantivo do plural, que tomado pela arte da guerra, como aqui se toma, não tem singular, como nem tão pouco o substantivo *Letras* tomado pela profissão litteraria. *Varões* he da mesma sorte hum substantivo appellativo do plural, que se fórma do singular *Varão*, pela regra mais commum aos nomes desta terminação, que he mudarem o diphthongo *ão* do singular em *õe* no plural, juntando-lhe o *s* final. Ambos estes appellativos tem artigo, e artigo repetido, assim por serem de differente genero, como porque Camões não podia deixar de o pôr ao nome *Varões;* porque immediatamente lhe vai a explicar a significação pela incidente *Que da occidental praia Lusitana, etc.:* e he huma regra geral, que as incidentes nunca se ajuntão a nomes, que não tenhão sido determinados ou por algum dos artigos, ou por outro determinativo.

O primeiro artigo *as* concorda com *Armas*, e o segundo *os* com *Varões* em genero e em numero pela regra: que os adjectivos, que precedem aos substantivos, concordão com elles em genero e numero: e aquelles tambem, que se lhes seguem immediatamente, como aqui mesmo o adjectivo *Assinalados*, que concorda em genero e numero com o substantivo *Varões*, que lhe precede. Este adjectivo, a incidente que se segue, e a de *Esforçados* mais abaixo, todos são explicativos; porque se referem a pessoas determinadas e certas, quaes erão

as que com D. Vasco da Gama embarcárão para a India, as quaes se não podião por isso restringir, mas so explicar pelas qualidades, que lhes erão proprias. Passemos á incidente.

Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passárão inda alêm da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais, do que promettia a força humana.

A ordem direita he: *Que* = *em perigos, e guerras esforçados* = *mais do que promettia a força humana* = *da occidental praia Lusitana* = *por mares nunca d'antes navegados* = *passárão inda além da Taprobana*.

O Poeta porêm por amor da rima fez nestas frases huma grande transposição ou hyperbato, qual he o dos dous versos: *Em perigos e guerras esforçados, Mais do que promettia a força humana*; cujo lugar proprio era o immediato ao relativo conjunctivo *Que*, que tanto val como *Os quaes*, por onde principia a incidente explicativa das palavras *Os varões assinalados*.

Semelhante transposição, por longa, não sería permittida na prosa. Porêm os Poetas tem outros privilegios, que a necessidade da rima desculpa, e o uso universal auctoriza. Ella todavia não he viciosa; porque tudo, o que se mette entre ella e o *Que*, não he estranho; pois são complementos circumstanciaes, que explicão a significação do verbo *Passárão*, a quem serve de sujeito o relativo *Que*.

Os ditos dous versos, transpostos, equivalem a outra proposição incidente, subordinada, e explicativa do sujeito *Que*, como se estivesse: *Os quaes*, sendo *em perigos e guerras esforçados* = *mais do que pro-*

mettia a força humana = *Da occidental praia*, etc. Todos os adjectivos appostos aos relativos conjunctivos das orações incidentes se resolvem assim pelos participios imperfeitos do infinito, e vem por este modo a fazer humas novas incidentes dos mesmos, ligadas a elles pela identidade do mesmo sujeito. Vamos a explica-la por esta mesma ordem.

O *Que* desta incidente se podia variar por *Os quaes*, e he hum adjectivo demonstrativo conjunctivo, que, posto seja indeclinavel, concorda pela sua mesma posição immediata com o seu antecedente *Varões assignalados*, ao qual se refere e se liga, fazendo parte do mesmo complemento objectivo, pois o explica.

Em perigos e guerras esforçados. A preposição *em* he huma da primeira classe, que exprime a relação do lugar, em que o objecto está, e aqui por analogia a *materia em que* alguem he esforçado. Ella tem por consequentes os dous substantivos appellativos do plural *Perigos* e *Guerras*, os quaes estão sem artigo ; porque Camões não quer falar de certos perigos e guerras, mas de todos em geral. A mesma preposição *em* com seus dous consequentes he hum complemento circunstancial, que explica e circunstancía a significação do participio *Esforçados*, o qual sendo passivo se toma aqui, como outros muitos deste genero, não em significação passiva, mas na activa intransitiva; pois sua acção não passa, mas fica no sujeito, e quer dizer *Que tem esforço*. Elle concorda em genero e numero com *Varões*, que se entende ao relativo *Que*, como se estivesse *Os quaes Varões*.

Continúa : *Mais do que promettia a força humana*. A palavra *Mais* he hum adjectivo comparativo gradual, e aqui adverbiado para se juntar ao positivo *Esforçados*, e faze-lo assim comparativo. Elle pela ordem direita deveria precede-lo deste modo

Mais esforçados. Mas esta pequena inversão he permittida ainda na proza. *Mais esforçados* sendo hum comparativo pede segundo termo da comparação, o qual se lhe dá na proposição integrante *Do que promettia a força humana*. Nella o artigo *O* seguido de *Que* mostra que ha ellipse de hum antecedente, que se lhe entende. A expressão toda resolvida e supprida em suas partes val o mesmo que *Esforçados* em *mais* quantidade d'aquella, *que promettia a força humana*. O artigo substitue muitas vezes o demonstrativo *Aquillo*, como neste modo de falar: *O que eu disse he certo*, isto he, *Aquillo que eu disse*.

Seja como for, *O que* he o complemento da acção do verbo *Promettia*, e a *Força humana* he o seu sujeito, posto depois delle, inversão necessaria em todas as orações, que começão pelos relativos complementos de outros verbos, ou preposições. Tem artigo, porque todo appellativo, que he sujeito da oração, he obrigado a te-lo. *Promettia* he o verbo activo *Prometter* da segunda conjugação. Está no preterito imperfeito absoluto, porque sua acção era passada, mas periodica e ainda não acabada. Os perigos e guerras forão e parecem ainda tão grandes, que excedem as forças humanas, e não se poderião vencer sem a ajuda de Deos. Tornemos á incidente principal.

Que da occidental praia Lusitana = Por mares nunca d'antes navegados = Passárão ainda além da Taprobana. O verbo desta oração incidente he *Passárão*, preterito perfeito absoluto do verbo *Passar* da 1.ª conjugação, cujo sujeito he *Que* em lugar de *Os quaes*. He um verbo intransitivo na significação de *Viver*, como *Passar bem*, *Passar mal*; porêm transitivo na significação de *Transitar*, na qual pede por consequencia hum termo *D'onde*, hum espaço *Por onde*, e outro termo *Aonde*; e taes são os seus

tres complementos terminativos, trazidos pelas preposições *De*, *Por*, e pelo adverbio *Além*, que val o mesmo que *para la*. Analysemos estes tres complementos.

Que da occidental praia Lusitana. O substantivo *Praia* he hum nome commum ; mas o artigo *a*, que o precede, mostra que elle se vai a tomar em hum sentido individual ; o que faz o adjectivo restrictivo *Occidental* : e como este ainda não era bastante, ajuntou-se-lhe o outro *Lusitana*, que restringe a praia occidental mui extensa á particular de Portugal na costa de Lisboa. Estes dous adjectivos, como restrictivos que são aqui, deverião ambos estar depois do substantivo. Camões pondo antes delle o adjectivo *Occidental* fez pequena inversão por causa do verso, a qual na proza seria affectada. Ambos concordão com *Praia* em genero e numero, e fazem o consequente da preposição *De*, a qual com elle he o primeiro complemento terminativo da significação do verbo *Passárão*. Segue-se o segundo.

Por mares nunca d'antes navegados. Onde o nome appellativo *Mares* plural de *Mar* não tem artigo, porque, como estes nunca d'antes tinhão sido navegados nem conhecidos, nenhum caracter individual tinhão, com que se podessem determinar. O nome *Mar* tomado como elemento não tem plural, como nem tão pouco *Terra*, *Ar*, *Agoa*, e *Fogo*. Aqui porêm não se toma nesta accepção, mas na de lugar maritimo, no qual sentido póde ter plural. Com elle concorda em genero e numero o adjectivo participio passivo *Navegados*. Este está transposto, mettendo-se entre elle e seu substantivo o adverbio de tempo *Nunca*, que val o mesmo que *Em nenhum tempo*, e a frase adverbial *D'antes*, que serve de complemento restrictivo ao adverbio. Como ambos elles modificão a significação do participio passivo, e

Mmm

fazem com elle huma mesma couza, a transposição está na regra. Todas estas palavras fazem o consequente da preposição *Por*, destinada para mostrar a relação do espaço, pelo qual se passa. Eis-aqui o segundo complemento terminativo do verbo *Passárão*. Vamos ao terceiro.

Inda além da Taprobana. *Inda* he hum adverbio augmentativo, que quer dizer *Mais*, ou *Demais*, e como tal demanda o adverbio de lugar *Além*, que val tanto como *Para la*. E como este tem tambem huma significação relativa, requer igualmente hum complemento terminativo, que lha complete; e tal he a preposição *De* com seu consequente *A Taprobana*. Esta he a ilha de Ceilão. Se o Poeta usasse desta palavra, não lhe poria artigo, e diria: *Inda além de Ceilão*, como ora nós dizemos. Para indicar porêm que esta ilha he aquella mesma, que foi conhecida dos antigos debaixo do nome de Taprobana, por isso he que lhe pôz artigo; quando aliás se não costuma pôr a nomes proprios. Tal he o terceiro complemento terminativo do verbo *Passárão*.

Todos elles estão na ordem direita e natural da acção de passar, a qual sempre parte de hum lugar, que he o primeiro na ordem; passa por outro, que he o segundo; e chega a hum terceiro, que he o seu termo. Camões distribuio com muita discrição estes tres complementos do mesmo verbo, pondo dous antes, e hum depois delle. Se os ajuntasse todos depois do verbo, peccaria contra a regra. Continúa ainda a mesma incidente principal, composta dos dous attributos, conteudos nos verbos *Passárão*, *Edificárão*.

E entre gente remota edificárão
Novo Reino, que tanto sublimárão.

A conjuncção copulativa *E* ata as duas orações dos verbos *Passárão* e *Edificárão*, cujo sujeito com-

mum he o demonstrativo conjunctivo *Que*, em lugar de *Os quaes*, que se pôz ao principio; o que faz que esta incidente seja huma oração composta de duas. *Entre gente remota* he hum complemento circunstancial do verbo activo *Edificárão*, preterito perfeito absoluto do verbo *Edificar* da 1.ª conjugação, cujo complemento objectivo he *Novo Reino*, ao qual se entende o artigo *Hum* para poder ser explicado pela incidente *Que tanto sublimárão*: onde o demonstrativo conjunctivo *Que* serve tambem de complemento objectivo ao verbo *Sublimárão*, e val tanto como *O qual*. O adjectivo *Tanto* he hum comparativo de quantidade, o qual se acha aqui adverbiado para modificar a acção do mesmo verbo.

Se Camões dispozesse todos estes complementos depois do verbo dizendo: *E edificárão entre gente remota novo reino, que tanto sublimárão*: teria feito hum máo arranjamento, pondo sem necessidade tres complementos depois do verbo; e pondo hum complemento mais curto e mais necessario ao verbo *Edificárão*, qual he *Novo Reino*, depois de outro mais comprido e menos relativo a elle, qual he *Entre gente remota*. Mas ainda muito peor o faria se dissesse: *E edificárão novo reino entre gente remota, que tanto sublimárão*: porque faltaria á concordancia da incidente com o seu verdadeiro antecedente, que he *Novo Reino*, e não *Gente remota*. Fez pois a melhor construcção possivel pondo, como pôz, o complemento circunstancial antes do verbo, e depois delle o complemento objectivo com sua incidente.

2.º Tudo isto, que temos dicto, he pertencente ao primeiro complemento objectivo do verbo principal *Espalharei*, que he *As armas e os varões assignalados*, etc. Passemos ja ao segundo, por que começa a segunda Estança

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles Reis, que forão dilatando
A Fé, o Imperio, e as terras viciosas
D'Africa, e d'Asia andárão devastando.

Este segundo complemento objectivo do verbo principal do periodo vai ligado com o antecedente pela conjuncção copulativa *E*, e pelo adverbio conjunctivo *Tambem*, que val o mesmo que *Junctamente*. *As memorias gloriosas* he o segundo objecto do Canto do Poeta; e como sua significação he geral, e indeterminada, o mesmo Poeta a especifica pelo seu complemento restrictivo *D'aquelles Reis*, ja preparado pelo artigo *As* posto antes de *Memorias*, para mostrar que aquelle appellativo se hia a determinar para diante.

Mas o mesmo complemento *D'aquelles Reis* mostra que não se quer falar de Reis em geral, mas de certos e determinados Reis. Pois tal he a força do demonstrativo puro *Aquelles*, o qual aponta hum objecto mais distante ou no lugar, ou no tempo, do qual se tem falado, se fala, ou se hade falar. A incidente seguinte restrictiva, cujo relativo conjunctivo *Que* concorda com *Reis*, acaba de fazer aquella especificação. Elle he o sujeito dos dous verbos *Forão dilatando*, e *Andárão devastando*, que fazem desta incidente huma proposição composta.

A linguagem *Forão dilatando* he composta do verbo irregular *Hir*, que serve de auxiliar com o participio imperfeito activo *Dilatando* para exprimir huma acção inchoativa, da qual são complementos objectivos os dous substantivos *Fe* e *Imperio* determinados pelo artigo a significar, não qualquer fe, nem qualquer imperio, mas a fe catholica e o Imperio Portuguez no oriente.

A conjuncção *E*, que se lhes segue, ajunta com a oração antecedente a seguinte, cuja linguagem tambem he composta de outro auxiliar *Andar* e do participio *Devastando*, para exprimir huma acção reiterada e frequentativa, qual foi a das perdas, que os Reis de Portugal por vezes causárão com suas armadas e exercitos aos Mouros em Africa, e aos Turcos em Asia, que por isso diz *Andárão devastando as terras viciosas = D'Africa e d'Asia*. Os nomes *Terras viciosas* fazem o complemento objectivo do verbo, e tem artigo, porque se tomão em sentido determinado logo pelos complementos restrictivos *D'Africa*, *D'Asia*. Estes nomes porêm, como são proprios, não tem artigo; bem que ora muitos lho põem contra o uso dos nossos escriptores.

A conjuncção *E* posta entre *Fe e Imperio* complemento do verbo antecedente, e *Terras viciosas* complemento do seguinte podia na proza causar algum embaraço fazendo parecer, que *Terras viciosas* era tambem complemento continuado do verbo antecedente *Dilatando*, como o são *A Fe e o Imperio*. Camões podia evitar este pequeno escrupulo, mettendo tambem a conjuncção *E* entre os substantivos *Fe Imperio*. Mas a necessidade do verso e a da rima desculpa muitas inadvertencias, que na proza se não perdoão. Vamos adiante.

3.° *E aquelles, que por obras valerosas*
Se vão da lei da morte libertando.

Eisaqui temos o terceiro e ultimo complemento objectivo do verbo principal *Espalharei* ligado aos dous antecedentes pela conjuncção *E*. Ao demonstrativo *Aquelles* entende-se o appellativo *Reis* de cima pela ellipse; o qual appellativo he determinado e applicado aos Reis de Portugal D. João III. e

D. Sebastião, sob os quaes vivia Camões, quando escrevia o seu Poema, e que se hião immortalizando pelas suas acções de valor. A incidente pois *Que por obras valerosas = Se vão da lei da morte libertando* he huma incidente restrictiva.

Nella temos outra vez o verbo auxiliar *Hir* conjugado com o participio *Libertando* para denotar huma acção começada. Seu complemento objectivo he o pronome enclitico *Se*, que, como he reciproco, faz reflexo o verbo *Libertar* para a sua acção, produzida pelos agentes *Aquelles Reis*, recair sobre elles mesmos. O mesmo pronome podia tambem estar depois do auxiliar, deste modo *Vão-se libertando*. Porêm não depois do participio.

Da lei da morte he o complemento terminativo do mesmo verbo, porque sua significação assim o pede; e he regra geral, que todo complemento regido pela significação da palavra regente, a não ser objectivo, he sempre terminativo, por ser termo de sua relação. Os mais complementos, que não são pedidos pela significação relativa da palavra, ou são restrictivos para limitar sua significação vaga, como o he aqui *Da morte*, que restringe a significação geral do appellativo *Lei;* ou circunstancias, como o he *Por obras valerosas*, que explica o meio, pelo qual os dictos Reis se hião immortalizando.

Todos estes complementos do verbo *Libertando* estão em sua devida ordem e construcção. Se Camões porêm dissesse: *Se vão libertando por obras valerosas da lei da morte*: não diria tão bem. Porque peccaria contra a regra, que manda que no concurso de muitos complementos do mesmo verbo se ponhão primeiro os que pertencem á sua acção e relação, e depois os outros; e bem assim, que os mais compridos se reservem para o fim. O substantivo *Lei* tem aqui artigo; porque vai determinado logo pelo seu comple-

mento restrictivo *Da morte*, e *Morte* tem tambem artigo, porque está aqui personificada.

Isto he o que havia para dizer de mais importante quanto á Grammatica do lugar de Camões. Outras observações mais miudas se podião fazer; porêm deixão-se á intelligencia dos Leitores, para não os enfastiar com huma analyse mais comprida.

FIM.

INDICE

DOS CAPITULOS, ARTIGOS, E PARAGRAPHOS DESTA GRAMMATICA.

LIVRO I.

Da Orthoepia . . . . Pag. 2
CAP. I. *Das Vozes Portuguezas* 2
CAP. II. *Das Consonancias Portuguezas* 7
CAP. III. *Dos sons compostos so de vozes, ou Diphthongos da Lingoa Portugueza* 14
CAP. IV. *Dos sons compostos de vozes e de consonancias, ou das Syllabas da Lingua Portugueza* 18
CAP. V. *Dos Vocabulos da Lingua Portugueza, e das alterações, que soffrem na Pronunciação* 21
CAP. VI. *Das Modificações Prosodicas, accrescentadas aos Vocabulos, e* 1.° *das que nascem da quantidade* 27
§. I. *Syllabas Longas por Natureza* 30
§. II. *Syllabas Breves por Natureza* 34
§. III. *Syllabas Communs, feitas longas, ou breves pelo uso* 35
CAP. VII. *Das Modificações Prosodicas, accrescentadas aos vocabulos, e* 2.° *das que nascem do Accento* 39
§. I. *Principios Geraes* 42
§. II. *Regras dos Accentos* 44
§. III. *Das Palavras Encliticas, que não tem Accento* 48
CAP. VIII. *Dos vicios da Pronunciação* 50

LIVRO II.

Da Orthographia, ou boa Escriptura da Lingua Portugueza 56
CAP. I. *Regras Communs a todas as Orthographias* 58
CAP. II. *Regras proprias da Orthographia Etymologica e Usual*. 68
§. I. *Da Escriptura dos septe Caracteres Gregos K, Y, TH, PH, RH, CH, PS.* 69
§. II. *Da Escriptura dos seis caracteres Latinos H, X, C, Ç, G, S, e das Letras dobradas* 71
CAP. III. *Regras proprias da Orthographia da Pronunciação* 77
§. I. *Applicação da Regra geral ás Vozes e Diphthongos da Lingua Portugueza*..... 77
§. II. *Applicação da Regra Geral ás consoantes, e syllabas Portuguezas*......... 79
CAP. IV. *Da Pontuação*. 85
§. I. *Das Regras Geraes, e Particulares da Pontuação* 86
§. II. *Dos mais signaes da Pontuação*..... 93

LIVRO III.

Da Etymologia, ou Partes da Oração Portugueza 97
CAP. I. *Divisão Geral das Palavras, e em especial das Interjectivas*. 100
ART. I. *Das palavras Interjectivas ou Exclamativas* 100
ART. II. *Das palavras Discursivas ou Analyticas*. 103
CAP. II. *Do Nome Substantivo*. 114

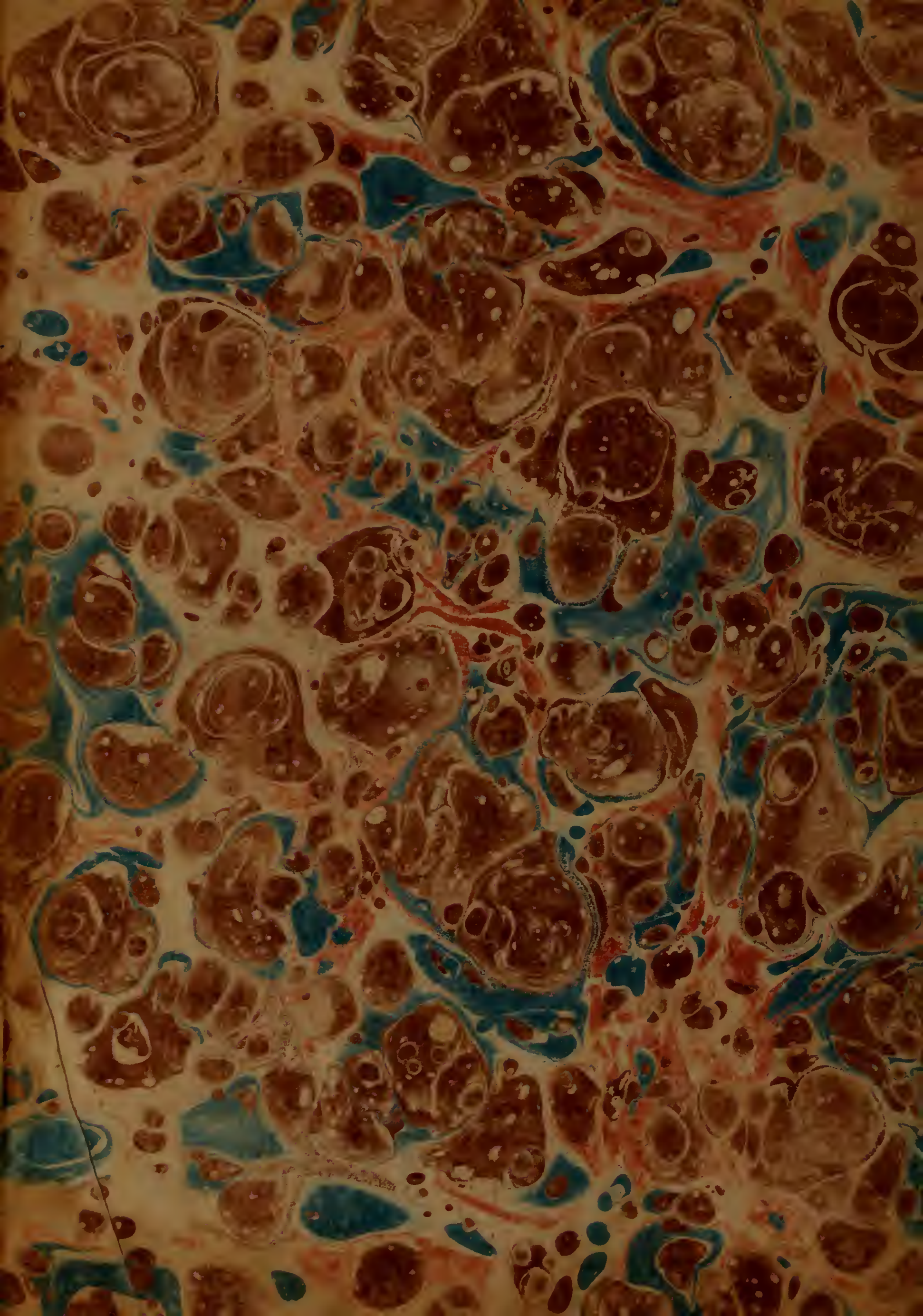
ART. I. *De varias fórmas de Substantivos* 119
ART. II. *Dos Generos dos Nomes Substantivos* 123
§. I. *Dos Generos Naturaes, determinados pela significação* 126
§. II. *Dos Generos arbitrarios dados a conhecer pela terminação* 127
ART. III. *Dos Numeros e Inflexões Numeraes dos Nomes Portuguezes* 132
CAP. III. *Do Nome Adjectivo* 137
ART. I. *Dos Adjectivos Determinativos* . . 141
§. I. *Dos Determinativos geraes, ou Artigos* 143
§. II. *Dos Determinativos Pessoaes assim Primitivos, como Derivados, chamados Pronomes* 151
§. III. *Dos Determinativos Demonstrativos, Puros, e Conjunctivos* 161
§. IV. *Dos Determinativos de Quantidade.* 170
ART. II. *Dos Adjectivos Explicativos, e Restrictivos* 178
§. I. *Dos gráos de augmento na significação dos Adjectivos Explicativos e Restrictivos* 182
§. II. *Das Terminações, e Inflexões Genericas dos Adjectivos* 187
CAP. IV. *Do Verbo* 191
ART. I. *Do Verbo Substantivo, e seus Auxiliares* 192
ART. II. *Da Conjugação do Verbo Substantivo, e de seus Auxiliares* 198
§. I. *Dos Modos do Verbo* 200
§. II. *Dos Tempos do Verbo em geral* . . . 203
§. III. *Das Linguagens do Modo Infinito.* 207
§. IV. *Dos Tempos do Modo Indicativo.* 210

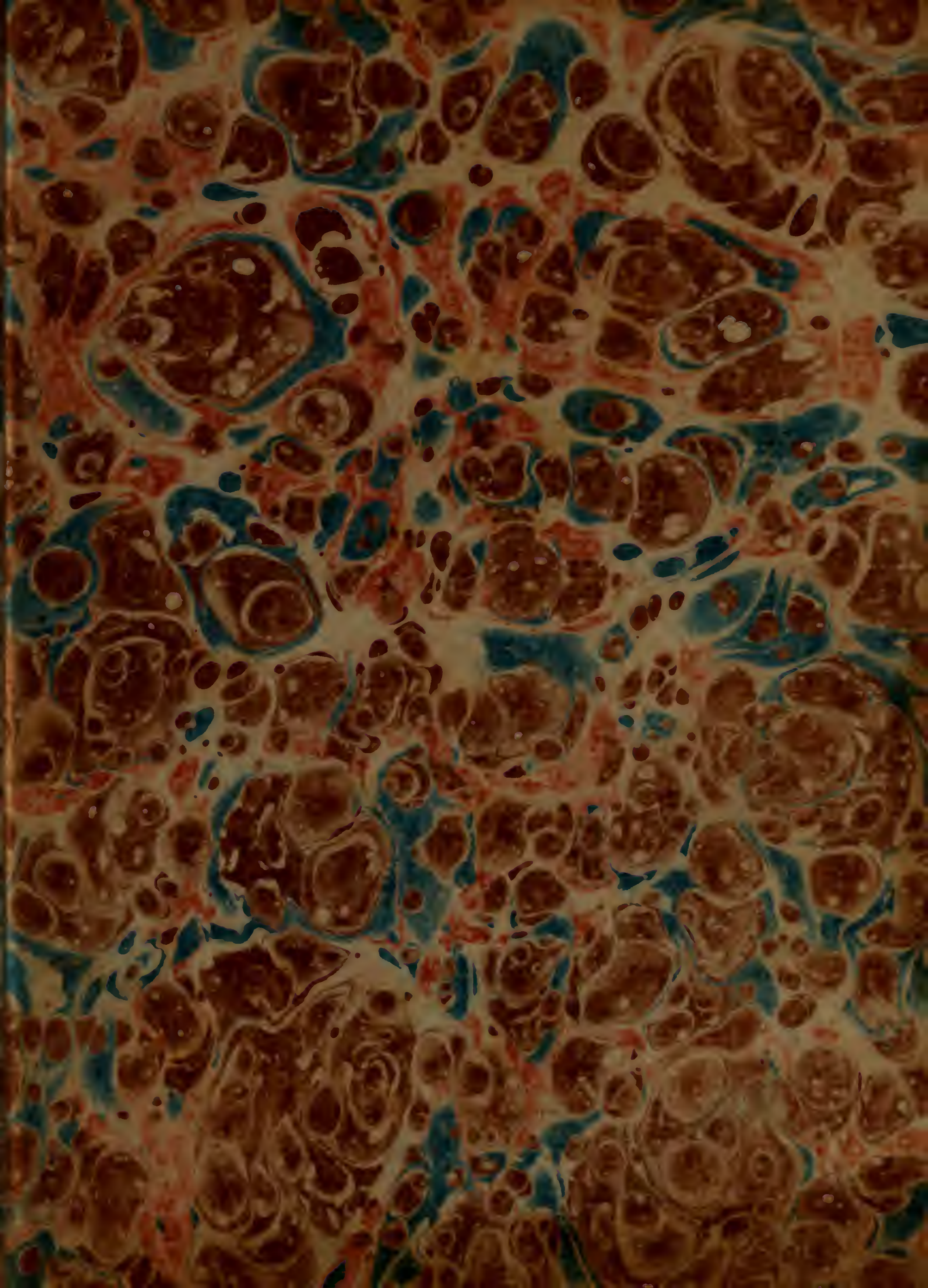
§. V. *Dos Tempos do Modo Subjunctivo.* 222
§. VI. *Dos Numeros, e Pessoas do Verbo.* 228
§. VII. *Paradigmas da Conjugação do Verbo Substantivo, e seus Auxiliares* 230
ART. III. *Do Verbo Adjectivo*......... 237
§. I. *Conjugação do Verbo Adjectivo na sua Voz Activa* 244
§. II. *Conjugação do Verbo Adjectivo na sua Voz Passiva*.................... 254
§. III. *Conjugação do Verbo Adjectivo em sua Voz Media ou Reflexa*............ 257
§. IV. *Da formação regular dos Tempos do Verbo, e dos Verbos Irregulares*.... 263
§. V. *Observações sobre o uso, e emprego dos modos, e Tempos do Verbo na Oração.* 282
CAP. V. *Da Preposição* 310
ART. I. *Do Numero das Preposições Portuguezas* 314
ART. II. *Classificação das Preposições Portuguezas*...................... 322
§. I. Primeira Classe. *Preposições de Estado e Existencia*.................. 323
§. II. Segunda Classe. *Preposições de Acção e Movimento*..................... 328
ART. III. *Reducção das Preposições com seus Complementos em Adverbios* 334
§. I. *Adverbios Portuguezes* 337
§. II. *Nomes Adverbiados* 341
§. III. *Expressões e Formulas Adverbiaes.* 342
ART. IV. *Reducção das Preposições com seus complementos em Casos* 343
CAP. VI. *Da Conjuncção*................ 346
ART I. *Conjuncções Homologas, ou Similares.* Primeira Classe.............. 350
ART. II. *Conjuncções Anhomologas, ou Dissimilares.* Segunda Classe......... 353

LIVRO IV.

Da Syntaxe, e Construcção.................. 362
CAP. I. *Da Oração em geral*............ 363
CAP. II. *Syntaxe de Concordancia*........ 370
ART. I. *Syntaxe de Concordancia Regular*. 372
§. I. *Concordancia entre os Termos da Proposição*............................ 372
§. II. *Concordancia das Proposições Parciaes com as Totaes*................ 374
§. III. *Concordancia das Proposições Totaes subordinadas com a Principal*..... 377
ART. II. *Syntaxe de Concordancia Irregular, reduzida a Regular pela* Syllepse. 378
§. I. *Syllepse do Genero*.............. 378
§. II. *Syllepse dos Numeros*............ 382
§. III. *Syllepse das Pessoas*............ 384
ART. III. *Das Discordancias ou Solecismos*............................ 385
§. I. *Discordancias, ou Solecismos nos termos da Proposição*................ 385
§. II. *Discordancias ou Solecismos na união das Proposições Parciaes*.......... 388
§. III. *Discordancias ou Solecismos na união das Proposições Totaes entre si*....... 391
CAP. III. *Syntaxe de Regencia*............ 392
ART. I. *Syntaxe de Regencia Regular*... 396
§. I. *Complemento Objectivo*............ 396
§. II. *Complemento Terminativo*......... 398
§. III. *Complemento Restrictivo*......... 399
§. IV. *Complemento Circunstancial*...... 401
ART. II. *Syntaxe de Regencia Irregular, reduzida a Regular pela* Ellipse...... 404
§. I. *Ellipses, que tem por fundamento a Rasão*............................ 405

§. II. *Ellipses, que tem por fundamento o* uso, *e solecismos do* abuso 406
CAP. IV. *Da Construcção Direita da Oração Portugueza* 411
§. I. *Construcção Direita da Oração simples* 413
§. II. *Construcção Direita da Oração composta* 414
§. III. *Construcção Direita da Oração complexa* 415
§. IV. *Construcção Direita do Periodo* . . . 422
CAP. V. *Da Construcção Invertida da Oração Portugueza* 422
ART. I. *Das Inversões ou Anastrophes* . . 424
ART. II. *Das Transposições ou Hyperbatos* 429
CAP. VI. *Applicação dos principios desta Grammatica ás duas primeiras Estanças do Canto I. dos Lusiadas de Camões* 434
§. I. *Analyse Geral* 435
§. II. *Analyse Particular* 438






LIBRARY OF CONGRESS
0 003 179 816 4
